

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA, LÍNGUAS CLÁSSICAS E
VERNÁCULA

ESTUDO MORFOLÓGICO E SINTÁTICO DA LÍNGUA MUNDURUKÚ
(TUPÍ)

Dioneu Moreira Gomes

Orientador: Prof. Dr. Aryon Dall'Igna Rodrigues

Brasília
junho/2006

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA, LÍNGUAS CLÁSSICAS E
VERNÁCULA

ESTUDO MORFOLÓGICO E SINTÁTICO DA LÍNGUA MUNDURUKÚ
(TUPÍ)

Dionei Moreira Gomes

Tese apresentada ao Departamento de
Lingüística, Línguas Clássicas e
Vernácula da Universidade de
Brasília como parte dos requisitos
para a obtenção do título de Doutor
em Lingüística.

Brasília
junho/2006

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA, LÍNGUAS CLÁSSICAS E
VERNÁCULA

TESE DE DOUTORADO

ESTUDO MORFOLÓGICO E SINTÁTICO DA LÍNGUA MUNDURUKÚ
(TUPÍ)

Dioneu Moreira Gomes

Orientador: Prof. Dr. Aryon Dall'Igna Rodrigues

Banca examinadora:

Prof. Dr. Aryon Dall'Igna Rodrigues (UnB)

Profa. Dr. Francisco Queixalós (CNRS/IRD)

Profa. Dra. Yonne de Freitas Leite (UFRJ)

Profa. Dra. Ana Suelly Arruda Câmara Cabral (UnB)

Profa. Dra. Daniele Marcelle Grannier (UnB)

Dedico esta tese aos índios Mundurukú, povo receptivo, amigo e esperançoso de um Brasil melhor também para eles; dedico igualmente àqueles pesquisadores que não medem esforços para fazer ciência em nosso país, sobretudo aos que sabem da importância do registro, análise e preservação de nossas línguas indígenas, nosso maior bem cultural.

Toda forma de poder é uma forma de morrer
por nada.

(Humberto Gessinger, do grupo de rock
Engenheiros do Hawaii)

Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante
do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo.

(Raul Seixas)

Liberdade pra dentro da cabeça...
(Natiruts, grupo de reggae de Brasília)

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador, professor Aryon Rodrigues, os anos dedicados à minha formação, conduzida com simplicidade, esmero e profundidade, qualidades indispensáveis a um pesquisador;

à Universidade de Brasília, que foi fundamental para minha integração acadêmica e social, tendo me oferecido as chances de sobrevivência financeira e moral em uma sociedade de desigualdades sociais exacerbadas;

ao professor Francisco Queixalós, gênio indomável, participante ativo desta fase; agradeço a confiança e o apoio incondicional;

à professora Colette Grinevald, com admiração, respeito e profunda gratidão pelos ensinamentos e pela convivência, e também aos amigos do Laboratoire Dynamique du Langage (DDL), pelo incentivo e abertura ao debate, em especial à Françoise Rose;

ao professor Jon Landaburu e demais membros do Centre d'Études des Langues Indigènes d'Amériques (CELIA), agradeço as discussões, as orientações e a receptividade;

à professora Ana Suelly Cabral, pesquisadora incansável, forte e atuante, que ocupa um lugar de destaque no Laboratório de Línguas Indígenas da UnB;

às professoras Daniele Grannier, Denise Martins, Enilde Faulstich, Heloísa Salles, Luciana Dourado, Maria Christina Leal, Poliana Alves, Rachel Dettoni, que deixaram muito de si em minha trajetória; a elas o meu carinho e admiração eternos;

aos índios Mundurukú Luciano Burum, Amâncio Kaba, o Biboy, Misael Kaba, Valdemar Puxu, Zenildo Saw, Lauro Akay, Beto Kaba, e tantos outros que me ensinaram o real valor do altruísmo;

aos sempre dispostos funcionários do departamento de Linguística (LIV) da UnB, Jacinta e Diogo;

aos amigos de percurso acadêmico, em especial à Adriana Viana (*in memoriam*), de quem não cansaremos de lembrar;

à Fundação Nacional do Índio – FUNAI, pela permissão para entrada na Terra Indígena Mundurukú;

ao Institut de Recherche pour le Développement (IRD-França), pela bolsa de estudos concedida, em função de acordo bilateral com o Conselho Nacional de

Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e o Laboratório de Línguas Indígenas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília;

aos meus queridos, companheiros e admiráveis pais, Anita e Venâncio, o meu obrigado especial; agradeço a vida, o carinho, a perseverança que aprendi a ter com vocês;

ao meu estimado professor José Gadelha (Centro Educacional 09, em Ceilândia), por sua maestria na formação de cidadãos conscientes e atuantes;

à minha flor, Tânia Cristina, mulher doce, amável e pesquisadora sagaz.

RESUMO

Esta tese aborda aspectos da morfologia e da sintaxe da língua Mundurukú (Tupí). No capítulo 1, apresentamos os marcadores pessoais e os prefixos relacionais, os primeiros de natureza clítica e os segundos sem caráter pessoal. O entendimento desses dois fenômenos é importante para compreender o restante das análises aqui feitas, uma vez que há tanto classes de palavras que ocorrem com eles (verbos, nomes e posposições), quanto classes que não os tomam (pronomes, advérbios, palavras interrogativas, conjunções e partículas). O capítulo 2 é dedicado ao verbo e mostra suas principais características morfossintáticas a partir da distinção de suas subclasses e da análise de sua morfologia flexional e derivacional. O capítulo 3 é reservado aos nomes e posposições, duas classes que compartilham marcação pessoal e flexão relacional. As demais classes e sua morfossintaxe são apresentadas no capítulo 4, que traz os pronomes, os advérbios, as palavras interrogativas, as conjunções e as partículas. Os pronomes foram divididos em três subclasses: os pessoais, os quantificadores (numerais e indefinidos) e os demonstrativos. Os advérbios estão divididos em advérbios de tempo, de lugar, de modalidade, de intensidade e de maneira. As palavras interrogativas são de dois tipos, as diretamente derivadas de demonstrativos e as derivadas de outras classes, tendo algumas dessas classes origem nos demonstrativos. As conjunções apresentadas expressam causa, tempo e condição. E, fechando o capítulo 4, apresentamos as partículas, um grupo de palavras associadas diretamente com noções de focalização e/ou modalização. No capítulo 5, tratamos do sistema de classificação nominal e buscamos definir a natureza e amplitude dos nomes em função classificadora. Procuramos aí também comparar os dados do Mundurukú com os de outras línguas do tronco Tupí, como o Kuruáya (língua também da família Mundurukú) e o Káro (família Ramaráma), além de procurar situar o sistema de classificação do Mundurukú no âmbito das propostas mais gerais de tipologia dos sistemas classificatórios. O último capítulo trata dos processos de incorporação nominal e da anáfora, considerando dois tipos de incorporação nominal – a incorporação por repetição e a incorporação por subida – e a relação entre os nomes inalienáveis e as retomadas anáforicas de sintagmas nominais.

ABSTRACT

This dissertation approaches aspects of morphology and syntax of the Mundurukú (Tupí) language. In chapter 1, the personal markers and the relational prefixes are presented, the first ones of clitic nature, and the second ones without personal character. The knowledge of these two phenomena is important for the understanding of the other analyses carried out here, since there are word classes which occur with them (verbs, nouns and postpositions), as well as classes that do not take them (pronouns, adverbs, interrogative words, conjunctions and particles). Chapter 2 is dedicated to the verb and shows its main morphosyntactic characteristics, starting with the distinction of its subclasses and the analysis of its flecional and derivational morphology. Chapter 3 is reserved to nouns and postpositions, two classes that share personal markers and relational inflection. Other classes and their morphosyntax are presented in chapter 4, which brings the pronouns, the adverbs, the interrogative words, the conjunctions and the particles. The pronouns are divided into three subclasses: the personal, the quantifiers (numerals and indefinite) and the demonstratives. The adverbs are divided into adverbs of time, of place, of modality, of intensity and of manner. The interrogative words are of two types, those directly derived from demonstratives and those derived from other classes, some of these having a demonstrative origin. The conjunctions express cause, time and condition. Finally, chapter 4 presents the particles, a group of words directly associated with notions of focalization and/or modality. Chapter 5 treats the nominal classification system and seeks to define the nature and amplitude of nouns in classifying function. It also seeks to compare the data of Mundurukú with those of other languages of the Tupí stock, like the Kuruáya (another language of the Mundurukú family) and the Káro (Ramaráma family), as well as to consider the system of classification of Mundurukú in relation to more general proposals for the typology of classificatory systems. The last chapter deals with the processes of noun incorporation and of anaphora, considering two types of noun incorporation – incorporation by repetition and incorporation by rising – and the relation between the inalienable nouns and the anaphoric retaking of noun phrases.

SUMÁRIO

RESUMO.....	viii
ABSTRACT.....	ix
LISTA DE TABELAS.....	xvi
ABREVIATURAS E SÍMBOLOS.....	xvii
MAPA 1 - Localização atual da Terra Indígena Mundurukú.....	04
MAPA 2 - Localização das aldeias antigas e atuais.....	05
0. INTRODUÇÃO – O povo, a língua e a pesquisa.....	01
0.1. O povo	01
<i>Wuyjuyu</i> ①.....	07
0.2. A língua.....	08
0.2.1 Introdução à fonologia e à ortografia do Mundurukú.....	10
0.3. Pesquisas anteriores.....	11
0.4. A presente pesquisa.....	13
0.4.1. Metodologia e dados.....	19
CAPÍTULO 1 – Pronomes pessoais clíticos e flexão relacional.....	20
1.1. Pronomes pessoais clíticos.....	20
1.1.1. Nomes e marcação pessoal.....	23
1.1.2. Posposições e marcação pessoal.....	24
1.1.3. Verbos e marcação pessoal.....	25
1.1.4. Clíticos <i>versus</i> afixos.....	25
1.1.5. A natureza clítica dos marcadores pessoais.....	26
1.1.5.1. Clíticos e não prefixos.....	29
1.1.5.2. Clíticos especiais e não clíticos simples.....	31
1.2. Flexão relacional.....	32
1.2.1. Flexão relacional em nomes.....	35
1.2.2. Flexão relacional em posposições.....	35
1.2.3. Flexão relacional em verbos.....	37
1.2.4. Alomorfes do prefixo relacional	41
1.2.5. Relacionais <i>vs.</i> marcadores de pessoa: algumas conclusões.....	41

1.2.6. Perspectiva histórico-comparativa.....	46
CAPÍTULO 2 – Verbos.....	47
2.1. Sufixo de imperfectividade e paradigmas pessoais.....	47
2.1.1. Sufixo de imperfectividade.....	48
2.1.2. Paradigmas pessoais.....	48
2.1.2.1. Verbos transitivos.....	52
2.1.2.2. Verbos intransitivos.....	55
2.2. Morfologia Derivacional: a reduplicação e os tipos verbais.....	55
2.2.1. Reduplicação.....	55
2.2.1.1. Funções da reduplicação verbal.....	55
2.2.1.1.1. Duração.....	58
2.2.1.1.2. Intensificação ou atenuação do significado do verbo.....	58
2.2.1.1.2.1 Intensificação.....	59
2.2.1.1.2.2. Atenuação.....	60
2.2.1.1.3. Pluralidade dos participantes.....	61
2.2.1.2. Formas da reduplicação verbal.....	61
2.2.1.3. Reduplicação: algumas conclusões.....	62
2.2.2. Tipos verbais	62
2.2.2.1. Verbos Intransitivos.....	62
2.2.2.1.1. Formas simples.....	68
2.2.2.1.2. Formas derivadas.....	68
2.2.2.1.2.1. Forma média simples.....	73
2.2.2.1.2.2. Forma média reflexiva/recíproca.....	74
2.2.2.1.2.3. Forma média passiva	77
2.2.2.2. Verbos transitivos.....	77
2.2.2.2.1. Formas simples.....	78
2.2.2.2.2. Formas derivadas.....	78
2.2.2.2.2.1. Causativos de intransitivos.....	78
2.2.2.2.2.1.1. Causativo simples.....	82
2.2.2.2.2.1.2. Causativo comitativo.....	83
2.2.2.2.2.2. Causativos de transitivos.....	83
2.2.2.2.2.3. Causativos de nomes.....	84
2.3. Outros sufixos verbais.....	

	87
CAPÍTULO 3 - Nomes e posposições.....	87
3.1. Nomes.....	88
3.1.1. Nomes inalienáveis.....	89
3.1.2. Nomes alienáveis.....	92
3.1.3. Outros morfemas nominais.....	98
3.2. Posposições	100
3.2.1. <i>be ~ pe ∞ webe</i>	100
3.2.1.1. Locativo pontual	101
3.2.1.2. Dativo.....	103
3.2.2. <i>dag</i> ① ~	103
<i>tag</i> ①.....	104
3.2.2.1. Locativo difuso.....	104
3.2.2.2. Conformidade	104
3.2.3. <i>kay</i>	105
3.2.3.1. Alativo.....	107
3.2.3.2. Adjunto de verbos psicológicos.....	107
3.2.4. <i>teg</i> ①.....	108
...	111
3.2.5. <i>xe</i>	112
3.2.6. <i>eju ∞ weju</i>	113
3.2.7. <i>kug</i> ①	113
.....	113
3.2.8. <i>jeje ~ ceje</i>	114
3.2.9. <i>tog</i> ①.....	115
....	115
3.2.10. <i>ase</i>	116
3.2.11. <i>keg</i> ①.....	117
..	117
3.2.12. <i>wi</i>	118
3.2.12.1. <i>wi</i> + outras posposições	119
3.2.13. <i>buxim ~ puxim</i>	
3.2.14. <i>pibun</i>	

3.2.15. <i>wap</i>	
3.2.16. <i>em</i>	120
3.2.17. <i>bi</i>	120
3.2.18. locuções pospositivas	120
	122
	122
CAPÍTULO 4 – Pronomes, advérbios, palavras interrogativas, conjunções e	125
partículas	127
4.1. Pronomes.....	128
4.1.1. Pronomes pessoais.....	130
4.1.2. Pronomes quantificadores.....	134
4.1.2.1. Numerais.....	135
4.1.2.2. Pronomes indefinidos.....	136
4.1.3. Pronomes demonstrativos.....	142
4.1.3.1. Demonstrativos que indicam elementos <u>próximos</u> aos interlocutores.....	143
4.1.3.2. Demonstrativos que indicam elementos <u>distantes</u> dos interlocutores.....	144
4.1.3.3. Demonstrativos nominalizados	145
4.1. Advérbios.....	148
4.1.1. Advérbios temporais.....	150
4.1.2. Advérbios de intensidade.....	151
4.1.3. Advérbios de maneira.....	152
4.1.4. Advérbios de lugar.....	152
4.1.4.1. Advérbios de lugar derivados de demonstrativos.....	153
4.1.4.2. Outros advérbios de lugar.....	155
4.1.4.3. Locuções adverbiais de lugar.....	158
4.1.5. Advérbios modalizadores.....	163
4.3. Palavras interrogativas.....	167
4.3.1. Palavras interrogativas derivadas diretamente de demonstrativos.....	168
4.3.1.1. <i>abu</i> 'quem'.....	169
4.3.1.2. <i>ajo</i> 'o que'.....	
4.3.2. Palavras interrogativas derivadas de outras classes.....	
4.4. Conjunções	
4.4.1. Nominalização das conjunções.....	

4.4.2. Conjunções e partículas.....	178
4.5. Partículas.....	178
	181
	183
	188
CAPÍTULO 5 – Nomes em função classificadora (NFC)	191
5.1. Nomes em função classificadora (NFC)	193
5.1.1. A morfologia dos nomes em função classificadora.....	196
5.1.2. A sintaxe dos nomes em função classificadora.....	201
5.1.2.1. Sintaxe dos nomes em função classificadora: a impossibilidade de incorporação por subida.	202 208
5.1.3. A semântica dos nomes em função classificadora.....	211
5.1.4. Graus de lexicalização entre nomes relacionados	217
5.1.5. Revisão da literatura sobre os classificadores em Mundurukú.....	
5.1.6. Os nomes em função classificadora e os empréstimos.....	219
5.1.7. Classificadores em Kuruáya: uma hipótese.....	219
5.1.8. Uma comparação entre a classificação nominal em Káro e em Mundurukú.....	220
5.1.9. Tipologia dos sistemas de classificação nominal e o caso do Mundurukú.....	224
5.1.10. Considerações finais sobre os nomes em função classificadora (NFC)	225
	227
CAPÍTULO 6 – Incorporação nominal e anáfora.....	228
6.1. Incorporação por repetição.....	228
6.1.1. Incorporação por repetição de nomes <u>sem</u> função classificadora.....	231
6.1.1.1. Incorporação por repetição de <u>dois</u> nomes de parte.....	232
6.1.2. Incorporação por repetição de nomes <u>com</u> função classificadora.....	234
6.1.3. Argumentos envolvidos na incorporação.....	242
6.1.4. Classes verbais e a incorporação.....	243
6.1.4.1. Verbos intransitivos e a incorporação.....	245
6.1.4.2 Verbos transitivos e a incorporação.....	248
6.1.4.3. Verbos auxiliares e a incorporação.....	
6.2. Incorporação por subida.....	248
6.2.1. Incorporação por subida: dois ou mais nomes.....	250

6.3. Incorporação sem argumento absoluto explicitado.....	
6.4. A opcionalidade da incorporação de nomes <u>sem</u> função classificadora.....	251
6.5. Funções da incorporação.....	253
6.5.1. Função da incorporação: identificar o argumento absoluto e evitar ambigüidade.....	254
6.5.3. Função da incorporação: tornar o significado do verbo mais específico.....	257
6.5.4. Função da incorporação: promover um rearranjo sintático e mudar o foco da informação.....	258
6.6. Incorporação de nomes alienáveis: mudança gramatical em curso?.....	261
6.7. Incorporação atípica?	262
6.7.1. Incorporação atípica: tipo I.....	273
6.7.2. Incorporação atípica: tipo II.....	274
6.7.3. Incorporação atípica: tipo III.....	285
6.8. Nomes inalienáveis e a retomada anafórica de sintagmas nominais.....	
6.8.1. Retomada anafórica de um SN por um nome inalienável sem determinante.....	
6.8.2. Retomada anafórica de um SN por um nome inalienável determinado.....	
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	
APÊNDICE.....	

LISTA DE TABELAS

Tabela 0.1	Fonemas consonantais.....	08
Tabela 0.2	Grafemas e correspondências fonológicas.....	09
Tabela 1.1	Marcadores pessoais de nomes segundo Crofts (1985:82)	20
Tabela 1.2	Classes de nomes.....	22
Tabela 1.3	Marcadores de posse nominal, de objeto de posposição e de argumento absolutivo de verbos transitivos e estativos.....	22
Tabela 1.4	Posposições com marcadores pessoais.....	23
Tabela 1.5	Posposição + <i>we-</i>	23
Tabela 1.6	Pronomes pessoais livres e marcadores clíticos de pessoa verbal.....	24
Tabela 1.7	Prefixos relacionais do Mundurukú.....	34
Tabela 1.8	Verbos estativos: duas classes morfológicas.....	36
Tabela 1.9	Morfemas relacionais das classes I e II.....	41
Tabela 1.10	Prefixos relacionais do Tupinambá.....	41
Tabela 1.11	Prefixos relacionais do Mundurukú.....	44
Tabela 2.1	Marcadores de pessoa <i>sujeito</i> e <i>objeto</i> de transitivos.....	51
Tabela 2.2	Verbo intransitivo estativo e verbo transitivo: semelhanças.....	53
Tabela 2.3	Os marcadores clíticos de pessoa verbal.....	54
Tabela 2.4	Processuais vs. estativos: marcadores de pessoa.....	63
Tabela 2.5	Estrutura morfossintática de um verbo intransitivo estativo (Vie) da classe II..	64
Tabela 2.6	Estrutura morfossintática de um verbo intransitivo estativo da classe I.....	65
Tabela 2.7	Processuais vs. Estativos: tipos semânticos	65
Tabela 2.8	Extrato de ocorrências de <i>mu-</i> e <i>muy-</i> com raízes monossilábicas.....	81
Tabela 3.1	Nomes inalienáveis: marcação pessoal e flexão relacional.....	88
Tabela 3.2	Nomes alienáveis: marcação pessoal e flexão relacional.....	90
Tabela 3.3	Posposições, nomes e o relacional de não-contigüidade (R2)	98
Tabela 3.4	Posposições e significados básicos.....	99
Tabela 4.1	Pronomes pessoais independentes e pronomes pessoais clíticos	121
Tabela 4.2	Pronomes demonstrativos.....	127
Tabela 4.3	Palavras interrogativas invariáveis.....	158
Tabela 5.1	Nomes em função classificadora (NFC): forma e função.....	179
Tabela 5.2	Comparação entre o uso classificatório e o uso não-classificatório de um nome	181
Tabela 5.3	NFC em composição com partes do corpo.....	182
Tabela 5.4	Escala de lexicalização: do sintagma à composição.....	194
Tabela 5.5	Cognatos e não-cognatos com NFC em Kuruáya e Mundurukú.....	203
Tabela 5.6	Cognatos e não-cognatos com NFC apenas em Mundurukú.....	204

Tabela 5.7	Nomes de vegetais e ausência de morfema passível de função classificadora em Kuruáya.....	206
Tabela 5.8	Uso não-classificatório de nomes de partes.....	207
Tabela 5.9	Extrato de classificadores em Káro.....	208
Tabela 5.10	Exemplos de classificadores relacionados a forma em Káro	208
Tabela 5.11	Exemplos de classificadores relacionados a arranjo e gênero em Káro.....	208
Tabela 5.12	Semelhanças e diferenças dos classificadores entre Káro e Mundurukú.....	210
Tabela 6.1	Predicados verbais e incorporação.....	233

ABREVIATURAS E SÍMBOLOS

ABLAT	Ablativo
ADMIR	Admirativo
ALAT	Alativo
ALIEN	Alienabilizador
APROX	Aproximativo
ARG	Caso argumentativo
ASP	Aspecto
ATEN	Atenuativo
AUX	Verbo auxiliar
CAUS1	Causativo de intransitivo
CAUS2	Causativo comitativo
CAUS3	Causativo de transitivo
Cf.	Conferir
CIRC	Modo circunstancial
CJ	Conjunção
CL	Classificador
CORF	Correferencial
DAT	Dativo
DUR	Duração
ESF	Esferóide
EXIST	Existencial
FIN	Finalidade
FOC	Focalização
FUT	Futuro
GER	Gerúndio

HIP	Hipotético
HUM	Humano
IDF	Ideofone
IMPER	Imperativo
IND	Indicador de possuidor indeterminado
INSTR	Instrumental
INT	Partícula interrogativa
INTJ	Interjeição
INTR	Intransitivizador
INTS	Intensificação
IPRF	Aspecto imperfectivo
IRRIT	Irritação
ITER	Iteratividade
LIT.	Literalmente
MED	Voz média
NEG	Negação
NFC	Nome em função classificadora
NMZ1	Nominalizador de agente
NMZ2	Nominalizador de paciente
O	Marcador clítico de objeto
OBJ	Objeto
PART	Partitivo/individualizador
PASS	Passado recente
PL	Plural
PLUR	Pluralidade
POSS	Possessivo
PRF	Aspecto perfectivo
PROG	Progressividade
R1	Indicador de determinante contíguo
R2	Indicador de determinante não-contíguo
REC	Recíproco
RECT	Recente
RED	Reduplicação
REDPL	Reduplicação indicando plural

RFX	Reflexivo
S	Marcador clítico de sujeito
SN	Sintagma nominal
SUBJ	Modo subjuntivo
SV	Sintagma verbal
TRANSL	Translativo
Vie	Verbo intransitivo estativo
VRBZ	Verbalizador
1	Primeira pessoa, 'eu, me'
12	Primeira pessoa inclusiva, 'nós, nos'
13	Primeira pessoa exclusiva, 'nós, nos'
2	Segunda pessoa, 'tu, te'
23	Segunda pessoa plural, 'vós, vos'
3	Terceira pessoa, 'ele (a), eles (as)'
∞	Alternância gramaticalmente ou lexicalmente condicionada
~	Alternância fonologicamente condicionada
*	Agramatical
<	Vem de

0. Introdução – O povo, a língua e a pesquisa

O presente estudo aborda partes da gramática da língua Mundurukú e pretende apresentar um panorama da sua morfologia e sintaxe. É um trabalho de natureza descritiva, cuja abordagem é essencialmente funcional-tipológica.

Expomos aqui a morfologia pessoal e relacional (capítulo 1), a morfossintaxe de verbos (capítulo 2), nomes e posposições (capítulo 3), pronomes, advérbios, palavras interrogativas, conjunções e partículas (capítulo 4), além de mostrarmos, em detalhe, o sistema de classificação nominal (capítulo 5) e os processos de incorporação e anáfora (capítulo 6).

0.1 O povo *Wuyjuyu*)

Amplamente conhecidos por "Mundurukú"¹, os historicamente famosos "cortadores de cabeça", autodenominam-se *wuyjuyu*) 'povo, gente, pessoas'. Considerada no passado "uma das tribos mais guerreiras, poderosas e inteligentes do Brasil (...)" (Hartt 1884:116), essa comunidade indígena brasileira procura hoje "cortar a cabeça" dos inimigos por meio da palavra, do diálogo. Não apenas disputas territoriais fazem parte dessa "guerra", mas também disputas por saúde, educação e autopreservação lingüística, social e cultural.

Povo tupí com população estimada em cerca de 10.000 pessoas (FUNASA/2002),² boa parte dela constituída de falantes plenos da língua, já houve notícia

¹ "Há muita duvida sobre a origem e significação do nome pelo qual elles são geralmente conhecidos no Brazil. Encontra-se escripto de differentes modos por varios autores. V. Martius escreve Mundrucú e Moturicú." (Hartt 1884:116-117).

Em uma narrativa recolhida por mim, encontrei a seguinte afirmação:

MõnJOROKO bit bo=ku oce=nopag)o-yu) ma o'='e.'e
 Mundurukú contraste aqueles=? 13=inimigo-PL mesmo 3S=dizer.ITER
 'Mundurukú é apelido dado pelos tradicionais inimigos.'
 (lit. Mundurukú, porém, é o que diziam aqueles, os nossos inimigos mesmo.)

² Informação obtida em <http://www.socioambiental.org/pib/epi/munduruku/munduruku.shtm>, no dia 5 de abril de 2006, às 10h38.

de que foram um dia "40.000 almas"³. Vivem no vale do Rio Tapajós e de seus afluentes, no estado do Pará, sendo também encontrados na bacia do Rio Madeira, estado do Amazonas, e na terra indígena Apiaká, município de Juara (Mato Grosso).

Foi no século XVIII, por volta de 1770, que se ouviu falar pela primeira vez de um povo que habitava a margem direita do rio Tapajós. Desde essa época, o contato dos Mundurukú com os não-índios vem se dando em termos de comércio (agricultura, extração da borracha e de ouro) e uso do poder guerreiro dessa tribo em prol dos interesses do governo ou mesmo contra ele. Segundo consta,

O povo Munduruku teve importante participação na Cabanagem, uma vez que os cabanos aliciavam principalmente índios. Em 1838, dá-se a fase final da revolta, onde a "Mundurucânia" foi o palco principal da Cabanagem, com a participação dos Mawé, Munduruku e remanescentes Mura chacinados nas proximidades do rio Autaz.

(<http://www.redenergia.com.br/Munduruku/historia.htm>, acessado em 01 de maio de 2006, às 11h28, onde se lê também "trecho extraído do livro *História dos Índios no Brasil*, organizado por Manuela Carneiro da Cunha e editado pela Companhia das Letras.")

Uma das principais reivindicações desse povo, a demarcação de suas terras, foi alcançada recentemente:

Brasília, 27/02/2004 (MJ) – Foi publicada nesta sexta-feira (27), no Diário Oficial da União o decreto do presidente da República que homologa a terra indígena Munduruku, de Jacareacanga (PA). Na área, de 2,381 milhões de hectares, vivem sete mil índios.

A homologação coroa o processo de preservação da cultura Munduruku, luta que se arrasta desde a década de 40, quando a 2ª Inspeção Regional do Serviço de Proteção do Índio requereu ao Governo do Estado do Pará uma reserva de terras a estes índios. Na época, foram demarcados apenas cerca de 510 mil hectares.

Durante vários anos os índios reivindicaram a ampliação do seu território, já que a área era insuficiente para a reprodução física e cultural do grupo. Em 1977, estudos respaldaram as reivindicações dos índios e a terra indígena foi delimitada já com uma superfície próxima da atual. Mas foi apenas 21 anos depois que o território foi declarado como posse permanente dos Munduruku. Os limites da reserva atual foram demarcados em 2002. (http://www.mj.gov.br/noticias/2004/marco/RLS010304%20terra_indigena.htm, acessado em 1 de maio de 2006, às 11h38)

³ "(...) V. Martius afirma que ouviu calculalo em 18 a 40.000 almas. De Lincourt diz que a tribo póde pôr 18 a 20.000 guerreiros em armas." (Hartt 1884:116-117)

A seguir, apresentamos dois mapas, um com a localização da Terra Indígena Mundurukú, e outro com a localização das aldeias antigas e atuais no estado do Pará, ambos extraídos de Ramos (2000):

Povo organizado, com lideranças fortes e politicamente atuantes, os índios Mundurukú fazem parte de um movimento nacional que envolve dezenas de etnias indígenas, que buscam maior respaldo do Estado às suas demandas por saúde, educação e sobrevivência cultural e social. É o que permite constatar o trecho que apresento abaixo, extraído de uma carta assinada por várias lideranças mundurukú em 22 de outubro de 1998, a qual se encontra reproduzida na íntegra no final desta introdução:ⁱ

Ao longo de muitas décadas o povo Munduruku luta para permanecer neste pedaço de chão. E vem conquistando isto até hoje graças ao espírito vigilante de bravos guerreiros, expulsando garimpeiros e fazendeiros, não permitindo desbravarem sua floresta como ocorre em outras localidades da Amazônia, destruição de madeiras de lei e ervas medicinais e disseminação de doenças com aberturas de rodovias e construção de hidrovia para prejudicar nossos igarapés e servir de escoamento fácil de nossas riquezas naturais quer minerais, vegetais e animais (...). Conservamos nossa língua e somos atualmente uma população de sete mil indígenas habitando em 87 aldeias numa área de 2362 hectares de terra (...) (<http://freeweb.supereva.com/mensageiro.freeweb/n114/munduruk.htm?p>, acessado em 1 de maio de 2006, às 11h34)

Ainda encontramos entre os Mundurukú a antiga divisão em clãs, distribuídos em metades: os brancos e os vermelhos. De acordo com Kruse (1934:4),

Os clãs são organizados em duas metades ou grupos de casamento: os “Branco” e os “Vermelho”. Esse arranjo foi ordenado por karusakaibê – ele próprio um “Vermelho”, uma vez que pertenceu à karuriwat, o clã da Arara Vermelha. As metades têm obrigação de casar, não dentro da sua própria metade, mas na outra metade. A desobediência a esse preceito do deus civilizador karusakaibê, é considerado uma coisa absurda. Os clãs são rigidamente patrilineares, ou seja, as crianças tornam-se membros do clã do pai.

Abaixo, reproduzo parte de uma carta enviada a mim por Zenildo Saw Mundurukú, que contribuiu com dados para esta tese, na qual descreve um ritual de seu povo:

(...) No mês de setembro [de 1999] estaremos realizando uma grande tinguejada, uma festa que só se realiza uma vez a cada ano. (...) Onde tem rituais de melar a cara dos homens ou das mulheres, crianças etc, na forma de alegrar os espíritos sagrados. Esse ritual se inicia antes mesmo da tinguejada se realizar. O pessoal daqui vão passar os dias fora da aldeia como é o costume. Vão ao local e lá que a coisa acontece. Passar o leite da árvore na cara do outro é a forma de brincadeira. Vão brincar até que o grande dia chegue. Quando o dia da tinguejada chega, o pessoal tira timbó, um tipo de veneno para matar peixe. Aí acontece uma coisa muito inesquecível com os homens durante. Quando os homens batem no timbó, cada clã dos mundurukús se divide em: clã vermelho e branco e o costume não

pode misturar os clãs durante esse ritual. A mulher não pode ultrapassar a lei. Os homens ficam sentados enfileirados enquanto as mulheres se preparam com os leites cheias nas vasilhas. A mulher não pode passar o leite na cara de um mesmo clã. Só pode a mulher de clã vermelha no homem de clã branca. Aí termina esse ritual e a cena se repete com as mulheres igualmente como os homens se dividem. Juntando os homens e as mulheres o ritual fica muito bonito, cada um passando leite da árvore na cara dos outros. (GOMES 2000:8)

O ritual acima revelado é uma contribuição simples sobre a atual identidade cultural desse povo, que cede à pesquisa e documentação um de seus bens mais importantes: a língua.

0.2 A língua

O Mundurukú é uma das línguas do tronco Tupí e constitui, junto com o Kuruáya, a família lingüística Mundurukú:

Mundurukú is a Tupí language as classified by Norman A. McQuown, "The Indigenous Languages of Latin America", *American Anthropologist*, Vol. 57, n^o 3, June 1955, pp. 501-570, and by Dr. Aryon D. Rodrigues, "Classification of Tupí-Guaraní", *International Journal of American Linguistic*, Vol. 24, n^o 3, July 1958. (Crofts 1971:78).

Rodrigues (1999) mantém a mesma classificação de 1958.

É evidente o avanço da língua portuguesa entre os índios, que se tornam mais e mais bilíngües a cada dia. Temos notícias de que a situação dos Mundurukú que vivem na área do Rio Madeira e nas periferias das cidades banhadas pelo Tapajós é de perda da língua indígena, mas essa não é a situação majoritária, uma vez que a primeira língua das crianças da maioria da população é o Mundurukú, e o bilingüismo só se instala depois de garantido o uso dela (por volta dos 10 anos de idade), sobretudo em decorrência do aprendizado do Português na escola. Entre si, os índios que vivem nas aldeias do vale do Rio Tapajós só falam Mundurukú, mesmo que na presença de não-índios. Há escolas de ensino fundamental instaladas em quase todas as aldeias, e cursos promovidos pela FUNAI e pelo MEC têm dado formação de ensino médio aos índios, que começam a assumir o próprio direcionamento desse tipo de educação formal.

0.2.1. Introdução à fonologia e à ortografia do Mundurukú

Segundo Braun & Crofts (1965), Crofts (1971) e Picanço (2005:11), os fonemas consonantais somam 17: /p/, /b/, /t/, /d/, /tΣ/, /dZ/, /k/, /ʃ/, /s/, /Σ/, /h/, /m/, /n/, /N/, /w/, /r/, /y/, conforme apresenta a tabela 0.1 abaixo:

Tabela 0.1 – Fonemas consonantais

		bilabiais	alveolares	palatais	velares	glotais
oclusivas	su	p	t	tΣ	k	/
	so	b	d	dZ		
fricativas	su		s	Σ		h
	so					
nasais	su					
	so	m	n		N	
aproximantes	su					
	so	w	r	y		

Em relação às vogais, Picanço (2005:11) afirma que: "the language has five vowel qualities, /i, e, a, ↔, o/, and additional contrasts of nasality and creaky voice. From these, four series of vowels result: oral versus nasal modal vowels, and oral versus nasal creaky vowels".

Segundo Crofts (1971:79), o Mundurukú tem quatro tons: 1 'alto', 2 'médio', 3 'baixo' e 4 'laringalização'. Mas, segundo Picanço (2005:12), não passam de dois:

Mundurukú is a language that makes use of two levels of pitch, low (L) and high (H), to lexically distinguish items. On the surface we find five tonal behaviors: stable versus unstable H tones, active versus inert L tones, and tonal polarity. The account relies on lexical distinctions to explain the five behaviors. (...). Phonologically creaky vowels do not exhibit contrasts of tones, being restricted to a L tone. Creaky voice was in the past (Braun and Crofts 1965) analysed as a tonal feature, but Chapter 8 shows that tones are independent of phonation oppositions. The major achievement of the study is that the tonal system of the language can be reduced to two distinctive levels, rather than the four previously proposed.

Por ser a carga funcional dos tons muito pequena, eles não serão marcados ao longo desta tese.

A grafia adotada neste trabalho é a ortografia em pleno uso atualmente pelos índios Mundurukú. Nesta convenção ortográfica, os seguintes grafemas têm valores distintos dos mais usuais:

Tabela 0.2 – Grafemas e correspondências fonológicas

Grafemas	Correspondências fonológicas
c, j	correspondem aos fonemas palatais /tʃ/ e /dʒ/, respectivamente.
g)	corresponde ao fonema /N/, o qual em fim de sílaba, após vogal nasal, é realizado como [N], e após vogal oral, [gN]; e, em início de sílaba, [ɲ].
'	corresponde ao fonema oclusivo glotal //ʔ/.
m	corresponde ao fonema nasal /m/, que após vogal oral é [bm] em final de sílaba e, nos demais ambientes, é [m].
n	corresponde ao fonema nasal /n/, que após vogal oral é [dn] em final de sílaba e, nos demais ambientes, é [n].
r	corresponde ao fonema alveolar /r/ em qualquer ambiente.
w, y	correspondem aos fonemas assilábicos /w/ e /y/, respectivamente.
x	corresponde ao fonema fricativo álveo-palatal /ʃ/.
o	corresponde ao fonema vocálico posterior alto /o/, que varia entre [o] e [u].
u	corresponde ao fonema vocálico central médio /ɔ̃/.

Usamos, portanto, os seguintes grafemas:

(a) Consoantes: **b, c, d, h, j, k, m, n, g), p, r, s, t, w, x, y, '**

(b) Vogais: **i, i), u, u), e, e), a, ã, o, õ**

0.3. Pesquisas anteriores

Um primeiro ensaio de gramática dessa língua foi publicado em 1932 por Strömer. Duas outras gramáticas foram publicadas por Marjorie Crofts. A primeira, intitulada *Gramática Mundurukú* (1973), tem como fundamentação teórica e metodológica a tagmêmica. Esta gramática apresenta, dentre outras falhas, um tratamento equivocado das classes verbais.⁴ Já a outra gramática, *Aspectos da Língua Mundurukú* (1985), é um manual prático de ensino da língua, com ricas informações sobre ela, ordenadas didaticamente para o seu aprendizado.

Outros trabalhos foram produzidos, como as seguintes dissertações de mestrado: *A concordância em Mundurukú* (Gonçalves 1987), *A causativização em Mundurukú: aspectos morfo-sintáticos* (Angotti 1998), *Predicados verbais da língua Mundurukú e modelos lexicográficos* (Gomes 2000) e *Princípio icônico e tratamento lexicográfico: aplicação aos nomes da língua Mundurukú* (Nunes 2000). Recentemente, foi produzida uma tese de doutorado sobre a fonologia da língua: *Mundurukú: phonetics, phonology, synchrony, diachrony* (Picanço 2005).

Dados da língua também já foram considerados em alguns artigos. Entre eles, encontram-se: "The Evolution of Noun Incorporation" (Mithun 1984) e "Noun Classification Systems of Amazonian Languages" (Derbyshire & Payne 1990).⁵ Em seu artigo, Mithun defende que a incorporação nominal é usada para quatro propósitos diferentes, mas relacionados, os quais se encontram em uma implicação hierárquica, que sugere um caminho pelo qual a incorporação se desenvolve historicamente. Para Mithun, a língua Mundurukú encontra-se no tipo 4 de incorporação: uma raiz N (nominal) relativamente genérica é incorporada para limitar o alcance de um V (verbo), como acontece no tipo III; porém essa raiz pode ser acompanhada ainda por um sintagma nominal (SN) externo mais específico, o qual identifica o argumento implicado pelo nome incorporado. Uma vez que o argumento tenha sido identificado, a raiz nominal incorporada é suficiente para qualificar verbos, envolvendo subseqüentemente esse argumento no discurso. Sobre esse assunto, apresentamos nossa posição no capítulo 6.

Já o artigo de Derbyshire & Payne (1990), ao apresentar uma análise dos

⁴ Esta falha acabou sendo incorporada no trabalho de Gonçalves (1987).

⁵ Estes trabalhos foram feitos a partir dos dados de M. Crofts.

sistemas de classificação nominal das línguas amazônicas, inclui o Mundurukú no tipo *Sistema de Classificador Incorporado ao Verbo + Concordância + Numeral*: "Mundurukú (Tupian) classifiers are suffixed to head nouns, numerals and demonstratives, thus showing concordance in the noun phrase. They may also be incorporated in the verb." (1990:261). Por abordar muitas línguas, este trabalho apenas cita o Mundurukú e suas características gerais, sem detalhar a complexidade de seu sistema de classificação de nomes, tema dos nossos capítulos 5 e 6.

Mais recentemente, num artigo sobre mudanças gramaticais em línguas do tronco Tupí, Cabral (2003) afirma ser o Mundurukú uma língua do ramo II daquele tronco a qual teria sofrido modificações moderadas com relação ao padrão original de alinhamento proposto por ela, o padrão absoluto.⁶

Nos últimos anos, nós também temos desenvolvido estudos sobre diversos pontos da gramática dessa língua: voz média (2006a no prelo), reduplicação verbal (2006b no prelo), classificadores (2006c no prelo), voz passiva (2005), cisão na classe de intransitivos (2003), pronomes pessoais clíticos (2002b), correspondências lingüísticas entre Mundurukú e Tupí-Guaraní (2002a), flexão relacional (2001), verbos e seu tratamento lexicográfico (2000).

0.4. A presente pesquisa

No meio científico, o estudo das línguas indígenas da Amazônia adquiriu uma importância singular porque elas oferecem um vasto campo de experiência para fins de validação empírica de modelos que pretendem dar conta das propriedades da linguagem humana.

Este texto não seria redundante e cansativo se mencionasse parte da história do Brasil para entender o estado de crise generalizada que atinge as nações brasileiras atualmente, sobretudo no tocante à autopreservação social, cultural e lingüística. É

⁶ Para a autora, a divisão do tronco Tupí em 2 ramos principais, um ocidental e outro oriental, estaria a favor da hipótese de Rodrigues (1958, 1964, 2000a): a região de Guaporé/Aripuanã (Rondônia) foi o centro da dispersão Tupí.

imprescindível, então, dentre outras, a seguinte tarefa: descrever e analisar as línguas desses povos. Esperamos que os resultados deste nosso estudo também sejam úteis para o povo Mundurukú, servindo de instrumento para os que desenvolvem o ensino da língua materna nas escolas das aldeias.

Assim sendo, um estudo morfológico e sintático configura-se relevante na medida em que vai revelar e explicitar fenômenos particulares de uma língua ainda insuficientemente conhecida e que é o único membro ainda em pleno uso de sua família lingüística.⁷

São objetivos específicos deste estudo:

- a) identificar as principais classes de palavras, por meio da apresentação de sua morfossintaxe;
- b) com base na teorização sobre línguas classificadoras (Aikhenvald 2000a-b; Creissels 2001; Crevels 2001; Derbyshire & Payne 1990; Grinevald 2000, 2001, 2002, 2004; Grinevald & Seifart 2004), analisar o sistema de classificação nominal do Mundurukú a fim de:
 - identificar a origem dos nomes em função classificadora;
 - descrever a sua semântica;
 - descrever a relação entre os nomes em função classificadora e os demais membros do sintagma nominal (outros nomes e pronomes) e verbal;
 - refletir sobre seu uso anafórico.
- c) descrever os processos de mudança de valência e verificar em que medida o Mundurukú contribui com novos elementos para a discussão sobre este assunto (Creissels 2005; Dixon & Aikhenvald 2000; Fox & Hopper 1994; Givón 1994; Queixalós 2005; Shibatani 2002). A descrição prioriza:

⁷ Segundo Costa (1998:6), "a língua Kuruaya é uma língua ameaçada de extinção, uma vez que hoje, em Altamira, vivem cerca de 200 (duzentos) indivíduos Kuruaya, entretanto somente três remanescentes desse povo (...) comprovadamente ainda falam a língua".

- o exame dos predicados transitivos, intransitivos, reflexivos/recíprocos, causativos;
 - a identificação de uma voz passiva na língua;
 - a confirmação da função média do prefixo *je-* e de suas condições de ocorrência;
 - a definição do *status* dos sintagmas adverbiais, marcados por posposições e sufixos, frente aos argumentos que não requerem tal marcação;
 - o estudo da incorporação nominal.
- d) explorar aspectos discursivo-pragmáticos relevantes (focalização, topicalização, modalidade epistêmica, etc.), ao menos no âmbito das partículas, de alguns advérbios e da incorporação.

0.4.1. Metodologia e dados

Demos prioridade à aplicação de um referencial teórico funcional-tipológico⁸, como Givón (1995, 2001), Comrie (1974, 1981, 1989), DeLancey (2000), Dixon (1994, 2000), Hopper & Thompson (1980), Mithun (1984, 1991, 1996) e outros. Funcionalistas buscam explicações nas funções e nos processos diacrônicos recorrentes, os quais são em grande parte dirigidos por funções. Eles vêem a língua como uma ferramenta, ou melhor, um conjunto de ferramentas, cujas formas são adaptadas a suas funções (DeLancey 2000). Já a abordagem tipológica pode ajudar a identificar e classificar os dados que permitem explicação funcional.

Construções de diversas línguas podem ser classificadas e comparadas estrutural e funcionalmente. Em Mundurukú, por exemplo, ocorre a reduplicação, que encerra propriedades funcionais como: duração, intensificação e pluralização. Não é apenas esta língua que apresenta este traço estrutural aliado a estas funções, nem muito menos se deve acreditar que tais funções sejam realizadas necessariamente por tal

⁸ O termo "funcional" tem sido empregado para uma variedade de modelos diferentes, escolas, movimentos e metodologias. Aqui será usado para referir-se especificamente a um movimento que surgiu com o trabalho de um grupo de lingüistas situados na Califórnia no anos 70, incluindo Talmy Givón, Charles Li, Sandra Thompson, Wallace Chafe, Paul Hopper, e outros. Os integrantes deste grupo têm sido chamados de lingüistas funcionais-tipológicos.

processo. O que se tem percebido nos estudos lingüísticos é que certas estruturas tendem a ser usadas em certas funções, e certas funções tendem a ser expressas por certas estruturas.

Um outro caminho de pesquisa importante na construção desta tese foi a revisão das publicações primárias e secundárias existentes sobre o Mundurukú:

- dicionários e vocabulários;
- coleções de textos;
- gramáticas;
- estudos sobre aspectos da gramática;
- estudos sobre a fonologia.

Os dados analisados foram coletados durante idas à área indígena Mundurukú, precisamente às aldeias Sai-Cinza e Katõ, entre 1998 e 2005. Também utilizamos os dados fornecidos pelo Mundurukú Misael Kabá em sua vinda a Brasília, por cerca de 20 dias durante o mês de janeiro de 2005. Outros dados, que serviram de base para o trabalho proposto, são os coletados por Marjorie Crofts. Esses dados foram organizados e reanalisados por mim para a elaboração de um dicionário dos verbos da língua (em andamento) e para a construção da minha dissertação de mestrado (Gomes 2000).

Os dados por mim coletados incluem narrativas, conversações, descrições da feitura de artefatos indígenas, textos de cantigas, frases e vocábulos. Misael Kabá e eu fizemos a tradução para o português de um manual de saúde, que aborda a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e Aids. Esse manual foi lingüisticamente analisado e dele foram extraídos diversos exemplos.

Os informantes que contribuíram com os dados representam diferentes faixas etárias e são detentores de conhecimentos vários. Por exemplo, para descrever utensílios Mundurukú, foi convidado Valdemar Puxu, um homem que se responsabiliza por fazer tais utensílios, o qual, por sua vez, contou com a ajuda da mãe para lhe explicar detalhes de uma rede, que só as mulheres faziam. Já os mitos foram narrados por um experiente e respeitado contador de histórias, o cacique Amâncio Kabá, o Biboy. A coleta de outros textos e a análise de boa parte dos dados se deram, principalmente, com o filho de um dos

caciques, Zenildo Saw, e com Misael Kabá, ambos professores de Mundurukú formados em um curso promovido pela FUNAI em parceria com o MEC. Além deles, várias outras pessoas contribuíram esporadicamente em diversas ocasiões, desde o fornecimento do nome de um peixe recém-pescado até a narração de um pequeno trecho mítico.

Notas finais da Introdução

(Carta de lideranças Mundurukú, na qual se percebe um engajamento político em prol do seu povo)

ⁱ "Ao longo de muitas décadas o povo Munduruku luta para permanecer neste pedaço de chão. E vem conquistando isto até hoje graças ao espírito vigilante de bravos guerreiros, expulsando garimpeiros e fazendeiros, não permitindo desbravarem sua floresta como ocorre em outras localidades da Amazônia, destruição de madeiras de lei e ervas medicinais e disseminação de doenças com aberturas de rodovias e construção de hidrovias para prejudicar nossos igarapés e servir de escoamento fácil de nossas riquezas naturais quer minerais, vegetais e animais. Temos na aldeia uma Escola de Ensino Fundamental que funcionou este ano até a 5^a série para formação dos professores indígenas. A SEDUC-Pará em parceria com a Prefeitura de Jacareacanga e a FUNAI está promovendo cursos na própria área. Conservamos nossa língua e somos atualmente uma população de sete mil indígenas habitando em 87 aldeias numa área de 2362 hectares de terra que se encontra na sua fase conclusiva de demarcação, faltando apenas a assinatura declaratória do Ministro da Reforma Agrária. Após anos e anos de luta do povo Munduruku reivindicando e protegendo o seu território a FUNAI resolveu instituir grupos de trabalhos formados por técnicos peritos no assunto. Um grupo, em 1987 e outro em 1993 para identificar o território Munduruku, procedendo levantamento antropológicos, culturais e em consequência disso a área foi reconhecida como sendo de habitação permanente e tradicional do grupo tribal Munduruku. Apesar de tal reconhecimento e dos esforços dos indígenas, encontra-se hoje invadida no local denominado Bico do Rio das Tropas por atividades garimpeiras que em busca de riquezas naturais contribuem para o esbulho e subtração dos direitos originários dos Munduruku sobre as terras que tradicionalmente lhes pertencem.

No Artigo 231 da Constituição Federal de 1988 são reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças, tradições e os direitos originários das terras tradicionalmente ocupadas, competindo à União, demarcá-las, protegê-las e fazer respeitar todos os seus bens.

Já estamos realizando a 10^a Assembléia sobre este assunto o que significa que a mais de dez anos lutamos para se efetivar esta demarcação de nossa terra, e o processo continua tramitando nos órgãos públicos federais, sendo protelado sua realização por força

e apoio dos latifundiários e empresários brasileiros e por multinacionais que querem nos reduzir a farrapos humanos como é a prática deles desde a invasão portuguesa aqui no Brasil

O governo brasileiro baixou um decreto N° 1775 de 08/01/96 que define como deve ser os trabalhos de identificação e demarcação das terras indígenas dando direito ao não índio recorrer no prazo de 90 dias após a publicação no Diário Oficial da União, a dimensão da área a ser demarcada. Este ato chama-se Contestação. Com este Decreto que substitui o Decreto N° 22/91, o Presidente da República engendrou um dos maiores retrocessos na legislação indigenista brasileira. Ao em vez de agilizar o processo demarcatório das terras indígenas há tanto tempo esperado, o Decreto N° 1775 de 08/01/96, põe novos entraves que possibilitam até a redução das áreas já demarcadas, provocando muitos assassinatos e causando grandes violências com vários povos indígenas e seus patrimônios nos últimos anos. Neste decreto foram portanto atacados os nossos direitos originários de posse permanente da terra e usufruto exclusivo de nossas riquezas naturais que a Constituição Federal de 1988 explicita como bens inalienáveis dos índios. Caindo este direito à terra todos os outros tendem a desaparecer. Até o recurso que era repassado às Administrações Regionais-FUNAI, para atendimento à saúde do índio, está sendo cortado em todo território deste país. Atualmente as Administrações estão sempre precárias. Não tem nem alimentação suficiente para os índios doentes que se deslocam de suas aldeias para tratamento de saúde. Nossos Postos de Saúde estão sucateados. Não existem medicamentos nas nossas áreas. Ainda bem que as vacinas estamos recebendo regularmente, tanto adultos como crianças

No Congresso Nacional o Governo tem atuado para impedir a votação do Estatuto das Sociedades Indígenas que iria atualizar a partir da Constituição Federal de 1988 o antigo Estatuto do Índio. Mas ao mesmo tempo o governo está favorecendo os projetos de leis que abrem as portas para Grupos Econômicos ávidos em explorar os recursos naturais dos nossos solos e subsolos. Um desses projetos terríveis é o de N° 1610/A-96 de autoria do Senador Romero Jucá (PFL-RR) em prol das empresas Mineradoras. Uma vez aprovado um projeto de lei desse tipo, o novo Estatuto das Sociedades Indígenas terá pouco a definir porque os interesses dos grandes empresários estarão garantidos em relação a nosso patrimônio e a nossa subsistência que dele depende.

Temos algumas Entidades que nos apoiam como: Igrejas, CIMI, GENDA, PPTAL. FUNAI, AMTAPAMA e nossas organizações a nível nacional: COIAB, CAPOIB e a nível local: CIMAT - Conselho Indígena Munduruku do Alto Tapajós, AIP – Associação Indígena Pusuru, CCMKE – Centro Cultural Munduruku Kerepo Ewekuku, CEM – Conselho Escolar Munduruku.

Solicitamos a vossa solidariedade para nossas lutas em prol da demarcação das áreas indígenas, para a aprovação do Estatuto das Sociedades Indígenas, pela destituição do Decreto N° 1775 e para a não aprovação do projeto de lei N° 1610 / A-91 do Senador Romero Jucá e o Projeto sobre a Hidrovia Rio Tapajós/Rio Teles Pires que estão em tramitação no Senado Federal."

Missão São Francisco do Rio Cururu, 22 de outubro de 1998

Assinado por:

José Crixí e Aurélio Krixí do CIMAT

Venâncio Puxú e Cláudio Mitu da AIP

Albino Sal do CEM

Arnaldo Alci do CCMKE

E os líderes comunitários: Silvério Kabá, Bruno Manhuari e Adonias Kabá

(<http://freeweb.supereva.com/mensageiro.freeweb/n114/munduruk.htm?p,b>, acessado em 1 de maio de 2006, às 11h34)

CAPÍTULO 1 – Pronomes pessoais clíticos e flexão relacional

Este capítulo traz uma introdução sobre a morfossintaxe da língua Mundurukú, a partir da apresentação dos pronomes pessoais clíticos e da flexão relacional, dois fenômenos muito importantes para se compreender a sua gramática. Inicialmente, identificamos dois grandes grupos de palavras nesta língua: as que ocorrem com esses morfemas e as que não ocorrem com eles. Ao primeiro grupo pertencem nomes, verbos e posposições. Ao segundo, pronomes, advérbios, palavras interrogativas, conjunções, partículas, interjeições e ideofones.¹ Trataremos desses dois grupos nos capítulos seguintes.

Os pronomes pessoais clíticos ocorrem com nomes indicando o possuidor, com verbos indicando sujeito e objeto, e com posposições indicando o seu objeto. Nos trabalhos já publicados sobre esta língua (Angotti 1998; Crofts 1973 e 1985; Gonçalves 1987; Nunes 2000; Picanço 2003 e 2005), tais pronomes foram tratados como prefixos. A descrição e análise deles como clíticos (Gomes 2000, 2002b) será um dos temas deste capítulo (seção 1.1).

O outro tema a ser aqui explorado é a flexão relacional (seção 1.2). O fato de, aparentemente, ser uma marca pessoal suscitou a necessidade de abordar esse assunto no mesmo capítulo em que exploramos os marcadores de pessoa. Outro fator que nos leva a agrupar esses temas em um único capítulo é o fato de verbos, nomes e posposições compartilharem esses dois recursos morfológicos.

O objetivo principal deste capítulo, então, é apresentar a morfologia comum a essas classes. Especificamente, pretendemos mostrar (i) a natureza clítica dos pronomes pessoais e (ii) as funções e as peculiaridades dos morfemas relacionais, distinguindo-os dos marcadores de pessoa.

¹ Interjeições e ideofones não foram tema desta tese.

1.1. Pronomes pessoais clíticos

Nomes, verbos e posposições recebem marcas de pessoa. Os primeiros a recebem para marcação de posse (alienável ou inalienável), os segundos são marcados de acordo com a pessoa do sujeito (verbos estativos não têm marcador de 3ª pessoa) ou do objeto (também não existe marca pessoal de 3ª pessoa objeto), e nas posposições as marcas pessoais indicam o seu objeto (também com a 3ª pessoa não há marca pessoal).

1.1.1. Nomes e marcação pessoal

Crofts (1985) apresenta o que ela chamou de “quadro de pronomes possessivos, exemplificado com uma palavra”:

Tabela 1.1 – Marcadores pessoais de nomes segundo Crofts (1985:82)

	Classe I	Classe II	Classe III	Classe IV
	<i>-dao</i> 'perna'	<i>-a'õ</i> 'voz'	<i>-ba</i> 'braço'	<i>kobe</i> 'canoa'
1ª sg.	<i>odao</i>	<i>wa'õ</i>	<i>oba</i>	<i>wekobe</i>
2ª sg.	<i>edao</i>	<i>a'õ</i>	<i>eba</i>	<i>ekobe</i>
3ª sg.	<i>tao</i>	<i>ya'õ</i>	<i>iba</i>	<i>cekobe</i>
3ª ref.	<i>jedao</i>	<i>ja'õ</i>	<i>jeba</i>	<i>jekobe</i>
1ª pl. ex.	<i>ocedao</i>	<i>oca'õ</i>	<i>oceba</i>	<i>ocekobe</i>
1ª pl. in.	<i>wuydao</i>	<i>wuya'õ</i>	<i>wuyba</i>	<i>wuyekobe</i>
2ª pl.	<i>eydao</i>	<i>eya'õ</i>	<i>eyba</i>	<i>eyekobe</i>
3ª pl.	<i>tao ip</i>	<i>ya'õ ip</i>	<i>iba ip</i>	<i>cekobe ip</i>

Um reexame desta tabela, entretanto, permite perceber que existem apenas duas classes de nomes possuíveis em Mundurukú: nomes *inalienáveis* (I, II e III) e *alienáveis* (IV). Em relação aos nomes inalienáveis, existem duas subclasses: os nomes iniciados pela consoante /d/ (que, diante de vogal nasal, converte-se em /n/) (p. ex. *dao* 'perna'; *ny* 'dente') e os iniciados por outras consoantes e por vogais (p. ex. *ba* 'braço' e *a'õ* 'voz', respectivamente).

O que foi chamado de classe III é o ponto de partida para se entender a aparente separação em quatro classes. Nessa classe, estão presentes os marcadores pessoais de posse em estado fonológico inalterado, a saber: *o*, *e*, *oce*, *wuy*, *ey*, *je*. O prefixo *i-*, conforme se verá na seção 1.2, não é pronome pessoal. O que se percebe, então, são:

- (i) ajustes morfofonológicos na classe II;
- (ii) uma separação entre as classes I de um lado e II-III de outro;
- (iii) a presença de prefixo de posse alienável na classe IV.

A classe II forma com a III uma grande classe: nomes inalienáveis que marcam a não-contigüidade do determinante com *i-* (e seu alomorfe *y-*). A diferença entre elas é apenas morfofonológica: na classe II, diante de vogal, *e* desaparece, *o* e *i* tornam-se assilábicos.

Já a classe I é distinta da II e III por marcar a não-contigüidade do determinante por meio da fusão do prefixo relacional {*t-*} com a raiz iniciada por /*d*/ ou /*n*/.

A classe IV, por sua vez, é a dos nomes alienáveis. A marca de alienabilidade é o morfema {*e-*}, que entra em combinação morfofonológica com os marcadores pessoais (como na classe II de Crofts):

$o + e \rightarrow we$; $e + e \rightarrow e$; $je + e \rightarrow je$; $oce + e \rightarrow oce$; $ey + e \rightarrow eye$.

Assim, formulamos a tabela acima da seguinte maneira:

Tabela 1.2 – Classes de nomes

	Nomes inalienáveis			Nomes alienáveis
	Classe I		Classe II	
	(iniciados por vogal)	(iniciados por consoante \neq de d/n)	(iniciados por d/n) ²	
	-a'õ 'voz'	-ba 'braço'	-dao 'perna'	kobe 'canoa'
1ª sg.	$w = \textcircled{D}\text{-a'õ}$	$o = \textcircled{D}\text{-ba}$	$o = \textcircled{D}\text{-dao}$	$w = \textcircled{D}\text{-e-kobe}$
2ª sg.	$a'õ (< e = \textcircled{D}\text{-a'õ})$	$e = \textcircled{D}\text{-ba}$	$e = \textcircled{D}\text{-dao}$	$e\text{-kobe} (< e = \textcircled{D}\text{-e-kobe})$
1ª pl. ex.	$oc = \textcircled{D}\text{-a'õ}$	$oce = \textcircled{D}\text{-ba}$	$oce = \textcircled{D}\text{-dao}$	$oce = kobe (< oce = \textcircled{D}\text{-e-kobe})$
1ª pl. in.	$wuy = \textcircled{D}\text{-a'õ}$	$wuy = \textcircled{D}\text{-ba}$	$wuy = \textcircled{D}\text{-dao}$	$wuy = \textcircled{D}\text{-e-kobe}$
2ª pl.	$ey = \textcircled{D}\text{-a'õ}$	$ey = \textcircled{D}\text{-ba}$	$ey = \textcircled{D}\text{-dao}$	$ey = \textcircled{D}\text{-e-kobe}$
3ª correferencial	$j = \textcircled{D}\text{-a'õ}$	$je = \textcircled{D}\text{-ba}$	$je = \textcircled{D}\text{-dao}$	$je = \textcircled{D}\text{-kobe} (< je = \textcircled{D}\text{-e-kobe})$
relacional de não-contigüidade	$y\text{-a'õ}$	$i\text{-ba}$	$tao (< t\text{-dao})$	$ce\text{-kobe} (< ce\text{-e-kobe})$

Essa tabela mostra a existência de duas classes morfológicas de nomes inalienáveis, classes I e II, que se diferenciam quanto à marcação relacional que tomam: a classe I toma *i-* e seus alomorfes, e a classe II toma *t-* e seus alomorfes (cf. seção 1.2). Também mostra que o relacional de não-contigüidade da classe de alienáveis é *ce-*. Já os marcadores de posse nominal são os mesmos para todas as classes (tabela 1.3):

Tabela 1.3 – Marcadores de posse nominal, de objeto de posposição e de argumento absoluto de verbos transitivos e estativos

1	<i>o</i>	'meu'
12	<i>wuy</i>	'nosso (incl.)'
13	<i>oce</i>	'nosso (excl.)'
2	<i>e</i>	'teu'
23	<i>ey</i>	'de vocês'
3corf	<i>je</i>	'de si mesmo'

² Identificamos apenas duas palavras que se iniciam com vogal e pertencem a esta classe: *uk'a* 'casa' e *op* 'flecha'. Constituem uma subclasse dentro da classe II, tendo em vista que o relacional de contigüidade delas é *d-* e não \textcircled{D} .

Conforme se verá, os marcadores pessoais não são pronomes independentes nem prefixos, mas clíticos. Antes dessa discussão, são apresentados a seguir os marcadores pessoais de posposições e de verbos.

1.1.2. Posposições e marcação pessoal

As posposições, classe descrita na seção 3.2, ocorrem com complemento obrigatório, aqui chamado de objeto, que pode ser representado por um dos marcadores pessoais da tabela 1.3:

Tabela 1.4 – Posposições com marcadores pessoais

Pessoas	Exemplo	significado
1	<i>o= ①-kay</i>	a mim
12	<i>wuy= ①-kay</i>	a nós (inclusivo)
13	<i>oce= ①-kay</i>	a nós (exclusivo)
2	<i>e= ①-kay</i>	a você
23	<i>ey= ①-kay</i>	a vocês
3corf	<i>je= ①-kay</i>	a si mesmo

As posposições *be* 'em' e *aju* 'com' têm os alomorfes *webe* e *weju* quando o seu objeto é pronominal:

Tabela 1.5 – Posposição + *we-*

Pessoas	Exemplo	significado
1	<i>o= ①-webe</i>	a mim
12	<i>wuy= ①-webe</i>	a nós (inclusivo)
13	<i>oce= ①-webe</i>	a nós (exclusivo)
2	<i>e= ①-webe</i>	a você
23	<i>ey= ①-webe</i>	a vocês
3corf	<i>je= ①-webe</i>	a si mesmo

Essa variação na forma da posposição opõe pronomes clíticos a prefixos relacionais, uma vez que a forma da posposição quando flexionada com o relacional de não-contigüidade *ce-* é *cebe* (**cewebe*). A distinção entre formas pronominais de pessoa e prefixos relacionais é feita na seção 1.2.

1.1.3. Verbos e marcação pessoal

Existem pronomes livres (cf. seção 4.1), que funcionam como sujeito e ficam fora do predicado verbal, e marcadores pessoais de sujeito e de objeto, que ocorrem dentro do predicado verbal. Abaixo, segue uma tabela com (i) pronomes livres, (ii) marcadores de sujeito de verbo transitivo e de intransitivo processual e (iii) marcadores de argumento absoluto (sujeito de verbo intransitivo estativo e objeto de verbo transitivo):

Tabela 1.6 – Pronomes pessoais livres e marcadores clíticos de pessoa verbal

Pessoas	(i) Pronomes livres	(iia) Marcadores de sujeito de verbo transitivo e de intransitivo processual	(iib) Marcadores de argumento absolutivo	Significado
1	<i>ōn</i>	<i>o</i>	<i>o</i>	'eu, me'
12	<i>wuyju</i>	<i>a</i>	<i>wuy</i>	'nós, nos (inclusivo)'
13	<i>oceju</i>	<i>oce</i>	<i>oce</i>	'nós, nos (exclusivo)'
2	<i>ε)ν</i>	<i>e</i>	<i>e</i>	'tu, te'
23	<i>eyju</i>	<i>epe</i>	<i>ey</i>	'vocês'
3	--- ³	<i>o'</i>	---	'ele, ela'

A apreciação desses pronomes será feita no capítulo 2, que trata especificamente dos verbos.

A seguir, procuramos mostrar por que os marcadores de pessoa são tratados aqui como clíticos.⁴

³ A 3ª pessoa é expressa por nomes e pronomes não-pessoais.

⁴ A funcionalidade desses marcadores e os seus alinhamentos são tratados na seção 2.1.2.

1.4. Clíticos *versus* afixos

Segundo Zwicky (1977:1), a maior parte das línguas, com exceção do tipo isolante, tem morfemas que apresentam dificuldade de análise porque não são claramente nem palavras independentes nem afixos. A esses morfemas tem-se denominado clíticos: palavras destituídas de acento próprio, que se apóiam fonologicamente em outras palavras.

O mesmo diz Halpern (1998:101-119): enquanto a distinção entre palavras independentes ou sintagmas por um lado e afixos por outro é facilmente verificada, muitas línguas têm vários formativos que são difíceis de classificar como sendo um ou outro. Tais formativos são freqüentemente chamados de clíticos.

Em alguns usos, “clítico” denota qualquer elemento fraco prosodicamente, o qual não é um afixo derivacional ou flexional. Se um clítico não tem acento independente e inerente, ele precisa ser incorporado à estrutura acentual de uma palavra ou sintagma – o hospedeiro do clítico – visto que, para ser pronunciado, precisa ser parte de uma unidade acentual. Essa dependência leva a um diagnóstico comum para distinguir clíticos de palavras independentes: eles não podem constituir um enunciado por si mesmos.

A seguir, argumentamos a favor de um tratamento clítico para os marcadores de pessoa em Mundurukú, que contrasta com um tratamento de afixo.

1.1.5. A natureza clítica dos marcadores pessoais

Apresentaremos os seguintes argumentos sobre os marcadores pessoais em Mundurukú:

- a) marcadores pessoais não são prefixos e sim clíticos, especificamente proclíticos (1.1.5.1.);
- b) marcadores pessoais são clíticos especiais e não clíticos simples (1.1.5.2).

1.1.5.1. Clíticos e não prefixos

O principal argumento para considerar os marcadores pessoais como clíticos e não como prefixos, além do fato de serem desprovidos de acento próprio, é a possibilidade de inserção de um SN entre o marcador de sujeito de verbo transitivo ou intransitivo processual e o núcleo do SV. Mostramos, a seguir, exemplos em que o marcador pessoal dos verbos afasta-se do núcleo do SV devido à incorporação de um nome inalienável (1b e 2).

(1a) **ayacat o'='at**

mulher 3S=cair.PRF

'A mulher caiu.'

(1b) **kajarãw ①-'a o'=y-a-'at**

panela R1-NFC 3S=R2-NFC-cair.PRF

'A panela caiu.'

(2) **ag)okatkat bio ①-e)n o'=su-e)n-'o**

homem anta R1-carne 3S=R2-carne-comer.PRF

'O homem comeu carne de anta.'

No exemplo (1b), o verbo intransitivo processual 'at 'cair' combinou-se com o nome em função classificadora (NFC) -'a 'arredondado', em processo de incorporação. Abrindo o sintagma verbal está o marcador de 3ª pessoa o'. Já o exemplo (2) mostra o verbo transitivo incorporando o núcleo do seu objeto direto⁵. Novamente, no início do sintagma verbal está o marcador clítico de 3ª pessoa o'.

Outro argumento a favor de um tratamento clítico é a ocorrência de prefixo relacional sempre no início do núcleo do sintagma nominal ou verbal. A presença desse prefixo evidencia que o marcador pessoal tem propriedades de palavra (3a-c):

⁵ Sobre os nomes em função classificadora e os processos de incorporação, conferir capítulos 5 e 6, respectivamente.

(3a) **op** 'flecha' (forma básica)

(3b) **Biboy d-op** 'flecha do Biboy'

Biboy R1-flecha

(3c) **o=d-op** 'minha flecha'

1=R1-flecha

A comparação entre os exemplos (3b) e (3c) mostra que ambos trazem o morfema relacional *d-*, que indica estarem contíguos no mesmo sintagma a coisa possuída e o possuidor, seja ele um item lexical pleno (*Biboy*) ou um marcador de pessoa (*o*). Este morfema *o* não é, portanto, um prefixo, pois tem propriedades lexicais: o relacional mapeia o marcador como um elemento separado do nome, identificando entre ele e seu hospedeiro relação de contigüidade, da mesma forma que mapeia essa mesma relação entre itens lexicais plenos, como *Biboy* em (3b).

Os marcadores pessoais encabeçam o sintagma e são, por isso, proclíticos. Para demonstrar que o sintagma verbal é aquele iniciado pelo marcador pessoal, vejamos os seguintes exemplos:

(4a) **o=nomuwã du e)n**

1O=R1.chamar.PRF INT você

'Você me chamou?'

(4b) **kapusu ma ãn e=nomuwã**

ontem mesmo eu 2O=R1.chamar.PRF

'Ontem mesmo eu chamei você.'

Nesses dois exemplos, percebemos que o sintagma verbal, constituído pelo marcador pessoal e pelo verbo, desloca-se por inteiro, podendo iniciar a oração (4a) ou finalizá-la (4b). Analisando novamente os exemplos (1b) e (2), verificamos que o classificador pode ser introduzido no SV, entre o seu núcleo e o marcador de pessoa.

Além dos argumentos citados acima, são percebidas as seguintes características sobre os marcadores pessoais do Mundurukú:

- a) ligam-se a nomes e verbos assim como, por exemplo, os prefixos relacionais, mas com uma diferença importante: marcadores pessoais de sujeito de verbos transitivos e intransitivos processuais são restritos ao aspecto perfectivo, enquanto prefixos relacionais não conhecem tal restrição (cf. seção 2.1.1);
- b) o conjunto clítico + hospedeiro é um sintagma. Primeiramente, porque pode ser mudado de lugar em relação aos demais constituintes da oração, conforme se verificou nos exemplos (4a) e (4b). Em segundo lugar, entre clítico e hospedeiro pode ser inserido um SN (preferencialmente, um nome possuível). Ao contrário, se um verbo causativizado por prefixação⁶ tiver um nome possuível (em função classificadora ou não) com objeto, esse nome tem de ser anteposto ao conjunto prefixo causativo + verbo:

(5a) **kajarãw** ①-'a o'=y-a-'at

panela R1-NFC 3S=R2-NFC-cair.PRF

'A panela caiu.'

(5b) **õn kajarãw** ①-'a o=y-a-muy-'at

eu panela R1-NFC 1S=R2-NFC-CAUS1-cair.PRF

'Eu derrubei a panela.'

Em (5b), o nome em função classificadora (NFC) 'a incorpora-se no predicado verbal, mas antes do prefixo causativo, parte integrante da base verbal. Assim, se por um lado, clítico + hospedeiro são uma unidade por se deslocarem juntos na oração, por outro percebemos que são um sintagma e não uma palavra por permitirem a inserção de um SN entre eles (o nome incorporado). Esse comportamento corrobora a tendência de clíticos

⁶ Conferir, na seção 2.2.2.2.2, a morfologia dos causativos.

estarem formando uma unidade sintagmática com seus hospedeiros e não uma unidade lexical.

- c) Morfemas flexionais não são prefixados a formas contendo clíticos, e clíticos não co-ocorrem com outros clíticos. Em (4a) e (4b), só ocorrem os clíticos de objeto *o* e *e*, pois, nos verbos transitivos, não co-ocorrem clíticos de sujeito e clíticos de objeto, já que o núcleo do predicado só tem uma posição para expressão de argumento.

A necessidade de alocar o marcador pessoal em Mundurukú no início de toda palavra que precede o núcleo do SV ou diretamente antes do núcleo do SV ou do SN mostra que ele é um proclítico e não um prefixo flexional. Um morfema flexional (por exemplo, o prefixo relacional) torna-se, fonológica, sintática e semanticamente, uma parte integrante da base a que se afixa (cf. seção 1.2). Por contraste, um clítico é um elemento semi-separado da palavra.⁷

1.1.5.2. Clíticos especiais e não clíticos simples

Na literatura sobre o assunto, os clíticos têm sido divididos em dois grandes grupos: clíticos simples e clíticos especiais. Katamba (1993:245, citando Zwicky 1977 e Pullum & Zwicky 1988) afirma que, diferentemente dos clíticos simples, os clíticos especiais não são formas contraídas de palavras plenas. Ao contrário, eles são formas que só podem ocorrer como morfemas fronteiros anexados aos hospedeiros em certos contextos sintáticos. O genitivo *'s* do inglês é um bom exemplo de um clítico especial, o qual nunca ocorre sem estar anexado ao seu hospedeiro. De acordo com Halpern (1998:101-119), um clítico especial típico está em distribuição complementar com um argumento não-clítico aberto ou pode co-ocorrer com ele sob circunstâncias restritas. Os clíticos simples do inglês *'ve*, *'s* e *'s* ocupam a mesma posição sintática e têm o mesmo papel que as palavras plenas correspondentes *have*, *has* e *is*. Clíticos simples somente diferem das palavras plenas correspondentes por precisarem ser anexados fonologicamente

⁷ Para Klavans (1985), citado por Katamba (1993:249), enquanto afixos exemplificam *flexão lexical*, por tornarem-se plenamente integrados à palavra, clíticos envolvem o que poderia, por analogia, ser chamado *flexão sintagmática*, pelo fato de integrarem-se ao nível sintagmático e não ao nível da palavra.

ao seu hospedeiro porque são prosodicamente débeis (Katamba 1993:245, citando Zwicky 1977 e Pullum & Zwicky 1988). A seguir, serão apresentados argumentos que identificam o tipo que ocorre em Mundurukú.

Em (7), percebemos que, na mesma posição em que ocorre um pronome pessoal clítico (*o*), pode ocorrer um possuidor não-clítico (*Biboy*).

- (6) **o=** **⊙-ba** 'meu braço'
 (7) **Biboy** **⊙-ba** 'braço de Biboy'

Em (8a) e (8c) abaixo não ocorre marcador pessoal clítico, estando presentes obrigatoriamente o pronome-sujeito em (8a) (*e**n*) e o argumento nominal em (8c) (*Biboy*). Já em (8b), cujo aspecto é perfectivo, é obrigatória a presença do clítico de sujeito e opcional a do pronome livre.

- (8a) **e)n** **'at'an** 'Você está caindo.'
 (8b) **(e)n** **e='at** '(Você) caiu.'
 (8c) **Biboy** **'an** 'Biboy vai cair.'

Diante disso, podemos dizer que os marcadores pessoais clíticos do Mundurukú formam um grupo de clíticos especiais, primeiro por não apresentarem contração (como os clíticos simples) e, segundo e mais importante, por estarem em certa distribuição complementar com um argumento não-clítico aberto, podendo co-ocorrer com ele apenas em certas circunstâncias.⁸

Uma importante característica dos clíticos especiais, a qual reforça a sua distinção com relação aos afixos, também está presente em Mundurukú: a sua dupla cidadania.⁹ Os marcadores de sujeito de verbo transitivo e intransitivo processual são estruturalmente ligados ao núcleo do SV, mas podem se apoiar, fonologicamente, em elementos presentes entre eles e o núcleo do SV (cf. exemplos em que há incorporação

⁸ Vide a seção 2.1.1 sobre a relação entre aspecto, marcadores de pessoa e pronomes livres.

⁹ Klavans (1985:104) assim a define: “dual citizenship (...) clitic is structurally a member of one constituent but phonologically a member of another”.

nominal: 1b, 2, 5a-b). Já os marcadores de nomes (cf. exemplos 3c e 6) e os marcadores de argumento absolutivo (cf. exemplos 4a-b) só podem estar estrutural e fonologicamente ligados ao seu respectivo núcleo. Caso não haja incorporação, os marcadores pessoais também estarão estrutural e fonologicamente ligados ao seu núcleo (cf. 1a e 8b).

Resumimos abaixo as regras de cliticização¹⁰ presentes no Mundurukú:

- (i) a classe do sintagma ao qual o clítico é anexado pode ser nominal, posposicional ou verbal;
- (ii) o clítico é anexado ao núcleo do SN, ao núcleo do SP, ao núcleo do SV, ou ao primeiro elemento dentro do SV, quando há incorporação;
- (iii) o clítico sempre precede o seu hospedeiro (proclítico);
- (iv) o hospedeiro sintático e o hospedeiro fonológico do clítico são iguais com nomes, posposições, verbos transitivos (quando o objeto não é classificado) e verbos intransitivos (quando o sujeito não é classificado), ou diferentes com verbos transitivos (quando o objeto é classificado) e com verbos intransitivos (quando o sujeito é classificado).

1.2. Flexão relacional

Na literatura sobre línguas indígenas brasileiras, tem-se chamado de *prefixos relacionais* morfemas que, na descrição de Rodrigues (1990b), “marcariam a contigüidade ou a não-contigüidade de um genitivo antes de um nome, um sujeito antes de um verbo descritivo, um objeto direto antes de um verbo transitivo e de um nome antes de uma posposição, ou seja, um dependente antes de um núcleo”. De um modo geral, nomes, verbos e posposições compartilham essa propriedade flexional. Tal processo morfossintático, com alta frequência de ocorrência, consiste na marcação da dependência de um determinante (um nome dependente) em relação ao núcleo de uma construção sintática, por meio de prefixos flexionais acrescentados ao núcleo.

¹⁰ Klavans (1985) foi quem propôs, para explicar a realização de clíticos especiais, as regras de cliticização tomadas aqui como ponto de apoio para a análise do Mundurukú.

Em outras palavras, Cabral (2001:240) atribui as seguintes funções para a flexão relacional em Tupí-Guaraní: “1. marcar contigüidade sintática de um determinante com respeito ao elemento por ele determinado; 2. marcar as relações de dependência que unem sujeito↔verbo intransitivo, objeto↔verbo transitivo, objeto↔posposição e genitivo↔nome”.

Os prefixos relacionais estão presentes em línguas amazônicas do tronco Tupí, da família Karíb e do tronco Macro-Jê, sendo um dos indicadores de provável parentesco genético entre essas línguas (Rodrigues 1990b, 1999). São, portanto, um fenômeno comum a línguas de diversas famílias e relevante para a comparação lingüística. Ao lado das famílias Tupí-Guaraní, Mawé e Tuparí no tronco Tupí, está a família Mundurukú, que tem prefixos relacionais nos nomes, nos verbos e nas posposições.

1.2.1. Flexão relacional em nomes

Nomes possuíveis em Mundurukú apresentam flexão relacional para indicar a relação de dependência e de contigüidade/não-contigüidade entre possuidor e possuído:

(9a) **uk 'a** 'casa' (forma básica)¹¹

(9b) **o= d-uk 'a** 'minha casa'

(9c) **Biboy d-uk 'a** 'casa do Biboy'

(9d) **t-uk 'a** 'casa (dele)'

Nos exemplos (9b), (9c) e (9d), atribuiu-se um possuidor à palavra *uk 'a*; por estar este possuidor contíguo em (9b) e (9c), é usado o prefixo relacional *d-* (R1). No exemplo (9d), por contraste, ocorre o prefixo relacional de não-contigüidade *t-* (R2), que

¹¹ Abaixo, um exemplo do uso absoluto de *uk 'a*:

g)ebuje o'=je-u uk ①-'a ①-kay
então 3S=MED-no.alto casa R1-NFC R1-para
Daí ele subiu para casa.

indica a existência de um determinante, que, porém, não está contíguo. As palavras que tomam o relacional de não-contigüidade *t-* são agrupadas aqui na chamada classe II¹², classificação com motivação apenas morfológica. Essa classe comporta duas subclasses, uma composta das palavras *uk* 'a 'casa' e *op* 'flecha', começadas por vogal, e que têm *d-* como relacional de contigüidade (classe IIb); e outra composta por palavras que começam por /*d*/ ou /*n*/ (diante de vogal nasal) (classe IIa). Nestas últimas, a função relacional mantém-se, mas com uma diferença importante: o relacional de contigüidade é \textcircled{d} -, dado que o *d-*, sincronicamente, faz parte da raiz. Nesse caso, o relacional de não-contigüidade *t-* funde-se com o /*d*/ da raiz, ensurdecendo-o:

(10a) **dao** 'perna' (***ao**: forma inexistente)

(10b) **o=** \textcircled{d} -**dao** 'minha perna'

(10c) **Biboy** \textcircled{d} -**dao** 'perna do Biboy'

(10d) **t-dao** → **tao** 'perna dele'

Já as palavras da classe I flexionam-se com outros alomorfes dos relacionais. Os temas da classe I começam por vogal ou por consoante diferente de /*d*/ ou /*n*/. Os exemplos a seguir mostram que o prefixo relacional de não-contigüidade (R2) é *i-*, e o prefixo relacional de contigüidade (R1) é \textcircled{d} -.

(11a) **ba** 'braço' (forma básica)

(11b) **o=** \textcircled{d} -**ba** 'meu braço'

(11c) **Biboy** \textcircled{d} -**ba** 'braço do Biboy'

(11d) **i-ba** 'braço dele'

Resta-nos falar ainda dos relacionais no tocante à classe de nomes alienáveis.

¹² Chamar o conjunto que toma {*d-* e *t-*} de classe II e não de classe I, a qual será abordada logo a seguir, é uma maneira de manter a correspondência com as análises já desenvolvidas sobre esse assunto em outras línguas.

Em estado possuídos,¹³ os alienáveis têm relacional \textcircled{D} - de contigüidade e *ce*- de não-contigüidade:

(12a) **kobe** 'canoa' (forma básica)

(12b) **w=** \textcircled{D} -**e-kobe** 'minha canoa'

(12c) **Biboy** \textcircled{D} -**e-kobe** 'canoa do Biboy'

(12d) **c(e)-e-kobe** 'canoa dele'

Na seção 1.2.4, apresentaremos outros alomorfes dos relacionais. Abaixo, uma tabela que resume o fenômeno:

Tabela 1.7 – Prefixos relacionais do Mundurukú

	R1	R2
Classe I	\textcircled{D} -	<i>i</i> -
Classe IIa	\textcircled{D} -	<i>t</i> -
Classe IIb	<i>d</i> -	<i>t</i> -
Classe de alienáveis	\textcircled{D} -	<i>ce</i> -

1.2.2. Flexão relacional em posposições

¹³ O morfema *e*- é o responsável por atribuir a um nome alienável um possuidor: *kobe* 'canoa' \Rightarrow *w=e-kobe* 'minha canoa' (cf. seção 3.1.2).

A relação sintática entre as posposições e os seus objetos é também marcada por prefixos relacionais. Como nos nomes alienáveis, são os relacionais D - e *ce*- as formas de indicar se um nome está ou não-contíguo a uma posposição:

(13a) **kay** 'para' (forma básica)

(13b) **o=** D -**kay** 'para mim'

(13c) **Biboy** D -**kay** 'para Biboy'

(13d) **ce-kay** 'para ele'

1.2.3. Flexão relacional em verbos

Ocorrem prefixos relacionais tanto com verbos transitivos quanto com verbos intransitivos. Com os primeiros, identificam a relação entre objeto e verbo:

(14a) **daje** D -**dakat.kan** **õn** **kise-m**
 porco R1-cortar.DUR.IPRF eu faca-INSTR
 'Estou cortando o porco do mato com a faca.'

(14b) **o=takat** **kise-m**
 1S=R2.cortar faca-INSTR
 'Cortei-o (o porco) com a faca.'

Não existe a forma *akat*. Para explicar o contraste entre *dakat* (14a) e *takat* (14b), aplicamos o mesmo tratamento dado aos nomes: o morfema relacional de contigüidade (R1) é D -, e o morfema de não-contigüidade (R2) é *t*-, que se funde com o /d/ da raiz para indicar que o determinante – no caso o objeto – não está, em (14b), constituindo sintagma com o SV, contrariamente ao que acontece em (14a).

O exemplo (15), a seguir, permite identificar o contraste entre

o determinante de 3ª pessoa (um item lexical pleno), está fora do sintagma verbal: [Biboy] [*i-parara*] 'Biboy tem medo'; [Biboy] [*tirem*] 'Biboy está molhado'. Já o relacional de contigüidade ($\textcircled{-}$) indica que o determinante (um marcador clítico de pessoa, que é sempre obrigatório) está dentro do mesmo sintagma que o verbo: [o= $\textcircled{-}$ -parara] 'eu tenho medo'.

Por sua vez, os verbos intransitivos processuais (cf. seção 2.2.2.1) só apresentam prefixos relacionais se o sujeito for um nome possuível (um nome em função classificadora – NFC, por exemplo). São reapresentados abaixo exemplos já citados anteriormente: (16a) traz o verbo processual '*at* 'cair', que não tem flexão relacional; já, em (16b), dado que o sujeito é classificado, ocorre a flexão relacional devido à incorporação do NFC no SV:

(16a) **ayacat o'='at**

mulher 3S=cair.PRF

'A mulher caiu.'

(16b) **kajarãw $\textcircled{-}$ 'a o'=y-a-'at**

panela R1-NFC 3S=R2-NFC-cair.PRF

'As panelas caíram.'

Para casos como esse especificamente, se adotássemos a interpretação de marcador de pessoa para os prefixos identificados como relacionais, como fazem Crofts (1973, 1985) e Picanço (2003, 2005), estaríamos diante de dupla marcação de pessoa com intransitivos processuais, o que não é o caso.

1.2.4. Alomorfes do prefixo relacional

O morfema relacional de não-contigüidade (R2) apresenta extensa alomorfia:

/i-/ ~ /y-/ ~ /jo-/ ~ /ju-/ ~ /su-/ ~ /g)-/ ~ /ce-/.

O alomorfe *y-* tem realização obrigatória diante de vogal não-anterior. Este

alomorfe só ocorre quando o tema verbal é polissilábico (17a-c):

(17a) **bio o=y-aoka**

anta 1S=R2-matar.PRF

'Matei a anta.'

(17b) **uk ʔ-'a y-a-dip**¹⁶

casa R1-NFC R2-NFC-ser.bonito

'A casa é bonita.'

(17c) **bekicat o'=y-uk-mu-tok**¹⁷ **ip**

criancá 3S=R2-barriga-CAUS1-estar.furado eles

'Furaram a barriga da criança.'

(Lit. 'Furaram na barriga a criança.')

Outros alomorfes de *i-* são *jo-* ~ *ju-*, que ocorrem com temas verbais transitivos monossilábicos no aspecto perfectivo (exceto com o verbo '*u)m* 'dar', explicado a seguir). *ju-* é variante de *jo-*, provocada pela presença da vogal /↔/ no tema verbal (18a-b). Quando o aspecto é imperfectivo, ocorre o alomorfe *i-* (18c).

(18a) **xik bekicat o'=ju-a**

carapanã criança 3S=R2-morder.PRF

'O carapanã mordeu a criança'

(18b) **ag)okatkat o'=ju-'uk**

homem 3S=R2-tirar

'O homem o tirou.'

(18c) **kuyaje waram i-'ug)**

amanhã outra.vez R2-tirar.IPRF

¹⁶ Nomes possuíveis são incorporáveis em Mundurukú (cf. capítulo 6), sendo que a oclusiva glotal cai nesse caso.

¹⁷ Na ortografia do Mundurukú aqui utilizada, a letra "u" representa a vogal central /↔/; logo, '*uk* 'barriga' é fonologicamente //↔k/.

'Amanhã, tiraremos novamente.'

Entre um marcador pessoal e um morfema iniciado por vogal nasal ou /m/, ocorre o alomorfe γ - [★]. Esse é o caso de (19a) e (19b), respectivamente; o primeiro com o verbo *u)m* 'dar' e o segundo com um verbo causativizado por *muy-*. Se não houver marcador pessoal, ocorre *i-* (19c):

(19a) e= $\textcircled{\text{m}}$ -xi $\textcircled{\text{m}}$ -be e= $\textcircled{\text{g}}$ -u)m

2=R1-mãe R1-para 2S=R2-dar.PRF

'Dê (isso) à sua mãe.'

(19b) bekicat je= $\textcircled{\text{m}}$ -bure o'= $\textcircled{\text{g}}$ uy-'at

criança 3CORF-R1-amigo 3S=R2.CAUS1-cair.PRF

'A criança derrubou o próprio amigo.'

(19c) bekicat i-muy-'an

criança R2-CAUS1-cair.IPRF

'A criança vai derrubá-lo.'

No aspecto perfectivo, ocorre o alomorfe *su-* com temas verbais de mais de uma sílaba começados por vogal não-central:

(20a) wuy ma oce=su-iwat

longe mesmo 13S=R2-deixar.PRF

'Foi longe que nós o deixamos.'

(20b) wida $\textcircled{\text{m}}$ -xee o=su-xee-'uk

onça R1-couro 1S=R2-couro-tirar.PRF

'Eu tirei o couro da onça.'

(20c) bio-pak $\textcircled{\text{m}}$ -e)n o'=su-e)n-'o g)asu)

anta-vermelha R1-carne 3S=R2-carne-comer.PRF hoje

'Eu comi carne de vaca hoje.'

Se o aspecto for imperfeito, contexto em que não se realizam os marcadores clíticos de pessoa, o alomorfe nesses casos é *i-*, exceto se a palavra começar por /i/ também; aí então continua sendo *su-*: *i-e)n'o'om* 'comendo carne' e *su-iwatwan* 'abandonando-o'.

Finalmente, ocorre o alomorfe *ce-* com nomes alienáveis e posições:

(21a) **c(e)-e-kobe**

R2-ALIEN-canoa

'Canoa dele.'

(21b) **ce-kay**

R2-para

'Para ele.'

A seguinte tabela reúne os alomorfes dos morfemas relacionais das classes I e

II:

Tabela 1.9 – Morfemas relacionais das classes I e II

Classe I		Classe IIa		Classe IIb	
R1	R2	R1	R2	R1	R2
/ɔ̃-/	/i-/	/ɔ̃-/	/t-/	/d-/	/t-/ ¹⁸
	/y-/				
	/jo-/				
	/ju-/				
	/su-/				
	/ɣ-/				
	/ce-/				

1.2.5. Relacionais vs. marcadores de pessoa: algumas conclusões

Os relacionais não podem ser tomados como marcadores de pessoa, pois são diferentes destes em vários aspectos, a saber:

- A. Relacionais são prefixos e não clíticos, pois estão claramente fundidos ao tema, chegando, inclusive, a interagir morfofonologicamente com ele (cf. exemplos 19a-b acima);
- B. Outra peculiaridade dos prefixos relacionais é a sua complexa alomorfia, apresentada na seção anterior, fato que os diferencia mais uma vez dos marcadores de pessoa;
- C. Relacionais não são restritos ao aspecto perfectivo como o são os marcadores de pessoa (cf. seção 2.1.1);

¹⁸ O relacional /d-/ assumirá a forma /t-/ após consoantes:

wae)n t-uk **ɔ̃-'a**
forno R1-casa R1-NFC
'a casa do forno.'

D. Quando ocorre incorporação do núcleo do SN sujeito de verbos intransitivos processuais, é obrigatório o prefixo relacional além do marcador de pessoa. Abaixo, são reproduzidos dois exemplos desse fato: (22a) mostra o verbo 'at cair' acompanhado do marcador de pessoa *o'* '3S'. E (22b) mostra que, com a incorporação do nome em função classificadora (NFC) '*a* arredondado', o relacional *y-* ocorre também. Tratar o prefixo relacional como marcador de pessoa implicaria assumir que existiriam duas marcas de pessoa para o mesmo fim, o que, como já foi dito, não parece ser o caso;

(22a) **ayacat o'='at**

mulher 3S=cair.PRF

'A mulher caiu.'

(22b) **kajarãw ①-'a o'=y-a-'at**

panela R1-NFC 3S=R2-NFC-cair.PRF

'A panela caiu.'

E. Os relacionais são responsáveis pela identificação de duas classes morfológicas (I e II) de nomes inalienáveis, verbos transitivos e verbos intransitivos estativos. Posposições e nomes alienáveis pertencem a apenas uma classe morfológica (I);

F. Enfim, a análise de relacionais como marcadores de 3ª pessoa, sugerida por alguns autores (Crofts 1973, 1985; Picanço 2003, 2005), faz perder de vista uma explicação plausível para o fato de uma língua indicar, por meio da morfologia, o deslocamento ou apagamento de determinantes em um sintagma e deixa de pôr em evidência a função de explicitar relações sintáticas que os relacionais acumulam.¹⁹

1.2.6. Perspectiva histórico-comparativa

¹⁹ Para Cabral (2001:243), “a análise do relacional 2 como uma marca pessoal integrando um paradigma de pronomes independentes é problemática, pois viola princípios de análise linguística e nega o comportamento de mútua exclusividade dos prefixos”.

Um outro argumento que contribui para sustentar a interpretação dos prefixos aqui referidos como relacionais é a proximidade que o Mundurukú tem com as demais línguas do tronco Tupí, em particular com as línguas da família Tupí-Guaraní, no tocante a esse fenômeno.²⁰

Segundo Rodrigues (1996), todos os nomes, verbos e posições da língua Tupinambá (língua Tupí-Guaraní não mais falada) operam com flexão relacional, estando divididos em duas classes morfológicas de acordo com a distribuição dos alomorfes de cada marcador. A classe I apresenta { \mathcal{O} -} para contíguo e {*i*-} para não-contíguo, e a classe II tem {*r*-} para contíguo e {*s*- ∞ *t*-} para não-contíguo. Os exemplos deste fenômeno em Tupinambá são dados em uma nota no fim deste capítulo.ⁱ

Em Mundurukú, como se mostrou até aqui, também há duas classes morfológicas de palavras, que se distinguem pelos alomorfes de prefixos relacionais que têm função idêntica à dos relacionais do Tupinambá, uma em que a contigüidade do determinante é marcada por { \mathcal{O} -} e a não-contigüidade por {*i*-} (classe I); e a outra com { \mathcal{O} -} para a contigüidade e {*t*-} para a não-contigüidade (classe IIa); há ainda a subclasse IIb, em que a correspondência com o Tupinambá é quase total: {*d*-} para contigüidade e {*t*-} para não contigüidade:

Tabela 1.10 – Prefixos relacionais do Tupinambá

	R1	R2
--	----	----

²⁰ Evidências lexicais e fonológicas de parentesco genético entre Tupí-Guaraní e Mundurukú encontram-se em Rodrigues (1980).

Classe I	\textcircled{D} -	<i>i</i> -
Classe II	<i>r</i> -	<i>s-/t</i> -

Tabela 1.11 – Prefixos relacionais do Mundurukú

	R1	R2
Classe I	\textcircled{D} -	<i>i</i> -
Classe IIa	\textcircled{D} -	<i>t</i> -
Classe IIb	<i>d</i> -	<i>t</i> -

ⁱ São apresentados abaixo exemplos do Tupinambá em que o marcador de contigüidade (R1) e o marcador de não-contigüidade (R2) ocorrem com verbos intransitivos (1, 2, 3) e com verbos transitivos (4, 5, 6, 7) (de Rodrigues 1996:58-59):

1. *né r-úr-eme a-Ⓢ-júká umwán*
 você R1-vir-SUBJ 1SUJ-3OBJ-matar já.passado
 'quando você veio, eu já o tinha matado' (Anchieta 1595:21v)
2. *opukúβo táβ-a r-én-i*
 de.comprido aldeia-ARG R1-estar.sentado-CIRC
 'a aldeia está assentada ao comprido' (Anchieta 1595:43)
3. *t-úβ-a (...) Ⓢ-/ekatwáβ-a Ⓢ-kot) s-én-i*
 HUM-pai-ARG R1-mão.direita-ARG R1-para.o.lado.de R2-estar.sentado-CIRC
 'ele está sentado à mão direita do pai' (Araújo 1618:15)
4. *koromō sjé r-epják-i*
 logo eu R1-ver-CIRC
 'logo me vêem' (Anchieta 1539:39v)
5. *koromō s-epják-i*
 logo R2-ver-CIRC
 'logo o vêem' (Anchieta 1539:39v)
6. *koromō sjé né Ⓢ-júká-w*
 logo eu você R1-matar-CIRC
 'logo eu te mato' (Anchieta 1595:39v)
7. *korí i-júká-w*
 hoje.futuro R2-matar-CIRC
 'hoje o matam' (Anchieta 1595:39v)

Existem ainda outros dois prefixos relacionais mencionados em Rodrigues (1996:59-60): “Um deles tem os alomorfes *m-* ~ Ⓢ- para a classe I e *t-* ∞ Ⓢ- ∞ [perda da vogal inicial] para a classe II e assinala que não há determinante expresso sintaticamente, mas há uma relação de dependência com seres humanos em geral (*mo*/→□*r* < *m-po*/→□*r* 'colar usado pelas pessoas', *moraséj* < *m-poraséj* 'dançar de gente', *t-eté* 'corpo humano', *t-eiké-áβ* 'entrada de gente', *t-oβaké* 'diante de gente'); o outro tem a mesma forma nas duas classes, *o-*, e indica que o determinante é idêntico ao sujeito da oração principal (*o-po*/→□*r* 'seu próprio colar', *o-eté* 'seu próprio corpo').”

CAPÍTULO 2 – Verbos

Neste capítulo, será feita uma apresentação dos verbos a partir do estudo da sua morfossintaxe. Serão apresentados os seus afixos e clíticos para explicitar a maneira como a língua codifica, no verbo ou no sintagma verbal, as noções de aspecto, intensificação, pessoa, voz, entre outras. Serão mostrados três grupos verbais, distintos por sua combinação com marcas pessoais, afixos de operação sobre a valência, número de argumentos nucleares e propriedades semânticas. Não há marca específica que indique que um verbo é transitivo ou intransitivo, e diferentes derivações e combinações de derivações permitem passar de uma classe a outra, revelando, então, a transitividade e o papel semântico dos participantes.

Como outras línguas amazônicas, o Mundurukú tem ordem de palavras relativamente flexível, a qual tem reduzida função gramatical. Em geral, os argumentos nucleares não são expressos nominalmente. É uma língua do tipo *head-marking*, sendo marcado o predicado e não os argumentos. Dessa forma, a morfologia verbal reúne elementos fundamentais, podendo o predicado constituir, na maioria dos casos, um enunciado por si só.

A abordagem funcionalista adotada aqui considera a língua como um meio de comunicação. Logo, a morfologia é considerada a partir da sua relação com a semântica e com a pragmática.

Este capítulo está assim dividido: na primeira parte, apresentamos o sufixo de imperfectividade e os paradigmas pessoais de cada conjunto de verbos (suas restrições, hierarquias e alinhamentos). Na segunda, apresentamos a morfologia derivacional: a reduplicação e os tipos verbais transitivos e intransitivos, tanto os primitivos quanto os derivados, suas subclasses e estruturas básicas. Por último, mostramos alguns outros sufixos verbais identificados.

2.1. Sufixo de imperfectividade e paradigmas pessoais

2.1.1. Sufixo de imperfectividade

Nas formas verbais, o aspecto **imperfectivo** é expresso pelo sufixo $\{-m\}$ e seus alomorfes. O **perfectivo** caracteriza-se, principalmente, pela ausência desse sufixo e pela presença obrigatória de marcadores proclíticos de sujeito, que não ocorrem no aspecto imperfectivo.

São exemplos de perfectivo (1a) e (1b). Neles ocorrem obrigatoriamente os marcadores de sujeito *epe* '23' e *o* '3'.

(1a) ***epe=ye-orok kapusu***

23S=MED-caçar.PRF ontem

'Vocês caçaram ontem.'

(1b) ***bekicat wida o'=jo-jo***

criança onça 3S=R2-ver.PRF

'A criança viu a onça.'

Já os exemplos (2a-b) abaixo mostram que **não** ocorre marcador clítico de sujeito se o aspecto for **imperfectivo**. Com ou sem reduplicação¹ da forma verbal, o que caracteriza a imperfectividade é a presença do morfema $\{-m\}$:

(2a) ***eyju je-orog***

vocês MED-caçar.IPRF

'Vocês vão caçar.'

(2b) ***bekicat wida Ⓣ-jo.jo-m***

criança onça R1-ver.DUR-IPRF

'A criança está vendo a onça.'

¹ A reduplicação ocorre com verbos, nomes e posposições. Na seção 2.2.1, serão apresentadas suas formas e funções com verbos.

O aspecto imperfectivo, traduzido em português pelo presente contínuo (2b) ou pelo futuro (2a), informa sobre o processo interno do evento, especificamente sobre a sua não-finalização, a sua não-conclusão, tenha ele começado ou não.

O morfema {-m} funde-se com as consoante finais /k/, /t/ e /p/, resultando em [gN], [dn], [bm], representadas na escrita por "g", "n" e "m", respectivamente.

Os exemplos abaixo mostram a realização do morfema de imperfectividade com verbo estativo. O exemplo (3a) traz o morfema {-m} (o verbo está reduplicado para indicar progressividade, vide a próxima seção), e no exemplo (3b), além da ausência do morfema {-m}, há o uso do advérbio *kuy* 'já', que contribui para a noção de perfectividade:

(3a) **kape** ①-di **ti-daxip.xim**

café R1-água R2.água-ser.quente.DUR.IPRF

'O café está esquentando.'

(3b) **kape** ①-di **kuy ti-daxip**

café R1-água já R2.água-ser.quente.PRF

'O café já está quente.'

2.1.2. Paradigmas pessoais

Serão apresentadas aqui os marcadores pessoais de verbos transitivos (sujeito e objeto) e intransitivos (sujeito de processual e sujeito de estativo). Tais marcadores são (pro)clíticos, conforme se mostrou no Capítulo 1, e fazem parte do sintagma verbal.

2.1.2.1. Verbos transitivos

Os verbos transitivos apresentam dois argumentos nominais nucleares e, no predicado que encabeçam, há uma posição sintática obrigatória de objeto direto imediatamente antes do tema, a qual é marcada morfologicamente por prefixos relacionais (cf. seção 1.2). Esse traço morfológico os diferencia dos verbos intransitivos processuais.

Em (4) e (5), os prefixos relacionais \textcircled{t} - e t - marcam, respectivamente, a contigüidade e a não-contigüidade do objeto direto em relação ao verbo e, mais do que isso, indicam a existência de um determinante (o objeto), que se relaciona sintaticamente com um determinado (o verbo).

(4a) **ag)okatkat bio \textcircled{t} -dakan**

homem anta R1-cortar.IPRF

'O homem vai cortar a anta.'

(4b) **ag)okatkat bio \textcircled{t} -dakat.kan**

homem anta R1-cortar.DUR.IPRF

'O homem está cortando a anta.'

(5) **kuy o'=takat bio**

já 3S=R2.cortar.PRF anta

'Já cortou a anta.'

Já em (6), há um verbo intransitivo processual, o qual não marca morfologicamente a relação com o seu sujeito por meio de prefixo relacional,² mas por prefixo pessoal.

(6) **kuy o=ajok wu)y \textcircled{t} -be**

já 1S=banhar-se.PRF porto R1-em

'Já tomei banho no porto.'

Convém aqui explicitar os marcadores clíticos de sujeito e de objeto dos verbos transitivos, os quais serão confrontados com os marcadores clíticos de sujeito dos verbos intransitivos processuais e estativos, ambos apresentados na próxima seção.

Os marcadores clíticos de *sujeito* são restritos ao aspecto perfectivo, como nos exemplos (5) e (6) acima. Já os marcadores de *objeto* ocorrem tanto com o aspecto perfectivo (exemplos (7a-b)) quanto com o imperfectivo (exemplos (7c-d)):

² A menos que o sujeito seja possuível (quando é classificado, por exemplo) (cf. seção 1.2.3).

(7a) **o=**⊖-aoka du e)n

1O=R1-bater.PRF INT você

'Você me bateu?'

(7b) **õn e=**⊖-nomuwã

eu 2O=R1-chamar.PRF

'Eu chamei você.'

(7c) **g)asu) õn e=**⊖-nomuwã.wã-m

agora eu 2O=R1-chamar.DUR-IPRF

'Agora, eu estou chamando você.'

(7d) **wida ma oc(e)=**⊖-aoka.ka-m

onça mesmo 13O=R1-matar.DUR-IPRF

'É uma onça mesmo que está nos matando.'

Dos dois argumentos exigidos por um verbo transitivo, apenas **um** é marcado no verbo: (i) o paciente, quando é de 1^a ou de 2^a pessoa (cf. (7a-c)); (ii) o agente, quando não estão envolvidas nem a 1^a nem a 2^a pessoa (exemplo (5)); e (iii) a 1^a ou a 2^a pessoa quando opostas à 3^a pessoa (7d). Assim, nos exemplos (8a) e (8b) respectivamente, 1^a e 2^a pessoa **objeto** são marcadas no verbo e não a 3^a:

(8a) **wamõat o=**⊖-nomuwã

pajé 1O=R1-chamar.PRF

'O pajé me chamou.'

(8b) **wamõat e=**⊖-nomuwã

pajé 2O=R1-chamar.PRF

'O pajé te chamou.'

A seguir, (9a) e (10a) exemplificam o fato de ser marcada apenas a 1^a ou a 2^a pessoa no verbo e não a 3^a, desta vez codificando o **sujeito**. Já os exemplos (9b) e (10b) mostram que não existe marcação clítica de pessoa sujeito no verbo se o aspecto for imperfectivo:

(9a) **(bio) o=y-aoka**

(anta) 1S=R2-matar.PRF

'Eu a matei (a anta).'

(9b) **õn bio ɔ-aoka-m / õn y-aoka-m (bio)**

eu anta R1-matar-IPRF

eu R2-matar-IPRF (anta)

'Eu vou matar a anta.'

'Eu vou matá-la (a anta).'

(10a) **(bio) e=y-aoka**

(anta) 2S=R2-matar.PRF

'Você a matou (a anta).'

(10b) **ɛ)n bio ɔ-aoka.ka-m / ɛ)n y-aoka.ka-m**

você anta R1-matar.DUR-IPRF

você R2-matar.DUR-IPRF

'Você está matando a anta.'

'Você a está matando (a anta).'

É possível identificar tanto a pessoa quanto o papel semântico dos dois participantes de uma construção transitiva, ainda que só um seja marcado no verbo, fato comum e característica típica das demais línguas do tronco Tupí (Cabral & Rodrigues 2001, Cabral 2003).

A tabela (2.1) a seguir reúne os marcadores clíticos pessoais de sujeito e de objeto dos verbos transitivos:

Tabela 2.1 – Marcadores de pessoa *sujeito* e *objeto* de transitivos

	Sujeito		Objeto	
	1	<i>o</i>	'eu'	<i>o</i>
12	<i>a</i>	'nós (incl.)'	<i>wuy</i>	'nos (incl.)'
13	<i>oce</i>	'nós (excl.)'	<i>oce</i>	'nos (excl.)'
2	<i>e</i>	'tu'	<i>e</i>	'te'
23	<i>epe</i>	'vós'	<i>ey</i>	'vos'
3	<i>o'</i>	'ele(a)'	—	

De acordo com a discussão feita seção 1.2, não existe marcador de objeto de 3ª pessoa. Em seu lugar, há prefixos relacionais, que marcam, entre outras funções, a relação de dependência entre objeto e verbo no sintagma verbal.

2.1.2.2. Verbos intransitivos

Os verbos intransitivos são os que requerem apenas um argumento nominal nuclear e apresentam um comportamento morfossintático distinto em comparação com os verbos transitivos, como, por exemplo, a incorporação de nome possuível (classificador ou não) se o sujeito incluir um.³ Existe, também, uma correlação entre aspecto e verbo.

O verbo intransitivo, no aspecto perfectivo, apresenta um marcador clítico de sujeito precedendo obrigatoriamente o tema verbal, como mostram os exemplos (11a) (*o* '1'), (11b) (*epe* '23') e (11c) (*o'* '3'):

(11a) **kuy o=ajok**

já 1S=banhar-se.PRF

'Já tomei banho.'

(11b) **kuy epe=kop**

já 23S=descer.PRF

'Vocês já desceram.'

(11c) **o'=ajok ip wu)y ①-be**

3S=banhar-se.PRF eles porto R1-em

'Eles tomaram banho no porto.'

Existem dois tipos de verbos intransitivos: os processuais e os estativos. Estes últimos recebem os prefixos relacionais⁴ e apresentam semântica estativa e sujeito com traço [-controle]. As diferenças entre eles serão melhor exploradas na seção 2.2.2.1.

³ Verbos transitivos, por sua vez, só podem incorporar o nome possuível do objeto (cf. Capítulo 6).

⁴ Sobre os relacionais, conferir seção 1.2.

Abaixo um verbo intransitivo processual, 'at 'cair', e seus marcadores clíticos de sujeito, que são os mesmos dos sujeitos de verbos transitivos:

1	<i>o</i> ='at	eu caí
12	<i>a</i> ='at	nós caímos (inclusivo)
13	<i>oce</i> ='at	nós caímos (exclusivo)
2	<i>e</i> ='at	você caiu
23	<i>epe</i> ='at	vocês caíram
3	<i>o'</i> ='at	ele/ela caiu

Já os intransitivos estativos têm marcadores de sujeito idênticos aos marcadores de objeto dos verbos transitivos e (parcialmente) diferentes dos marcadores de sujeito dos transitivos (à exceção da 1ª e 2ª pessoa do singular e 1ª pessoa exclusiva plural):

Tabela 2.2 – Verbo intransitivo estativo e verbo transitivo: semelhanças

	Estativo:	<i>direm</i>	'estar molhado'	Transitivo:	<i>dobuxik</i>	'achar'
1	(õn)	<i>o</i> = ⊕-direm	'(eu) estou molhado'	ixe	<i>o</i> = ⊕- <i>dobuxikxiγ</i>	'Ele está me achando'
2	(εn)	<i>e</i> = ⊕-direm	'(você) está molhado'	ixe	<i>e</i> = ⊕- <i>dobuxikxiγ</i>	'Ele está te achando'
3	(ixe) ⁵	<i>tirem</i>	'(ele) está molhado'	ixe	<i>tobuxikxiγ</i>	'Ele está achando' ⁶
12	(wuyju)	<i>wuy</i> = ⊕-direm	'(nós) estamos molhados (incl)'	ixe	<i>wuy</i> = ⊕- <i>dobuxikxiγ</i>	'Ele está nos achando (incl)'
13	(oceju)	<i>oce</i> = ⊕-direm	'(nós) estamos molhados (excl.)'	ixe	<i>oce</i> = ⊕- <i>dobuxikxiγ</i>	'Ele está nos achando (excl)'
23	(eyju)	<i>ey</i> = ⊕-direm	'(vocês) estão molhados'	ixe	<i>ey</i> = ⊕- <i>dobuxikxiγ</i>	'Ele está achando vocês'

⁵ Neste caso, o SN pode ser apagado ou não-explicitado, desde que se conheça, pelo contexto ou continuidade discursiva, o participante. O mesmo se pode dizer de *ixe* na coluna 2 desta tabela. *ixe* é um pronome demonstrativo (cf. seção 4.1.3).

⁶ O morfema *t-* não é um marcador de sujeito, mas é o prefixo relacional indicador de não-contigüidade entre determinante e determinado (cf. Capítulo 1). Caso aparecesse na posição de objeto um SN, ocorreria o ⊕-, prefixo de contigüidade.

Os verbos intransitivos estativos se distinguem dentro do sistema verbal por não apresentarem marcador clítico de terceira pessoa e por sempre expressarem não-contigüidade entre sujeito de terceira pessoa e verbo.

Assim, podemos retomar a tabela 2.1 e mostrar agora na tabela 2.3 que os marcadores pessoais estão divididos em dois grupos: o primeiro grupo reúne marcadores de sujeito de transitivo e intransitivo processual; o segundo reúne marcadores de objeto direto e sujeito de intransitivo estativo.

Tabela 2.3 – Os marcadores clíticos de pessoa verbal

	Grupo 1		Grupo 2	
	Sujeito de transitivo e	Sujeito de intransitivo processual	Objeto de transitivo e	Sujeito de intransitivo estativo
1	<i>o</i>		<i>o</i>	
12	<i>a</i>		<i>wuy</i>	
13	<i>oce</i>		<i>oce</i>	
2	<i>e</i>		<i>e</i>	
23	<i>epe</i>		<i>ey</i>	
3	<i>o'</i>		_____	

Essa tabela permite mostrar três alinhamentos morfológicos:

1°. Neutro: os marcadores de 1, 13 e 2 são iguais para toda expressão de pessoa;

2°. Nominativo: os marcadores de sujeito de transitivo e de intransitivo processual (grupo 1) são os mesmos para 12, 23 e 3, contrastando com os marcadores de objeto de transitivo e sujeito de intransitivo estativo para essas pessoas (grupo 2);

3°. Absolutivo: os marcadores de objeto de transitivo e de sujeito de intransitivo estativo (grupo 2) são os mesmos para 12, 23 e 3 (sendo este último não-marcado).

Os marcadores clíticos pessoais do grupo 2 ocorrem também com posposições e nomes possuíveis, conforme se mostrou no capítulo 1.

2.2. Morfologia Derivacional: a reduplicação e os tipos verbais

2.2.1. Reduplicação

Fenômeno presente em línguas da família Tupí-Guaraní, a reduplicação é bastante icônica e expressa multiplicidade e repetição, sendo considerada uma forma de expressão aspectual (Grenand 1980, Jensen 1989, Kakumasu 1984, Rodrigues 1953, Rose 2003, Schuchard 1979, Seki 2000). Em Mundurukú, a reduplicação com temas verbais é um processo morfológico bastante produtivo. Embora ocorra também com praticamente todas as demais classes de palavras, neste momento serão apresentadas apenas suas *funções e formas* com verbos.

2.2.1.1. Funções da reduplicação verbal

A reduplicação verbal expressa *graus de intensidade* de três tipos: *duração* (progressão e/ou iteração), *intensificação ou atenuação* do significado do verbo e *pluralização* dos participantes.

2.2.1. 1.1. Duração

A principal e mais freqüente função da reduplicação de verbos é indicar a duração de um evento. Sob esse rótulo, serão agrupadas as noções de *progressão* e *iteração*. A reduplicação mostra, por exemplo, que um mesmo evento está em processamento e se estende ao longo de um mesmo recorte temporal, sendo, portanto, progressivo, contínuo (12a-c):

- (12a) **ajok.jog) tu e)n**
 banhar-se.DUR.IPRF INT você
 'Você está se banhando?'

(12b) **kobe** Ⓞ-**duju-kap.kam** **õn kaxoero** Ⓞ-**dag**)

canoa R1-CAUS2-passar.DUR.IPRF eu cachoeira R1-por

'Eu estava passando com a canoa pela cachoeira.'

(12c) **kuyaje õn cu-m je-koy.koy**-Ⓞ **ma Tapereba** Ⓞ-**be**

amanhã eu ir-IPRF MED-remar.DUR-IPRF mesmo Tapereba R1-para

'Amanhã, eu vou remando mesmo para o Taperebá.'

Em todos esses exemplos do grupo (12), a idéia de progressividade dentro de um mesmo evento se faz presente. Os exemplos sugerem que a *progressividade* depende da *imperfectividade*, fato a ser verificado ainda, mas possível se for levado em conta que o não-acabado (imperfectivo) pode já estar em vias de processamento (progressivo). Porém, a noção de *imperfectividade* não depende necessariamente da de *progressividade*, como se constata no exemplo (12c) – cf. o verbo *cu-m* 'ir-IPRF' – em que a noção de imperfectividade se refere a um evento que ainda não começou efetivamente (cf. também (9b) acima).

Em outros casos mais evidentes, a reduplicação traz a idéia de que uma ação se repete, não necessariamente num mesmo evento, mas em momentos distintos, codificando a noção de *iteratividade* (13a-d).

Antes de examinar os exemplos (13a-d), faz-se necessária uma breve contextualização. Os exemplos tanto em (12) quanto em (13) foram retirados de uma narrativa sobre o nascimento e o crescimento do cacique-geral, Amâncio Kaba Biboy, conhecido por Biboy, contada por ele próprio. Pelo que se deduz do relato, Biboy nasceu prematuro e, por isso, foi comparado a um bicho, rejeitado pelas amigas da sua mãe e quase queimado pelos próprios pais. Mas a mãe e o pai, com a ajuda do pajé, tiveram a paciência de “curá-lo”, embora esse processo não tenha sido rápido. O exemplo (13a) informa que a mulher do pajé, a principal instigadora da rejeição, era quem disseminava a idéia da suposta monstruosidade de Biboy; neste exemplo, a reduplicação ('e'e) traz a idéia de iteratividade, visto que a mulher do pajé repetia a mesma história várias vezes.

(13a) **wuyjuyu**) Ⓞ-**mu-aypan** **gu xe=ku** – **wamõat** Ⓞ-**tayxi 'e,'e-m**

gente R1-CAUS1- crescer.IPRF NEG aquele=? – pajé R1- dizer.DUR-IPRF
mulher
'Ela não vai criar gente, aquele – dizia a mulher do pajé.'

Da mesma forma, a mãe chorava (exemplo (13b)), não durante alguns minutos, mas, repetidamente, durante muito tempo e descontinuamente.

(13b) **g)ebuje ai)hi t̃õ.t̃õ-m**
então mamãe choar.DUR-IPRF
'Então, minha mamãe ficava chorando.'

Porém, quando Biboy ficou “curado”, a atitude da mãe foi ensinar-lhe muitas coisas, processo que não se deu em um único momento (exemplo (13c)).

(13c) **ai)hi o=Ⓢ-mu-ku)yjo.iõ-m osu)nu)y me)n=ku**
mamãe 1O=R1-CAUS1-ouvir.DUR-IPRF AUX⁷ assim=?
'A minha mamãe ficava me ensinando assim.'

O exemplo (13d) traz uma reduplicação da reduplicação (*o-'e.'e.'e*), fato comum em narrativas, quando o narrador quer, por meio da sua fala e de forma icônica, ressaltar a recursividade de uma ação.

(13d) **g)asu) o=Ⓢ-xi o'='e.'e.'e-iap Ⓢ-tag) õn i-mu-we)n-.u-we)n-Ⓢ**
hoje 1=R1-mãe 3S=dizer.DUR-NMZ2 R1-por eu R1-CAUS1-relatar.DUR-IPRF
'Hoje, eu estou contando segundo os dizeres da minha mãe.'

⁷ Auxiliares indicam tempo e não foram analisados nesta tese (cf. Crofts 1985:169).

2.2.1. 1.2. Intensificação ou atenuação do significado do verbo

2.2.1. 1.2.1 Intensificação

Em alguns contextos, a reduplicação está associada ao grau de intensidade da noção expressa pelo verbo. Assim, para expressar a idéia de *intensificação*, usa-se a reduplicação de parte do tema verbal (14b, 15a-b):

(14a) **axima i-ku**

peixe R2-ser.gostoso

'Peixe é gostoso.'

(14b) **axima i-ku.ku**

peixe R2-ser.gostoso.INTS

'Peixe é muito gostoso.'

(15a) **je-wayway.way ip o'e**

MED-rir.INTS eles AUX

'Eles riram muito.'

(15b) **Diego ①-bibodo o=①-mu-cokcok.cog**

Diego R1-canto 1S=R1-CAUS1-ser.feliz.INTS

'O canto do Diego me emocionou muito.'

Os dados (15a-b) exemplificam um caso de reduplicação de uma forma verbal já intrinsecamente reduplicada. Ainda não foram encontradas as formas simples *jeway* nem *cok*, provavelmente porque os processos de *rir* e *estar alegre* tenham duração obrigatória sempre. A reduplicação incide, então, sobre *jewayway* e *cokcok*, e codifica a intensidade de

rir e de *estar alegre*, dando a este último a noção de *emocionar-se* (tradução livre do informante).

2.2.1 1.2.2. Atenuação

A reduplicação com mudança da vogal da sílaba reduplicada para /↔/ (representada na ortografia por "u") exprime atenuação da qualidade expressa por um verbo estativo:

(16a) **rem.rum** 'azulado'

(16b) **pak.puk** 'avermelhado'⁸

Além de ser encontrada na expressão de cores, a reduplicação com mudança de vogal do reduplicante para indicar atenuação também ocorre com outros verbos estativos:

(16c) **w=⊕-aypa.pu)n ma**

1S=R1-ser.crescido.ATEN mesmo

'Eu era um rapazinho.'

(16d) **i-pidase-at ⊕-a'õ y-a'õ-bog).bug)**

R2-meio-NMZ1 R1-voz R2-voz-ser.grande.ATEN

'A voz da (flauta) do meio é mais ou menos grossa.'

(16e) **xipat.put. i-takomã.mu)**

ser.bom.ATEN R2-ser.bravo.ATEN

'Ser mais ou menos bom. Ser quase bravo.'

Esses exemplos mostram que a construção atenuada não está restrita às cores como supôs Crofts (1971:63-64).

⁸ Cores são primariamente núcleos de predicado, comportando-se como verbos estativos.

2.2.1 1.3. Pluralidade dos participantes⁹

Verbos intransitivos e transitivos se reduplicam para indicar a pluralidade do participante absoluto.

(17a) **ay)okatkat o'=ajε)m**

homem 3S=chegar.PRF

'Um homem chegou.'

(17b) **ay)okatkat o'=aje)m.jε)m**

homem 3S=chegar.PLUR.PRF

'Os homens chegaram.'

(18a) **ocõ-ocõ o'=y-aoka.ka. bekit.kit**

tosse-tosse 3S=R2-matar.PLUR criança.PLUR

'A gripe matou várias crianças.'

(18b) **kopo-yu o=jo-wuy.wuy**

copo-PL 1=R2-lavar.PLUR

'Lavei vários copos.'

Em predicados verbais de reciprocidade, é muito comum esse tipo de reduplicação, indicando também a pluralidade dos participantes:

(19a) **ayacã-yu o'=je-w-akobut.but**

mulher-PL 3S=MED-REC-abraça.PLUR

'As mulheres se abraçaram.'

(19b) **ti ⊕-bi ⊕-dag)-wi ade jijã ma o'=je-w-aoka.ka ip**

R2.água R1-interior R1-por-de muitos muito mesmo 3S=MED-REC-matar.PLUR eles

⁹ Alguns numerais parecem ser resultantes de uma reduplicação que se cristalizou: *xepxep* 'dois', *ebadipdip* 'quatro'. Outros, quando reduplicados, expressam pluralidade: *puγ* 'um' ⇒ *puγ)puγ* 'alguns'.

'Muitos matavam-se uns aos outros na água.'

2.2.1. 2. Formas da reduplicação verbal

Há reduplicação monossilábica, dissilábica e trissilábica, embora cada tema verbal só apresente uma dessas variedades.¹⁰ A reduplicação de uma sílaba é a mais freqüente (20a) – mesmo em temas com mais de uma sílaba (20b-c) –, seguida pela reduplicação das duas últimas sílabas (21), sendo a de três sílabas rara (22):

(20a) 'at	⇒	'at.'at	'cair'
(20b) dakat	⇒	dakat.kat	'cortar'
(20c) nomuwã	⇒	nomuwã.wã	'chamar'
(21) jeorok	⇒	jeorok.orok	'caçar'
(22) jepidowat	⇒	jepidowat.pidowat	'respirar, ofegar'

2.2.1. 3. Reduplicação: algumas conclusões

A reduplicação de verbos expressa a intensificação: da freqüência (progressão e/ou iteração); do significado do verbo; e do número de participantes. Pode ser tratada nos moldes de Cusic (1981), que distingue ações repetitivas (*event-internal*) de ações repetidas (*event-external*), e assim as define: a) *event-internal*: “the units of action are conceived of as confined to a single occasion, and to a single event of that occasion”; b) *event-external*: “the units of action are potentially distributable, though not necessarily distributed over multiple occasions. This iterative meaning includes habitual and ongoing events”.

Assim, as noções de progressão (seção 2.2.1.1.1), intensificação/atenuação do significado do verbo (seção 2.2.1.1.2) e pluralização dos participantes (seção 2.2.1.1.3) são *event-internal*, enquanto a noção iteração (2.2.1.1.1) é *event-external*.

¹⁰ Em línguas Tupi-Guarani (Rodrigues 1953, Rose 2003, entre outros), um mesmo tema verbal pode reduplicar tanto monossilabicamente quanto dissilabicamente, com funções distintas. Não é esse o caso do Mundurukú, em que um mesmo tema verbal apresenta apenas uma variedade de reduplicação.

2.2.2. Tipos verbais

Esta apresentação dos tipos verbais se baseia: (i) no número de argumentos nucleares que o verbo requer; (ii) no tipo de marcação clítica de pessoa; (iii) no morfema relacional que marca a classe morfológica do verbo.¹¹

Na seção de intransitivos, mostraremos as duas classes de intransitivos (processuais e estativos). Apresentaremos o morfema de voz média *je-*, o qual se combina com outros morfemas para produzir formas específicas de média: reflexiva, recíproca e passiva. Na seção de transitivos, serão apresentadas tanto as formas simples quanto as resultantes do acréscimo de morfemas causativos (causativo simples, comitativo, causativo de transitivo e causativo de nome).

2.2.2.1. Verbos Intransitivos

Serão mostradas aqui as duas classes verbais intransitivas – *processuais* e *estativas* – tanto as simples quanto as derivadas.

2.2.2.1. 1. Formas simples

A cisão na classe de intransitivos é tratada na literatura como intransitividade cindida ou tipologia ativo-estativo (Creissels 2004, Dixon 1994, Klimov 1974, Lazard 1995). Em Mundurukú, tal cisão evidencia-se (i) na marcação clítica de pessoa, (ii) na codificação de flexão relacional, (iii) na semântica presente nos verbos e respectivos argumentos e (iv) no conseqüente alinhamento sintático dos argumentos.

A identificação de dois paradigmas de pessoa parcialmente diferentes com verbos intransitivos é o ponto de partida para identificar dois grandes agrupamentos verbais:¹²

¹¹ Não há marca formal de caso nos argumentos nucleares.

¹² Exemplos podem ser encontrados na seção 2.1.2.

Tabela 2.4 – Processuais vs. estativos: marcadores de pessoa

	Sujeito de intransitivo processual	Sujeito de intransitivo estativo
1	<i>o</i>	<i>o</i>
12	<i>a</i>	<i>wuy</i>
13	<i>oce</i>	<i>oce</i>
2	<i>e</i>	<i>e</i>
23	<i>epe</i>	<i>ey</i>
3	<i>o'</i>	—

Essa tabela permite observar uma diferença de marcação nas seguintes pessoas: 12 (*nós inclusivo*), 23 (*vocês*) e 3 (*ele*). Enquanto os verbos processuais só têm indexação de marca pessoal clítica no aspecto perfectivo, os estativos **sempre**, independentemente do aspecto, exigem a presença dos marcadores pessoais. Uma consequência dessa diferença é a presença obrigatória de pronomes livres com processuais no aspecto imperfectivo, enquanto com estativos o pronome livre apenas ocorre como forma de realçar¹³ o participante, uma vez que este é plenamente identificado pelo marcador clítico no verbo.

A marcação clítica dessas duas classes de verbos em confronto com a marcação clítica dos argumentos dos verbos transitivos mostra dois tipos de alinhamento: um entre sujeito de processuais e sujeito de transitivo; e outro entre sujeito de estativos e objeto de transitivos. Esses alinhamentos podem estar revelando características sintáticas e semânticas específicas de cada uma das duas construções intransitivas, como, por exemplo, traços semânticos dos participantes e propriedades sintáticas diferenciadas de cada um dos sujeitos intransitivos envolvidos. Sobre os traços semânticos, vide adiante.

Outra diferença importante entre as duas classes de intransitivos é a presença de flexão relacional, a qual **sempre** ocorre com verbos estativos e, **em dadas**

¹³ A natureza exata desse realce ainda está por ser definida.

circunstâncias, com verbos processuais.¹⁴ A tabela 2.5 a seguir mostra uma das duas classes morfológicas de verbos intransitivos estativos, as quais são identificadas de acordo com os alomorfes dos prefixos relacionais que toma cada uma delas:

Tabela 2.5 – Estrutura morfossintática de um verbo intransitivo estativo (Vie) da **classe II**¹⁵

	<i>direm</i> 'estar molhado'	Sintaxe e Morfologia
1	(õn) <i>o=</i> ①- <i>direm</i>	(SN) SV [<i>o=</i> R1-Vie]
2	(εn) <i>e=</i> ①- <i>direm</i>	(SN) SV [<i>e=</i> R1-Vie]
3	(ixe) <i>t-direm</i> ⇒ <i>tirem</i>	(SN) SV [R2-Vie]
12	(wuyju) <i>wuy=</i> ①- <i>direm</i>	(SN) SV [<i>wuy=</i> R1-Vie]
13	(oceju) <i>oce=</i> ①- <i>direm</i>	(SN) SV [<i>oce=</i> R1-Vie]
23	(eyju) <i>ey=</i> ①- <i>direm</i>	(SN) SV [<i>ey=</i> R1-Vie]

Essa tabela mostra que os marcadores de sujeito de primeira e de segunda pessoa dos verbos intransitivos estativos ocorrem contiguamente ao seu determinante, que é o verbo, independentemente do aspecto (o mesmo ocorre entre esses mesmos marcadores e o verbo transitivo quando são seu objeto). Por essa razão, o verbo apresenta o morfema relacional de contigüidade ①- (o mesmo se dá com verbos da classe I, cf. tabela 2.6 a seguir). Já a terceira pessoa apresenta o morfema relacional de não-contigüidade *t-* (ou */i-/* e seus alomorfes, classe I, cf. também tabela 2.6), visto que, dentro do sintagma verbal, não há marcador clítico de sujeito. Isso significa que a relação de não-contigüidade expressa pelo morfema *t-* (ou */i-/*) ocorre entre sintagmas.

A seguir, um exemplo de verbo intransitivo estativo da classe I:

¹⁴ Se o sujeito contiver um nome inalienável, em função classificadora ou não, ocorre incorporação desse nome no verbo, e se dá a flexão relacional (cf. 23a-b). Para outros detalhes, conferir seção 1.2.3, e capítulo 6.

¹⁵ Entre parênteses, sintagmas nominais dispensáveis (pronomes livres e item lexical); entre colchetes, a estrutura do sintagma verbal, que é uma sentença plena, embora a 3a pessoa exija que se conheça o participante, dada a ausência de marcador clítico de pessoa.

Tabela 2.6 – Estrutura morfossintática de um verbo intransitivo estativo da **classe I**

	<i>parara</i> 'ter medo'	Sintaxe
1	(ðn) <i>o=</i> ①- <i>parara</i>	(SN) SV [<i>o=</i> R1-Vie]
2	(ε)n) <i>e=</i> ①- <i>parara</i>	(SN) SV [<i>e=</i> R1-Vie]
3	(ixe) <i>i=</i> <i>parara</i>	(SN) SV [R2-Vie]
12	(wuyju) <i>wuy=</i> ①- <i>parara</i>	(SN) SV [<i>wuy=</i> R1-Vie]
13	(oceju) <i>oce=</i> ①- <i>parara</i>	(SN) SV [<i>oce=</i> R1-Vie]
23	(eyju) <i>ey=</i> ①- <i>parara</i>	(SN) SV [<i>ey=</i> R1-Vie]

Uma comparação entre as tabelas 2.5 e 2.6 permite observar a existência de duas classes de verbos estativos, residindo a diferença entre elas num plano puramente morfológico, determinada pelos prefixos relacionais de não-contigüidade que tomam: a **classe I** tem *i-* (e seus alomorfes); a **classe II** tem *t-*.¹⁶

Voltando à comparação entre intransitivos processuais e intransitivos estativos, são dadas abaixo, para observar os traços semânticos predominantes em cada um deles, amostras dos dois tipos, que já apareceram em exemplos de seções anteriores:

Tabela 2.7 – Processuais vs. Estativos: tipos semânticos

<i>Processuais</i>		<i>Estativos</i>	
<i>aje)m</i>	'chegar'	(y-) <i>abut</i>	'estar ③ ser velha (f)'
<i>ajok</i>	'tomar banho'	(i-) <i>cokcok</i>	'estar ③ ser alegre'
<i>ak</i>	'olhar'	(i-) <i>dip</i>	'estar ③ ser bonito'
<i>ju</i>	'ir'	(i-) <i>parara</i>	'estar ③ ser medroso'
<i>kop</i>	'baixar ao porto, viajar'	(i-) <i>pakpak</i>	'estar ③ ser vermelho'
<i>'at</i>	'cair'	(i-) <i>remrem</i>	'estar ③ ser azul'
<i>'e</i>	'dizer'	(i-) <i>ku</i>	'estar ③ ser gostoso'
<i>jenapõn</i>	'fugir'	(t-) <i>daxip</i>	'estar ③ ser quente'
<i>jeorok</i>	'caçar'	(t-) <i>direm</i>	'estar ③ ser molhado'

¹⁶ Na seção 1.2.4, encontra-se a descrição dos alomorfes dos prefixos relacionais.

Noções como *estado*, *qualidade* e *ausência de movimento* são manifestadas por verbos intransitivos estativos; enquanto noções como *processo*, *evento* e *dinamicidade* o são por verbos intransitivos processuais.

Não tão evidente é a natureza semântica do participante de cada um dos verbos. Podemos, inicialmente, lançar a hipótese de que verbos estativos têm sujeito com traço [-ativo, -controle] enquanto processuais têm sujeito com traço [+ativo, +controle]. Assim, *ser ~~estar~~ alegre, velho, quente, molhado* apresentariam um sujeito menos ativo, com menos (ou nenhum) controle ou responsabilidade pela situação ou estado. Por outro lado, *chegar, ir, tomar banho, viajar, fugir, caçar* teriam um sujeito mais ativo, com mais controle sobre uma ação, e participariam de uma situação dinâmica.

Do ponto de vista da morfossintaxe, estativos se comportam de forma similar a processuais, incorporando, por exemplo, o núcleo do sujeito caso este seja possível. A combinação do nome possível com o núcleo do predicado verbal se dá à esquerda em ambos os casos:

(23a) **puca** ①-'a o'=y-a-'at
 caça R1-cabeça 3S=R2-cabeça-cair.PRF
 'As cabeças das caças caíram.'

(23b) **kape** ①-di kuy tj-daxip
 café R1-água já R2.água-ser.quente.PRF
 'O café já está quente.'

Como ocorre com processuais, estativos também passam por nominalização para se tornarem argumentos, o que revela seu *status* mais verbal:

(24a) **bio i-tik**

anta R2-estar.furada

'A anta está furada.'

(24b) **(bio) i-tik-at o'=je-napõn**

(anta) R2-estar.furada-NMZ1 3S=MED-fugir

'(a anta) a que está furada fugiu.'

(25) **Diego kape ☉-di ti-daxip-at ☉-ti o'=ti-kõn**

Diego café R1-água R2.água-estar.quente-NMZ1 R1-água 3S=R2.água-ingerir

'Diego tomou o café quente.' (lit. Diego tomou o café, o que estava quente.)

Embora o caráter verbal dos estativos se revele em sua morfossintaxe (incorporação, aspecto e nominalização), não podemos deixar de citar alguns traços nominais desses verbos a começar pelo seu significado. Além disso, o paradigma pessoal dos estativos é o mesmo que indica o possuidor dos nomes, com obrigatoriedade na indicação da pessoa. Assim como os nomes inalienavelmente possuíveis, dividem-se os estativos em duas classes morfológicas de acordo com o relacional de não-contigüidade com que se flexionam (classe I com *i-*; classe II com *t-*). Porém, isso não é exclusivo de nomes e estativos, uma vez que os verbos transitivos também se distribuem em duas classes de acordo com esse mesmo critério. Por fim, apesar dos exemplos de nominalização expressos em (24) e (25) acima, verbos estativos podem ser usados como nomes sem passar necessariamente por derivação com nominalizador. É o que nos mostra o exemplo (26c) abaixo.

(26a) **w=☉-e-daruk i-pakpak**

1=R1-ALIEN-arco R2-ser.vermelho

'Meu arco é vermelho.'

(26b) **w=☉-e-daruk i-pakpak-at o'=je-pa'u)m**

1=R1-ALIEN-arco R2-ser.vermelho-NMZ1 3S=MED-sumir

'Meu arco, o que é vermelho, sumiu.'

(26c) w=⊖-e-daruk ⊖-pakpak o'=je-pa'u)m

1=R1-ALIEN-arco R1-vermelho 3S=MED-sumir

'Meu arco vermelho sumiu.'

Ainda não temos elementos suficientes para determinar as reais diferenças entre (26b) e (26c), mas pensamos que esse fato é mais um dos traços nominais dos estativos, apesar de os termos alocado na classe dos verbos pelos critérios já apresentados.

2.2.2.1. 2. Formas derivadas

Nesta seção, serão apresentados os verbos intransitivos resultantes do acréscimo de prefixos, sufixos ou ambos. Não por acaso, todos eles são processuais por ser o sujeito um participante [+ativo, +controle] ou ter algum grau de co-responsabilidade no processo verbal. Serão abordadas aqui o que consideramos as formas *médias* do verbo: a média simples (*je-*), a reflexiva³recíproca (*je-* + *we-*) e a passiva (*je-* + *-at*), todas sintática e morfologicamente intransitivas processuais.

2.2.2.1. 2.1. Forma média simples

O morfema *je-* é usado produtivamente com verbos estativos e transitivos, além de se combinar com outras classes não-verbais derivando verbos. Com estativos, produz um verbo processual e com transitivos, combinando-se com outros morfemas, provoca redução de valência. Inicialmente, serão analisadas suas *formas*, para, depois, serem postas em relevo suas *funções*.

Quando um verbo é formado com *je-*, este morfema apresenta-se em todas as formas do verbo e tem os seguintes alomorfes, segundo os marcadores de pessoa que o precedem imediatamente: *je-* após 3, 13 (27a); *ce-*, após 1, 2, 12 (27b); e *ye-*, após 23 (27c):

(27a) apat o'=je-bok

jacaré 3S=MED-boiar.PRF

'O jacaré boiou.'

(27b) **o=ce-bok**

1S=MED-boiar.PRF

'Eu boiei.'

(27c) **epe= ye-bok**

23S=MED-boiar.PRF

'Vocês boiaram.'

Uma vez que o sujeito seja constituído por nome inalienável, especialmente os nomes em função classificadora (cf. capítulo 5), ocorrerá incorporação (cf. capítulo 6). Nesse caso, ocorrerá a forma *e-*, um alomorfe do morfema *je-*. Além disso, aparecerá um outro morfema *je-* que acompanha o classificador no interior do predicado verbal, que será chamado de *je-II* para evitar confusão com o morfema em análise. A função desse morfema é marcar correferencialidade entre o nome incorporado e o sujeito:

(28a) **nobano** Ⓞ-**da** **dak** o'=je-da-**e-bok** **g**u

rifle R1-grão também 3S=CORF-grão-MED-boiar.PRF NEG

'O chumbo também não boiou.'

(28b) **wita** Ⓞ-'**a** o'=je-a-**e-penpen** **co** Ⓞ-'**a** Ⓞ-jeje-**wi**

pedra R1-NFC 3S=CORF-NFC-MED-rolar morro R1-NFC R1-sobre-de

'Uma pedra rolou do alto do morro.'

Nos exemplos acima, os sintagmas *nobano da* 'chumbo de espingarda' (28a) e *wita 'a* 'pedra' (28b) incluem nomes inalienáveis. Uma vez que são o sujeito do verbo que os predica, ocorre a incorporação por repetição desses nomes (*da* e '*a*') no interior do predicado, entre o marcador de sujeito e o tema (formado por *e-*, alomorfe do *je-*, e a base verbal).

A seguir, discutimos as *funções* atribuíveis ao morfema em questão. Serão mostrados os ambientes de ocorrência do morfema para, depois, buscarmos uma explicação que abarque todos eles.

Verbos intransitivos estativos (29a), ao se combinarem com *je-*, passam a se comportar como intransitivos processuais (29b):

(29a) **sv)γ)tabi i-bik**

porta R2-estar.aberto

'A porta está aberta.'

(29b) **sv)γ)tabi o'=je-bik**

porta 3S=MED-estar.aberto.PRF

'A porta se abriu.'

O marcador de 3ª pessoa presente em (29b) e a interpretação processual do sujeito [+ ativo, + participante] e do predicado [+dinâmico] são indícios de que o morfema *je-* deve estar envolvido com esses traços semânticos.

A ocorrência opcional com certos verbos é uma constante quando se tenta mapear o uso do morfema *je-*. Nos exemplos (30a) e (30b), percebemos uma pista da função desse morfema que defenderemos aqui nesta seção: ele foi usado num contexto em que ficou explícito o beneficiário da ação verbal, no caso o próprio sujeito (30b):

(30a) **ay)okatkat kapik.piγ)**

homem trabalhar.DUR.IPRF

'O homem está trabalhando.'

(30b) **je=⊙-kat ⊙-pe o'=je-kapik**

3CORF=R1-roça R1-em 3S=MED-trabalhar.PRF

'Trabalhou na própria roça.'

A seguir, são citados mais exemplos em que é possível interpretar o sujeito como estando afetado pela ação quando o verbo ocorre com a forma *je-* (dessa vez, *maleficiário*):

(31a) **w=⊕-e-kobe wita ⊕-'a ⊕-kay o=g)uy-jayjay**
 1=R1-ALIEN-canoa pedra R1-NFC R1-para 1S=R2.CAUS1-chocar-se
 'Eu choquei minha canoa contra uma pedra.'

(31b) **w=⊕-e-kobe o'=je-jayjay wita ⊕-'a ⊕-kay**
 1=R1-ALIEN-canoa 3S=MED-chocar-se pedra R1-NFC R1-para
 "Minha canoa se chocou contra uma pedra.'

(31c) **o'=je-jayjay je=⊕-bure ⊕-kay**
 3S=MED-chocar-se 3CORF=R1-amigo R1-para
 'Ele se chocou com seu amigo.'

Os exemplos em (31) apontam o contraste entre o uso transitivizado da base *jayjay*, que precisa do causativizador de verbo intransitivo *muy-* (31a, em que *-g)uy-* = *-y-* + *-muy-*) para se realizar, e o uso intransitivo processual com *je-* (31b-c). Verbos já contendo *je-* não podem ser prefixados com o morfema causativo (**mu-je*).¹⁷

je- ainda é encontrado em derivações de bases não-verbais, como nomes e advérbios: *kajepi* 'calor' ⇒ *je-kajepi* 'suar'; *um* 'no alto' ⇒ *je-um* 'subir'. É muito comum derivar-se verbos com *je-* a partir de nomes do português: *je-ricon* 'enriquecer'.

Resumimos a seguir os principais usos de *je-* que identificamos:

- i. construção de formas verbais processuais a partir de formas verbais estativas;
- ii. usado para indicar que a ação está mais voltada para o sujeito, que se beneficia da própria ação;
- iii. impossibilidade de o tema com *je-* ser causativizado;
- iv. uso em contextos que têm sujeito afetado;
- v. formação de verbos intransitivos processuais a partir de bases não-verbais.

¹⁷ Mas os verbos transitivizados por este morfema podem ser intransitivizados por *je-*, que nesse caso é prefixado a eles, produzindo construções reflexivas/recíprocas (*je-we-mu-...*) ou passivas (*je-mu-...-at*) (cf. seções 2.2.2.1.2.2 e 2.2.2.1.2.3, respectivamente)

Diante desses fatos, e de outros que a seguir aparecerão, propomos que a função principal do morfema *je-* com verbos é a constituição de uma **voz média**. Desse modo, o uso de *je-* revela um interesse do sujeito na ação. Haveria, assim, um contraste entre voz ativa e voz média instaurada pelo *je-*, tal como caracterizado por Benveniste (1966:172-173):

Dans l'actif, les verbes dénotent un procès qui s'accompli à partir du sujet et hors de lui. Dans le moyen, qui est la diathèse à définir par opposition, le verbe indique un procès dont le sujet est le siège (...); le sujet est intérieur au procès; le sujet est centre en même temps qu'acteur du procès; il accomplit quelque chose que s'accomplit en lui; (...) il effectue en s'affectant.

O contraste entre verbos estativos e verbos processuais, estes últimos formados com *je-* a partir dos primeiros (cf. exemplos (29a-b)), serviria para indicar que o sujeito tem maior participação no processo e é afetado pela ação do verbo, sendo ao mesmo tempo a sede dessa ação. Os exemplos em (30), que mostram a opcionalidade do morfema *je-*, revelam também que este morfema, quando usado, produz uma interpretação do processo mais voltada para o sujeito (o homem *je*-trabalhou na *própria* roça). E, finalmente, os exemplos em (31) mostram que, para se colocar um sujeito em cena, que apenas efetue a ação, sem ser afetado diretamente por ela, o verbo intransitivo deve ser causativizado, e o sujeito da intransitiva passa a objeto da transitiva, tornando-se unicamente paciente da ação, não tendo mais co-responsabilidade ou interesse direto nela. *je-* não pode ser usado nesse caso.

Portanto, o verbo com *je-* atribui ao seu sujeito um papel que não se identifica exatamente nem com o papel que o verbo transitivo assinala ao seu sujeito, nem àquele atribuído ao seu objeto. Sendo assim, é natural que **reflexivos** e **recíprocos** sejam considerados exemplos de voz média, nos quais dois papéis semânticos distintos que um verbo assinala a seu sujeito e objeto são acumulados por um mesmo referente.

2.2.2.1. 2.2. Forma média reflexiva/recíproca

Verbos transitivos tornam-se reflexivos ou recíprocos com o acréscimo concomitante do morfema de reflexividade/reciprocidade *-we* e do morfema de voz média *je-*, com conseqüente eliminação da posição externa de objeto. A oração resultante tem apenas um argumento nuclear, que ocupa a posição de sujeito.

O exemplo (32a) mostra um verbo tipicamente transitivo, que tem dois argumentos nominais e que marca o sujeito por meio de um clítico de pessoa (*o'* '3') e marca a não-contigüidade do objeto com *jo-*. Já o exemplo (32b) mostra a mesma raiz verbal, porém *je-* e *we-* consitituem com ela um tema verbal intransitivo, com sentido recíproco ou reflexivo. A referência ao objeto desaparece, restando apenas a marca de sujeito:

(32a) **akurice bekicat o'=jo-a kapusu**

cachorro criança 3S=R2-morder.PRF ontem

'O cachorro mordeu a criança ontem.'

(32b) **akurice-yu) o'=je-w(e)-a-ha.ha¹⁸ ip kapusu**

cachorro-PL 3S=MED-RFX/REC.PLUR.PRF eles ontem

'Os cachorros se morderam ontem.'

O morfema *je-* é responsável pela atribuição de uma interpretação nem unicamente agentiva nem unicamente pacientiva do sujeito, logo um tipo de voz média, em que o argumento é a origem e o alvo do processo instaurado por ele. Essa relação entre um morfema de voz média (no caso *je*) e um morfema de reflexividade/reciprocidade (no caso *we-*) não é uma peculiaridade do Mundurukú. O mesmo podemos dizer da relação entre voz média e voz passiva, que é largamente registrada na literatura e que identificamos também no Mundurukú, como se verá a seguir.

¹⁸ A vogal *e*, de *we-*, cai diante de outra vogal.

2.2.2.1. 2.3. Forma média passiva

Identificamos uma construção passiva em Mundurukú (Gomes 2005). Observemos o contraste entre as construções abaixo:

(33a) **ag)okatkat wida o'=y-aoka**

homem onça 3S=R2-matar.PRF

'O homem matou a onça.'

(33b) **wida o'=j(e)-aoka-at ag)okatkat Ⓟ-pe**

onça 3S=MED-matar-CAUS3 homem R1-por

'A onça foi morta pelo homem.' ou

'A onça se deixou matar pelo homem.'

Em (33a), há um sujeito (*ag)okatkat*) e um objeto (*wida*), o verbo é transitivo e a interpretação é ativa; o verbo tem a marca clítica de sujeito (*o'*) e o prefixo relacional referente ao objeto (*y-*). Em (33b), o argumento *ag)okatkat* mudou: ele tem agora uma posposição (*pe*), que o marca como adjunto; a posição de sujeito passou a ser ocupada por *wida* 'onça', e o verbo também mudou: ele não tem mais a marca do objeto (o relacional); o marcador clítico de pessoa no verbo (*'o*) passou a se referir a *wida* e não mais a *ag)okatkat*; surgiram dois novos morfemas nele: *je-* e *-at*. A interpretação fornecida pelo informante tem um sentido passivo: *a onça foi morta pelo homem* ou, como ele insistiu em dizer, *a onça se deixou matar pelo homem*.

A construção passiva, exemplificada em (33b), é formada a partir de um verbo transitivo, que é intransitivizado. Os morfemas envolvidos nessa passagem de ativa para passiva são *je-* e *-at*, respectivamente morfema de voz média e morfema de causativo de transitivo. Para entender como se constrói a passiva, examinemos antes a causativa de transitivo.

Na causativa de transitivo (cf. seção 2.2.2.2.2), é introduzido um novo sujeito como agente mediato, enquanto que o agente imediato é tratado como adjunto regido pela posposição dativa *be* (ou *pe* diante de consoante):

(33c) **Biboy bio o'=y-aoka**

Biboy anta 3S=R2-matar.PRF

'Biboy matou a anta.'

(33d) **wamõat bio o'=y-aoka-at Biboy ☉-be**

pajé anta 3S=R2-matar-CAUS3 Biboy R1-por

'O pajé fez o Biboy matar a anta.'

Como na causativa de transitivo, também na passiva o *-at* libera uma vaga no predicado – destituindo o sujeito –, que será ocupada, na passiva, pelo objeto graças ao morfema *je-*, que reduz o número de argumentos da construção, intransivizando o verbo, uma das funções acumuladas por esse morfema de voz média. Enquanto na causativa de transitivo, o novo sujeito sintático é um agente indireto; na passiva, o novo sujeito é um paciente; mas, justamente devido à interpretação que o *je-* provoca no argumento do verbo a que ele se associa, esse *paciente* é interessado na ação verbal.

Por exemplo, (34) é uma construção retirada de um texto, que conta a história do filho de um deus, que, mesmo estando doente, transava com as mulheres que iam visitá-lo. Seu pai, para castigá-lo, transformou-o em uma anta, fazendo o focinho do bicho a partir do pênis do rapaz. A anta-homem foi para o rio, onde continuou a transar com as mulheres que iam se banhar. Há exemplos como:

(34) **ayacat je-dabi-'o.'o-an**

mulher MED-vagina-comer.DUR-CAUS3.IPRF

'As mulheres estavam se entregando a ela (à anta).'

Nessa construção passiva, o papel semântico de *ayacat* (mulheres) não é o de um paciente típico, visto que há um **consentimento** desse participante no processo instaurado pelo verbo. Logo, o paciente na passiva é co-responsável pela ação, e não uma

mera vítima, pois ele se solidariza com o agente. Propomos, então, que é o *je-* o responsável por essa interpretação: *as mulheres estavam se deixando possuir*.

A relação entre passiva e média não é uma exclusividade do Mundurukú, sendo encontrada em outras línguas e na literatura sobre o assunto (Benveniste 1966; Comrie 1974, 1977, 1989; Shibatani 1985). Benveniste (1966:168 e 174), por exemplo, sublinha que:

(...) les comparatistes ont établi depuis longtemps que le passif est une modalité du moyen, dont il procède et avec lequel il garde des liens étroits alors même qu'il s'est constitué en catégorie distincte.

(...) le passif dépend du 'moyen' dont il représente historiquement une transformation (...).

Mas a relação entre passiva, média e causativa de transitivo é menos comum (cf. Gomes 2005, 2006a). Rodrigues (1947:53-53) já havia dado uma colaboração nesse sentido, identificando para o Tupí não uma passiva, mas o que ele denominou de "causativo-reflexivo", construção muito semelhante à passiva que identificamos para o Mundurukú:

Com o emprego do prefixo *je-* [ye-], *n)e-* da voz [média] reflexiva e do sufixo *-ukár* da causativo-prepositiva [causativa de transitivo], é obtida ainda uma forma *causativo-reflexiva*, indicando que o sujeito faz com que alguém pratique a ação sobre ele mesmo: *a-je-juká-ukár Pedro supé*, 'faço com que Pedro me mate' ('mato-me servindo-me de Pedro'); *a-je-apín-ukár xe rúba supé*, 'fiz-me tosquiar por meu pai', 'fiz que meu pai me tosquiasse'; *o-n)e-nupã-ukár o sy' supé*, 'fêz com que sua mãe o surrasse', 'fêz-se surrar por sua mãe'.

2.2.2.2. Verbos transitivos

2.2.2.2. 1. Formas simples

Como os verbos intransitivos estativos, os verbos transitivos podem ser divididos em duas classes morfológicas, de acordo com os alomorfes dos prefixos relacionais¹⁹ que os acompanham, não existindo entre elas diferenças de natureza sintática ou semântica. A seguir, são citados tanto exemplos da classe I (35a-b) quanto da classe II (36a-b), já apresentados anteriormente neste capítulo:

(35a) **õn bio** \textcircled{D} -**aoka-m** / **õn y-aoka-m (bio)**
 eu anta **R1**-matar-IPRF eu **R2**-matar-IPRF (anta)
 'Eu vou matar a anta.' 'Eu vou matá-la (a anta).'

(35b) **(bio) o=y-aoka**
 (anta) **1S=R2**-matar.PRF
 '(Eu) matei-a (a anta).'

Esses exemplos permitem observar que o relacional de contigüidade é \textcircled{D} e o de não-contigüidade é *y-* (um dos alomorfes de *i-*, cf. seção 1.2.4). Há um grupo de verbos, portanto, que tem essa morfologia. Já os dados em (36) abaixo mostram a outra classe de transitivos, a classe II, aquela que marca contigüidade com \textcircled{D} e não-contigüidade com *t-*:

(36a) **Biboy bio** \textcircled{D} -**dakat.kan** / **Biboy takat.kan (bio)**
 Biboy anta **R1**.cortar.DUR.IPRF Biboy **R2**.cortar.DUR.IPRF (anta)
 'Biboy está cortando a anta.' 'Biboy a está cortando (a anta).'

(36b) **kuy o'= takat (bio)**
 já **3S=R2**.cortar.PRF (anta)
 'Já a cortou.'

¹⁹ A diferença em relação aos intransitivos estativos é que, com transitivos, os relacionais fazem referência ao objeto e nunca ao sujeito.

2.2.2.2 2. Formas derivadas

Aqui, serão apresentadas as formas verbais transitivas derivadas, especificamente pelos morfemas de causatividade. No primeiro momento, apresentamos as formas causativas construídas a partir de bases intransitivas: o causativo simples *mu-* / *muy-* (CAUS1) e o causativo comitativo *do-* / *duju-* (CAUS2). A seguir, mostramos que uma base já transitiva, seja primitiva ou derivada, pode ainda ser causativizada pelo sufixo *-at* (CAUS3).

2.2.2.2. 2.1. Causativos de intransitivos

2.2.2.2. 2.1.1. Causativo simples

É muito produtivo o uso de afixos causativos para criar verbos transitivos a partir de bases intransitivas. O morfema *mu-* (ou seu alomorfe *muy-*) é o responsável pela interpretação causativa e conseqüente transitivização de bases verbais intransitivas – sejam estas processuais (37) ou estativas (38) – assim como de bases não-verbais (40):²⁰

(37a) (õn) o=**'at**

(eu) 1S=cair.PRF

'(Eu) caí.'

(37b) **bekicat** o=**⊕-muy-'at**

criança 1O=R1-CAUS1-cair.PRF

'A criança me derrubou.'

²⁰ Existe o verbo transitivo *muy* 'fazer, construir, fabricar, enfeitar':

(a) **dopa-dip** **epe=jo-muy**
 rosto-bonito 23S=R2-fazer
 'Coloquem os enfeites.' (lit. 'Façam o rosto bonito.')

(b) **uk** ⊕-'a-'in **epe=y-a-muy**
 casa R1-NFC-PART 23S=R2-NFC-fazer.IMPER
 'Façam uma casa.'

O verbo intransitivo processual 'at 'cair' (37a) é causativizado com *muy-*, passando o seu sujeito a ser objeto do agora verbo transitivo *muy-'at* (37b).

Abaixo, mostramos um exemplo de verbo intransitivo estativo (38a), que também pode ser causativizado (38b):

(38a) **bekicat i-parara**

criança R2-ter.medo

'A criança tem medo.'

(38b) **õn bekicat ⊕-mu-parara-m**

eu criança R1-CAUS1-ter.medo-IPRF

'Eu estou assustando a criança.'

O morfema causativo *mu-* / *muy-* não incide sobre um verbo contendo *je-*:²¹

(39a) **sug)tabi i-bag**

porta R1-estar.quebrado

'A porta está quebrada.'

(39b) **sug)tabi o'=je-bag**

porta 3S=MED-estar.quebrado.PRF

'A porta se quebrou.'

(39c) ***ag)okatkat sug)tabi o'=g)uy-je-bag**

homem porta 3S=R2.CAUS1-MED-estar.quebrado.PRF

'O homem quebrou a porta.'

(39d) **ag)okatkat sug)tabi o'=g)uy-bag**

homem porta 3S=R2.CAUS1-estar.quebrado.PRF

'O homem quebrou a porta.'

²¹ Conferir discussão feita a esse respeito na seção 2.2.2.1.2.1.

A impossibilidade de construir uma causativa diretamente sobre um intransitivo formado com *je-* (39c) é um indício de que a diferença entre formas causativas e médias deve ser observada. Um forma média tem, necessariamente, um sujeito afetado, um agente não-prototípico, uma vez que ele está no interior do processo, tomando parte dele (cf. seção 2.2.2.1.2.1). Na voz causativa, o sujeito é um agente prototípico, agindo sobre um paciente, mas não sendo afetado pelo processo, daí a incompatibilidade entre esses dois morfemas.

Não só verbos intransitivos processuais ou estativos são causativizados com *mu-* / *muy-*. Alguns nomes (40a-b) e advérbios também (41):

(40a) **õn bekicat o=tao-mu-xem**

eu criança 1S=R2.perna-CAUS1-gordura.?

'Fui eu que untei a perna da criança.'

(40b) **g)ebuje ip su-i** ☉-**mu-xipanpan** io'e, **su-i-karaw** ☉-**buje**

então eles R2-castanha R1-CAUS1-bom.? dizem R2-castanha-estar.seco R1-depois

'Daí quando as castanhas estavam bem secas, as guardaram.'

(41) **xepxep sorobi o=γ)uy-um**

dois surubins 1=R2.CAUS1-no.alto

'Eu pesquei dois surubins.'

Os verbos *mu-xem* e *mu-xipan* são formados a partir de *-xep* 'gordura' e *xipat* 'bom'. Já o verbo *muy-um* deriva do advérbio *um* 'no alto'.

O morfema *mu-* / *-muy* aqui analisado é também atingido parcialmente pela reduplicação, desde que a forma primitiva a que ele se prefixou seja monossilábica:

(42a) **g)ebuje ayacã-yu) i-bu** ☉-**mu-sup.u-sum** **ip je=☉-bu-m**

então mulher-PL R2-linha R1-CAUS1-ser.fino.DUR.IPRF elas 3CORF=R1-mão-INSTR

'Então, as mulheres vão afinando a linha (de algodão) com a mão.'

(42b) **jebut** ⊕-muy-un.uy-un **omuy**

caça R1-CAUS1-estar.salgado.DUR.IPRF AUX

'Está salgando a caça dele.'

Em se tratando da distribuição entre *mu-* e *muy-*, podemos apenas afirmar que o ambiente de realização de *muy-* é bem mais restrito do que o de *mu-* e que ele (*muy-*) ocorre apenas com raízes monossilábicas. Porém, esse critério ainda não é suficiente para caracterizá-lo, uma vez que *mu-* também ocorre com monossílabos, embora do tipo CVC (com exceção apenas de *muõm* 'enfiar'). Neste momento, então, consideramos apropriado listar as ocorrências de *muy-* e de *mu-* a que tivemos acesso, deste último apenas as ocorrências com monossílabos interessam:

Tabela 2.8 – Extrato de ocorrências de *mu-* e *muy-* com raízes monossilábicas

padrão silábico	<i>muy-</i>	significado	padrão silábico	<i>mu-</i>	significado
V	<i>o</i>	'sasar' (calo, por exemplo)	CVC	<i>sop</i>	'acender'
VC	<i>un</i>	'salgar'		<i>pak</i>	'avermelhar'
CV	<i>'u</i>	'matar muitos'		<i>pik</i>	'queimar'
	<i>cu</i>	'fazer ir'		<i>dip</i>	'embelezar'
	<i>de</i>	'tocar' (uma flauta, por exemplo)		<i>kap</i>	'transmitir, contaminar'
	<i>po</i>	'fazer deitar'		<i>tik</i>	'furar'
CVC	<i>'at</i>	'derrubar'		<i>bik</i>	'tirar' (calo da mão com espinho, por exemplo)
	<i>'um</i>	'matar'		<i>sup</i>	'afinar'
	<i>pit</i>	'fazer voltar'		<i>we)n</i>	'contar, relatar'
	<i>mu)g)</i>	'grudar'		<i>cak</i>	'pisar'
	<i>kõn</i>	'alimentar'		<i>kug)</i>	'apertar'
	<i>sun</i>	'colocar' (colocar corda na flecha, por exemplo)'		<i>xik</i>	'queimar'
	<i>cem</i>	'ficar colado'		<i>je)m</i>	'colocar, fazer ir'
	<i>xey</i>	'fazer sonhar'		<i>wan</i>	empurrar
	<i>jay</i>	'chocar-se'	<i>õm</i>	'enfiar, fazer entrar'	
	<i>xet</i>	'fazer dormir'	VC		
	<i>mu)n</i>	'enrolar'			

2.2.2.2. 2.1.2. Causativo comitativo

Verbos intransitivos também podem ser causativizados com o prefixo *duju-* / *do-*. O resultado é um verbo transitivo causativo, chamado de *comitativo*.

Ao passo que nas construções causativas simples [com *mu-* ~ *muy-*] o sujeito é um agente que faz um objeto (paciente) praticar uma ação, nas construções causativas comitativas [com *duju-* ~ *do-*] o sujeito pratica, ele mesmo, a ação em companhia do objeto. (Angotti 1998:22)

Para exemplificar essa afirmação, apresentamos os seguintes dados:

(43a) **muba'at ãm.ãm-⊕ uk ⊕-'a ⊕-be**
 chuva entrar.DUR-IPRF casa R1-NFC R1-em
 'A chuva está entrando na casa.'

(43b) **sariki ⊕-ta ⊕-duju-ãm.ãm-⊕ i-ta-direm-ap ⊕-puxim**
 tapioca R1-NFC R1-CAUS2-entrar.DUR-IPRF R2-NFC-estar.molhado-NMZ2 R1-contra
 'Estão entrando com a tapioca para que ela não fique molhada.'

Verbos causativos comitativos são transitivos da classe II, pois indicam não-contigüidade com o relacional *t-*. A idéia de *verbo causativo comitativo* foi formulada pela primeira vez por Lucien Adam (1896:48):

Verbes Causatifs-Comitatifs

76. – Ces verbes sont formés par la préfixation des particules *ro-*, *no-*, suivant la gamme du thème.

Guarani. – Ex.: *a-iké* j'entre, *a-ro-iké* je le fais entrer en entrant aussi, j'entre avec une autre chose; *a-ro-basê kwatiá paí upé* je suis arrivé auprès du père avec les billets; *a-â* je me tiens, *a-no-â* je me tiens avec un autre, avec autre chose.

Anchieta. – Ex.: *a-kér* je dors, *a-ro-kér xe r-aíra* je dors avec mon fils; *a-ro-kér aóba* je dors avec une robe.

Essa não é uma classe aberta como a dos causativos simples. Apresentamos, a seguir, os causativos comitativos encontrados até agora: *dojot* 'trazer', *dujujε)m* 'levar para fora', *dujukap* 'levar para passar', *dujukop* 'levar para baixo', *dujuãm* 'levar para dentro', *dujupa'v)m* 'roubar' (levar para fora da vista), *dujupit* 'levar de volta' e *dujuxe* 'recolher'.

2.2.2.2. 2.2. Causativos de transitivos

O sufixo *-at* pode ser acrescentado a verbos transitivos simples (44a-b) ou a transitivos causativizados (45a-b) para dar (ou aumentar) a idéia de causação. Esse sufixo introduz um terceiro argumento: por exemplo, *Maria* em (44b) e *wamõat* em (45b). Esse terceiro argumento é o sujeito da construção causativa, enquanto o sujeito da transitiva básica passa a adjunto oblíquo marcado pela posposição *be ~ pe*: *Pedoro be* (44b) e *bekicat pe* (45b). É mantido o mesmo objeto direto: *akurice* (44a-b) e *poy* (45a-b).

(44a) **Pedoro akurice o'=jo-wuy**

Pedro cachorro 3S=R2-lavar.PRF

'Pedro lavou o cachorro.'

(44b) **Maria Pedoro ☉-be akurice o'=jo-wuy-at**

Maria Pedro R1-por cachorro 3S=R2-lavar-CAUS3.PRF

'Maria fez Pedro lavar o cachorro.'

(45a) **bekicat poy ☉-mu-cak.u-cag)**

criança jabuti R1-CAUS1-estar.pisado.DUR.IPRF

'A criança está pisando o jabuti.'

(45b) **wamõat bekicat ☉-pe poy o'=g)u-cak-at**

pajé criança R1-por jabuti 3S=R2.CAUS1-estar.pisado-CAUS3.PRF

'O pajé fez a criança pisar o jabuti.'

2.2.2.2. 2.3. Causativos de nomes

A formação de verbos transitivos a partir de nomes é um processo muito produtivo em Mundurukú. Nomes possuíveis tornam-se verbos transitivos por meio da sufixação de *-da* (após vogais) e *-ta* (após consoantes), que trataremos como mais um morfema causativo. Abaixo o nome inalienável *-tayxi* 'esposa' torna-se um verbo:

(46a) **wamõat ag)okatkat o'=su-tayxi-da**

pajé homem 3S=R2-esposa-VRBZ

'O pajé casou o homem.'

(lit. 'O pajé fez o homem ter esposa.')

Além das evidências morfológicas de que se trata de um verbo transitivo (marca pessoal de sujeito e prefixo relacional de objeto), o novo verbo transitivo pode ser novamente causativizado com *-at* (46b) ou mesmo passivizado (46c):

(46b) **õn ag)okatkāt o'=su-tayxi-da-āt wamõat ①-pe**
 eu homem 3S=R2-esposa-VRBZ-CAUS3 pajé R1-por
 'Eu fiz o pajé casar o homem.'

(46c) **ag)okatkāt o'=je-tayxi-da-āt wamõat ①-pe**
 homem 3S=MED-esposa-VRBZ-CAUS3 pajé R1-por
 'O homem foi casado pelo pajé'

2.3. Outros sufixos verbais

Destacamos aqui alguns outros sufixos verbais.

a) **-isu** 'recente, recém'

Esse morfema informa que uma ação acabou de ocorrer (47a-c); ele aparece também em nomes deverbais (48a-b):

(47a) **y-aje)m-isu pit i-bapuk g)u io'e, ade ji)jã wuyjuyu) ①-buye io'e.**
 R2-chegar-RECT contraste R2-aparecer NEG diz.que muitos muito gente R1-porque diz.que
 'Logo ao chegar, não aparecia, porque tinha muita gente mesmo.'

(47b) **i-mug)e-isu ①-bima bit i-poxi**
 R2-fazer-RECT R1-quando contraste R2-ser.pesado
 'Assim que é feito, está pesado.' (referindo-se ao cesto)

(47c) **kabi-a-isu-m ip o'=ju**
 céu-ter.claridade-RECT-INSTR eles 3S=ir.PRF

'De manhã cedinho, eles foram.'

(48a) **y-aypan-isusu-a(t)- koap cuyma o'=je-koy inaka ixe-yu) kanõmum o'=aje⊙m
yu⊙**

R2-ser.velho-RECT-NMZ1- primeiro ? 3S=MED-remo apesar eles-PL por.último 3S=chegar
PL

'Os jovens, apesar de terem remado primeiro, eles é que chegaram por último.'

(48b) **y-a-muy-isu-at ⊙-'a**

R1-NFC-fazer-RECT-NMZ R1-NFC

'casa recém-construída'

Os verbos sufixados com *-isu* são menos finitos: ocorrem sem marcador clítico de pessoa e, quando intransitivos processuais, se flexionam com o relacional de não-contigüidade *i-* (cf. exemplo (47a)), típico de verbos estativos²² e de nomes.

b) *-uk* 'habitual', *-xi* 'excessivo' e *-bu/-pu* 'exclusivo, limitado a'

Os três morfemas desta seção imprimem ao predicado uma leitura menos temporal/aspectual, uma vez que não podem ocorrer os marcadores clíticos de pessoa, típicos de aspecto perfectivo, nem o sufixo de imperfectividade *-m*:

(49a) **Misael jarãy ⊙-'a ⊙-'o.'o-uk**

Misael laranjeira R1-ESF R1-comer.ITER-HAB

'Misael gosta de comer laranja.'

(49b) **Misael jarãy ⊙-'a ⊙-'o.'o-xi**

Misael laranjeira R1-ESF R1-comer.ITER-EXCES

'Misael come laranja demais.'

²² Sobre as características também nominais de verbos estativos, conferir seção 2.2.2.1.

(49c) **Misael bio** ①-**aoka-bu**

Misael anta R1-matar.ITER-EXCLUS

'Misael só vive de matar anta.' (não gosta de matar outra coisa)

(49d) **deiwat-yu) e'e-m oce=**①-**webe y-a-'uk-pu**

não.índio-PL falar-IPRF 13=R1-para R2-cabeça-arrancar-EXCLUS

'Os não-índios chamavam a gente de cortadores de cabeça.'

Em nomes deverbais, esses morfemas têm esses mesmos significados:

(50a) **i-mu-taybit.bin-uk-a(t)-yu**

R2-CAUS1-saber.ITER.IPRF-HAB-NMZ1-PL

'Professores' (lit. 'Aqueles que têm o hábito de ensinar algo')

(50b) **y-a-'uk.'uk-xi-at**

R2-cabeça-tirar.ITER-EXCES-NMZ1

'Tirador de cabeça'

(50c) **je-orok.orok-pu-iat**

MED-caçar.ITER-EXCLUS-NMZ1

'Aquele que só vive de caçar.'

CAPÍTULO 3 - Nomes e posposições

Neste capítulo, identificaremos as propriedades morfossintáticas dos nomes e das posposições.

O protótipo do nome, assim como o do verbo, pode ser identificado semanticamente. A classe de nomes em uma língua inclui palavras “(...) that express the most **time-stable** concepts, e.g., 'rock', 'tree', 'mountain', 'house', etc.” (Givón 2001:51), isto é, conceitos que não variam sensivelmente ao longo do tempo. Mas é fundamental, em primeiro lugar, determinar as propriedades morfossintáticas dos nomes prototípicos. Essas são: propriedades distribucionais (ou configuracionais) e propriedades estruturais. As primeiras dizem respeito à distribuição das palavras nos sintagmas, sentenças e textos. Nomes podem ser, por exemplo, núcleos de sintagmas nominais, sujeitos de orações e tópicos. Já as propriedades estruturais dizem respeito à estrutura interna do próprio nome: marcação de caso, número, etc.

Além dos nomes, apresentaremos também as posposições (seção 3.2), que compartilham com eles propriedades estruturais, como paradigma pessoal e flexão relacional.

3.1. Nomes

Em Mundurukú, nomes constituem uma classe aberta e desempenham, principalmente, a função de sujeito, objeto, objeto de posposição, modificador de outro nome e núcleo de predicado nominal. Além disso, podem ser usados eles mesmos como adjuntos desde que recebam morfologia para tal, como o sufixo de função instrumental ou translativa *-m*. Afora esse, outros morfemas ocorrem com nomes e serão apresentados na seção 3.1.3.

Um fator diferencial de parte dos componentes dessa classe, especialmente os nomes inalienáveis, é a sua incorporação em núcleos de predicado verbal (1a) e o seu uso como elementos anafóricos (1b) (cf. capítulo 6).

(1a) A. **e)n tu puy ①-bu e=su-bu-aoka**

você INT cobra R1-NFC 2S=R2-NFC-matar.PRF

'Foi você que matou a cobra?'

(1b) B. **õn ma xepxep ①-pu o=su-bu-aoka**

eu mesmo duas R1-NFC 1S=R2-NFC-matar.PRF

'Eu mesmo matei duas.'

Os nomes estão divididos em duas subclasses: os inalienáveis (seção 3.1.1) e os alienáveis (3.1.2).

3.1.1. Nomes inalienáveis

A ocorrência intrínseca de marcadores clíticos de pessoa e de morfemas relacionais¹ caracteriza a subclasse de nomes inalienáveis, isto é, obrigatoriamente possuídos:

Tabela 3.1 – Nomes inalienáveis: marcação pessoal e flexão relacional

	Classe I	Classe IIa	Classe IIb
	'mãe'	'perna'	'flecha'
1	<i>o= ①-xi</i>	<i>o= ①-dao</i>	<i>o= d-op</i>
2	<i>e= ①-xi</i>	<i>e= ①-dao</i>	<i>e= d-op</i>
12	<i>wuy= ①-xi</i>	<i>wuy= ①-dao</i>	<i>wuy= d-op</i>
13	<i>oce= ①-xi</i>	<i>oce= ①-dao</i>	<i>oce= d-op</i>
23	<i>ey= ①-xi</i>	<i>ey= ①-dao</i>	<i>ey= d-op</i>
3CORF	<i>je= ①-xi</i>	<i>je= ①-dao</i>	<i>je= d-op</i>
R2	<i>i-xi</i>	<i>t-dao</i>	<i>t-op</i>

Conforme a tabela acima, os nomes inalienáveis estão subdivididos, morfologicamente, em três classes de acordo com a flexão relacional a que estão sujeitos. Na classe I, estão os nomes que tomam ①- como relacional de contigüidade (R1) e *i-* como

¹ Para maiores detalhes sobre os marcadores pessoais e os morfemas relacionais, conferir o capítulo 1.

relacional de não-contigüidade (R2). Na classe IIa, os que tomam \textcircled{D} - como relacional de contigüidade e *t*- como relacional de não-contigüidade. Este último se funde ao *d* (ou *n* se a vogal seguinte for nasal) da raiz (todos os nomes dessa classe se iniciam por *d* ou *n*). Já a classe IIb, da qual identificamos até agora apenas dois nomes (*op* 'flecha' e *uk* 'a 'casa'), apresenta os relacionais *d*- (contigüidade) e *t*- (não-contigüidade). Os dois nomes dessa classe podem ser usados sem referência ao possuidor, ao contrário dos demais nomes inalienáveis.²

Os nomes inalienáveis são formados, basicamente, de nomes de parte e de termos de parentesco. Alguns nomes de parte são usados também com função classificadora (NFC), como mostram os exemplos em (2b):

(2a) **Pedoro** \textcircled{D} -**bu** // **Pedoro** \textcircled{D} -**'a** // **ako** \textcircled{D} -**dup**
 Pedro R1-dedo Pedro R1-cabeça bananeira R1-folha
 'dedo do Pedro' // 'cabeça do Pedro' // 'folha da bananeira'

(2b) **puy** \textcircled{D} -**bu** // **uk** \textcircled{D} -**'a** // **warepupu** \textcircled{D} -**dup**
 cobra R1-NFC casa R1-NFC borboleta R1-NFC
 'cobra' // 'casa' // 'borboleta'

Em (2b), os nomes *-bu*, *-a* e *-dup* **não** estão sendo usados com seu valor referencial de 'dedo', 'cabeça' e 'folha', como em (2a). Assumem aí função classificadora: *-bu* categoriza objetos e animais com formato comprido e flexível; *-a*, objetos e animais com formato arredondado; e *-dup*, objetos e animais foliformes. Por ser o uso de nomes com função classificadora um traço morfológico, sintático e semântico bastante relevante, optamos por apresentar o fenômeno em um capítulo à parte (cf. capítulo 5).

3.1.2. Nomes alienáveis

Os nomes alienáveis são aqueles que designam seres que **não** têm possuidor inerente, mas que podem ser possuídos. A estratégia usada para atribuir um possuidor a nomes dessa classe é o uso do morfema *e*-, um alienador (ALIEN):

² Estudos futuros de natureza diacrônica se fazem necessários para uma melhor compreensão das mudanças que afetaram o que anteriormente pode ter sido uma única classe II.

Tabela 3.2 – Nomes alienáveis: marcação pessoal e flexão relacional

	'canoa'
1	<i>o=</i> $\textcircled{1}$ - <i>e-kobe</i> \Rightarrow <i>wekobe</i>
2	<i>e=</i> $\textcircled{1}$ - <i>e-kobe</i> \Rightarrow <i>ekobe</i>
12	<i>wuy=</i> $\textcircled{1}$ - <i>e-kobe</i> \Rightarrow <i>wuyekobe</i>
13	<i>oce=</i> $\textcircled{1}$ - <i>e-kobe</i> \Rightarrow <i>ocekobe</i>
23	<i>ey=</i> $\textcircled{1}$ - <i>e-kobe</i> \Rightarrow <i>eyekobe</i>
3CORF	<i>je=</i> $\textcircled{1}$ - <i>e-kobe</i> \Rightarrow <i>jekobe</i>
R2	<i>ce-e-kobe</i> \Rightarrow <i>cekobe</i>

Os nomes alienáveis, quando possuídos, ocorrem com o mesmo paradigma pessoal dos inalienáveis. A diferença entre eles é o relacional de não-contigüidade (R2): *ce-* nos alienáveis e *i-* ou *t-* nos inalienáveis. *ce-* é também o relacional de não-contigüidade típico da classe das posposições (*ce-be* 'a ele').

São exemplos de nomes alienáveis: *kobe* 'canoa', *wiap* 'abano', *posug* 'remédio', *kapikap* 'trabalho', *o'i* 'farinha', *bay* 'pai', *ajot* 'avô', *tarekrek* 'mercadorias', *tako* 'região, área', *kawen* 'fala, história', etc.

Os empréstimos lexicais são alocados sistematicamente na classe dos alienáveis. Abaixo, alguns exemplos:

<i>w-e-kartera</i>	'minha carteira'
<i>w-e-kopo</i>	'meu copo'
<i>w-e-parato</i>	'meu prato'
<i>w-e-aviãw</i>	'meu avião'
<i>w-e-pixag)a</i>	'meu gato'
<i>w-e-kawsãw</i>	'meu calção'
<i>w-e-asukara</i>	'meu açúcar'
<i>w-e-sako</i>	'meu saco (de arroz)'

<i>w-e-mi)kaw</i>	'meu mingau'
<i>w-e-ospitaw</i>	'meu hospital'
<i>w-e-kōsota</i>	'minha consulta (médica)'
<i>w-e-peta</i>	'minha festa'
<i>w-e-kaixa 'a</i>	'minha caixa'
<i>w-e-bora 'a</i>	'minha bola'
<i>w-e-muketero 'a</i>	'meu mosquito'
<i>w-e-kaneta 'ip</i>	'minha caneta'

Em trabalhos de outros autores sobre a língua (cf. Picanço 2003, seguindo Crofts 1985, e Nunes 2000, por exemplo), postula-se a existência de mais uma subclasse de nomes, a dos nomes não-possuíveis. Aí estariam, principalmente, os nomes de corpos celestes (*kaxi* 'sol/lua', *kasop ta* 'estrela', etc.) e de animais (*wida* 'onça', *akurice* 'cachorro', etc.). De fato, não é freqüente a posse desses elementos, mas também não é impossível. Por exemplo, uma pessoa pode identificar no céu uma estrela e escolhê-la para ser sua, como uma espécie de amuleto. Daí, pode dizer: *w=e-kasop ta* 'minha estrela', utilizando o morfema de posse alienável *e-*, que lhe permitirá usar os morfemas pessoais de posse. O mesmo pode se passar com um nome de animal se, por exemplo, uma criança desenha uma onça e diz, referindo-se ao desenho, *w=e-wida* 'minha onça'. Outros exemplos desse tipo são:

(3)

- (a) *parawa e-puy bu* 'cobra arara' (lit. 'cobra de arara', *sp.*)
 (b) *kabi e-Katō* 'céu do Katō' (uma aldeia)
 (c) *ijop e-koato* 'este ano' (lit. 'verão deste')
 (d) *kapusu'at e-kabiok* 'noite de ontem'

Isso ilustra que a noção de "nome não-possuível" em Mundurukú não se aplica. Portanto, qualquer coisa pode ser possuída desde que haja contexto adequado para tal.

Apesar de menos recorrente em nossos dados, a incorporação com nomes alienáveis também se faz presente (cf. seção 6.6):

- (4) **e)n ma w=⊕-e-wa'e e=y-ae-jojo**

você mesmo 1=R1-ALIEN-cuia 2S=R2-cuia-ver.PRF

'Foi você que viu minha cuia.'

3.1.3. Outros morfemas nominais

Nesta seção, apresentamos os principais morfemas que ocorrem com nomes:

a) **-yu)** 'plural'

Nomes podem receber o morfema de plural *-yu)*, embora isso não seja sistemático:

(5)

(a) <i>wida</i>	'onça'	⇒ <i>wida-yu)</i>	'onças'
(b) <i>ayacat</i>	'mulher'	⇒ <i>ayaca-yu)</i>	'mulheres'
(c) <i>biopak</i>	'vaca'	⇒ <i>biopak-yu)</i>	'vacas'
(d) <i>obure</i>	'meu amigo'	⇒ <i>oburere-yu)</i>	'meus amigos'
(e) <i>oktop</i>	'meu marido'	⇒ <i>oktoptop-yu)</i>	'meus maridos'
(e) <i>yaokaat</i>	'matador'	⇒ <i>yaokaka-a(t)-yu)</i>	'matadores'

Os exemplos *oburereyu)*, *oktoptopyu)* e *yaokakaayu)* mostram a ocorrência de reduplicação associada ao acréscimo do sufixo *-yu)* (sobre a associação entre reduplicação e número, conferir seção 2.2.1.1.3.)

b) **-in** 'partitivo/ individualizador'

(6a) **ag**⊙**okatka-yu**⊙-'**in** **o'**=**aje**⊙**m**

homem-PL-PART 3S=chegar.PRF

'Um dos homens chegou.'

(6b) **xiri**-'**in** **e=jo-wuy** **i-o'e** **ce-be.** **y-aje**⊙**m-at**-'**in**

nambu-PART 2S=R2-flechar.IMPER R2-dizer R2-para R2-chegar-NMZ1-PART

'Fleche uns nambus, disse a eles, esses que vão chegando.'

(6c) **kuayje juy** **kabia-isu-m** **cuy** **wara'at** ⊙-**ti** **iodi**-'**in** **a=ti-kuda**

amanhã IMPER dia-RECT-INSTR IMPER outro R1-lago lago-PART 12=R2.lago-procurar

'Amanhã, bem cedo, iremos procurar um outro lago.'

c) **-m** 'instrumental/ translativo'

(7a) **bio** ⊙-**dakatkan** **kise**-**m**

anta R1-cortar.IPRF faca-INSTR

'Está cortando a anta com a faca.'

(7b) **w=**⊙-**etaybit** **ico**-**m**

1S=R1-saber cesto-INSTR

'Eu conheço cesto.'

(7c) **i-mu-wexan** **õn** **ico**-**m**

R2-CAUS1-transformar.se.IPRF eu cesto-TRANSL

'Eu vou fazer um cesto.'

(lit. 'Eu vou transformar algo em cesto.')

d) **-'u)m** 'finado', 'privativo'³

³ Esse morfema tem valor de como negação também:

(8a) **ayacat-'u**Ⓞ**m** o'=**je-aoka-at** **wida** Ⓞ-**be**

mulher-finado 3S=MED-matar-CAUS3 onça R1-por

'A mulher foi morta pela onça'

(lit. 'A finada mulher foi morta pela onça')

(8b) **oce=**Ⓞ-**dubu-yu)-** **ma** **xipan** o'=**je-kawe)n** **deiwat-yu)** Ⓞ-**e-kariwa-yu)** Ⓞ-**eju**
'u)m'u)m

13=R1-avô-PL-finados mesmo bem 3S=MED-falar não.índio-PL R1-ALIEN-chefe-PL R1-com

'Os nossos finados avôs firmaram acordo com os chefes dos não-índios.'

(8c) **ayacat** Ⓞ-**pe:** **y-uk-reg)-'u)m** **e'em,** **i-'it-'u)m** **tak** **e'em**

mulher R1-em R2-barriga-?-PRIV AUX R2-filho-PRIV também AUX

'Na mulher: fica com dificuldade de engravidar e também fica estéril.'

(8d) **i-ta-'u)m** **i** **dak** **kuka** **γuyjom** **o'e**

R2-olho-PRIV e também HIP depois AUX

'E também (a criança) poderá ficar cega mais tarde.'

e) **-buk** 'abandonado'

advérbio: **wuy-'u)m** 'não é longe';

verbo intransitivo estativo:

e-Ⓞ-**taybit-'u)m** **tak**
2S=R1-saber-NEG também
"você não pode deixar de conhecer também"

verbo intransitivo processual:

i-'it **kam-'u)m** Ⓞ-**pima**
R1-filho passar.IPRF-NEG R1-antes
'antes de nascer o filho'.

A noção de 'abandonado ou não pertencente mais a ninguém' é dada pelo acréscimo do sufixo *-buk* ao nome:

(9a) **hog→o-dip-ka-buk**

mangabeira-aglomerado-lugar-abandonado

'Antiga aldeia Mangabal'

(9b) **i-tayxi-buk**

R2-esposa-abandonada

'esposa viúva ou abandonada'

(9c) **o=d-uk** Ⓢ-'a-buk

1=R1-casa R1-NFC-abandonada

'minha casa abandonada'

f) **-m** 'futuro nominal'⁴

(10)

(a) **ico** 'cesto' ⇒ **ico-m** 'futuro cesto'

(b) **parat** 'peneira' ⇒ **paran** 'futura peneira'⁵

(c) **aviãw e-piloto** 'piloto de avião' ⇒ **aviãw e-piloto-m** 'futuro piloto de avião'

Supomos tratar-se do morfema de imperfectividade que ocorre com verbos (cf. seção 2.1.1):

(11a) **bio** Ⓢ-aoka-**m**

anta R1-matar-IPRF

⁴ Aryon Rodrigues (c.p.) propõe para essa forma o termo "atualização prospectiva".

⁵ A fusão do morfema *-m* com coda /t/, /k/ e /p/ tem como resultado a correspondente nasal, pré-oralizada: [dn], [gN] e [bm].

'Vai matar a anta.'

(11b) **bio** ①-**aoka.ka-m**

anta R1-matar.DUR-IPRF

'Está matando a anta.'

g) **-xiri** 'grande, coletivo'⁶

O sufixo *-xiri* significa 'grande' (13a-b) ou 'coletivo' (14a-c):

(13a) **ibiat pit be=ku idi-xiri** ①-**dag)-at**

este contraste aquele=? rio-grande R1-por-NMZ1

'Este (peixe) é aquele que vive em rio grande.'

(13b) **ag)oka-xiri** / **muba'at-xiri** / **daydo-xiri** / **puy-xiri**

'aldeia-grande' chuva-grande tatu-grande cobra-grande

'cidade' 'tempestade' 'tatu (sp.)' 'cobra-grande' (mitológica)

(14a) **dajekco-xiri aje)m.aje)m**

caititu-coletivo chegar.REDPL

'Chegava um bando de caititus.'

(14b) **bekitkit-xiri o'=tobuxik ip**

crianças-coletivo 3S=R2.encontrar eles

'Encontraram um bando de crianças.'

⁶ Uma outra maneira de expressar a idéia de 'grande' é usar o nome *xixi* 'o grande' (derivado por reduplicação de *xi* 'mãe') como aposto de outro:

ayaca-yu **o'=ju** **uk** ①-'**a** **xixi** ①-'**a** ①-**be**
mulher-PL 3S=ir casa R1-NFC grande R1-NFC R1-para
'As mulheres foram para a casa grande.' (lit. 'As mulheres foram para a casa, a grande.')

xixi é um nome e não um sufixo dado o fato de ele ter autonomia para constituir um sintagma nominal com o nome possível que ocorre na palavra a que ele se refere: [[xixi] 'a]. Isso seria uma evidência a favor de considerá-lo em justaposição com o nome a que se refere e não como um sufixo deste: [[uk] 'a] [[xixi] 'a]. Se, por sua vez, *-xiri* fosse um nome e não um sufixo, o exemplo (13a) seria *idi xiri di*, o que não é o caso.

- (14c) **boma=ku wuyjuyu)-xiri y-a'ijojo-a-yu)**
 para.lá=? gente-coletivo R2-ouvir-NMZ1-PL
 'Para lá, havia muita gente escutando.'

A reduplicação de *xiri* possibilita o seu uso autônomo, com valor de 'multidão':

- (15) **xiri-xiri o=jo-jo**
 multidão 1S=R2-ver.PRF
 'Eu vi a multidão.'

h) **-u)n'u)n** 'pequeno'⁷

- (16a) **cokõn-'u)n'u)n-yu) ade o'=aje)m.je)m**
 tucano-pequeno-PL muitos 3S=chegar.REDPL
 'Muitos tucaninhos chegaram.'

- (16b) **ako-'u)n'u)n** ①-pa
 bananeira-pequena R1-banana
 'banana ourinho'
 (espécie de banana pequenininha)

3.2. Posposições

Classe fechada, as posposições compartilham com os verbos e com os nomes

⁷ Uma outra maneira de expressar a idéia de 'pequeno' é usar o nome '*it'it* 'o pequeno' (derivado por reduplicação de '*it* 'filho') como aposto de outro, que tem as mesmas características já apresentadas para *xixi* 'o grande' na nota anterior:

wenu) ①-i) ①-nõm-'in. iti)g) ①-'a 'it'it ①-'a ①-be ma
 castanheira R1-castanha R1-massa-PART pote R1-NFC pequeno R1-NFC R1-em mesmo
 'Um pouco de massa de castanha. Coloque em um pote pequeno.' (lit. 'Coloque em um pote, um pequeno')

algumas propriedades morfossintáticas: marcação de pessoa e flexão relacional (cf. seções 1.1.2 e 1.2.2):

(1a) o=Ⓣ-ba l=R1-braço 'meu braço'	(1b) o=Ⓣ-jojo-m lO=R1-ver-IPRF 'está me vendo'	(1c) o=Ⓣ-kay l=R1-para 'a mim'
---	---	---

Além de terem o mesmo morfema relacional de contigüidade (R1 = Ⓣ-), posposições, nomes e verbos estativos têm exatamente os mesmos marcadores clíticos pessoais (cf. tabela 1.3).

Em se tratando especificamente do relacional de não-contigüidade (R2), as posposições têm maior afinidade com os nomes alienáveis. Ambos têm o mesmo R2: **ce-**.

Tabela 3.3 – Posposições, nomes e o relacional de não-contigüidade (R2)

Nomes inalienáveis		Nomes alienáveis	Posposições
Classe I (iniciados por <i>d/n</i>) ⁸	Classe II (iniciados por vogal ou consoante ≠ de <i>d/n</i>)		
R2 = t-	R2 = i-	R2 = ce-	R2 = ce-
<i>tao</i> (< <i>t-dao</i>)	<i>i-ba</i>	ce-(e)-kobe	ce-kay
'perna dele'	'braço dele'	'canoa dele'	'a ele'

Do ponto de vista sintático, as posposições têm complemento obrigatório, e o SP constituído por elas não é um argumento do verbo; é apenas um circunstante, um constituinte periférico, um adjunto. Isso as diferencia dos nomes, que exercem funções argumentais nucleares.

A seguir, apresentamos uma tabela com as posposições identificadas e seus respectivos significados:

⁸ Identificamos apenas duas outras palavras que se iniciam com vogal e pertencem a esta classe: *uk'a* 'casa' e *op* 'flecha'.

Tabela 3.4 – Posposições e significados básicos

Posposição	Significado básico
1. be ~ pe ∞ webe	'em, para, por' (locativo pontual/ dativo)
2. dag)) ~ tag)	'por, conforme' (locativo difuso, conformidade)
3. kay	'a, para' (alativo)
4. teg)	'perto de, nas proximidades de'
5. xe	'ao lado de, na presença de, na posse de'
6. eju ∞ weju	'com' (comitativo)
7. kug)	'com, em contato com, junto ao corpo'
8. jeje ~ ceje	'em cima de, sobre'
9. tog)	'por baixo de, dentro de, sob'
10. ase	'por cima de, acima de'
11. keg)	'dentro de, em' (envolvido por invólucro)
12. wi	'de' (ablativo)
13. buxim ~ puxim	'contra, como' (contrariedade, comparação)
14. pibun	'por causa de'
15. wap	'em frente a, antes de'
16. em	'por, em' (duração, frequência)

Para uma melhor compreensão dessa classe, cada posposição é apresentada e exemplificada nos mais variados contextos a que tivemos acesso.

3.2.1. *be ~ pe* ∞ *webe*

Essa posposição tem a forma *be* após vogal e a forma *pe* após consoante. Com

objetos pronominais, a forma usada é *webe*:

(2a)		
o=webe		'para mim'
e=webe		'para você'
oce=webe		'para nós (exclusivo)'
wuy=webe		'para nós (inclusivo)'
ey=webe		'para vocês'
je=webe		'para si mesmo'

Com o relacional de não-contigüidade (R2), *ce-*, a forma usada é *be*: *ce-be* 'a ele'. A seguir, apresentamos as funções dessa posposição.

3.2.1.1. Locativo pontual

be, usado como locativo pontual, indica um lugar preciso (nesse caso, opõe-se à *dag/tag*) 'locativo difuso', que apresentaremos na seção 3.2.2).

(2b) **o=⊙-xi uk ⊙-'a ⊙-be**

1=R1-mãe casa R1-NFC R1-em

'Minha mãe está em casa.'

(2c) **wida ayacat o'=y-aoka Katõ ⊙-be**

onça mulher 3S=R2-matar.PRF Katõ R1-em

'A onça matou a mulher na aldeia Katõ.'

O verbo *etabut* 'acreditar' é um intransitivo estativo que ocorre com circunstancial regido pela posposição *kay*, típica de verbos psicológicos (cf. seção 3.2.3.2). No contexto apresentado abaixo, *etabut* foi usado nominalmente, como complemento da posposição *pe*, constituindo um adjunto de natureza modal, em que o falante imprime um alto grau de certeza na informação prestada, sendo ele mesmo a fonte testemunhal do ocorrido.

(2d) **w=⊙-etabut ⊙-pe o=⊙-bure wida o'=y-aoka**
 1=R1-acreditar R1-em 1=R1-amigo onça 3S=R2-matar.PRF
 'Meu amigo matou a onça. Eu tenho certeza. (Eu vi).'

(2e) **bekicat o'=akôm w=⊙-etabut ⊙-pe**
 criança 3S=afogar-se.PRF 1=R1-acreditar R1-em
 'A menina se afogou. Eu tenho certeza. (Eu vi).'

3.2.1.2. Dativo

Sob essa denominação, agrupamos os constituintes que indicam:
 a) o beneficiário de verbos como *dar (u)m*; b) o destinatário de verbos como *falar*;
 c) o agente imediato de verbos transitivos causativizados; d) o agente da passiva;
 e) o dativo de interesse.

a) beneficiário de verbos como *dar (u)m*:

(2f) **wamõat o'=g)u)m kise avacat ⊙-pe**
 pajé 3S=R2.dar faca mulher R1-para
 'O pajé deu uma faca para a mulher.'

b) destinatário ou assunto de verbos do tipo *falar (jekawe)n, 'e, jede*:

(2g) **o=⊙-'it ⊙-pe ma e'e-m ip, wara'at ⊙-pe γ)u je-dede-m⁹ ip! io'e**
 1=R1-filho R1-de mesmo falar-IPRF eles outro R1-de NEG MED-falar-IPRF eles disse
 'Só falam do meu filho, não falam de outro! Disse.'

(2h) **pug) ⊙-pe ma**
 um R1-de mesmo
 'Só (falam) de um mesmo'
 (continuação do exemplo (2g))

⁹ O verbo *jede* pode significar: 'falar mal (fofocar), cantar, responder, barulho do motor'.

c) o agente imediato de verbos transitivos causativizados:¹⁰

- (2i) **bekicat o=jo-a-at** **puy** **⊖-bu** **⊖-be**
 criança 1S=R2-morder-CAUS3.PRF cobra R1-NFC R1-por
 'Eu fiz a cobra morder o menino.'

d) o agente da passiva:¹¹

- (2j) **ayacat-'u⊖m o'=je-aoka-at** **wida** **⊖-be**
 mulher-finado 3S=MED-matar-CAUS3.PRF onça R1-por
 'A mulher foi morta pela onça'

e) dativo de interesse:

- (2k) **o=⊖-kipit** **⊖-pe** **wuyjuyu**) **o'=je-w-a'ō-xikxik** **ip**
 1=R1-irmão R1-por pessoas 3S=MED-REC-voz-jogar eles
 'Pessoas discutiram pelo meu irmão.' (estavam interessadas nele)

Para expressar reciprocidade, além da construção verbal *je+we+verbo.transitivo* (cf. seção 2.2.2.1.2.2.), pode-se utilizar um sintagma posposicional. Nesse caso ocorre o prefixo de reflexividade/reciprocidade *we*-¹²:

- (2l) **o'=g)u-'e)'e)** **ip** **je=⊖-we-webe**
 3S=R2.CAUS1-estar.partido eles 3CORF=R1-REC-para
 'Repartiram entre si.'

¹⁰ Sobre a morfosintaxe de verbos transitivos causativizados, cf. a seção 2.2.2.2.

¹¹ Sobre a construção passiva, conferir seção 2.2.2.1.2.3.

¹² Para Crofts (1973, 1985), ocorreu apenas reduplicação: *jewebe* 'para si mesmo' ⇒ *jewewebe* 'entre si'.

3.2.2. *dag)* ~ *tag)*

Essa posição tem a forma *dag)* após vogal e *tag)* após consoante. A seguir, as suas funções: locativo difuso e conformidade.

3.2.2.1. Locativo difuso

dag)/tag) exprime, principalmente, idéia de locativo difuso:

(3a) **kobe** ①-**duju-kap.kam** ãn **kaxoero** ①-**day)**

canoa R1-CAUS2-passar.DUR.IPRF eu cachoeira R1-por

'Eu estou passando a canoa pela cachoeira.'

(3b) **je-orok-at** o'=ju **tip** ①-**tay)**

MED-caçar-NMZ1 3S=ir.PRF R2.mato R1-por

'O caçador foi ao mato.' (Foi caçar)

(3c) **werowero** **ade** o'e **ce-dag)**

feridas muitas AUX R2-por

'Havia muitas feridas nele.' (pelo seu corpo)

3.2.2.2. Conformidade

Um outro uso de *dag)/tag)* é o de 'conformidade', que é derivado do exposto acima:

(3d) **o=①-mu-ku)yjo,jo-ap** ①-**tay)** ãn 'e.'e-m

1O=R1-CAUS1-ouvir.ITER-NMZ2 R1-conforme eu dizer.ITER-IPRF

'Estou dizendo conforme me ensinaram.'

(3e) **e=ce-orok.orok** pe①n ãn **e=①-mu-taybin-ap** ①-**tag)**

2S=MED-caçar.ITER assim eu 2O=R1-CAUS1-saber-NMZ: R1-conforme
'Cace conforme eu te ensinei.'

3.2.3. *kay*

Essa posposição tem basicamente a função de alativo ('em direção a'). É também a posposição típica de verbos psicológicos e, em alguns contextos, significa 'querer', não se tratando, porém, de verbo.

3.2.3.1. Alativo

O uso alativo de *kay* não apresenta, aparentemente, restrições semânticas, podendo ocorrer com lugares (4a), pessoas (4b) ou animais (4c):

(4a) **soat ma o'=je-pit ip je=⊖-ka ⊖-kay**
 todos mesmo 3S=MED-voltar.PRF eles 3CORF=R1-aldeia R1-para
 'Todos voltaram para suas aldeias.'

(4b) **ag)okatkat ⊖-kay o'=ju**
 homem R1-para 3S=ir.PRF
 'Foi em direção ao homem.'

(4c) **ade jijã ipsoy-yu® ti ⊖-dag) g)ebuje pug) ⊖-kay o'=je-paw**
 muitos muito pato-PL R2.água R1-por então um R1-para 3S=MED-atirar.PRF
 'Havia muitos patos na lagoa e, então, atirou em um deles.'

Nesse último exemplo, é o tiro que se desloca em direção a algo e não um ser vivo. Esse deslocamento em direção a algo pode resultar em *contato físico* (4d) ou *transmissão* de algo de um corpo para outro (4e):

(4d) **w=⊖-e-kobe wita ⊖-'a ⊖-kay o=γ)uy-jayjay**
 1=R1-ALIEN-canoa pedra R1-NFC R1-para 1S=R2.CAUS1-bater.PRF

'Eu bati minha canoa em uma pedra.'

- (4e) **wara'ac.a-yu) ☉-kay ka o'=γ)u-kap**
 outro.REDPL-PL R1-para HIP 3S=R2.CAUS1-passar.PRF
 'Pode ter contaminado muitas outras pessoas.'

3.2.3.2. Adjunto de verbos psicológicos

kay ocorre frequentemente com verbos psicológicos. Em nossos dados, encontramos os seguintes casos: *cokcok* 'ser/estar alegre' (4f), *takōma* 'ser/estar chateado' (4g), *etabut* 'acreditar, crer' (4h), *ak* 'olhar, tomar conta (intr.)' (4i), *jeg)ebu* 'lembrar' (4j), *ku)yjobit* 'obedecer' (4k) e *jetōn* 'chorar' (4l):

- (4f) **γ)ebu je a)h) ☉-kay i-cokcok o'e**
 então mãe R1-para R2-ser.alegre AUX
 'Então, ele ficou alegre com a minha mãe.'

- (4g) **kuybin ma ip i-takōma ixe ☉- dak osodop**
kay
 passado mesmo eles R2-estar.chateado aquele R1-para também AUX
 'Eles estavam também contra aquele há muito tempo.'

- (4h) **Topay)a Karosakaybu i-tabut o=☉-kay. Karosakaybu ☉-e-kōfiāsa ãn Biboy**
 deus Karosakaybu R2-crer 1=R1-para Karosakaybu R1-ALIEN-confiança eu Biboy
 'O deus Karosakaybu acredita em mim. Eu, Biboy, tenho a confiança de Karosakaybu.'

- (4i) **o=☉kpot ☉-kay buk cuy ay) o=☉-xi**
 1=R1-filho R1-para iminente IMPER olhar.IPRF 1=R1-mãe
 'Minha mãe, olhe o meu filho pra mim.'

- (4j) **soat ☉-em ãn je-γ)ebubu-m o=☉-tayxi ☉-kay**

tudo R1-por eu MED-lembrar-IPRF 1=R1-esposa R1-para
'Eu sempre me lembro da minha mulher.'

(4k) **ku)yjobit** γ)u **eyju** w=⊖-a'õ ⊖-kay
obedecer NEG vocês 1=R1-voz R1-para
'Vocês não me obedecem.'

(4l) ce-kay **je-tõn**
R2-para MED-chorar
'Vai chorar por ele.'

Em predicados sem verbo, a presença de um sintagma posposicional cujo núcleo é a posposição *kay* gera a interpretação de 'querer' (4m) ou 'desejar sexualmente' (4n):

(4m) e=⊖-kay **oceju** **oce=⊖-parak** ⊖-pe
2=R1-para nós (13) 13=R1-meio R1-em
'Queremos vocês em nosso meio.'

(4n) ce-kay **õn**
R2-para eu
'Eu desejo ela.'

3.2.4. *teg*)

Essa posposição significa 'nas proximidades de, perto de'.

(5a) **o'=su-bu-duju-wat** je=⊖-ka ⊖-te@g® **ma**

3S=R2-NFC-CAUS2-levar 3CORF=R1-aldeia R1-perto mesmo
 'Ele o levou para perto de sua aldeia.'¹³

(5b) **o=**⊖**-xi** ⊖**-eg)ru** **ipi** ⊖**-te)g)**
 1=R1-mãe R1-rede terra R1-perto
 'A rede da minha mãe ficava perto do chão.'

(5c) **wida** **ce-te)g)** **o'=je-de** **io'e**
 onça R2-perto 3S=MED-estar.perto dizem
 'A onça chegou perto dele.'

3.2.5. *xe*

O significado básico de *xe* é 'ao lado de' (6a-b):

(6a) **o'=abik** **ce-xe**
 3S=sentar R2-ao.lado
 'Sentou-se ao lado dele.'

(6b) **o'=xet** **io'e** **xiri** ⊖**-xe**
 3S=dormir dizem nambu R1-ao.lado
 'Dormiu ao lado de uma nambu.'

xe tem sido usada também com o sentido de 'na posse de, criação de' (6c-d) e 'na opinião de' (6e):

(6c) **ixe** ⊖**-xe** **bit** **kake**
 aquele R1-perto.de mas existir
 'Mas aquele lá tem algo.' (lit. 'existe algo na posse dele')

¹³ O NFC *-bu* 'comprido e flexível' refere-se anafóricamente à palavra *puy bu* 'cobra'. Na seção 6.8, abordamos esse assunto.

(6d) **puybit e=jat**¹⁴ **Pedoro ①-xe-wi**
 comida 2S=pegar.IMPER Pedro R1-perto.de-de
 'Compre comida do Pedro.'

(6e) **i-dip** **o=①-xe**
 R2-ser.bonito 1=R1-perto.de
 'Na minha opinião, é bonito.'

3.2.6. *eju* ∞ *weju*

A posposição *eju* se apresenta também na forma *weju*, que ocorre com objetos pronominais e com o relacional de não-contigüidade (*ce-*):

o=weju	'comigo'
e=weju	'com você'
oce=weju	'conosco (exclusivo)'
wuy=weju	'conosco (inclusivo)'
ey=weju	'com vocês'
je=weju	'com ele mesmo'
ce-weju	'com ele'

A função básica dessa posposição é indicar 'companhia' (comitativo), com verbos de movimento ou não:

(7a) **ixe je-xi)γ)x1)γ) je=①-xi ①-eju**
 aquele MED-andar 3CORF=R1-mãe R1-com
 'Aquele anda com a mãe.'

(7b) **i-xi bekicat o'=γ)uy-po je=①-weju**
 R2-mãe criança 3S=R2.CAUS1-estar.deitado.PRF 3CORF=R1-com

¹⁴ O verbo *jat* 'comprar, capturar, pegar' é um transitivo atípico, uma vez que não apresenta morfologia relacional, embora ocorra com dois argumentos.

'A mãe fez a criança se deitar com ela.'

- (7c) **ajebuybuy wuyju)yu) ①-mu-juju-m wamo)at ①-eju**
 chefe povo R1-CAUS1-ir-IPRF pajé R1-com
 'O chefe mandava no povo, e o pajé também.'

Essa posposição ocorre com elementos inanimados (7d) e abstratos (7e):

- (7d) **ixe i-ε)n ①-'o.'o-m kawta ①-eju**
 aquele R2-carne R1-comer.ITER-IPRF sal R1-com
 'Ele come carne com sal.'

- (7e) **oceju ey=①-nomuwãn.wãn oce=①-cokcok-ap ①-eju**
 nós(13) 23=R1-chamar.DUR-IPRF 13=R1-ser.alegre-NMZ2 R1-com
 'Nós estamos convidando vocês com alegria.'

Em (7f), assume o valor de 'estar com a permissão de':

- (7f) **y-aoka pin ①-puye γ)u, ce-bay ①-a'õ-bi ①-eju ma**
 R2-matar querer R1-porque NEG R2.ALIEN-pai R1-voz-boca R1-com mesmo
 'Não é porque queriam matá-lo, mas porque o pai dele havia permitido.'
 (lit. '(estavam) com a voz do pai dele.')

Eju é a posposição de verbos como *jeum* 'subir' (7g). E, usada com verbos como *jekawe)n* 'falar', implica a idéia de 'conversar, dialogar' (7h):

- (7g) **o=ce-u mǎka ①-'ip ①-eju**
 1S=MED-no.alto manga R1-pé R1-com
 'Eu subi no pé de manga.'

- (7h) **o=①-tayxi ①-eju o=ce-kawe)n, soat o=ce-kawe)n ce-be**
 1=R1-esposa R1-com 1S=MED-falar tudo 1S=MED-falar R2-para
 'Conversei com a minha esposa, falei tudo pra ela.'

A diferença entre as posposições *eju* e *be* em (7i), que ocorrem com o mesmo verbo, é a idéia de **reciprocidade** presente explicitamente na primeira, tendo a iniciativa partido de um dos participantes. Quando não se quer explicitar quem inicia o processo, usa-se a forma recíproca *jeweweju*:

- (7i) **je-w-aoka.ka-m** **o'e** **ip** **je-we-weju** **puybit** **O-puye**
 MED-REC-matar.PLUR-IPRF AUX eles 3CORF-REC-com comida R1-por.causa
 'Matavam-se uns aos outros por causa da comida.'

Existe, ainda, o uso de *eju* com o valor de 'instrumento/meio'¹⁵ (7j-l):

- (7j) **wa'e** **⊖-eju** **õn** **e=⊖-mu-direm-at**
 cuia R1-com eu 2O=R1-CAUS1-estar.molhado-CAUS3
 'Eu fiz você se molhar com uma cuia.'

- (7k) **su)γ)tabi** **o'=je-bik** **kabido** **⊖-eju**
 porta 3S=MED-estar.fechado vento R1-com
 'A porta se fechou com o vento.'

- (7l) **je-dapxixin-ap** **⊖-eju** **o'=je-rikõn**
 MED-enganar-NMZ2 R1-com 3S=MED-rico
 'Ele ficou rico usando a mentira.'

3.2.7. *kug)*

A posposição *kug)* ocorre com o morfema de não-contigüidade *i-*, diferentemente das demais posposições, que ocorrem com *ce-*. O seu significado básico é 'em contato com':

¹⁵A forma mais comum de expressar a noção de instrumento em Mundurukú é por meio do sufixo *-m*, apresentado no seção 3.1.1, item "c".

(8a) **nõg) ʔ-'a ade jĩã i-kug) je=ʔ-i ʔ-be soat ʔ-tag) i-jebit ʔ-tag)**
 bicho-de-pé R1-NFC muitas muito R2-com 3CORF-R1-pé R1-em todo R1-por R1-corpo R1-por
 'Tinha muito bicho-de-pé nele, nós pés, em toda parte, por todo o corpo.'

(8b) **at)hı) o=ʔ-kuy) ʔ-puye, ixeyu) at)hı) ʔ-kay i-takõma ip osodop**
 mãe 1=R1-com R1-porque aquela-PL mãe R1-para R2-estar.bravo elas AUX
 'Porque a minha mãe estava comigo/me cuidando, elas ficaram com raiva da minha mãe.'
 [Como era uma criança de colo, estava em contato com a mãe; por isso, essa posposição.]

(8c) **axima ʔ- o'=ju. Puybit ʔ- o'=ju: bio ʔ- dapsem ʔ-**
kug) kug) kug), kug)
 peixe R1-com 3S=ir.PRF caça R1-com 3S=ir.PRF anta R1-com veado R1-com
 'Foi embora com peixe. Foi com caça: com anta e com veado.'

Dado o seu significado de 'em contato com', *kug)* pode ser interpretado como indicando 'posse' (8d) ou 'no controle de' (8e):

(8d) **doti ʔ-kug) gu ip. Xipat gu doti ce-be-am ip**
 roupa R1-com NEG eles ser.bom NEG roupa R2-em-FIN eles
 'Não tinham roupa. Não se acostumavam à roupa.'

(8e) **ixe o'=ajeʔm aviãw ʔ-kugʔ (ou aviãw ʔ-dag))**
 aquele 3S=chegar.PRF avião R1-com (avião R1-por)
 'Aquele chegou de avião, pilotando-o.' (ou 'como passageiro').

Em uma cartilha sobre doenças sexualmente transmissíveis e aids¹⁶, é a posposição *kug)* que aparece com o sentido de '(estar contaminado) com':

(8f) **7000 ʔ-be kuy y-aypan-isusu-a-yu) wãtaxipi ʔ-kuy),**
 7000 R1-em já R2-crescer-RECT-NMZ1-PL doença R1-com

¹⁶ A cartilha está escrita em Mundurukú. A tradução para o português e a análise lingüística foram feitas por mim e por Misael Kabá Mundurukú em janeiro de 2005.

'7000 jovens já estão contaminados.'

(8f') **ti-õm-a-yu)** **aids** **⊖-kug)** **ip**

R2.líquido-entrar-NMZ1-PL aids R1-com eles

'já são soro-positivo.'

(8g) **i-kuy)** **ε)m** **⊖-pima...**

R2-com estar R1-se

'Se você estiver contaminado...'

3.2.8. *jeje ~ ceje*

Essa posposição apresenta-se nas formas *jeje* após vogal, e *ceje* após consoante. O seu significado é 'sobre, em cima de':

(9a) **wasu**⊖ **o=⊖-bu** **⊖-jeje**

pássaro 1=R1-dedo R1-sobre

'O pássaro está sobre o meu dedo.'

(9b) **y-a-mõg.mõg-⊖** **ip** **ako** **⊖-dup** **⊖-ceje**

R2-cabeça-colocar.ITER-IPRF eles bananeira R1-folha R1-sobre

'Botam as cabeças em cima da folha de bananeira.'

(9c) **wida** **o'=je-põm** **ce-jeje** **o'=jo-a** **o'=g⊖uy-u⊖** **g⊖ebuje** **o'=jo-'o**

onça 3S=MED-pular R2-sobre 3S=R2-morder 3S=CAUS1.estar.morto então 3S=R2-comer

'A onça pulou nele, mordeu, matou e comeu.'

3.2.9. *tog)*

tog) significa 'sob, entre':

(10a) **ti** **⊖-bi** **⊖-tog)-wi** **ajok-jok** **⊖-pima** **o'=je-we-daxibada-ixik.xik.xik**
 R2.água R1-interior R1-sob-de banhar-se.ITER R1-quando 3S=MED-REC-escroto-segurar.REDPL
 'Quando estavam se banhando, seguravam no saco escrotal uns dos outros e se afogavam.'

(10b) **o'=ju** **ibot** **⊖-tog)**
 3S=ir pingo R1-sob
 'Ele andou embaixo da chuva.'

(10c) **wara'at** **⊖-pu** **⊖-tog)** **tomu** **⊖-kay** **ma** **e=su-bu-muy-pit**
 outro R1-corda R1-entre atrás R1-para mesmo 2S=R2-corda-CAUS1-voltar
 'E vai passar essa corda entre as duas cordas do outro lado (das quatro).'

3.2.10. ase

O significado dessa posição é 'por cima de, acima de':

(11a) **e=jot** **cuy** **muto'o** **⊖** **⊖bima** **wuy=⊖-ase** **kaxi** **⊖-bima**
 2S=vir IMPER domingo R1-quando 12=R1-por.cima.de sol R1-quando
 'Quero que venha no domingo ao meio-dia.'
 (lit. 'Quero que venha quando domingo, quando o sol estiver por cima de nós.')

(11b) **bekicat** **o=γ)u-joro** **daxa** **⊖-ase**
 criança 1S=R2.CAUS1-pular fogo R1-por.cima.de
 'Eu fiz a criança passar por cima do fogo.'

3.2.11. keg)

keg) tem a noção de 'invólucro':

(12a) **daypu** **⊖-uk** **⊖-key)** **epe=ye-we-dao**
 pênis R1-bainha R1-com 23S=MED-REC-transar.IMPER
 'Transem sempre com camisinha.'

(12b) **w=⊖-e-kise** **e=to-jot** **y-uk** **⊖-keg** **ma**

1=R1-ALIEN-faca 2S=R2.CAUS2-vir.IMPER R2-bainha R1-com mesmo
 'Traga a minha faca com a bainha.'

3.2.12. *wi*

Essa posposição significa 'de' (ablativo):

(13a) **kobe xixi badi ①-wi o'=je-buk**

canoa grande interior R1-de 3S=MED-surgir.PRF

'Um enorme navio surgiu de dentro (do lago).'

(13b) **jodi ①-wi =ku ixé poy o'=ajε)m**

por.aqui R1-de ? aquele jaboti 3S=chegar.PRF

'Aquele, o jabuti, chegou por aqui.'

(13c) **kuy ebadipdip xet ce-'u)-ap ①-wi**

já quatro noites R2-morrer-NMZ2 R1-de

'Já faz 4 dias desde a morte dele.'

(13d) **ijasu)n ma o'=xet ip ce-wi**

perto mesmo 3S=dormir.PRF eles R2-de

'Elas dormiram bem perto dela.'

3.1.12.1. *wi* + outras posposições

A combinação de *wi* com outras posposições é bastante produtivo:

(13e) **o=①-ka ①-be-wi o=jot**

1=R1-aldeia R1-em-de 1S=vir.PRF

'Eu vim da minha aldeia.'

(13f) **soat ①-tay)-wi ip wuyjuyυ).yυ) o'=takoykoy**

todas R1-por-de eles gente.REDPL 3S=R2.convocar.PRF

'Convocaram as pessoas de todas as aldeias.'

- (13g) **ayacat kise o'=jat wamõat ①-xe-wi**
mulher faca 3S-pegar.PRF pajé R1-perto-de
'Uma mulher recebeu uma faca do pajé.'

- (13h) **ti ①-bi ①-tog)-wi ajok.jok ①-pima o'=je-we-daxibada-ixik.xik.xik**
R2.água R1-interior R1-sob-de banhar-se.ITER R1-quando 3S=MED-REC-escroto-segurar.REDPL
'Quando estavam se banhando, seguravam no saco escrotal uns dos outros e se afogavam.'

- (13i) **parawa o'=je-napõn o=d-uk ①-'a ①-jeje-wi**
arara 3S=MED-fugir 1=R1-casa R1-NFC R1-sobre-de
'A arara fugiu de cima da minha casa.'

3.2.13. *buxim ~ puxim*

Essa posposição assume a forma *buxim* após vogal e *puxim* após consoante. O seu significado é 'contra' (14a-b) e 'como' (comparação) (14c-d):

- (14a) **tumuju wamo)at ag)oka ①-kay ag)-at, wa)taxipi ①-buxim.**
depois pajé aldeia R1-para olhar-NMZ1 doença R1-contra
'Em seguida, vem o pajé, que protegia a aldeia contra as doenças'

- (14b') **ime①n kuka be=ku muketero ①-'a e=①- soat ①- ma**
daxijo pe
assim HIP aquele=? mosquiteiro R1- 2O=R1- tudo R1- mesmo
NMZ salvar em

'Assim o mosquiteiro pode te salvar em todas as ocasiões,

- (14b'') **xik ①-pe e=①-a-ap ①-puxim tak**
carapanã R1-por 2=R1-picar-NMZ2 R1-contra também
'contra picada de carapanã também.'

(14c) **bekicat y-a-'are'are aro ①-buxim**

criança R1-cabeça-menear papagaio R1-como

'A criança balança a cabeça como um papagaio.'

(14d) **ag)okatkat i-takomã jijã o'e wida ①-buxim**

homem R2-estar.bravo muito AUX onça R1-como

'O homem ficou muito bravo, igual a uma onça.'

3.2.14. *pibun*

Essa posposição significa 'por causa de':

(15a) **ti-rem.rum cicãn ma je=①-dibira ①-pibun**

R2.água-ser.azul.ATEN muito mesmo 3CORF=R2-profundo R1-causa

'Por causa da sua profundidade, o lago chegava a ser azulado.'

(15b') **op ①-pibun- (m)a oe-'u io'e.**

'um

flecha R1-causa-NEG mesmo AUX-morrer dizem

'Não foi de flecha que morreu.'

(15b'') **je=①-su)m-at ①-pibun acã oe-'u. o'=su)m.**

3CORF=R2-afogar.se-NMZ1 R1-causa só AUX-morrer 3S=afogar.se

'Morreu afogada mesmo. Afogou-se.'

(lit. 'Morreu só por causa do afogamento. Afogou-se.')

3.2.15. *wap*

wap significa 'em frente a' (16a-b) e 'antes de' (16c-d), respectivamente uso espacial e temporal:

(16a) **g)ebuje ip abik.big) puca ①-'a ①-wap**

então eles sentar.ITER.IPRF caça R1-cabeça R1-em.frente

'Daí eles se sentam em frente às cabeças de caça.'

- (16b) **bio ce-wap cu.cu-m**
 anta R2-em.frente ir.DUR-IPRF
 'Uma anta estava indo na frente deles.'
- (16c) **je=⊙-'it ⊙-kap-ap ⊙-wap**
 3CORF=R1-filho R1-nascer-NMZ2 R1-antes
 'Antes do nascimento do seu próprio filho.'
- (16d) **je-orok-ap ⊙-wap ip o'=ju**
 MED-caçar-NMZ2 R1-antes eles 3S=ir
 'Foram antes da caçada.'

3.2.16. *em*

Essa posposição tem valor temporal. No exemplo (17a), tem como objeto o pronome quantificador numeral *pug* 'um'; em (17b), o pronome quantificador indefinido *ade* 'muitos'; em (17c), é o advérbio *koap* 'primeiramente' que funciona como seu complemento:

- (17a) **pug) ⊙-em o='e j(e)=⊙-e-bay ⊙-be**
 um R1-em 3S=dizer 3CORF=R1-ALIEN-pai R1-para
 'Em uma dessas visitas, o filho disse ao seu pai.'
- (17b) **ade ⊙-em o'=je-ak o=⊙-kay**
 muitos R1-por 3S=MED-olhar 1=R1-para
 'Ele olhou pra mim várias vezes.'
- (17c) **koap ⊙-em**
 primeiramente R1-em
 'No começo.'

Encontramos ainda o uso de *em* com sentido de lugar, combinado com o pronome quantificador indefinido *soat* 'tudo, todos':

- (17d) **boma=ku soat ①-em, oeku.ku ipi ①-tag) bo-ma=ku soat ①-em**
 para.lá=? tudo R1-por andar.ITER terra R1-por aquele-para=? tudo R1-por
 'Para lá, por todo lugar, andava pela Terra, pra lá, por todo lugar.'

3.2.17. *bi*

Por fim, há nos dados o uso do nome inalienável *bi* 'interior' como se fosse uma posposição:

- (18) **w=①-e-xey ①-bi wida bio-pak o'=y-aoka**
 1=R1-ALIEN-sonho R1-interior onça anta-vermelha 3S=R2-matar.PRF
 'No meu sonho, uma onça matou uma vaca.'

Não postulamos que *bi* seja, de fato, uma posposição. É mais provável que se trate apenas de um composto *nome+nome* que cria um circunstancial (de natureza modalizadora), mas não um sintagma posposicional efetivamente.

3.2.18. Locuções pospositivas

Alguns nomes inalienáveis podem formar com posposições uma locução pospositiva. Um exemplo disso é o nome *diot* 'embaixo' que aparece nos exemplos a seguir formando uma locução com as posposições *pe* 'em', *kay* 'para' e *tag)-wi* 'por-de':

- (19a) **xa ①-diot ①-pe o'=xet**
 pequiá R1-embaixo R1-em 3S=dormir.PRF

'Dormiu embaixo do pequiá.'

(19b) **uk** **⊙'a** **⊙-diot** **⊙-kay** **o'=õm**

casa R1-NFC R1-embaixo-para R1-para 3S=enfiar.PRF

'Se enfiou embaixo da casa.'

(19c) **kobe** **⊙-dio(t)** **⊙-tag⊙-wi** **kohda** **⊙-bu** **e=su-bu-mu-õm**

canoa R1-embaixo R1-por-de corda R1-NFC 2S=R2-NFC-CAUS1-entrar.PRF

'Meta a corda por debaixo da canoa.'

CAPÍTULO 4 – Pronomes, advérbios, palavras interrogativas, conjunções e partículas

Neste capítulo, reunimos as classes de palavras que não apresentam flexão relacional nem marcação pessoal.¹ Na seção 4.1, abordamos os pronomes (pessoais, quantificadores e demonstrativos); na seção 4.2, os advérbios (de tempo, lugar, maneira, intensidade e modalidade); na seção 4.3, as palavras interrogativas, que se subdividem em duas classes; na seção 4.4, as conjunções; e, por último, na seção 4.5, as partículas.

4.1. Pronomes

Os pronomes guardam com os nomes afinidades morfológicas e sintáticas. Como estes, desempenham função sintática de sujeito, objeto direto, objeto de posposição e modificador de nomes. Mas, diferentemente dos nomes, constituem uma classe fechada e não ocorrem com relacionais. Estão distribuídos em três subclasses: pronomes pessoais (4.1.1), pronomes quantificadores (4.1.2) e pronomes demonstrativos (4.1.3).

4.1.1. Pronomes pessoais

Os pronomes pessoais desempenham funções equivalentes às dos nomes. Estão divididos em duas subclasses: a de pronomes independentes e a de clíticos. No capítulo 1, já apresentamos essas subclasses em detalhe e, por isso, apenas reproduzimos abaixo um resumo delas:

¹ Embora as conjunções sejam, de certo modo, uma exceção a esse critério, elas também serão apresentadas aqui, visto que a ocorrência de relacionais e clíticos pessoais com elas é bem mais restrita que a sua ocorrência com verbos, nomes e posposições, classes tipicamente marcadas por esses traços morfossintáticos.

Tabela 4.1 – Pronomes pessoais independentes e pronomes pessoais clíticos

Pessoas	(i) Pronomes independentes	(ia) Clíticos de sujeito de verbo transitivo e de verbo intransitivo processual	(iib) Clíticos de sujeito de verbo intransitivo estativo, de objeto de verbo transitivo, de objeto de posposição e de nome	Significado
1	<i>õn</i>	<i>o</i>	<i>o</i>	'eu, me'
12	<i>wuyju</i>	<i>a</i>	<i>wuy</i>	'nós, nos (inclusivo)'
13	<i>oceju</i>	<i>oce</i>	<i>oce</i>	'nós, nos (exclusivo)'
2	<i>ε)ν</i>	<i>e</i>	<i>e</i>	'tu, te'
23	<i>eyju</i>	<i>epe</i>	<i>ey</i>	'vocês'
3	--- ²	<i>o'</i>	---	'ele, ela'

Os pronomes independentes (i) só exercem a função de sujeito, enquanto os clíticos desempenham a função de sujeito (ia e iib), objeto de verbo e de posposição (iib), além de serem modificadores de nomes (iib). Quando na função de sujeito, os clíticos tendem a ocorrer sozinhos na oração, sem que co-ocorram os pronomes independentes (1a). Mas a co-ocorrência de ambos também se dá (1b).

(1a) **bio o=y-aoka kapusu**

anta 1S=R2-matar.PRF ontem

'Matei uma anta ontem.'

(1b) **õn bio o=y-aoka kapusu**

eu anta 1S=R2-matar.PRF ontem

'Eu matei uma anta ontem.'

² A 3ª pessoa é expressa pelos pronomes não-pessoais e pelos nomes.

4.1.2. Pronomes quantificadores

Aqui incluímos duas subclasses de pronomes: os numerais e os indefinidos. Essa divisão é meramente semântica, uma vez que, no plano morfológico e sintático, esses pronomes comportam-se da mesma maneira: recebem algumas marcas nominiais, como a de caso instrumentivo/translativo (-*m*) por exemplo, e desempenham função de argumento ou de modificador de nome. Ao contrário dos demonstrativos (seção 4.1.3), os pronomes desta subclasse não têm propriedade dêitica, apenas quantificadora.

4.1.2.1. Numerais

<i>pug</i> ①	'um'
<i>xepxep</i>	'dois'
<i>ebapug</i> ①	'três'
<i>ebadipdip</i>	'quatro'
<i>pug</i> ① <i>pōg</i> ② <i>bi</i>	'cinco'
<i>xepxep pōg</i> ② <i>bi</i>	'dez'
<i>ebapug</i> ① <i>pōg</i> ② <i>bi</i>	'quinze'
<i>ebadipdip pōg</i> ② <i>bi</i>	'vinte'

A formação morfológica da maioria dos numerais segue um princípio icônico e metafórico. É possível que *ebapug* ① 'três', por exemplo, seja formado de *e* 'teus' + *ba* 'braços' + *pug* ① 'um'. *pug* ① *pōg* ②*bi* 'cinco' significa literalmente 'um punho'. As formas *xepxep* 'dois' e *ebadipdip* 'quatro' apresentam formantes reduplicados, processo com função multiplicativa na língua (cf. seção 2.2.1.1.3). Este último seria, então, *e* 'teus' + *ba* 'braços' + *dipdip* 'par-par' = teus braços duas vezes. A formação dos múltiplos de 5 segue o princípio da multiplicação também: por exemplo, *xepxep pōg* ②*bi* 'dez' é literalmente 'dois punhos'.

Nos exemplos abaixo, retirados de diferentes textos em que a pessoa está descrevendo a manufatura de utensílios, fica evidente o uso multiplicativo da reduplicação associada a numerais. No exemplo (2a), a reduplicação de *pu* 'linha' associada ao termo

'Nós vivemos em várias malocas bem espalhadas (no estado do Pará).

Os numerais ocorrem também com o morfema partitivo *-in*, o que evidencia mais uma vez o seu caráter (pro)nominal:

(2g) **i-u)m.u)m ip pu)g)-in, i-'e.'e-m ajo.jo-yu)-'u)m.'u)m**

R2-dar.DUR elas um-PART R2-dizer.DUR-IPRF velho.REDPL-PL-finado.REDPL

'Davam só um pouco, diziam os velhos antigos.'

O uso de numerais emprestados do português, sobretudo para expressar grandes quantidades, é bastante freqüente. Acompanha-os a posposição *be* 'em', provável decalque de construções da língua portuguesa como "Viemos em cinco":

(2h) **kaypat.pan y-aypan-isu-a(t)-yu). si)ko ⊙-be parasuy**

brincar.DUR.IPRF R2-ser.velho-RECT-NMZ1-PL cinco R1-em flauta

'Os rapazes estão brincando. Há cinco flautas.'

(2i) **ime)n-puye doze)tas ⊙-be wuyjuyu) pug) ⊙-'a uk ⊙-'a ⊙-be**

assim-porque duzentas R1-em pessoas um R1-NFC casa R1-NFC R1-em

'Por essa razão, moravam umas duzentas pessoas em uma casa.'

A ausência de números em Mundurukú para expressar grandes quantidades evidencia que esse tipo de informação passou a ser uma necessidade recente, pós-contato com os não-índios. Sobre esse assunto, Puente (1998:66) afirma:

El hecho de que algunas lenguas carezcan de términos, formas o expresiones para designar números mayores de 1, 2, 3, 4, 5, 10 o 20, no significa que sus hablantes no puedan conceptualizar con precisión cantidades que se encuentren por encima de tales límites, ni que éstos adolezcan de una pertinaz discalculia colectiva. Significa, simple y sencillamente, que los miembros de estas comunidades lingüísticas no han tenido la necesidad de un sistema de numeración más amplio. Pruebas de ello son, por una parte, los reportes de los etnólogos que dan fe de como estos "buenos salvajes" – a pesar de no saber contar – sí advierten con precisión todas aquellas adiciones o sustracciones efectuadas, durante su ausencia, sobre bienes de su propiedad; y por la otra, el que cuando han sentido la necesidad de ello, los mismos "buenos salvajes" han hecho productivos sus rústicos sistemas, o bien han aprendido uno completamente nuevo, sin importar su grado de complejidad.

A partir do momento em que houve a necessidade de se expressar mais precisamente grandes quantidades, os falantes de Mundurukú adotaram o sistema numérico do português. É também muito comum a utilização de números do português para a expressão de quantidades pequenas, havendo variação com o uso dos números da própria língua.

4.1.2.2. Pronomes indefinidos

No grupo de pronomes indefinidos, encontram-se a) *soat* 'tudo, todo(s)', b) *ade* 'muitos', c) *ibu)ru)/ bu ɔru ɔ ku* 'alguns', d) *xere* 'poucos', e) *wara'at* 'outro'.³

a) *soat* 'tudo, todo(s)'

(3a) **gɔudup** ɔ-'a **soat** ɔ-'a **ma** **ade** **ibodi** **puca,** **wasu**ɔ, **soat**
buritizeiro R1-ESF todo R1-ESF mesmo muitas por.lá caça, pássaros, tudo
'Buriti, todo tipo de fruta (esferóide), muitas existem por lá, e caça e pássaros, de tudo.'

(3b) **soat** ɔ-'a **ma** **ip** **y-a-bu.bu-m**
todas R1-cabeças mesmo eles R1-cabeça-pegar.DUR-IPRF
'Estão ajuntando todas as cabeças (de caça).'

b) *ade* 'muitos'

(3c) **ade** ɔ-da **jijã** **oce=ta-mu-karaw** **amendoi)** ɔ-da
muitos R1-grão muito 13S=R2.grão-CAUS1-estar.torrado.PRF amendoim R1-grão
'Nós torramos muitos amendoins.'

(3d) **uk** ɔ-'a: **ade** ɔ-'a **jijã** **gu,** **kuyje** **bit** **uk** ɔ-'a **o'=y-a-dop**

³ É bastante provável que o pronome indefinido *wara'at* 'outro(s)' seja uma forma nominalizada do advérbio *waram* 'outra vez', por meio do nominalizador *-at*. Sobre esse advérbio, conferir seção 4.2.1, item "r".

casa R1-NFC muitas R1-NFC muitas NEG antigamente mas casa R1-NFC 3S=R2-NFC-existir

'A casa: antigamente, não existiam muitas casas.'

c) *ibu)ru)/ bu* ① *ru* ① =*ku* 'alguns'

(3e) ***ibu* ① *ru* ①** ***ma*** ***kapitãw-yu*** ***io'e***

alguns mesmo chefe-PL dizem

'Esses eram alguns chefes de malocas.'

(3f) ***bu* ① *ru* ①** ***kaxa*** ①-'***a*** ***ma*** =***ku*** ***y-a-duju-wat-ap***

algumas caixa R1-NFC mesmo R2-NFC-CAUS2-levar-NMZ2

'São essas algumas caixas pra levar conosco.'

(3g) ***bu* ① *ru* ①** ***kabia*** =***ku*** ***i-kap*** ①-***puje*** ***ce-bay*** ***o'=ju*** ***i-jo-m***

alguns dia R2-passar R1-após R2.ALIEN-pai 3S=ir R2-ver-IPRF

'Após alguns dias, seu pai foi visitá-lo.'

d) *xere* 'poucos'

(3h) ***ade*** ***jiã*** ***wuyju* ① *yu* ①** ***õm.õm*** ***io'e*** ***xere***-***'um-(m)a***

muitos muito gente entrar.REDPL dizem poucos-NEG-mesmo

'Entra muita gente. Muitos mesmo.' (lit. 'Não são poucos mesmo.')

(3i) ***xere***⁴ ***gu*** ***o'=je******m*** ***ip***

poucos NEG 3S=sair eles

'Saíram muitos.' (lit. 'Não foram poucos que saíram.')

e) *wara'at* 'outros'

(3j) ***kuayje*** ***juy*** ***kabi-a-isu-m*** ***cuy*** ***wara'at*** ①-***ti*** ***a=ti-kuda***

⁴ Na seção 4.2, apresentamos o uso adverbial de *xere* a partir da sua derivação com *-su*.

amanhã IMPER céu-iluminar-RECT-INSTR IMPER outro lago 12S=R2.lago-procurar
'Amanhã, pela manhã, iremos procurar um outro lago.'

- (3k) wara-'at ①-ka o'=su-ka-mug)e io'e
outra R1-maloca 3S=R2-maloca-fazer dizem
'Fizeram outra maloca.'

4.1.3. Pronomes demonstrativos

O demonstrativos apresentam comportamento tipicamente nominal, como a ocorrência com o morfema de plural *-yu* ② ou partitivo *-'in*, e o desempenho de funções sintáticas de sujeito, objeto direto, objeto de posposição, e modificador de nome. Diferentemente dos demais pronomes, têm função dêitica, embora também seja usado anaforicamente. Realizam-se sob duas formas, uma com o prefixo *i-* e outra com a partícula enclítica *ku*.⁵ O que significam esses morfemas e se há diferença entre as duas formas, ainda não sabemos. Parte desses pronomes é usada na formação de advérbios e de palavras interrogativas (cf. seções 4.2 e 4.3, respectivamente).

Os nove demonstrativos que identificamos podem ser divididos em dois grupos. No primeiro grupo, encontram-se aqueles que indicam **proximidade** com os interlocutores, enquanto no segundo os que indicam **distanciamento**:

Tabela 4.2 – Pronomes demonstrativos

	Demonstrativos
Próximo aos interlocutores	<i>ju, jop, te, ja</i>

⁵ Ao contrário de Crofts (1985), que trata *ku* como um sufixo, optamos por tratá-lo como enclítico, tendo em vista que ele ocorre em final de sintagma e não em final de palavra: de *bo ku* 'aquele' constrói-se *bo dag)= ku* 'por aquele', em que *dag)* é uma posposição; de *g) ku* faz-se *g) dag) ta(k)= ku* 'por aquele lá também', em que *tak* significa 'também'. Além de ocorrer após a formação do sintagma, *ku* só vem após a sufixação de elementos como *-'u)m* 'finado, privativo' e *yu)* 'plural': *xe-'u)m=ku* 'aquele finado' e *xe-yu)=ku* 'aqueles'. Nossa interpretação não trata esses exemplos como casos de incorporação, como faz Crofts (1985:131): "No diálogo ocorrem diversas formas de palavras que funcionam como demonstrativos e locativos: *bo²ku³* 'lá/aquele/aquela'; *te²ku³* 'essa/aqui'; *g)o²ku³* 'lá/aquele/aquela'. Outras partículas se incorporam nestas palavras, como *bit³* 'contrastivo', *bo²bit³ku³*; e *dak²* 'também', *te²da³ku³* 'esse também' (os dois k- tornam-se um só), e *-bu²-* 'coisa semelhante a um dedo', *bo²bu³ku³* 'aquela coisa forma dum dedo' ". O real significado de *ku* ainda não apreendemos.

Distante dos interlocutores	<i>bo, g)ɔ, xe, be, e</i>
-----------------------------	---------------------------

Internamente, os membros de cada grupo são distintos entre si. A seguir, apresentamos para cada demonstrativo: i) significado básico; ii) características; iii) exemplos.

4.1.3.1. Demonstrativos que indicam elementos próximos aos interlocutores

a) *ju*

- i) Este na minha na mão;
- ii) Não é usado com seres animados;
- iii) Exemplos:

(4a) ***i-ju wenu*** ***⊕-i)*** ***su)-i*** ***⊕-karaw*** ***g)u***
 ?-esta castanheira R1-castanha R2-castanha-estar.torrado NEG
 'Esta castanha (em minha mão) não está torrada.'

(4b) ***ju =ku e=tuju-wat*** ***pe)n o=ce*** ***e=⊕-webe iap*** ***⊕-tag)***
 este ? 2S=R2.CAUS2-levar assim 1S=dizer 2=R1-para NMZ2 R1-por
 'Leve isto aqui como eu disse a você.'
 (a pessoa se refere a algo que está na mão dela mesma)
 (lit. Leve este assim, do modo como eu disse a você.)

b) *jop*

- i) Este perto de mim (preferencialmente sem contato físico); este momento em que estamos vivendo;
- ii) Retoma anaforicamente uma informação recém-dada; ocorre com elementos que estão na horizontal, no chão; é a base do advérbio de lugar "aqui" (*ijoce* 'aqui', *ijoma* 'para cá', *ijodi* 'por aqui'; cf. seção 4.2.4.1), sendo por isso o representante prototípico deste grupo de demonstrativos;
- iii) Exemplos:

(4c) **bio jop=ku o=y-aoka**

anta esta=? 1S=R2-matar.PRF

'Eu matei esta anta.'

(lit. 'A anta, esta aqui, eu a matei.')

(4d) **i-jop ①-e-koato ãn o=kap**

?-este R1-ALIEN-verão eu 1S=nascer.PRF

'Esta é a época em que nasci.'

(lit. 'Eu nasci neste verão.')

c) *te*

i) Esse perto de você (do ouvinte); preferencialmente, sem contato físico;

ii) Pode ser usado também para indicar alguém que se aproxima ou se afasta do falante; ocorre com seres animados e inanimados;

iii) Exemplos:

(4e) **õn ma w=①-etaybit je-'ada-m te=ku iam**

eu mesmo 1S=R1-saber AUX-estar.melhor-IPRF esse=? NMZ2.INSTR

'Eu mesmo vou saber que esse vai ser curado.'

(Fala do pajé para uma mãe, referindo-se ao filho que está com ela.)

(4f) **pipi-m ①-pima bit kuka i-te o'=je-paw**

força-INSTR R1-se contraste HIP ?-esse 3S=MED-explodir

'Se (apertar) com força, poderia explodir.'

(O emissor fala com o receptor sobre algo que está nas mãos deste último.)

d) *ja*

i) Este perto de nós (falante e ouvinte); sem contato ou em contato;

ii) ocorre preferencialmente com inanimados;

iii) Exemplos:

(4g) **bay, o='e g)u i-ja ①-di ①-be o=dop am**

pai AUX NEG ?-este R1-lago R1-em 1S=ficar FIN

'Pai, não estou confortável neste lago.'

(ambos estão no lago no momento da fala)

(4h) **Lauro ①-be ãn 'e.'e-m ja=ku i-ta-bey)**

Lauro R1-para eu falar.DUR-IPRF este=? R2-olho-?

'Estou falando na presença do Lauro, para esse que está aqui nos olhando.'

4.1.3.2. Demonstrativos que indicam elementos distantes dos interlocutores:

a) *bo*

- i) Aquele bem distante dos interlocutores no espaço ou no tempo, preferencialmente não-visível;
- ii) Regularmente, refere-se a algo/alguém bastante antigo ou desconhecido; aparece no fecho de narrativas ("é só essa a história daqueles"); não temos registros de seu uso com animais; é a base do advérbio de lugar "lá" (*iboce* 'lá', *iboma* 'para lá', *ibodi* 'por lá'; cf. seção 4.2), sendo por isso o representante prototípico deste grupo de demonstrativos;
- iii) Exemplos:

(4i) **Mõnjoroko bit bo=ku oce=nopag)o-yu) ma o'='e.'e**

Mundurukú contraste aqueles=? 13=inimigo-PL mesmo 3S=dizer.ITER

'Mundurukú é apelido dado pelos tradicionais inimigos.'

(lit. 'Mundurukú, porém, é o que diziam aqueles, os nossos inimigos mesmo.')

(4j) **i-bo ①-mu-we)n ãn ey=①-webe am**

?-isso R1-CAUS1-falar eu 23=R1-para FIN

'Eu vou contar isso pra vocês.'

(O falante, que tem 80 anos, se refere a uma história que se passou com ele quando era criança de colo ainda.)

Ao encerrar uma narrativa factual, um informante contrastou *ibo* e *ijo*, passado e presente respectivamente:

(4k) **i-bo oce=Ⓢ-kawe)n, ime)n-pit i-jo g)u)ycug) oce=Ⓢ-webe**

?-essa 13=R1-história assim-contraste ?-isso ser.triste 13=R1-para

'Essa é a nossa história, mas isso ainda é triste pra gente hoje.'

b) **g)ɔ**

i) aquele distante dos interlocutores, mas visível;

ii) preferencialmente, refere-se a algo/alguém que está no alto (o sol, por exemplo) ou possui visibilidade vertical (morro, igreja, tapiri, navio), sem movimento, mas conhecido dos interlocutores; também retoma anaforicamente um nome já citado há algum tempo em um texto;

iii) Exemplos:

(4l) **g)ɔ=ku kaxi**

aquele=? sol

'Aquele é o sol.'

(4m) **g)ebuje kobe xixi o'=je-mu@g. ak'i. i-g)ɔ i-pot**

então canoa grande 3S=MED-encostar olhar ?-aquele R2-filho

'Então, o navio encostou. Ele olhou. Aquele lá no alto (do navio) era seu filho.'

c) **xe**

i) Aquele distante dos interlocutores, preferencialmente visível e conhecido de ambos;

ii) Regularmente usado com seres animados, especialmente humanos; é praticamente um pronome pessoal ou um demonstrativo genérico, com baixo teor dêitico, pois funciona mais como recurso anafórico;

iii) Exemplos:

(4n') o=⊖-ba-ca ⊖-bima o=y-aoka xe=ku

1S=R1-braço-ser.forte R1-se 1S=R2-matar aquele=?

'Se eu for forte, eu materei aquele.'

(4n'') o=⊖-ba-ca-'u⊗m ⊖-pima i-xe w=⊖-aoka

1S=R1-braço-forte-PRIV R1-se ?-aquele 1O=R1-matar

'E, se eu for fraco, aquele me matará.'

Em ambos os exemplos, retirados de um diálogo entre pai e filho, o referente de *xe* (*ixe* ou *xe ku*), uma pessoa, já havia sido introduzido no diálogo anteriormente, sendo conhecido de ambos.

d) *be*

i) Aquele distante dos interlocutores, mas conhecido preferencialmente pelo falante;

ii) regularmente usado com coisas e animais, e não com humanos;

iii) Exemplos:

(4o) γ)ebuje at)ht) w=⊖-anu)γ)-ta soat be=ku, oce=⊖- kanãbu.bu-m

(e)taybit

então mãe 1O=R1-remédio- todas aquelas=?, 13S=R1-saber raíz.REDPD-INSTR
VRBZ

'Então, minha mãe me tratou com aquelas coisas todas que a gente conhece como raiz.'

(4p) idi'ipotí ⊖-dag) ma i-be dak pit omu)yku

igarapé R1-por mesmo ?-aquele também contraste existe

'Esse material existe no igarapé.'

Em boa parte dos contextos de uso de *be* (*ibe* ou *be ku*), só o falante conhecia a coisa referida na história contada ou na descrição que estava fazendo. Em (4o), o informante me narra a história da sua vida e das raízes que o salvaram quando criança, só conhecidas por eles, os índios, como fica evidente no uso de *be ku* e de *oce* 'nós exclusivo'. Um outro informante, que é artesão, ao me descrever a feitura de uma peneira (*parat*), falou do material usado para fazê-la e usou *ibe* para se referir a ele (4p); um outro

informante fez o mesmo para me explicar sobre a feitura de uma espécie de cordão e ao me narrar uma história sobre um mosquito que salvou a vida de um companheiro dele; o morcego, no mito que conta a sua descoberta, é tratado por *be ku* no momento em que só uma pessoa sabia o que ele era e explicava para outra.

e) *e*

i) Aquele/aquilo escutado, mas não visto;

ii) Refere-se a algo relativamente distante;

iii) Exemplos:

(4q') A. "ajo ade?" B. "i-a'i)jo-m ma du e)n?" A. "e=ku!"

o.que muitos R2-ouvir-IPRF mesmo INT você aquele=?

A. "O que tem muito por aqui?" B. "Você está ouvindo?" A. "Escutei."

(4q") B. "soat ade" — io'e. "E-yu)=ku: ipada, kere, pukaso"

tudo muitos disse aquele-PL=? arara ararinha pomba

B. "Tem muito de tudo." – disse. "Escute: (há) arara, ararinha, pomba."

(4r) abu su-e wa?

quem ?-aquele chorar

'Quem está chorando?'

eku é a fórmula usada para 'Escute!' (4q' e 4q"), mas quer dizer literalmente 'Aquele (que ouvimos, mas não vimos ainda)'. Já o exemplo (4r) foi retirado de uma narrativa em que havia alguém chorando, mas não se via a pessoa, apenas se escutava o seu choro. Como mostra esse último exemplo, em perguntas os demonstrativos podem ser prefixados com *su-* no lugar de *i-*:

(4s) ajo (dig).dig) su-bo

o.que R1-fumaça.RED ?-aquilo

'Aquilo é fumaça de quê?'

(4t) **ajo** Ⓞ-**aju** **ka** **su-ju** **o'=jece?**
 o.que R1-com HIP ?-esta 3S=engancha

'Com que é que esta engancha?' (referindo-se a uma flecha em sua mão)

(4u) **ajo jit mo su-be dak wuy='o.'o-m?**
 o.que IRRIT ? ?-isso também 12O=comer.DUR-IPRF

'Que diabos estará nos chupando?'

A nossa análise dos demonstrativos difere parcialmente da de Crofts (1985: 240):

Em português há dois pronomes da 3ª pessoa, ele e ela. Há três demonstrativos este, esse, aquele (com masculino e feminino). Em munduruku, há nove radicais que exercem uma tríplice função de demonstrativo, locativo e pronome de 3ª pessoa do singular e do plural.

-be² distante e, muitas vezes, deitado no chão

-jop³ perto e, muitas vezes, deitado no chão

-te² vindo em direção ao falante, de pé

-ju³ perto e pendurado ou na mão

-ja³ perto e de pé

-g)o² distante, de pé

-xe² perto, ou usado para seguir o participante mais importante uma história

-bo² distante

-e² escutado, mas ainda não visto

4.1.3.3. Demonstrativos nominalizados

Os pronomes *iboap* e *ibeat*, provavelmente derivados das formas demonstrativas *ibo* e *ibe* acrescidas, respectivamente, dos sufixos nominalizadores *-ap* 'paciente ou lugar' e *-at* 'agente', são usados, prioritariamente, como substantivos com função anafórica. *iboap* significa 'isso/aquilo', com função de retomar uma situação e não um outro nome (4v-x). Já *ibeat* foi identificado com o valor de 'qualquer um desses' (4z) e 'todos esses' (4w), um valor resumptivo:

(4v) A. **o=**⊖-aoka kuka e)n. B. o=ce g)u **iboam**

1O=R1-matar HIP você 1S=fazer NEG isso.INSTR

A. "Você me mataria." B. "Eu não faria isso."

(4x) **õn tak w=**⊖-etaybit **ma iboam**

eu também 1S=R1-saber mesmo aquilo.INSTR

'Eu também sei fazer aquilo.'

(se referindo a algo feito por outra pessoa e citado imediatamente antes)

(4z) **ibeat** ⊖-'o.'o-m e)n ⊖-pima a'õ-ca pin cicã e)n e'em

uma.dessas R1-comer.ITER-IPRF você R1-quando voz-ser.forte querer muito você AUX

'Quando você ingere qualquer uma dessas (substâncias), você fica muito valente.'

(As substâncias foram citadas imediatamente antes no texto.)

(4w) **iboce osu)nu)y soat** ⊖-pupu- **ce-be-am ip: dapsem, waoda, ay, ibeat** ⊖-pupu-

m

m,

lá AUX tudo R1-pegar- R2-para-FIN eles veado veado paca de. R1-pegar-
IPRF branco tudo IPRF

'Lá estava, pegando tudo para eles: veado, veado branco, paca, pegando todos esses.'

4.2. Advérbios

Ao contrário de nomes e demonstrativos, os advérbios são formas invariáveis⁶ que exercem função circunstancial. Diferenciam-se das posposições por não requerer complemento, não apresentar morfologia relacional nem ocorrer com marcadores pessoais. Podem se relacionar a toda a oração ou a parte dela. Para se tornar um argumento, têm de ser nominalizados. Expressam noções como tempo (4.2.1), intensidade (4.2.2), maneira (4.2.3), lugar (4.2.4) e modalização (4.2.5), as quais apresentamos a seguir.

⁶ Não ocorrem com partitivo (-'in), plural (-yu), instrumental (-m), por exemplo. Alguns deles apresentam uma forma variante com *i-*, aparentemente não condicionada, sem valor morfológico ou sintático: por exemplo, *g)uyjom / ig)uyjom* 'depois'; *g)asu / ig)asu* 'hoje, agora'. Outros, como os advérbios espaciais derivados de demonstrativos (seção 4.2.4.1), apresentam-se, como estes, ora com o prefixo *i-*, ora com a partícula enclítica *ku*: *ijoce / joce ku* 'aqui'. Também aqui ainda não encontramos condicionamento específico.

4.2.1. Advérbios temporais

a. *koap* 'primeiramente, antes de tudo ou de todos, em primeiro lugar'

(5a) **abu koap j-aje**⊙**m-**⊙
 quem primeiro AUX-chegar-IPRF
 'Quem vai chegar em primeiro?'

(5b') **i-mu-wurug**⊙-⊙ **koap, ig**⊙**ebu**je **kuka mo o'=kop,**
 R2-CAUS1-acordar-IPRF primeiro então HIP ? 3S=descer
 'Acordaria ele primeiro, então ele desceria (da rede).'

(5b'') **ge)bu**je **kuka mo o'=je-bu-at tarek** ⊙-**pe**
 então HIP ? 3S=MED-apanhar-CAUS3 coisa R1-por
 'e seria apanhado por ela.'

b. *ibug)un / bug)un=ku* 'logo em seguida, depois'

(6a) **puybit ip o'=(g)u-je)m, oce=kõn, ibug)un waparum** ⊙-**ti tooo!!!**
 comida eles 3S=R2.CAUS1-chegar 13S=comer em.seguida açaf vinho INTJ
 'Trouxeram comida, comemos; logo em seguida, vinho de açaf!!!'

(6b) **t-axip pucet ma juk xe=ku, bug)un=ku o'=je-paw-**⊙
 R2-estar.quente ? mesmo PASS aquele em.seguida 3S=MED-estouro-PRF
 'Bem que estava quente aquele (avião); não demorou, explodiu.'

c. *g)uyjom / ig)uyjom* 'mais tarde, depois'

(7a) **g)u)uyjom deim ip o'=su-buyxijo o'=je-resa'an ip**
 depois (rio)abaixo eles 3S=R2-tentar 3S=MED-rezar eles

'Mais tarde, (os padres) tentaram outro local rio abaixo, rezaram.'

(7b') **koap toxawa tumuju wamõat, tumuju i-bibodo-a)-yu),**
 primeiro chefe atrás pajé atrás R2-cantar-NMZ1-PL
 'Primeiro vem o chefe, atrás dele o pajé, atrás dele os cantadores,

(7b'') **ig)uyjom ce-orok-a-yu), g)uyjom ao-yu)**
 depois R2-caçar-NMZ1-PL depois mulher-PL
 'depois os caçadores e as mulheres.' (organização antiga)

d. *kanõmum* 'por último, derradeiramente'

(8a) **ixe-yu) aje)m.je)m kano)mum io'e.**
 aquele-PL chegar.REDPL por.último diz-que
 'Aqueles chegam por último.'

(8b) **y-aypan-isusu-a-yu) koap cuyma o'=je-koy inaka ixe-yu) kanõmum o'=aje)m**
 R2-ser.velho-RECT-NMZ1- primeiro ? 3S=MED- apesar eles-PL por.último 3S=chegar
 PL remo
 'Os jovens, apesar de terem remado primeiro, eles é que chegaram por último.'

e. *g)ebuje / ig)ebuje* 'daí, então'

Palavra muito usada para dar idéia de seqüência em relatos:

(9a) **g)ebuje ixe-yu) 'e.'e-m ai)hi) ☉-kay, i-takõma-a(t)-yu) ie'e-m**
 então aquela-PL dizer.ITER-IPRF mãe R1-para R2-estar.bravo-NMZ1-PL dizem-IPRF
 'Então, elas ficavam dizendo (mal) para minha mãe, aquelas que estavam com raiva de mim.'

(9b) **γ)ebuje ai)hi) tõ.tõn**
 Daí mãe chorar.DUR

'Daí, a minha mãe chorava.'

f. *g)asu)/ ig)asu)* 'hoje, agora'

(10a) ***γ)asu)* muba'at kabia jɪ)jã**

hoje chuva dia muita

'Hoje é dia de muita chuva.'

(10b) ***õn puk e=⊕-mu-orog) g)asu)***

eu iminente 2O=R1-CAUS1-caçar.IPRF hoje

'Eu vou te fazer caçar hoje.'

h. *kuybin* 'durante muito tempo'

(11a) ***kuybin ma ip i-takõma ixē ⊕-kay dak osodop.***

muito.tempo mesmo eles R2-estar.bravo ele R1-para também AUX

'Eles também ficaram contra aquele durante muito tempo.'

(11b) ***kuybin ma oceju ixē-yu) ⊕-eju kawē)n.we)n-uk oce=⊕- ⊕-tag) parak***

muito.tempo mesmo nós (13) eles-PL R1-com conversar.ITER-HAB 13=R1-meio R1-por

'Já há muitos anos, nós costumamos dialogar com eles no nosso meio.'

i. *kuyje* 'antigamente (passado remoto)'

(12a) ***oceju bit ipi ⊕-ku)y.ku)y ⊕-be-wi oce=⊕-duju-je)m ip kuyje***

nós (13) contraste terra R1-buraco.INTS R1-em-de 13O=R1-CAUS2-sair eles antigamente

'Nós fomos tirados de um abismo no início dos tempos.'

(12b) ***kuyje bit oce=sop me)n=ku***

antigamente, contraste 13S=viver assim=?

'Antigamente, nós vivíamos assim.'

j. *kapusu* 'ontem'

- (13a) **kapusu puy ☉-bu oce=su-bu-aoka**
 ontem cobra R1-NFC 13S=R2-NFC-matar.PRF
 'Ontem nós matamos uma cobra.'

- (13b) **e)n kapusu e=ce-kapik**
 você ontem 2S=MED-trabalhar
 'Você trabalhou ontem.'

k. *kapusukuruy* 'anteontem'

- (14a) **kapusukuruy o'=jo-'o**
 anteontem 3S=R2-comer.PRF
 'Ele comeu anteontem.'

- (14b) **kapusukuruy o=a)je)m**
 anteontem 1S=chegar.PRF
 'Eu cheguei anteontem.'

l. *kuyaje* 'amanhã'⁷

- (15a) **kuyaje oceju cu-m São Paulo ☉-kay**
 amanhã nós (13) ir-IPRF São Paulo R1-para
 'Amanhã, nós vamos para São Paulo.'

- (15b) **kuyaje kabi i-dip c)çã je'e**

⁷ *kuyajebusu* significa 'depois de amanhã'. Sua segmentação provável é: *kuy-aje-bu-su*, sendo *-su* um sufixo que dá idéia de 'mais para lá', no tempo ou no espaço.

amanhã céu R2-ser.bonito muito AUX
'Amanhã, o dia vai ser muito bonito.'

m. *kuy* 'já (passado)' ⁸

(16a) **puy** ①-**bu** **kuy** **o'=je-bu-aoka-at**

cobra R1-NFC já 3S=MED-NFC-matar-CAUS3.PRF

'A cobra já foi morta.'

(16b) **o=**①-'**in** ①- **kuka** **kuy** **ma** **o=g)u-pik** – **i-'e.'e-m**

pima

1=R1-filho.FUT R1-se HIP já mesmo 1S=R2.CAUS1-estar.queimado.PRF R2-dizer.ITER-IPRF

'Se fosse meu filho, eu já o teria queimado, elas diziam.'

n. *g)axi)n* 'em pouco tempo, agora mesmo'

É possível que *g)axi)n* venha de *g)a* (< *g)asu* 'agora, hoje') + *xi)n* 'perto de', este último também presente em *ijoxi)n* 'perto daqui', advérbio de lugar derivado do demonstrativo *jop* 'este' (cf. seção 4.1.3.1).

(17a) **g)axi)n** **ma** **wuyju** **cu-m**

em.breve mesmo nós (12) ir-IPRF

'Vamos sair logo, logo.'

(17b) **g)axi)n** **ma** **o=aje)m**

há.pouco mesmo 1S=chegar.PRF

'Eu acabei de chegar.'

o. *darem* 'brevemente, por pouco tempo'

⁸ É provável que *kuy* 'já' seja o formante principal em *kuy-je* 'antigamente', *kuy-bin* 'durante muito tempo' e *kuy-aje* 'amanhã'.

(18a) **darem** **e=g)u)m** **o=⊖-webe**
 por.pouco.tempo 2S=R2.dar.IMPER 1=R1-para
 'Me empresta.' (lit. 'Dê para mim por pouco tempo.')

(18b) **i-jo.jo-m** **darem** **ma**
 R2-ver.DUR-IPRF por.pouco.tempo mesmo
 'Ficaram vendo ela por pouco tempo.'

p. *puxe* 'prematuramente, antes da hora'

(19a) **y-aypan-isu.su-a(t)-yu** **je-we-tayxi-da.da-m** **puxe** **ma**
 R2-ser.crescido-RECT.REDPL-NMZ1-PL MED-REC-esposa-VRBZ.REDPL-IPRF prematuro mesmo
 'Os jovens se casam prematuramente mesmo.'

(19b) **puxe** **ma** **o'=su-bu-dakat** **ip**
 prematuramente mesmo 3S=R2-corda-cortar.PRF eles
 'Cortaram a corda antes da hora.'

q. *g)uto* 'repetidamente'

(20a) **γ)ebuje oceju i-mu-õm.mu-õm** **ma** **γ)uto**
 então nós (13) R2-CAUS1-entrar.DUR mesmo repetidamente
 'Então, a gente vai trançando, trançando.'

(20b) **ibo** **ma** **g)uto,** **ibo** **ma** **g)uto**
 aquilo mesmo repetidamente aquilo mesmo repetidamente
 'A mesma coisa, a mesma coisa, repetidamente.'

r. *waram* 'mais uma vez'

(21a) **waram** **wida** **o'=je-etaburut**

mais.uma.vez onça 3S=MED-espiar
 'A onça veio espiar mais uma vez.'

- (21b) **iboce** Ⓞ-wi **pai**-Ⓞyu) **waram** o'=γ)u-awero **ip**
 daí R1-de pai-PL mais.uma.vez 3S=R2.CAUS1-reunir.se eles
 'A partir daí, os padres convocaram eles outra vez.'

Pode ocorrer a combinação de *waram* 'mais uma vez' com *g)uto* 'repetidamente':

- (21c) **õn** **ma** **waram** **γ)uto**
 eu mesmo mais.uma.vez repetidamente
 'Sou eu mesmo de novo.' (Frase dita durante um jogo de sinuca em que a pessoa anuncia que joga mais uma vez por ter derrubado duas bolas em seqüência.)

4.2.2. Advérbios de intensidade

a) *jijã* (após vogal) ~ *cicã* (após consoante) 'muito'

- (22a) **y-a'o**Ⓞ-ca **jijã** **xe-yu**Ⓞ=ku **osodop**
 R2-voz-ser.forte muito eles-PL=? AUX
 'Eles eram muito corajosos (os antigos).'

- (22b) **c(e)-e-bay** **i-cokcok** **cicã** **i-dip** **cicã** Ⓞ-buye
 R2-ALIEN-pai R2-ser.alegre muito R2-ser.bonito muito R1-porque
 'O pai se admirava da sua beleza, pois era um garoto muito bonito.'

b. *xeresu* 'pouco' (derivado do pronome indefinido *xere* 'poucos' + *-su* 'mais para')

- (23a) **xeresu gu wida o'=je-we-takaka praooop!!!**
 pouco NEG onça 3S=MED-RFX-assustar IDF:vruuummm
 'Não foi pouco o susto que a onça levou.'

- (23b) **xeresu gu oce=je-w-aoka.ka**
 pouco NEG 13S=MED-REC-matar.INTS.PRF
 'Foi uma grande batalha entre nós.'

4.2.3. Advérbios de maneira

- a) *i-me)n / me)n=ku* 'assim, desse modo'

Como os demonstrativos, este advérbio apresenta-se sob duas formas, uma com o sufixo *i-* (24a) e outra com a partícula enclítica *ku* (24b), mas tem distribuição de advérbio, funcionando apenas como adjunto e jamais como argumento:

- (24a) **o=u-kpit i-me)n o'=kap**
 1=R1-filho ?-assim 3S=passar
 'Meu filho nasceu assim.'

- (24b) **me)n=ku w=u-aypan, inaka ãn xipat**
 assim=? 1-R1-crescer embora eu estar.bem
 'Cresci assim, embora (hoje) esteja bem.'

(Dito após o narrador contar sua difícil primeira infância, em que, por ter nascido prematuramente, era tido como "bicho" e quase foi queimado.)

Um valor conclusivo também pode ser associado a este advérbio:

- (24c) **i-meun kuka be=ku muketero u-'a e=u-daxijo soat u-pe ma**
 ?-assim HIP este=? mosquitoeiro R1-NFC 2O=R1-salvar tudo R1-em mesmo
 'Assim o mosquitoeiro pode te salvar em todas as ocasiões.'

b. *xipan* 'bem' (< *xipat* 'ser bom')

(25a) **oce=⊕-dubu-yu)- ma xipan o'=je-kawe)n deiwat-yu) ⊕-e-kariwa-yu) ⊕-eju 'u)m.'u)m**

13=R1-avô-PL-finado.REDPL mesmo bem 3S=MED-falar não.índio-PL R1-ALIEN-chefe-PL R1-com
'Os nossos finados avôs firmaram acordo com os chefes dos não-índios.'
(lit. 'Os nossos finados avós conversavam bem com os chefes dos não-índios.')

(25b) **Magnólia ajot ⊕-kay e=ju. xipan juy e=ce-kawe⊕n**

Magnólia avô R1-para 2S=ir. bem IMPER 2S=MED-falar
'Magnólia, vá la no vovô. E vê se tu dá o recado direito!'

c. *daoma* (após vogal) ~ *taoma* (após consoante) 'rapidamente' ou 'facilmente'

(26a) **daoma e=jo-'o**

rapidamente 2S=R2-comer.IMPER
'Coma rápido.'

(26b) **abu dit ti-boy) γ)u o'=ti-muy)eee!!! epe=γ)u-wε)n taoma**

quem IRRIT R2.caldo-ser.grande NEG 3S=R2.caldo-fazer 23S=R2.CAUS1-falar logo
'Quem foi o infeliz que fez pouco caldo?! Digam logo (quem é)!'

(26c) **g)ebuje daoma wara'at ⊕-e-wãtaxipi ⊕-bu.bu-m**

então facilmente outra R1-ALIEN-doença R1-pegar.ITER-IPRF
'Então, vão pegando qualquer outra doença com facilidade.'

4.2.4. Advérbios de lugar

Serão considerados advérbios de natureza espacial palavras morfologicamente invariáveis que expressam noção de espaço e que, sintaticamente, não constituem sintagmas nominais – ao contrário dos demonstrativos (seção 4.1.3) de onde boa parte deles deriva – e não exercem função de argumento em uma oração, sendo apenas circunstantes.

Destacamos, inicialmente, os advérbios de lugar que são derivados dos pronomes demonstrativos para a seguir apresentar os demais.

4.2.4.1. Advérbios de lugar derivados de demonstrativos

Os demonstrativos *jop* 'perto do falante' e *bo* 'longe do falante' tornam-se um advérbio quando a eles se junta um dos seguintes sufixos casuais:

- a) *-ce*: 'locativo pontual'
- b) *-di*: 'locativo difuso'
- c) *-ma*: 'alativo' (em direção a)

As formas adverbiais derivam-se diretamente das formas dos demonstrativos, conservando a formação morfológica destes, ou seja, formas com o prefixo *i-* variando com formas seguidas da partícula enclítica *ku*:

I) advérbios derivados de *jop* 'este' (perto do falante):

<i>jop+ce</i>	⇒	<i>ijoce / joce=ku</i>	'aqui'	(locativo pontual)
<i>jop+di</i>	⇒	<i>ijodi / jodi=ku</i>	'por aqui'	(locativo difuso)
<i>jop+ma</i>	⇒	<i>ijoma / joma=ku</i>	'para cá'	(alativo)

Exemplos:

(27a) **i-bo** ⊕-**buye** **o=g)uy** **i-joce**

?-isso R1-por.causa 1S=ficar ?-aqui

'Por causa disso, eu moro aqui.'

(27b) **ce-muketero** ①-'a ①-e-tako ①- kap.kam, jodi=ku, jodi=ku i io'e
dag①

R2.ALIEN- R1-NFC R1-ALIEN-área R1-por passar.ITER.IPRF por.aqui=? por.aqui=? e diz-que
mosquiteiro

'(A onça) passava ao redor do mosquiteiro, ora por um lado, ora por outro.'

(27c) **i-xe Karosakaybu** i-joma bit o'=ekuku γu, ma joma=ku

?-ele Karosakaybu ?-para.cá contraste 3S=andar não mesmo para.cá=?

'Mas ele, Karosakaybu, ainda não veio para cá, para cá mesmo.'

II) advérbios derivados de **bo** 'aquele' (longe do falante):

bo+ce ⇒ *iboce / boce=ku* 'lá' (locativo pontual)

bo+di ⇒ *ibodi / bodi=ku* 'por lá' (locativo difuso)

bo+ma ⇒ *iboma / boma=ku* 'para lá' (alativo)

Exemplos:

(28a) **je=①-ôhō** ①-'a o'=y-a-kakaka i-boce , Surabudodot ①-'a ①-be

3CORF=R1-coisa R1-NFC 3S=R2-NFC-quebrar ?-lá Surabudodot R1-NFC R1-em

'Quebrou a flauta dela lá, na Serra Surabudodot'a.'

(28b) **i-jodi bit osu)nu)y gu) ma. ibodi acã osu)nu)y pug)- **Kororo** ①- acã
pug), dag)**

?-por.aqui contraste existir NEG mesmo por.lá só existir um-um Cururu R1-por só

'Não tinha por aqui. Só existiam alguns para os lados de lá, só para os lados do (Rio) Cururu.'

(28c) iboma ma waram o'=ju

para.lá mesmo outra.vez 3S=ir

'Foi para lá mesmo outra vez, naquela direção.'

Os demonstrativos *jop* e *bo* podem se combinar diretamente com posposições, sendo objeto destas, e nesse caso o conjunto também equivale a um advérbio, com função circunstancial:

(29a) **A. pu ①-dag) e)n cu-m**

qual R1-por você ir-IPRF
'Por qual meio você vai?'

(29b) **B. bo ①-dag) =ku**

aquele R1-por =?
'Vou por aquele (indicando a canoa que está distante do falante).'

O sintagma posposicional *iboce wi* 'de lá', resultado da combinação do advérbio *iboce* 'lá' e da posposição ablativa *wi*, além do valor literal 'de lá', pode ser usado também como recurso de encadeamento discursivo, significando 'depois disso, daí':

(30) **iboce ①-wi pai①-yu) waram o'=γ)u-awero ip**

lá R1-de padre-PL mais.uma.vez 3S=R2.CAUS1-reunir-se eles
'Depois disso, os padres convocaram eles outra vez.'

Antes de passar ao estudo de outros advérbios de lugar, apresentamos dois outros formantes de advérbios, que também ocorrem com os demonstrativos em questão; são eles os sufixos *-xi)n* 'perto de'⁹ e *-su* 'mais para':

(31a) **ijo-xi)n ma ip o'=y-aokaka wenu) ①-dip ①-pe**

este-perto mesmo eles 3S=R2-matar castanheira R1-aglomerado R1-em
'Foi perto daqui mesmo que o mataram, no castanhal.'

(31b) **boce acã =ku, bo-su.su acã ip je-we-bot.bon io'e**

lá só =? aquele-mais.para.INTS só eles MED-RFX-ajuntar.DUR.IPRF diz-que
'Foi só lá, só mais para lá, que eles estavam se ajuntando, dizem.'

⁹ Conferir *g)axi)n* 'em instantes' = 'perto de agora' (seção 4.2.1, item "n").

O sufixo *-su* ocorre também com advérbios temporais: *g)uyjom-su)m ma* 'um pouco mais tarde mesmo'.

4.2.4.2. Outros advérbios de lugar

Os advérbios apresentados nesta seção não são formas derivadas.

a) *wu)y* 'longe'

(32a) **o'=tuju-wat** **je=⊙-tayxi** **wu⊙y**

3S=R2.CAUS2-levar 3CORF=R1-esposa longe

'Levou a esposa para longe.'

(32b) **wu)y ma** **o'=ju**

longe mesmo 3S=ir.PRF

'Foi longe mesmo.'

b) *um* 'no alto'

(33a) **kuy o=g)u-puruk.** **um** **ma** **o=g)u-xipan.** **iwi ⊙-be** **o=g)u-xipan**

já 1S=R2.CAUS1-estar.seco no.alto mesmo 1S=R2.CAUS1-ser.bom jirau R1-em 1S=R2.CAUS1-ser.bom

'Já os sequei. Guardei-os no alto. Guardei-os no jirau.'

(33b) **ag)okatkat o'='at** **um** **⊙-wi**

homem 3S=cair.PRF no.alto R1-de

'Um homem caiu lá de cima.'

c) *badi* 'dentro, no interior'

'para rio acima' (para as cabeceiras)

(37b) **ti** ⊕-**bi** ⊕-**cu**)g) ⊕-**pe**

R2.rio R1-interior R1-meio R1-em

'no meio do rio'

4.2.4.3. Locuções adverbiais de lugar

Além dos advérbios propriamente ditos, há inúmeras locuções de natureza adverbial. As mais comuns são as de base posposicional, como as apresentadas nos exemplos (37a-b) acima e na seção 3.2.18. Mas, além delas, existem outras, que envolvem:¹⁰

a) nome + nome inalienável:

(38)

*ipi kadi*¹¹ 'no lado de baixo' (lit. 'do lado do chão (*ipi*)')

kabi kadi 'no lado de cima' (lit. 'do lado do céu (*kabi*)')

kabia bun 'durante o dia todo'

b) pronome + nome alienável:

(39)

ade e-koato 'muitos anos' (lit. 'muitos verões')

soat e-kabia 'todo dia'

pug) e-kabia 'um dia'

ixe e-kabia 'neste dia'

¹⁰ A lista de locuções adverbiais apresentada aqui não é exaustiva, mas apenas ilustrativa.

¹¹ *kadi* 'lado' é nome inalienável, podendo ser núcleo de SN: *pug) kadi* 'um lado' e até mesmo incorporado, como os demais de sua classe.

c) demonstrativo + nome inalienável + nome alienável:

- (40) **ig)o** **⊕-da** **⊕-e-kaxi**
 aquela R1-fruta.granular R1-ALIEN-sol
 '(É) mês daquela fruta (granular).'

4.2.5. Advérbios modalizadores

São tomados como advérbios de natureza modalizadora as seguintes palavras

a) *ice)m* 'certeza, verdade' e b) *aco'i* 'talvez':

a) *ice)m* 'certeza, verdade'

Indica comprometimento máximo do emissor com o grau de verdade e de certeza do que ele enuncia:

- (41a) **ice)m** **õn** **'e.'e-m**
 com.certeza eu dizer.ITER-IPRF
 'Eu sempre falo com certeza, com verdade.'

- (41b) **ice)m** **ma** **o=y-anu)γ)-ta-m**
 com.certeza mesmo 1S=R2-remédio-VRBZ-IPRF
 'Com certeza, eu vou fazer o tratamento nele.'

- (41c) **o=⊕-bure** **ice)m** **ma** **wida** **o'=y-aoka**
 1=R1-amigo com.certeza mesmo onça 3S=R2-matar.PRF
 'Foi meu amigo com certeza mesmo que matou uma onça (eu vi).'

b) *aco'i* 'talvez'

Indica baixo comprometimento do emissor com seu enunciado. É usado, por exemplo, para informação de segunda mão (42a) ou resultante de inferência, dedução do por parte do próprio falante (42b-c). Os falantes recomendam seu uso logo no início da oração, "para evitar confusão", dizem:

(42a) **kabido** aco'i **uk** ①-'a **o'=y-a-muy-'at**
 vento talvez casa R1-NFC 3S=R2-NFC-CAUS1-cair.PRF
 'Parece que o vento derrubou uma casa. (Um amigo me contou).'

(42b) **o=①-bure** aco'i **ma** **wida** **o'=y-aoka**
 1=R1-amigo talvez mesmo onça 3S=R2-matar.PRF
 'Parece que meu amigo matou uma onça. (Eu a vi morta).'

(42c) **o'=akõm** aco'i **xe=ku** **bekicat**
 3S=afundar talvez aquela=? menina
 'Parece que aquela menina se afogou. (Pois não a vejo mais).'

Outra estratégias de modalização da informação são o uso de *io'e* 'dizem' no final da oração, ou *wexeybi* 'no meu sonho', ou *wetabut* 'no meu conhecimento'.

4.3. Palavras interrogativas

Em Mundurukú, as palavras interrogativas derivam, principalmente, da classe de pronomes. Uma parte delas diretamente; outra indiretamente, uma vez que derivam de formas adverbiais que, por sua vez, já são provenientes de pronomes. As suas características morfológicas e sintáticas gerais levam-nos a identificar duas subclasses de palavras interrogativas, conforme veremos a seguir.

4.3.1. Palavras interrogativas derivadas diretamente de demonstrativos

As palavras interrogativas *abu* 'quem' e *ajo* 'o que' derivam das formas demonstrativas *bo* 'aquele' e *jop* 'este'. Ambas funcionam como sujeito, objeto direto, objeto de posposição e possuidor; a primeira se referindo a humanos, e a segunda a não-humanos. Morfologicamente, comportam-se como os demonstrativos; por exemplo, recebem sufixo de plural (-*yu*) e de finado (-*'u)m*); especificamente *ajo* ocorre também com o sufixo instrumental/translativo -*m*. O caráter pronominal dessas palavras fica evidente em orações nominalizadas, nas quais funcionam como pronome indefinido. A seguir exemplificamos os vários contextos de uso de *abu* (4.3.1.1) e *ajo* (4.3.1.2).

4.3.1.1. *abu* 'quem'

a) Sujeito de predicado nominal:

- (43) **abu-yu** **eyju**
 quem-PL vocês
 'Quem são vocês?'

b) Sujeito de verbo intransitivo e de verbo transitivo:

- (44a) **abu cu-m Itaituba** ☉-ka ☉-kay
 quem ir-IPRF Itaituba R1-cidade R1-para
 'Quem vai para a cidade de Itaituba?'

- (44b) **abu bio o'=y-aoka**
 quem anta 3S=R2-matar.PRF
 'Quem matou a anta?'

c) Objeto direto:

- (45a) **abu o'=g)u-wun?**
 quem 3S=R2.CAUS1-deslocar-se
 'Quem ele empurrou?'

- (45b) **w=⊙-etaybit pin abu e=jo-jojo iam**
 1S=R1-saber querer quem 2S=R2-ver NMZ2.INSTR
 'Eu quero saber quem você viu.'

d) Objeto de posposição:

- (46) A. "**abu** ⊙-xe opop kise " B. "o=⊙-xe opop"
 quem R1-com estar faca 1=R1-com estar
 A. "Com quem está a faca?" B. "Está comigo."

e) Possuidor (modificador) de nome alienável (47a) ou inalienável (47b):

- (47a) **abu** ⊙-e-aviãw ⊙-dag) ayaca-yu) cu-m
 quem R1-ALIEN-avião R1-por mulher-PL ir-IPRF
 'É no avião de quem que as mulheres vão?'

- (47b) **abu d-uk** ⊙-'a ⊙-be e=γ)υ)y Brasília ⊙-be
 quem R1-casa R1-NFC R1-em 2S=ficar Brasília R1-em
 'Você ficou na casa de quem em Brasília?'

f) Pronome não-interrogativo em nominalização:

Aqui mostramos que *abu* pode ser usado sem função interrogativa, desempenhando apenas função pronominal em contexto de nominalização. Tem aí valor indefinido. Os seguintes exemplos procuram mostrar o uso de *abu* como sujeito de verbo intransitivo (48a), sujeito de verbo transitivo (48b) e objeto de posposição (48c). Como objeto de verbo transitivo nominalizado, conferir o exemplo (45b) acima:

- (48a) **abu-yυ) konomu⊙m o'=aje)m.jε)m ia-yυ) ixε-yυ) axi⊙ ⊙-a ⊙- ⊙-be**
di
 quem-PL por.último 3S=chegar.REDPL NMZ-PL aqueles-PL pimenteira R1-ESF R1- R1-em
 água

'Os que chegavam depois tomavam caldo de pimenta.'

(48b) **w=⊖-etaybit g⊕u abu o=⊖-jojo iam**

1S=R1-saber NEG quem 1O=R1-ver NMZ2.INSTR

'Eu não sei quem me viu.'

(48c) **w=⊖-etaybit abu ⊖-be am oeku je-orog) iam**

1S=R1-saber quem R1-em FIN ir MED-caçar.IPRF NMZ2-INSTR

'Eu sei para quem (o homem) foi caçar hoje.'

g) Pronome indefinido

O seguinte exemplo confirma o valor de pronome indefinido de *abu* apresentado em f), uma vez que pode ser usado como indefinido, independentemente de estar em uma oração nominalizada:

(49) **abu ⊖-i ⊖-but o=su-i-but-coco**

quem R1-pé R1-rastro 1S=R2-pé-rastro-ver.PRF

'Eu vi o rastro de alguém.'

4.3.1.2. *ajo* 'o que'

a) objeto direto

(50) **ajo e=y-aoka?**

o.que 2S=R2-matar.PRF

'O que você matou?'

b) Sujeito de predicado verbal em que se fala de coisa ou bicho:

- (51) **ajo jit mo su-be dak wuy=⊙-'o.'o-m?**
 o.que IRRIT ? aquele também 12=R1-comer.DUR-IPRF
 'O que diabos será que nos está chupando?'

c) Argumento de predicado nominal em que se fala de uma coisa ou bicho:

- (52) **ajo ija, o=⊙-xi**
 o.que isso 1=R1-mãe
 'O que é isso, minha mãe?'

d) Objeto de posposição:

- (53) **ajo ⊙-eju ka su-ju o'=jece?**
 o.que R1-com HIP ?-esta 3S=enganchar
 'Com que é que esta engancha?
 (referindo-se a uma flecha em sua mão)

e) Adjunto translativo ou instrumental (-m):

- (54a) **ajo-m o=ju?**
 o.que-TRANSL 1S=ir.PRF
 'O que será que virei?'

- (54b) **ajo-m o'=takat bio**
 o.que-INSTR 3S=R2.cortar.PRF anta
 'Com o que ele cortou a anta?'

f) Modificador de nome possuível

- (55) A. "**ajo ⊙-dap-dap ijop**" B. "**Tumu)n ⊙-tap**"

- o.que R1-pêlo-pêlo este bicho R1-pêlo
 A. "Este é pêlo de quê?" B. "Pêlo de bicho."

g) Pronome não-interrogativo em nominalização

Abaixo, ilustramos o uso de *ajo* como pronome indefinido em orações nominalizadas, desempenhando as seguintes funções: objeto direto (56a), objeto de posposição (56b) e adjunto instrumental (56c).

- (56a) **ade wuyju monjoroko- wuy=⊖- γ)u [ajo õn γ)asv) i- iam]**
yv) etaybit muy)ε)γ)ε)m

muitos nós (12) munduruku-PL 12S=R1-saber NEG o.que eu agora R2-fazer.DUR NMZ2.INSTR

'Muitos de nós, Mundurukú, não sabemos o que eu estou fazendo agora.'

(Reclamação de um octogenário contador de histórias sobre o comportamento do seu povo, que tem ignorado, segundo ele, o valor da transmissão oral da sua cultura.)

- (56b) **w=⊖-etaybit ε)n ajo ⊖-kay e=jot iam**

1S=R1-saber você o.que R1-para 2S=vir NMZ2.INSTR

'Eu sei o que você veio procurar.'

(Lit. 'Eu sei para o que você veio.')

(56c) w=⊕-etaybit g)u ajo su-te iam

1S=R1-saber NEG o.que ?-esse NMZ2.INSTR

'Eu não sei o que é isso aí.'

4.3.2. Palavras interrogativas derivadas de outras classes

Neste outro subgrupo, uma parte das palavras interrogativas deriva de advérbios (derivação secundária); boa parte deles, por sua vez, criados a partir de demonstrativos (derivação primária). Diferentemente de *abu* e *ajo*, funcionam exclusivamente como adjuntos e, do ponto de vista da morfologia, são invariáveis.

Tabela 4.3 – Palavras interrogativas invariáveis

	palavra interrogativa	significado	derivada de	classe secundária	derivado de	classe primária
1.	<i>poma / apoma</i>	'para onde?'	<i>boma</i> ('para lá')	advérbio de lugar	<i>bo</i>	demonstrativo
2.	<i>poce / apoce</i>	'onde?'	<i>boce</i> ('lá')	advérbio de lugar	<i>bo</i>	demonstrativo
3.	<i>podì / apodì</i>	'por onde?'	<i>bodì</i> ('por lá')	advérbio de lugar	<i>bo</i>	demonstrativo
4.	<i>pe)n / ape)n</i>	'como?'	<i>me)n</i> ('assim')	advérbio de maneira		
5.	<i>pug)un</i>	'quando?' (futuro)	<i>bug)un</i> ('depois')	advérbio de tempo		
6.	<i>puje</i>	'quando?' (passado)	<i>buje</i> ('depois')	conjunção		
7.	<i>pu / apu</i>	'qual deles?'	<i>abu</i> ('quem')	pronome interrogativo	<i>bo</i> (?)	demonstrativo
8.	<i>pebu)ru)</i>	'quantos?'	<i>bu)ru)</i>	pronome		

			('alguns')	indefinido		
9.	<i>pebit</i>	'quanto?' (dimensão)	<i>bit</i> (?) ('contraste')			
10.	<i>pãm</i>	'e quanto a?'	<i>ãm</i> (?) ('finalidade')			

As palavras interrogativas 1, 2, 3, 4 e 7 apresentam-se, livremente, com e sem *a*. É de supor que as formas com *a* tenham surgido por analogia com o *a* presente nas palavras também interrogativas *abu* 'quem' e *ajo* 'o que', que só ocorrem dessa maneira.

Mas o processo fonológico que chama a atenção é o evidente **desvozeamento** das consoantes iniciais dos itens de 1 a 7, quando comparadas com as palavras de onde derivaram. Por meio desse desvozeamento, foram criadas essas palavras interrogativas. Especificamente na formação de *pe)n* 'como' (4), ocorre, além do desvozeamento, a desnasalização da palavra *me)n*.

A forma 8 (*pebu)ru*) traz, claramente, um formante *pe*, cujo significado nesse contexto desconhecemos. Podemos supor a existência de um formante *pe* também em 9 (*pebit*), uma vez que *bit* é uma palavra da língua, a qual significa 'contraste' (cf. seção 4.5, item "d"). O mesmo se pode dizer de 10 (*pãm*), uma palavra interrogativa usada pelo falante quando faz uma afirmação e pergunta a opinião do ouvinte, a qual supomos ser resultado de *pe* + *ãm*, com queda do "e" diante de "ã". Nesses três casos, desconhecemos o valor que tem esse possível formante *pe*.

Como *abu* e *ajo*, as palavras interrogativas identificadas nesta seção também ocorrem em orações nominalizadas (57b, 58b, 60b, 63c, 67a, 67b abaixo).

A seguir, exemplificamos cada uma delas, mantendo a ordem registrada na tabela 4.3.

1. *poma* / *apoma* 'para onde, em que direção' (alativo)

(57a) **poma bio o'=je-napõn?**

para.onde anta 3S=MED-fugir.PRF

'Para onde fugiu a anta?'

(57b) **ijoce ip wuy=⊕-etaybit g)u ejuma poma ip omu)yku iam**

aqui eles 12S=R1-saber NEG ? por.onde eles andar NMZ.INSTR

'Se eles estão aqui, não se sabe em que direção.'

2. *poce / apoce* 'onde, em que lugar' (locativo pontual)

(58a) **poce o'=jo-'o.'o ip?**

onde 3S=R2-comer.ITER.PRF eles

'Onde é que comeram?'

(58b) **ayacat o'=j-a-at poce wida osu)nu)y bio ⊕- ⊕-o'o-m iat ⊕-pe**
e⊕n

mulher 3S=MED-morder-CAUS3 onde onça AUX anta R1-carne R1-comer-IPRF NMZ1 R1-em

'A mulher foi mordida onde a onça estava comendo carne de anta.'

3. *podì / apodì* 'por onde' (locativo difuso)

(59) **podì e)n cu.cu-m?**

por.onde você ir.DUR-IPRF

'Você vai por aí?'

4. *pe)n / ape)n* 'como' (modo, maneira)

(60a) **pe)n e=ce (e)=⊕-a'õ-m**

como 2S=dizer (2)=R1-voz-INSTR
 'Como você diz na sua língua?'

- (60b) **w=Ⓢ-etaybit apɛn oeku.ku iam**
 1S=R1-saber como andar.ITER NMZ2.INSTR
 'Eu sei como ele andou por aí.'

5. *pug)un* 'quando' (futuro)

- (61) **pug)un tu wuyju cu-m**
 quando INT nós(12) ir-IPRF
 'Quando é que nós vamos?'

6. *puje* 'quando' (passado)

- (62) **puje ixé o'=ju?**
 quando ele 3S=ir.PRF
 'Quando ele foi?'

7. *pu / apu* 'qual deles'

- (63a) **apu w=Ⓢ-e-kasop Ⓢ-ta**
 qual 1S=R1-ALIEN-estrela R1-NFC
 'Qual é a minha estrela?'

- (63b) **pu koato e=kap**
 qual verão 2S=nascer
 'Em qual ano você nasceu?'

- (63c) **ey=Ⓢ-etaybit epe=sop pu koato o=kap iam**
 23S=R1-saber 23S=AUX qual verão 1S=nascer NMZ.INSTR
 'Vocês vão ficar sabendo em qual ano eu nasci.'

8. *pebu)ru)* 'quantos'

(64a) ***pebu)ru)* axima e=g)uy-um**

quantos peixes 2S=R2.CAUS1-no.alto
'Quantos peixes você pescou?'

(64b) **o='e γ)u *pebu)ru)* koato**

1S=dizer NEG quantos verão
'Não sei quantos anos levaria.'

9. *pebit* 'quanto' (dimensão)

(65a) ***pebit* epe=tio(t)-ta?**

quanto 23S=R2.embaixo-VRBZ.PRF
'Quanto é que vocês já roçaram?'

(65b) ***pebit* ①-'ip acã su-ju dak omuyku?**

quanto R1-pau só ?-este(na mão) também ter
'Que tamanho terá esse pau?'

10. *pãm* 'e quanto a'

(66a) **õn ag)okatkat. Pãm e)n?**

eu homem e.quanto.a você?
'Eu sou homem. E você?'

(66b) **o=①-xe i-dip ci)cã. Pãm e)n?**

1=R1-com R2-ser.bonito muito e.quanto.a você
'Para mim, é muito bonito. E para você?'

Além dos usos acima registrados, existe a possibilidade de nominalização das palavras interrogativas, mediante o uso de *-at*. O resultado é a restrição de algo/alguém que pertence a um grupo de coisas congêneres:

(67a) **w=**⊙**-etaybit** **ajo-an** **ag)okatkat** **o'=y-aoka** **iam**
 1S=R1-saber o.que-NMZ1.INSTR homem 3S=R2-matar.PRF NMZ.INSTR
 'Eu sei o que o homem caçou hoje.'

(67b) **w=**⊙**-taybit** **apoce-an** **oeku je-orok** **iam**
 1S=R1-saber onde-NMZ1.INSTR andar MED-caçar NMZ.INSTR
 'Eu sei em qual dos pontos o homem caçou.'

Além do recurso à entonação ascendente, o uso de partículas interrogativas é outro modo de fazer construções interrogativas em Mundurukú. Na seção 4.5, vamos abordá-las juntamente com outras partículas. Mas, antes, vejamos algumas conjunções.

4.4. Conjunções

Chamamos de conjunções as palavras responsáveis por correlacionar predicados tanto verbais quanto não-verbais. Elas constituem uma classe muito próxima da classe das posposições, pois ocorrem com morfema relacional e, aparentemente, com marcadores de pessoa (cf. exemplo (70c)). Mas posposições não correlacionam predicados e só ocorrem com orações quando estas estão nominalizadas por *-at* ou *-ap*, o que não é o caso das conjunções.

Neste momento, abordaremos apenas as conjunções abaixo destacadas, cujas formas iniciadas por /b/ ocorrem após vogal, e as por /p/ após consoante:

- a) *bima* ~ *pima*: 'antes, enquanto, no momento em que (quando); se'
- b) *buje* ~ *puje*: 'depois'
- c) *buye* ~ *puye*: 'porque'

a) *bima ~ pima*

De natureza principalmente temporal, essa conjunção assume, de acordo com o contexto, valor de 'antes' (68a), 'enquanto' (68b) ou 'no momento em que (quando)' (68c). É usada também com valor condicional (68d):

- (68a) **parat** Ⓞ-mug)e)- Ⓞ-pima, **oceju tip** Ⓞ- **cu.cu-m** **parat** Ⓞ- Ⓞ-pu-m
m **tag** **tak**
 peneira R1-fazer-IPRF R1-antes nós(13) mato R1-por ir.DUR-IPRF peneira R1-tala R1-buscar-IPRF
 'Antes de fazer uma peneira, nós vamos ao mato buscar tala de peneira.'

- (68b) **õn je-kõn.kõn** Ⓞ-pima, **bekicat wa.wa**
 eu MED-alimentar-se.DUR R1-enquanto criança chorar.DUR
 'Enquanto eu comia, a criança chorava.'

- (68c) **e=jot cuy**, **muto'o** Ⓞ-bima, **kaxi wuy=Ⓞ-ase** Ⓞ-bima
 2S=vir IMPER domingo R1-quando sol 12=R1-por.cima R1-quando
 'Gostaria que você viesse no domingo, ao meio-dia.'

- (68d) **o=Ⓞ-ba-ca** Ⓞ-bima **o=y-aoka** **xe=ku**
 1S=R1-braço-ser.forte R1-se 1S=R2-matar aquele=?
 'Se eu for forte, eu terei matado aquele.'

b) *buje ~ puje*¹²

Também de valor temporal, *buje/puje* indica que uma ação aconteceu depois de outra:

¹² O advérbio *gebuje* 'daí, então, depois' (cf. seção 4.2) é morfologicamente relacionado a *buje* 'depois'.

(69a) **ag)okatkat bio ①-aoka ①-buje wida o'=je-napõn**
 homem anta R1-matar R1-depois onça 3S=MED-fugir
 'Depois que o homem matou a anta, a onça fugiu.'

(69b) **w=①-aypan ①-puje i-cokcok ip o'e**
 1S=R1-estar.crescido R1-depois R2-ser.alegre eles AUX
 'Depois que eu cresci, eles ficaram alegres.'

c) *buye ~ puye*

Essa conjunção tem o valor de causa:

(70a) **ibo ①-buye o=jot**
 isso R1-porque 1S=vir.PRF
 'Por causa disso, eu vim.'

(70b) **ixe-m õn w=①-etaybit g)u o=jo-jo g)u ma ①-buye**
 aquele-INSTR eu 1S=R1-saber NEG 1S=R2-ver.PRF NEG mesmo R1-porque
 'Eu não conheço aquele, porque eu não o vi.'

(70c) **o=①-buye, ixe-yu) at)hı) ①-kay i-takõma ip osodop**
 1=R1-por.causa aquela-PL mãe R1-para R2-ter.raiva elas AUX
 'Por causa de mim, elas ficaram com raiva da minha mãe.'

(70d) **bakig)a g)u i-mu-wan-u-wan ①-puye**
 máquina NEG R1-CAUS1-empurrar R1-porque
 'Porque não era máquina que empurrava.'

Essas conjunções também são flexionadas com o prefixo relacional de não-contigüidade *i-*: *ibima*, *ibuje*, *ibuye*. Isso vai ocorrer quando as orações correlacionadas por elas não estiverem no mesmo período, não estando a conjunção na mesma oração a que ela se refere:

(71a) **ey='at** **o-pima** **o=ce-wayway** **ji)jã**

23S=cair R1-quando 1S=MED-rir muito

'Quando vocês caíram, eu ri muito.'

(71b) **epe='at.** **i-bima** **o=ce-wayway** **ji)jã**

23S=cair R2-quando 1S=MED-rir muito

'Vocês caíram. Quando disso, eu ri muito.'

Comparando esses exemplos, podemos perceber que se usa um pronome absolutivo no primeiro caso (*ey=*) e um pronome nominativo no segundo (*epe=*). Esse último é a forma pronominal corrente com o verbo em questão. Já aquele é também o pronome de posse nominal. Logo, é de se supor que o exemplo (71a) apresenta certo grau de nominalização, causado pela subordinação da oração à conjunção *pima*. A ausência dessa subordinação, como no exemplo (71b), não acarreta nominalização, e dada a não-contigüidade entre a oração e a conjunção, esta última se flexiona com o R2 *i-*.¹³

Uma outra característica típica das orações introduzidas por uma das conjunções aqui em análise é a regular ausência de marcadores clíticos de pessoa no seu verbo, peculiaridade do aspecto imperfectivo (cf. seção 2.1.1). Esse pode ser um outro ponto a favor do seu caráter nominal, se tomarmos a imperfectividade como uma característica não exclusivamente verbal, uma vez que pode estar ocorrendo com nomes também (cf. seção 3.1.3, item "h").

Esses fatos explicam a agramaticalidade de orações como (72a) abaixo, em que há o uso de marcador de pessoa em uma oração introduzida pela conjunção *puje* (*o'takat*),

¹³ Crofts (1985:270) registra que "quando o sujeito não é um substantivo, mas um pronome, o verbo leva os prefixos pronominais dos substantivos". Diferentemente dela, não focamos a questão na classe do sujeito, mas na finitude/infinitude da oração introduzida por uma conjunção. Nesse sentido, a autora tem uma percepção que corrobora nossa análise: "(...) é muito mais comum dizer o período com a forma conjugada e repetir com a outra forma, que é quase 'forma dum estado/ou descritiva', sem tempo". Ou seja, Crofts dá a entender que as orações introduzidas por conjunções têm caráter menos verbal.

diante da gramaticalidade de orações como (72b), em que não ocorre o marcador pessoal no verbo (*dakat*), e (72c), em que o uso do marcador de pessoa na primeira oração só foi possível por estar a conjunção na segunda oração. Nesse último caso, ela se flexiona com o relacional de não-contigüidade (*i-buje*):

(72a) ***ag**okatkak **bio** **o'=takat** **⊙-puje** **bekicat** **o'=su-e)n-'o**
 homem anta 3S=R2.cortar R1-depois criança 3S=R2-carne-comer
 'Depois que o homem cortou a anta, a criança comeu a carne dela.'

(72b) **ag**okatkak **bio** **⊙-dakak** **⊙-puje** **bekicat** **o'=su-e)n-'o**
 homem anta R1-cortar R1-depois criança 3S=R2-carne-comer
 'Depois que o homem cortou a anta, a criança comeu a carne dela.'

(72c) **ag**okatkak **bio** **o'=takat.** **i-buje** **bekicat** **o'=su-e)n-'o**
 homem anta 3S=R2.cortar R2-depois criança 3S=R2-carne-comer
 'O homem cortou a anta. Depois disso, a criança comeu a carne dela.'

4.4.1. Nominalização das conjunções

As conjunções aqui apresentadas podem ser nominalizadas, o que as torna mais próximas de posposições e advérbios, e mais distantes das partículas nos moldes em que definimos estas últimas (cf. seção 4.5).¹⁴

(73a) **1971** **⊙-bima-ac.at** **õn**
 1971 R1-quando-NMZ1.REDPL eu
 'Sou da época das pessoas que nasceram em 1971.'

(73b) **kat** **⊙-puje-at** **oce=⊙-mu-direm**
 tarde R1-quando-NMZ1 13O=R1-CAUS1-estar.molhado

¹⁴ Picanço (2005:270) classifica as conjunções, provisoriamente, de partículas.

'A chuva que veio à tarde nos molhou.'

4.4.2. Conjunções e partículas

Os exemplos abaixo mostram que oração + conjunção formam um conjunto, que pode ser modificável por uma partícula nos seguintes moldes:

< < < oração > R1-conjunção > partícula >

(74a) [[**Diego totõn** Ⓢ-pima] **dak**] **o=ce-kapik ma**

Diego chorar R1-se inclusive 1S=MED-trabalhar mesmo

'Até se Diego chorar, eu vou trabalhar.'

(74b) [[**muba'at-'u)m** Ⓢ-pima] **bit**] **oce=ju je-orog)**

chuva-PRIV R1-se contraste 13=ir MED-caçar.IPRF

'Mas se não chover, nós vamos caçar.'

(74c) [[**õn wãtaxipi-'u)m** Ⓢ-pima] **acã**] **kuka pig)ag)am o=ju g)u**

eu doente-PRIV R1-se só HIP pescar 1S=ir NEG

'Só se eu não estiver doente que eu não vou pescar.'

As noções de 'inclusão' (*dak*), 'contraste' (*bit*) e 'restrição' (*acã*) são algumas das várias funções associadas às partículas em Mundurukú, classe que passamos a descrever na próxima seção.

4.5. Partículas

As partículas são formas invariáveis como os advérbios, mas não são circunstantes (adjuntos) como eles, não podendo ser nominalizadas para se tornarem argumento, por exemplo. São, em sua maioria, monossílabos que exercem funções tipicamente pragmáticas, como focalização¹⁵ e modalização.¹⁶ Elas têm escopo, principalmente, sobre palavras, ocorrendo após estas; mas podem ter escopo também sobre orações (cf. exemplos (74a-c), da seção anterior). A seguir, apresentamos as partículas mais recorrentes.

¹⁵ A função focalizadora parece ser comum a todas as partículas; e a posição preferencial de uma palavra acompanhada de uma partícula é o início da oração, posição que consideramos típica para expressão de foco em Mundurukú. É a noção de foco contrastivo (*contrastive focus*) de Givón (2001) que temos como referência neste trabalho. Por ser a função contrastiva a que predomina no deslocamento para a esquerda de partes focalizadas em Mundurukú não consideramos esse deslocamento um caso de topicalização nos moldes de Givón (2001:265): "L-dislocation is typically a device to mark topical referents, most commonly definite and anaphoric ones, that have been out of the focus of attention for a while and are being brought back into the discourse".

¹⁶ Segundo Crystal (2003:364), pragmática é "(...) the study of language from the point of view of the users, especially of the choices they make, the constraints they encounter in using language in social interaction, and the effects their use of language has on the other participants in an act of communication. (...) Especial attention has been paid to the range of **pragmatic particles** which play an important role in controlling the pragmatic nature of an interaction". Segundo Levinson (1983), "pragmatics is the practice of utterance interpretation".

A literatura sobre o que se tem chamado de modalização, evidencialidade, modalidade epistêmica, mediativos, mirativos, partículas modais é bastante extensa e variada (Anderson 1986, Chafe & Nichols 1986, Camargo 1996, Comrie 2000, DeLancey 1997, Guentcheva 1996, Landaburu (inédito), Lazard 1996,1999, 2000, López 1994, Taylor 1996, Willet 1988), mas não foi possível explorar detalhadamente esse assunto nesta tese.

a) *du* (após vogal) ~ *tu* (após consoante)

Esta partícula tem, precipuamente, função interrogativa, podendo interrogar argumentos, adjuntos ou núcleos de predicado. Nos exemplos abaixo, a parte da oração interrogada foi deslocada para a primeira posição à esquerda, posição de foco:

(75a) **puy ①-bu du ag)okatkak o'=su-bu-aoka**
 cobra R1-NFC INT homem 3S=R2-NFC-matar.PRF
 'Foi uma cobra que o homem matou?'

(75b) **kise-m tu bio ①-e)n epe=su-e)n-dakat**
 faca-INSTR INT anta R1-carne 23S=R2-carne-cortar.PRF
 'Foi com uma faca que vocês cortaram carne de anta?'

Regularmente, uma partícula interrogativa não co-ocorre com palavras interrogativas (sobre elas, cf. seção 4.3); mas essa combinação é possível para reforçar a pergunta. As duas primeiras orações abaixo podem ser ditas durante uma corrida, mas é na segunda que o informante manifesta insistência. A terceira também revela isso. Ela foi dita por uma criança eufórica que queria saber quando ela e o pai iriam sair.

(75c) **abu koap j-aje)m-①**
 quem em.primeiro AUX-chegar-IPRF
 'Quem vai chegar em primeiro?'

(75d) **abu du koap j-aje)m-①**
 quem INT em.primeiro AUX-chegar-IPRF
 'Quem que será que vai chegar primeiro?!'

(75e) **pug)u)n tu wuyju cu-m**
 quando INT nós (12) ir-IPRF

'Quando é mesmo que nós vamos?'

Segundo os falantes, quando uma pessoa se aproxima de outra, esta não deve dizer *ajo?* 'o que é?', mas *ajo du?* 'o que que eu posso fazer por você?', pois usar a primeira forma, uma palavra interrogativa apenas, é considerado grosseiro.

b) *jít* (após vogal) ~ *cit* (após consoante) ~ *dit/tit* (variação dialetal)¹⁷

Esta outra partícula, também usada em orações interrogativas, expressa exasperação do falante em relação ao que se pergunta. No primeiro exemplo abaixo, o falante está irritado pelo fato de a comida ter acabado e não ter sido suficiente para todos. No segundo, temos a fala de um personagem que está irritado com o seu companheiro, que se recusa a lhe dizer em que direção ele e o pai estavam flechando porcos, que na verdade eram pessoas transformadas em porcos pelo próprio pai deste último.¹⁸

(76a) **abu dit ti-boy) γ)u o'=ti-muy)eee!!! epe=γ)u-wε)n taoma**
 quem IRRIT R2.caldo-ser.grande NEG 3S=R2.caldo-fazer 23S=R2.CAUS1-falar.IMPER logo
 'Quem diabos foi que fez pouco caldo?! Digam logo quem é.'

(76b) **apoma jít eyju daje ⊕-wu)y.wu)y-⊕?**
 para.onde IRRIT vocês porco R1-flechar.DUR-IPRF
 'Onde é mesmo que vocês estão flechando porcos?!'

c) *g)u*

A expressão de negação em Mundurukú ocorre por meio do acréscimo da partícula *g)u* após a coisa (77a-b) ou ação negada (77c). Também aqui ocorre focalização:

¹⁷ Em falantes da aldeia Katõ, além de *dit* [dit] por *jít* [dZit], registrei também *ticã* [titΣã] por *cicã* [tΣitΣã].

¹⁸ *paxi* e *xe'e* também são partículas típicas de orações interrogativas; mas não serão aqui abordadas.

(77a) **puy** ①-**bu** **g)u** **o'=su-bu-aoka.** **wida ma**
 cobra R1-NFC NEG 3S=R2-NFC-matar.PRF onça mesmo
 'Não foi uma cobra que ele matou. Foi uma onça mesmo!'

(77b) **kobe** ①-**dag** **g)u** **epe=ju.** **aviãw** ①-**dag** **ma**
 canoa R1-por NEG 23S=ir avião R1-por mesmo
 'Não é de canoa que vocês vão. É de avião!'

(77c) **epe=ju** **g)u**
 23S=ir NEG
 'Vocês não vão.'

d) *bit* (após vogal) e *pit* (após consoante)

Essa partícula indica que a informação dada contraria algo esperado ou que foi dito anteriormente (78a-b e 79a). Pode servir também para indicar que uma mudança está se operando (78c):

(78a) **õn** **bit** **o=jo-jojo** **kobe**
 eu contraste 1S=R2-ver.PRF canoa
 'Fui eu sim que vi a canoa.'
 (Há alguém duvidando disso.)

(78b) **muba'at-u** ①**m** ①-**pima** **bit** **oceju** **je-orog** ①
 chuva-PRIV R1-se contraste nós(13) MED-caçar.IPRF
 'Mas, se não chover, nós vamos caçar sim.'

(78c) **borõm** ①-**da** **ta-eruy)** **je'e** **γ)asu)** **bit**
 algodoeiro R1-semente R2.semente-espalhar AUX agora contraste
 'O algodão está ficando espalhado.'¹⁹

¹⁹ O falante está me descrevendo como se faz uma rede e, nesse momento, fala que a pessoa tem de ir batendo o algodão com a mão, espalhando-o e comprimindo-o.

e) *ma*

O falante imprime à sua fala um tom de certeza²⁰, de destaque quando usa a partícula *ma*. O seu escopo pode ser tanto uma palavra com função de argumento (79a), adjunto (79b) ou núcleo de predicado (79c), quanto toda uma oração (79d):

(79a) **wida** **ma** **ag)okatkat** **o'=y-aoka.** **puy** **⊖-bu** **g⊕u bit**
 onça mesmo homem 3S=R2-matar.PRF cobra R1-NFC NEG contraste
 'Foi uma onça mesmo que o homem matou! Não uma cobra.'

(79b) **nobanõ-m** **g)u** **ag)okatkat** **wida** **o'=y-aoka.** **kise-m** **ma**
 espingarda-INSTR NEG homem onça 3S=R2-matar.PRF faca-INSTR mesmo
 'Não foi com uma espingarda que o homem matou a onça. Foi com uma faca mesmo!'

(79c) **o'=y-aoka** **ma** **wida.** **o'=g⊕u-taktak** **g⊕u**
 3S=R2-matar.PRF mesmo onça 3S=R2.CAUS1-estar.ferido NEG
 '(Biboy) matou mesmo a onça! Não a feriu (apenas).'

(79d) **pariwat** **⊖-'it.'it** **⊖-pu.pu-m** **t-uk** **⊖-'a** **⊖-be-wi** **ma**
 inimigos R1-filho.REDPL R1-pegar.ITER-IPRF R2-casa R1-NFC R1-em-de mesmo
 'Raptavam os filhos dos inimigos das próprias casas!'

f) *buk* (após vogal) ~ *puk* (após consoante)

Essa partícula indica que a ação expressa pelo verbo é iminente, estando associada ao aspecto imperfectivo (80a-b); em certos contextos, significa que o falante está pedindo permissão ou mesmo dando uma ordem (80c-d).

²⁰ Conferir, na seção 4.2.5, os advérbios modalizadores, responsáveis pelas noções de dúvida (*aco'i*) e certeza (*ice)m*).

- (80a) **xen** **puk** **õn**
 dormir.IPRF iminente eu
 'Eu estou indo dormir.'
- (80b) **cu-m** **puk** **õn i-jo-m**
 ir-IPRF iminente eu R1-ver-IPRF
 'Eu estou indo vê-lo agora.'
- (80c) **e=ju-'uk** **puk**
 2S=R2-apanhar.IMPER iminente
 'Vá apanhar agora.'
- (80d) **e=su-bu-aoka** **buk**
 2S=R2-NFC-matar.IMPER iminente
 'Mate a cobra.'

g) *juy* (após vogal) ~ *cuy* (após consoante)

Associada ao modo imperativo, *juy* implica ordem ou sugestão, mas de caráter polido, educado, dando margem, inclusive, a uma recusa (81a-b). Dependendo do contexto, expressa apenas a idéia de convite (81c). Como mostram os exemplos, sua associação com *buk* 'iminente' é freqüente, mas não obrigatória.

- (81a) **o=⊙kpot** **⊙-kay** **buk** **cuy** **ay)** **o=⊙-xi**
 1=R1-filho R1-para iminente IMPER olhar.IPRF 1=R1-mãe
 'Minha mãe, olhe, por favor, o meu filho pra mim.'
- (81b) **o=⊙-bure-** **kuyaje** **buk** **cuy** **o=d-uk** **⊙-'a** **a=y-a-pik**
yu⊙
 1=R1-amigo-PL amanhã iminente IMPER 1=R1-casa R1-NFC 12S=R2-NFC-trabalhar.IMPER
 'Meus amigos, amanhã vamos fazer o trabalho da minha casa.'

- (81c) **kuayje juv kabia-isu-m cuy wara'at ①-ti iodi-'in a=ti-kuda**
 amanhã IMPER dia-RECT-INSTR IMPER outro R1-lago lago-PART 12S=R2.lago-procurar
 'Amanhã, bem cedo, iremos procurar um outro lago.'

h) *kuka* / *ka*²¹

kuka é responsável pela noção de hipótese:

- (82a) **o=①-'in ①- kuka ãn pit kuy ma o=g)u-pik – i'e'em ip**
pi)mã
 1=R1-filho.IPRF R1-se HIP eu contraste já mesmo 1S=R2.CAUS1- diziam elas
 estar.queimado

'Se fosse o meu filho, eu já o teria queimado, diziam elas.'

- (82b) **o=ce-kapik c)çã ma ka**
 1S=MED-trabalhar muito mesmo HIP
 'Eu trabalharia muito.'

- (82c) **ãn wãtaxipi-'u①m ①-pima acã kuka pig①ag①am o=ju g①u**
 eu estar.doente-PRIV R1-se só HIP pescar 1S=ir NEG
 'Só se eu não tiver doente, eu não iria pescar.'

i) *juk* (após vogal) ~ *cuk* (após consoante)

Essa partícula indica passado recente.

- (83a) **ãn cuk o=aje)m**

²¹ Aparentemente, é variação livre.

eu PASS 1S=chegar.PRF

'Acabei de chegar.'

(83b) **botijãw** ①-'a **ju**k o=y-a-u)m e=①-webe

botijão R1-NFC PASS 1S=R2-NFC-dar 2=R1-para

'Eu emprestei meu botijão para você há pouco tempo'

j) *acã* / *ã*

Ainda não encontramos uma diferença entre *acã* e *ã*. Ambas têm o significado de 'só, apenas', sendo usadas como forma de individualizar, restringir uma ação (84a), uma coisa ou pessoa (84b-d):

(84a) **je-ko)n.ko)n-**① **aca**), **dao** ①-'o.'o-m **acã** **je-orok.orog)** **acã**

MED-comer.DUR-IPRF só mingau R1-comer.DUR-IPRF só MED-caçar.DUR.IPRF só

'(Ficávamos) só comendo, só tomando mingau, só caçando.'

(84b) **ijo-yu)** **koato.to** **acã** **oceju** **etaybin** **ojuy**

esta-PL verão.REDPL só nós(13) aprender.IPRF querer

'Só nesta década, quisemos aprender.'

(84c) **Pedoro** g①u **wida** o'=y-aoka **Biboy** **acã**

Pedro não onça 3S=R2-matar.PRF Biboy só

'Não foi Pedro que matou a onça, foi só Biboy.'

(84d) **A. "pebu)ru) axima e=g)uy-um?"** **B. "xepxep ã."**

quantos peixe 2S=R2.CAUS1-no.alto dois só

A. "Quantos peixes você pescou?"

B. "Apenas dois."

k) *poro*

A partícula *poro* denota euforia ou admiração com alguma coisa:

(85a) **jo=ku poro o=⊕-bubun**

este=? ADMIR 1=R1-brinquedo.FUT

'Este aqui vai ser meu brinquedo!' (Uma criança se referindo a algo recém-achado ou ganhado que se encontra em sua mão.)

(85b) **ite poro wadim je'e**

essa ADMIR namorado.FUT AUX.FUT

'Essa vai ser minha namorada!'

l) *dak* (após vogal) ~ *tak* (após consoante)

Essa partícula significa 'inclusive, também':

(86a) **eyju dak epe=tõ**

vocês também 23S=chorar.PRF

'Até vocês choraram.'

(86b) **dapsem tak ag)okatkat o'=jo-'o**

veado também homem 3S=R2-comer.PRF

'Também o veado, o homem comeu.'

É bastante comum o uso concomitante de várias partículas:

(87) **o=ce-tit puk ma acã juk ãn 'e.'e-m, ai)**

1=MED-mamar iminente mesmo só PASS eu dizer.DUR-IPRF mãe

'Só estava dizendo mesmo há pouco que queria mamar, mããe.'

CAPÍTULO 5 – Nomes em função classificadora (NFC)

Este capítulo tem por finalidade apresentar os nomes que são passíveis de ser usados como classificadores. Aqui se discutem as suas características, sua natureza, sua função e seu uso com os empréstimos. Pretendemos mostrar não só a sua natureza, mas também a sua amplitude. Na última parte deste capítulo, será apresentado um quadro comparativo entre o sistema de classificadores do Mundurukú e os sistemas presentes em outras línguas do tronco Tupí, especificamente o Kuruáya (família Mundurukú) e o Káro (família Ramarama). Será também confrontada a situação do Mundurukú com as tipologias propostas por Grinevald & Senft (2004) – para os sistemas de classificação nominal nas línguas amazônicas e africanas – e por outros autores (Aikhenvald 2000; Allan 1977; Deny 1976; Derbyshire & Payne 1990; Dixon 1986; Dixon & Aikhenvald 1999; Mithun 1986).

5.1. Nomes em função classificadora (NFC)

Há um conjunto de nomes que revelam uma função classificadora em Mundurukú. Todos eles são nomes de partes e, portanto, de posse inalienável. Como classificadores, dizem respeito à *forma* do objeto designado. A tabela 5.1 a seguir traz uma lista desses nomes, não exaustiva, mas bem representativa:

Tabela 5.1 – Nomes em função classificadora (NFC): forma e função

NFC	significado primitivo	significado derivado	exemplos de nomes classificados					
			animal		vegetal		outros	
-bu	'dedo'	cilíndrico e flexível	<i>puy bu</i>	'cobra'	<i>ixi bu</i>	'cipó'	<i>wayōm pu</i>	'tipiti'
			<i>xek pu</i>	'lagarta'			<i>korda bu</i>	'corda'
-a	'cabeça'	arredondado	<i>sarakay 'a</i>	'tracajá'	<i>māka 'a</i>	'manga' (o	<i>uk 'a</i>	'casa'
			<i>watāo 'a</i>	'bem-te-vi'	<i>(?)¹</i>	esferóide da	<i>wita 'a</i>	'pedra'
						mangueira)	<i>co 'a</i>	'morro'
							<i>beyo 'a</i>	'beiju'
					<i>muyao 'a</i>	'goiaba' (o	<i>-ku)m 'a</i>	'tórax'
					<i>(?)</i>	esferóide da	<i>xat'a</i>	'o esferóide
						goiabeira)	<i>(?)</i>	comida'
							<i>tumu)n 'a'a</i>	'o esferóide
							<i>(?)</i>	coisa'
-'uk	'barriga'	oco					<i>kio 'uk</i>	'flauta'
							<i>māgera 'uk</i>	'mangueira'
								(de água)
							<i>-bubu 'uk</i>	'coisa oca
							<i>(?)</i>	de alguém'
								(como uma
								flauta)
dup	'folha'	foliforme	<i>warepupu dup</i>	'borboleta'	<i>ako dup</i>	'folha da	<i>koykoy dup</i>	'remo'
			<i>iwāp tup</i>	'arraia'	<i>(?)</i>	bananeira'		
da	'semente'	graniforme	<i>poro da</i>	'carrapato'	<i>kape da</i>	'grão de	<i>bōbōx ta</i>	'bombom'
					<i>(?)</i>	café'	<i>cog)pu da</i>	'miçanga'
							<i>-ku)mta</i>	'mamilo'
							<i>xa(t) ta (?)</i>	'o graniforme
								comida'
-'ip	'pau'	em forma de pau/bastão			<i>ako 'ip</i>	'pé da	<i>rapi 'ip</i>	'lápiz'
					<i>(?)</i>	bananeira'	<i>kaneta 'ip</i>	'caneta'

¹ Conforme veremos, os termos acompanhados de (?) nesta tabela não são exemplos de nomes em função classificadora, uma vez que estabelecem uma relação de parte-todo com seus modificadores.

Como a tabela permite perceber, o uso de nomes em função classificadora (doravante NFC) faz-se presente com nomes de animais, vegetais e outros elementos do mundo cultural dos mundurukú, inclusive os empréstimos do Português incorporados a ele, como "bombom" (*bōbōx ta*), "mangueira (d'água)" (*māgera 'uk*), "lápiz" (*rapi 'ip*), ou da Língua Geral Amazônica, como "beiju" (*beyo 'a*) (o nome nativo deste é *xi*n).

A natureza desses NFC é bastante clara: são nomes de partes, sejam de partes do corpo animal (*-bu* 'dedo', *-a* 'cabeça', *-uk* 'barriga'), sejam de partes do corpo vegetal (*dup* 'folha', *da* 'semente, grão', *-ip* 'pau, caule'). Esses nomes de partes são plenamente usados na língua em seu sentido primitivo: *Biboy bu* 'dedo de Biboy', *ako dup* 'folha da bananeira', *daxa 'ip* 'lenha' (lit. 'pau de fogo').²

O que discutimos aqui é o uso derivado desses nomes em função classificadora: *puy bu* 'cobra', *warepupu dup* 'borboleta' e *kaneta 'ip* 'caneta'. Nesses exemplos, não estão em jogo os significados primitivos 'dedo', 'folha' e 'pau', mas os significados derivados 'comprido e flexível', 'foliforme' e 'em forma de pau/bastão', respectivamente.

Na análise que propomos, os nomes de partes presentes nos exemplos a seguir, marcados com interrogação na tabela, não estariam em função classificadora: *māka 'a* 'manga' (o esferóide da mangueira)', *muyao 'a* 'goiaba (o esferóide da goiabeira)', *ako dup* 'a folha da bananeira', *ako 'ip* 'o pé/caule da bananeira', *kape da* 'o grão de café'. Nesses casos, os nomes de partes (*'a*, *dup*, *'ip* e *da*) são usados com seu significado literal e não em seu sentido derivado. Voltamos a esse assunto na seção 5.1.3.

O uso de nomes em função classificadora não tem um caráter sistemático. Uma questão importante é identificar a sua real amplitude; neste trabalho, procuramos mostrar que o sistema é **bem menos extenso** do que admitido em análises anteriores sobre a língua (Crofts 1971, 1973, 1985, Gonçalves 1987, Nunes 2000, Picanço 2003). Antes de mais nada, não se pode falar em uma classe específica de nomes classificadores. Existem, sim, nomes inalienáveis que podem ser usados em função classificadora, mas não uma classe

² O fato de nomes em função classificadora terem sua origem facilmente identificável nos leva a crer que essa função desempenhada por eles é recente na língua (cf. Grinevald 2002 e Grinevald & Seifart 2004). Vide seção 5.1.9.

morfológica que desempenhe exclusivamente essa função. A fim de se determinar o seu real alcance, fazemos a seguir uma descrição da morfologia, da sintaxe e da semântica desses nomes.

5.1.1. A morfologia dos nomes em função classificadora

Os NFC são inalienáveis e, como qualquer outro nome desse tipo, tomam os prefixos relacionais de contigüidade (R1) e não-contigüidade (R2) (cf. capítulos 1 e 3), respectivamente \textcircled{D} - e *i*- (e alomorfes) (classe I, exemplo A) ou \textcircled{D} - e *t*- (classe II, exemplo B):

- (A) "e)n tu puy \textcircled{D} -bu e=su-bu-aoka?" "õn i-bu \textcircled{D} -aoka.ka-m"
 você INT cobra R1-NFC 2=R2-NFC-matar.PRF eu R2-NFC R1-matar.DUR-IPRF
 "Você matou a cobra?" "Eu a estou matando."

- (B) warepupu \textcircled{D} -dup o'=tup-'at
 borboleta R1-NFC 3S=R2.NFC-cair.PRF
 'A borboleta caiu.'

Mesmo em função classificadora (exemplo C), esses nomes não apresentam nenhum traço morfológico diferenciado daqueles apresentados quando não estão exercendo uma função classificadora (exemplo D) (cf. também exemplos (1a-b) e (2a-b) após a tabela 5.3).

Tabela 5.2 – Comparação entre o uso classificatório e o uso não-classificatório de um nome

	Classe I		Classe II	
(C)	<i>puy</i> \textcircled{D} -bu	'cobra'	<i>warepupu</i> \textcircled{D} -dup	'borboleta'
	<i>i-bu</i>	'cobra'	<i>tup</i>	'borboleta'
(D)	<i>Biboy</i> \textcircled{D} -bu	'dedo de Biboy'	<i>ako</i> \textcircled{D} -dup	'folha da bananeira'
	<i>i-bu</i>	'dedo dele'	<i>tup</i>	'folha dela' ³

Existem alguns nomes de partes do corpo, sobretudo humano, que são

³ As formas *i-bu* e *tup* são usadas anaforicamente. Esse uso é discutido na seção 6.8.

compostos com um NFC. Esses nomes não têm a morfologia relacional apresentada acima, uma vez que perderam completamente sua independência morfológica. Quando ocorre incorporação, por exemplo, é o composto por inteiro que se incorpora, diferentemente dos nomes apresentados anteriormente, dos quais é só o NFC que se incorpora. A seguir, exemplificamos alguns dos compostos com NFC:

Tabela 5.3 – NFC em composição com partes do corpo

a) -a	'cabeça' = 'arredondado'
-a'ōpi'a	'ombro'
-ku)m'a	'tórax'
-u)g)'a	'joelho'
-ukpi'a	'nádega superior'
b) -bu	'mão, dedo' = 'cilíndrico e flexível'
-ag)obu	'pescoço'
ceku)ru)ru)kpu	'veia'
toaybu	'rabo, cauda'
tu)npu	'intestino'
tu)nsabu	'curva da perna' (região atrás do joelho)
-ukpu	'cintura'
c) da / ta ⁴	'semente, grão' = 'graniforme'
-a'ōxabida	'coração'
-akpida	'cangote' (-akpi 'nuca'; -akpi-dao 'espinhaço superior')
-basu)nu)da	'cotovelo'
-ku)mta	'mamilo' (lit. 'grão do peito')
tada	'estômago'
taxibada	'saco escrotal'
-u)g)'ada	'rótula' (lit. 'grão do joelho')
d) ta	'olho' = 'em forma de olho'
-uk-pi-ta	'ânus' (lit. 'barriga-interior-olho 'olho do interior da barriga')

5.1.2. A sintaxe dos nomes em função classificadora

⁴ A forma sonora ocorre após vogal, e a surda, após consoante.

Nomes em função classificadora que não estão em composição constituem um sintagma de natureza possessiva, em que exercem a função de núcleo:

(1a) **[[puy] ①-bu] i-bu-pakpak**

cobra R1-NFC R2-NFC-ser.vermelho

'A cobra é vermelha.'

(1b) **[[Biboy] ①-bu] i-bu-pakpak**

Biboy R1-dedo R2-dedo-ser.vermelho

'O dedo do Biboy está vermelho.'

(2a) **[[warepupu] ①-dup] o'=tup-'at**

borboleta R1-NFC 3S=R2.NFC-cair.PRF

'A borboleta caiu.'

(2b) **[[ako] ①-dup] o'=tup-'at**

bananeira R1-folha 3S=R2.folha-cair.PRF

'A folha da bananeira caiu.'

Em termos de constituição, não há diferença entre o uso de um nome em função classificadora e o uso desse mesmo nome em função não-classificadora: em *puy bu* (1a) e *warepupu dup* (2a) existe a mesma relação de constituição que se encontra em *Biboy bu* (1b) e *ako dup* (2b), embora, nos primeiros, *bu* e *dup* estejam desempenhando função classificadora, informando sobre a *forma* da coisa em questão. A diferença, então, reside em um outro contexto sintático – a incorporação por subida – e também em um plano semântico, os quais serão explicados mais à frente. Antes disso, vamos mostrar os contextos de combinação de um NFC com outros elementos da língua.

Os NFC, com verbos, formam compostos. Por outro lado, constituem sintagmas com pronomes quantificadores (numerais, indefinidos), pronomes demonstrativos, nominalizações e até com outros nomes inalienáveis. Essa propriedade sintática não é, porém, exclusividade deles, uma vez que qualquer raiz inalienável pode participar dessas

mesmas combinações com verbos e nomes.

Embora façamos uma descrição detalhada de processos de incorporação e retomada anafórica com nomes no capítulo 6, antecipamos essa discussão exclusivamente com nomes em função classificadora, tema deste capítulo, a fim de pôr em relevo características morfossintáticas dos NFC.

a) Combinação de NFC com verbos

No exemplo (3) abaixo, o nome *-bu*, presente no objeto, é incorporado por repetição no verbo transitivo *-aoka* 'matar'. O resultado dessa incorporação é um composto, *-bu-aoka* 'objeto.cilíndrico.flexível-matar', sendo o escopo do verbo semanticamente determinado por essa operação sintática.

(3) **bekicat** [[puy] ⊕-**bu**] [o'=su-**bu-aoka**]

menino cobra R1-NFC 3S=R2-NFC-matar

'O menino matou a cobra.'

b) Combinação de NFC com numerais

Todo nome pode ser modificado por um numeral (ou por qualquer outro pronome quantificador), esteja este nome em função classificadora ou não. O sintagma *uk 'a* 'casa', em (4), traz o NFC '*a* 'coisa redonda'. O numeral *pug* 'um, unitário' combina-se com ele, constituindo um sintagma nominal, em que *pug* é dependente e '*a* é núcleo. O NFC '*a*, nesse caso, refere-se ao todo *uk 'a*. O resultado é o sintagma nominal [[*pug*]] '*a* 'a redondeza unitária'.⁵

(4) **ime)n-puye** **200** ⊕-**be** **wuyjuyu)** **pug)** ⊕-'**a** **uk** ⊕-'**a** ⊕-**be**
 assim-porque 200 R1-em gente um R1-NFC casa R1-NFC R1-em

⁵ A relação entre *pug* '*a* e *uk 'a* é de natureza apositiva, sendo que cada um constitui um sintagma próprio e correferencial com o outro.

'Por isso, moravam 200 pessoas em uma casa.'

(lit. 'Por isso, moravam 200 pessoas em uma redondeza habitacional (que era) uma só redondeza unitária.')

e) Combinação de NFC com pronomes demonstrativos

Os pronomes demonstrativos comportam-se da mesma maneira que os numerais (pronomes quantificadores). No exemplo (5), o demonstrativo *ig)o*, por se referir a um objeto que toma um NFC, *iti)g) 'a* 'panela', também se combina com esse nome: *ig)o 'a*.⁶

(5) **iy)o** **⊙-'a** **iti)g)** **O-'a** **o'=y-a-'at**

aquela R1-NFC panela R1-NFC 3S=R2-NFC-cair.PRF

'Aquela panela caiu.'

(lit.: 'Aquela redondeza, a redondeza panela, caiu.')

d) Combinação de NFC com nomes descritivos

Nomes descritivos como *'it'it* 'o pequeno' e *xixi* 'o grande'⁷ também se combinam com o mesmo NFC que esteja integrando um outro sintagma ao qual eles atribuem o valor de 'pequeno' ou 'grande'. No exemplo (6a), *wa'i 'a* 'balde' é descrito como 'pequeno', *'it'it 'a*. No exemplo (6b), *uk 'a* 'casa' é qualificada como *xixi 'a* 'grande'.⁸

(6a) **wa'i** **⊙-'a** **'it'it** **⊙-'a** **⊙-kug)** **o'=ju**

balde R1-NFC pequeno R1-NFC R1-com 3S=ir.PRF

⁶ Assim como os numerais, os demonstrativos combinados com um NFC podem vir antes ou depois dos nomes com um NFC, e sozinhos em uma oração. Também aqui a relação entre [demonstrativo+ NFC] e [nome + NFC] é de justaposição.

⁷ Sobre *xixi* e *'it'it*, conferir seção 3.1.3., itens "g" e "h".

⁸ Como ocorre com numerais e demonstrativos, os nomes descritivos combinados com um NFC não formam um sintagma com o nome modificado por esse NFC, pois também aqui existe uma relação de aposição entre eles: [wa'i 'a] ['it'it 'a].

'Ela foi com um baldezinho.'

(lit. 'Ela foi com a redondeza balde, a redondeza pequena')

(6b) **o=**⊙-bure **o=**⊙-webe **ayacã-** **o'=ju** **uk** ⊙-'**a** **xixi** ⊙-'**a** ⊙-**be**
yu)

1=R1-amigo 1=R1-para mulher-PL 3S=ir.PRF casa R1-NFC grande R1-NFC R1-para

'Meu amigo me disse que as mulheres foram para a casa grande.'

(lit. 'Meu amigo me disse que as mulheres foram para a redondeza casa, a redondeza grande.')

e) Combinação de NFC com verbo nominalizado

Um verbo nominalizado que se refere a um SN cujo núcleo é um NFC combina-se com esse NFC, tanto como verbo, quanto como nome. Esse fato revela uma seqüência na aplicação das regras morfológicas. Primeiramente, antes da nominalização, o NFC incorpora-se no verbo à esquerda, conforme se mostrou acima (exemplos 1a-b, 2a-b, 3 e 5): [nome+NFC]_{absolutivo} [NFC+verbo]. Após a nominalização, o composto nominal NFC+verbo+NMZ entra como modificador do NFC em um sintagma nominal: [[NFC+verbo+NMZ] R1-NFC]. Esse resultado, por sua vez, funciona como um aposto do nome que tem o NFC originalmente:

(7) **uk** ⊙-'**a**, **y-a-dip-at** _____ ⊙-'**a**, **Biboy d-uk** ⊙-'**a**
casa R1-NFC R2-NFC-ser.bonito-nmz R1-NFC Biboy R1-casa R1-NFC

'Aquele casa bonita é a casa do Biboy.'

(lit.: 'A redondeza casa, a redondeza que é bonita redondeza, é a redondeza casa do Biboy')

No exemplo (7), o verbo *dip* 'ser bonito' incorpora inicialmente o NFC *-a* 'arredondado', formando *-a-dip* 'arredondado-ser.bonito'. Em um segundo momento, após ser nominalizado por *-at*, o agora nome *-a-dip-at* torna-se modificador do NFC *'a*, tendo como resultado o SN *[-a-dip-at] ⊙-'a*, mesmo resultado encontrado com os pronomes quantificadores (numerais, indefinidos) e pronomes demonstrativos.

f) Combinação de um NFC com nomes também inalienáveis

Identificamos ainda a combinação entre um NFC e um nome inalienável. Os exemplos (8a) e (8b) mostram esse fato.

- (8a) **i-pot** **Ⓢ-pu** **bit** **deim** **o'=su-bu-kop**
 R2-filho R1-NFC contraste rio.abaxo 3S=R2-NFC-descer.PRF
 'Mas o seu cobra-filho tinha se mudado para o rio abaixo.'
 (*pu* refere-se a *puy bu* 'cobra')

- (8b) **kuy i-to(p)** **Ⓢ-pu** **i-kipit** **o'=su-bu-aoka** **io'e**
 já R2-marido R1-NFC R2-irmão 3S=R2-NFC-matar.PRF diz.que
 'O irmão já matou o seu cobra-marido – dizem.'
 (*pu* refere-se a *puy bu* 'cobra')

As combinações acima apresentadas têm sido tratadas como concordância (Crofts 1985, Gonçalves 1987, Picanço 2003), interpretação **não** adotada neste trabalho, uma vez que i) os classificadores não são partículas ou sufixos e ii) o resultado da combinação entre verbos e NFC é um composto, e entre nomes e NFC é um sintagma nominal, em que o NFC é núcleo. Em seu lugar, vamos falar, com relação aos verbos, em *incorporação por repetição* ou *incorporação por subida* (cf. seção 6.1 e 6.2); e, com relação aos numerais, demonstrativos, nomes descritivos, nominalizações e nomes inalienáveis, vamos falar em *retomada anafórica de SN* (cf. seção 6.8). Em relação a este último, por exemplo, uma vez que o sintagma *puy bu* 'cobra' esteja na cena discursiva (ou mesmo na cabeça dos interlocutores), o *-bu* pode ser usado em seu lugar, como um elemento anafórico: *i-bu* 'cobra', *ig)ɔ bu* 'aquela cobra', *xepxep pu* 'duas cobras', *ibu aokam* 'matará a cobra', etc.

Os NFC combinam-se com os nomes (também demonstrativos e numerais) à direita (cf. exemplos 1a-b, 2a-b, 3, 4, 5, 6a-b, 7, 8a-b), sendo seu núcleo sintático; enquanto a sua incorporação nos verbos dá-se à esquerda (cf. exemplos em 1a-b, 2a-b, 3, 5, 7, 8a-b), sendo esse um dos traços de diferenciação entre essas classes de palavras.

A incorporação dos NFC nos verbos dá-se numa linha absoluta (cf. exemplo com objeto direto em (2a-b), (3), (8b) (4) e (7b), e com sujeito de intransitivo em (1a-b), (5), (8a)); portanto, não atinge sujeito de verbo transitivo nem adjuntos ou circunstantes.

5.1.2.1. Sintaxe dos nomes em função classificadora: a impossibilidade de incorporação por subida

Incorporação por subida é a migração do núcleo de um sintagma nominal para um sintagma verbal, constituindo com o ele um composto (cf. seção 6.2). É o que se vê no exemplo (9b) quando o comparamos ao exemplo (9a) abaixo:

(9a) **bekicat** [[**Biboy**] ⊕-**bu**] [**o'**=**su-bu-dakat**]
 menino Biboy R1-dedo 3S=R2-dedo-cortar.PRF
 'O menino cortou o dedo do Biboy.'

(9b) **bekicat** [**Biboy**] [**o'**=**su-bu-dakat**]
 menino Biboy 3S=R2-dedo-comer.PRF
 'O menino cortou o dedo do Biboy.'

O resultado sintático dessa incorporação é a subida do possuidor para a função de argumento, nesse caso argumento objeto direto.

(9a), por sua vez, é um exemplo de incorporação por repetição. Qualquer nome inalienável é passível de ser incorporado no SV desde que atendidas algumas condições (cf. seção 6.1).

Uma vez que um nome inalienável esteja sendo usado com função classificadora, ele só se incorporará por repetição (10a),⁹ ficando impossibilitado de

⁹ Todavia, conforme apresentamos na seção 6.4, nomes **sem** função classificadora acionam menos frequentemente a incorporação por repetição que nomes em função classificadora:

incorporar-se por subida, como mostra o exemplo (10b) abaixo:

(10a) **bekicat puy** Ⓢ-**bu** [o'=su-**bu**-aoka]
 menino cobra R1-NFC 3S=R2-NFC-matar.PRF
 'O menino matou a cobra.'

(10b) ***bekicat puy** [o'=su-**bu**-aoka]
 menino cobra 3S=R2-NFC-matar.PRF
 'O menino matou a cobra.'

A partir do critério de incorporação, questionamos o valor classificatório atribuído aos nomes de parte de vegetais, tendo em vista que todos eles se incorporam por repetição (11a) e por subida (11b), fato que não atinge nomes em função classificatória (cf. 10b):

(11a) **bekicat ako** Ⓢ-**ba** o'=su-**ba**-'o
 criança bananeira R1-cilindro.rígido 3S=R2-cilindro.rígido-comer.PRF
 'A criança comeu a banana.'
 (lit. 'A criança comeu a coisa cilíndrica e rígida da bananeira.')

(11b) **bekicat ako** o'=su-**ba**-'o
 criança bananeira 3S=R2-cilindro.rígido-comer.PRF
 'A criança comeu a banana.'

(a) **bio** Ⓢ-**xep** o'=ju-'uk
 anta R1-gordura 3S=R2-tirar
sem incorporação
 'Tirou gordura da anta'

(b) **bio** Ⓢ-**xep** o'=su-**xep**-'uk
 anta R1-gordura 3S=R2-gordura-tirar
com incorporação por repetição
 'Tirou gordura da anta.'

(lit. 'A criança comeu a coisa em forma de cilindro rígido da bananeira.')

Diferentemente de *ako ba*, em que *-ba* tem de dar lugar a outro núcleo para se constituir uma nova palavra (*ako 'ip* 'pau da bananeira', por exemplo), dados em que o núcleo tem função classificatória de fato conservam esse núcleo na formação de sintagmas mais complexos, como mostram dados do tipo *xek pu 'ip* 'pau de lagartas': [[[*xek*] \textcircled{D} -*pu*] \textcircled{D} -*'ip*] X **ako ba 'ip*. Em *xek pu 'lagarta*', *-pu* é um NFC, que carrega a noção de 'comprido e flexível', e não é nome de parte nesse caso, sendo mantido em sintagmas mais complexos. Inversamente, *-ba* não é considerado um NFC, e não se mantém em sintagmas mais complexos, que não envolvam diretamente a fruta: *ako 'ip* 'pau da bananeira', *ako dup* 'folha da bananeira', *ako dot* 'cacho da bananeira'. *-ba* é nome de parte e não um classificador.

Dito isso, a análise que se faz de dados do tipo *ako ba* 'cilindro rígido da bananeira', *ako dup* 'folha da bananeira', *ako 'ip* 'caule da bananeira' **não** toma o nome à direita como estando em função classificadora, visto que todos esses podem ser incorporados por subida. Essa análise vai se aplicar a qualquer contexto em que a relação semântica entre os nomes é do tipo "todo-parte", como se explica na seção a seguir. Entender a natureza semântica de *ako* frente à natureza semântica de *puy* também é fundamental para compreender as diferentes relações morfossintáticas e semânticas estabelecidas pelos nomes inalienáveis que se combinam com cada um deles. O primeiro, *ako*, tem autonomia lexical. Já o segundo, *puy*, não tem.

5.1.3. A semântica dos nomes em função classificadora

A função básica de um nome que esteja sendo usado em função classificadora é

indicar um traço saliente da **forma** do objeto, conforme os exemplos já apresentados permitem perceber.¹⁰ Propomos aqui um **contraste** entre nomes em função classificadora e nomes sem essa função. Os primeiros comportam-se como modificadores de um nome, cuja ocorrência independente não é possível: **puy* X *puy bu*. Já os segundos indicam a parte de um todo, em sentido literal ou metafórico, sendo a ocorrência livre do todo atestada na língua: *Biboy* X *Biboy ba* 'braço do Biboy' (-*ba* usado em sentido literal) ou *ako* 'bananeira' X *ako ba* 'braço (ou cilindro rígido) da bananeira' (-*ba* usado em sentido metafórico).

Os NFC mantêm uma relação semântica de **modificado-modificador** com o nome com o qual se combinam, sendo este nome **baixo em referência**, uma vez que não tem autonomia lexical. Comparando-se os usos de *puy bu* 'cobra' e *Biboy bu* 'dedo do Biboy', percebemos que não existe *puy* sozinho, enquanto *Biboy* ocorre livremente. Isso porque *puy* não tem autonomia lexical, precisando do NFC *bu* para existir. Em *Biboy bu*, este último não é um NFC; é apenas um nome de parte:

A. [[*puy*] ⊕-*bu*] = [[*cobra*] R1-cilíndrico.flexível.como.o.dedo] 'cobra'
(-*bu* = usado em função classificadora)

B. [[*Biboy*] ⊕-*bu*] = [[*Biboy*] R1-dedo] 'dedo do Biboy'
(-*bu* = usado **sem** função classificadora)

Os nomes sem função classificadora mantêm uma relação semântica de **todo-partes** com o nome com o qual se combinam, sendo este nome **alto em referência**, uma vez que tem autonomia lexical. Esse raciocínio vale para os nomes de parte de vegetal, não considerados aqui classificadores:

C. [[*ako*] ⊕-*ba*] = [[*bananeira*] R1-cilindro.rígido] 'o cilindro.rígido da bananeira' = 'banana'

¹⁰ Se seguirmos a tipologia de Allan (1977), enquadram-se na categoria *shape*. Na de Deny (1976), promovem uma interação física com os nomes.

Os NFC, como *-bu* em *puy bu* 'cobra', não têm referência. Já nomes **sem** função classificadora, como *-bu* em *Biboy bu* 'dedo do Biboy' e *-ba* em *ako ba* 'cilindro rígido da bananeira', têm referência. No caso de *puy bu*, *-bu* pode ser substituído por outro modificador, mas o referente continua sendo uma "cobra". É o que acontece em *puy-xiri* 'sucuri', pois *xiri* (grande) satura a identificação de *puy*; uma diferença importante entre *bu* e *-xiri* é que o primeiro participa de processos de incorporação por repetição e retomada anafórica, enquanto o último não, uma vez que *-xiri* é apenas um sufixo (cf. seção 3.1.3, item "i").

Assim, em *puy bu* 'cobra', temos um classificador, mas em *Biboy bu* 'dedo de Biboy', *ako ba* 'braço ou cilindro rígido da bananeira' ('banana') não temos. Identificamos, ainda, uma diferença entre dados do tipo *Biboy ba* 'braço de Biboy' e *ako ba* 'braço da bananeira'. No primeiro, o nome *ba* é usado em sentido literal. Já no segundo, é usado em sentido metafórico.

Portanto, um nome inalienável pode ser encontrado nos seguintes contextos:

- | | | |
|--------------------|--|--------------|
| 1. <i>Biboy ba</i> | 'braço do Biboy; <i>Biboy bu</i> 'dedo do Biboy' | (SN) |
| 2. <i>ako ba</i> | 'braço ou cilindro rígido da bananeira' | (SN) |
| 3. <i>puy bu</i> | 'cobra' | (SN) |
| 4. <i>toay-bu</i> | 'rabo' | (composição) |

Desses contextos, identificamos uma função classificadora nos nomes inalienáveis presentes em 3 e 4, sendo este último exemplo de composição (cf. seção 5.1.1, tabela 5.3).

A seguir, propomos, então, uma discussão sobre os graus de lexicalização dos sintagmas, que visa a apresentar as diferenças discutidas até aqui entre nomes em função classificadora e nomes em função não-classificadora, uso literal e uso metafórico.

5.1.4. Graus de lexicalização entre nomes relacionados

Diante do observado até aqui, percebemos que há graus diferentes de lexicalização¹¹ entre seqüências de nomes relacionados. A fim de mostrar como um nome assume propriedades classificadoras (NFC) e qual relação se estabelece entre ele e o nome que ele classifica, propomos uma escala de lexicalização (tabela 5.4), que identificará em que nível está localizada a seqüência *nome + NFC*, comparando-a com as demais seqüências e níveis. Com essa escala, destacamos as propriedades morfológicas, sintáticas e semânticas dos NFC frente aos nomes que **não** estejam desempenhando função classificadora, fazendo uma síntese do que já foi dito até aqui.

Tabela 5.4 – Escala de lexicalização: do sintagma à composição

—	<i>lexicalizado</i>
<p>¹¹ Consideramos aqui não só unidades lexicais simples, mas também unidades lexicais complexas, como, por exemplo, em português "pé-de-moleque", "dona-de-casa", "professor de ensino superior", etc.</p>	

<p>0 Biboy ba 'braço do Biboy'</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Morfologia: o núcleo (-<i>ba</i>) recebe morfologia relacional; 2. Sintaxe interna: constituem um sintagma nominal; 3. Sintaxe externa: o núcleo participa de incorporação por repetição (menos obrigatório) e também de incorporação por subida, uma vez que o dependente pode ocupar sozinho uma função argumental; o núcleo também participa de retomadas anafóricas; 4. Semântica: o núcleo é tomado em seu sentido literal; é nome de parte; 5. Conclusão sobre o núcleo: nome independente sem função classificadora (grau zero de lexicalização entre ele e seu dependente).
<p>1 ako ba 'banana' (lit. 'cilindro.rígido ou braço da bananeira')</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Morfologia: o núcleo (-<i>ba</i>) recebe morfologia relacional; 2. Sintaxe interna: constituem um sintagma nominal; 3. Sintaxe externa: o núcleo participa de incorporação por repetição (menos obrigatório) e também de incorporação por subida, uma vez que o dependente pode ocupar sozinho uma função argumental; o núcleo também participa de retomadas anafóricas; 4. Semântica: o núcleo é tomado em seu sentido metafórico; é nome de parte; 5. Conclusão sobre o núcleo: nome independente sem função classificadora.
<p>2 puy bu 'cobra' (lit. 'cobra' + 'cilíndrico e flexível')</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Morfologia: o núcleo (-<i>bu</i>) recebe morfologia relacional; 2. Sintaxe interna: constituem um sintagma nominal; 3. Sintaxe externa: o núcleo participa de incorporação por repetição (obrigatório), mas não se incorpora por subida, uma vez que o dependente não pode ocupar sozinho uma função argumental por não ter independência lexical; o núcleo também participa de retomadas anafóricas; 4. Semântica: o núcleo é tomado em seu sentido metafórico; não é nome de parte; 5. Conclusão sobre o núcleo: nome independente com função classificadora.
<p>3 toay-bu 'rabo' (lit. 'rabo' + 'cilíndrico e flexível')</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Morfologia: o núcleo (-<i>bu</i>) não recebe morfologia relacional; 2. Sintaxe interna: constituem um composto; 3. Sintaxe externa: o núcleo não participa de incorporação; é a palavra toda que se incorpora; o núcleo não participa de retomadas anafóricas; 4. Semântica: o núcleo é tomado em seu sentido metafórico; não é nome de parte; 5. Conclusão sobre o núcleo: nome dependente com função classificadora (grau máximo de lexicalização). <p>+ <i>lexicalizado</i></p>

Nessa tabela, propomos a existência de quatro níveis de lexicalização de seqüências do tipo *nome+nome*. Nos três primeiros níveis, os nomes envolvidos formam um sintagma nominal, de tipo genitivo, cujo núcleo, um nome passível de função classificatória, é aqui tomado como tal apenas quando não participa de determinada operação morfossintática: incorporação por subida (níveis 2 e 3).

As diferenças semânticas entre os níveis também devem ser levadas em consideração na identificação do nome que está em função classificadora. Apenas quando deixa de significar nome de parte (níveis 2 e 3) é que passa a funcionar como classificador. No nível 3, um NFC forma um composto com um outro nome. Nível de poucos representantes, constituído de nomes de partes do corpo, sobretudo humanas, o NFC **não** forma, como nos níveis 0, 1 e 2, um sintagma nominal com o nome que acompanha, e o composto resultante é incorporado por inteiro, diferentemente do que acontece com as seqüências dos demais níveis, em que só o núcleo é incorporado (cf. capítulo 6).

Do ponto de vista da morfologia, a tabela acima pode ser dividida em duas partes. De um lado, ficam os nomes dos níveis 0, 1 e 2; de outro os do 3. A diferença entre esses grupos está no fato de se encontrar traços morfológicos (relacional) apenas nos três primeiros níveis. Essa divisão se dá porque só em 4 há composição.

Em se tratando de sintaxe interna, essa mesma divisão ocorre: os nomes presentes nos níveis 0, 1 e 2 formam um sintagma nominal, estando em relação de dependente e núcleo. Já os presentes em 3 não formam um SN, mas uma palavra composta.

É na relação entre os nomes participantes das seqüências e os demais constituintes da oração (sintaxe externa) que encontramos as principais diferenças entre todos os níveis apresentados. Destacamos os fenômenos de incorporação por repetição, incorporação por subida e incorporação de toda a seqüência. Da incorporação por repetição, participam os núcleos presentes nos níveis 0, 1 e 2. Da incorporação por subida, participam os núcleos presentes em 0 e 1 apenas. Da incorporação da seqüência inteira, participam os nomes presentes só em 3 (só se atestou até agora a sua incorporação por subida).

A conclusão é que **só os núcleos nominais presentes em 2 e 3 têm função classificadora**. Em 2, não se incorporam por subida, uma vez que o seu dependente não tem autonomia para ocupar uma posição argumental. Em 3, obrigam toda a seqüência a se incorporar, uma vez que passaram a compor uma nova palavra com o seu dependente,

perdendo ambos a autonomia sintática (exemplos desse tipo de composto podem ser encontrados na tabela 5.3).

Uma análise da semântica presente nos níveis sugere que, quando um nome se afasta de seu sentido literal, começa a ser um forte candidato a classificador. Voltando ao grau da seqüência *ako ba* (1°), em que *-ba* significa uma fruta cujo formato lembra o de um braço – um uso metafórico portanto – supomos ser este o primeiro estágio antes de um nome passar a ser usado com função efetivamente classificadora. Embora pertençam à mesma classe morfológica dos NFC, nomes como *ba*, quando representam a parte de um todo, não são tomados aqui como classificadores. É na sintaxe da frase que se encontra uma diferença entre eles e os NFC. Conforme se mostrou acima, ao contrário de um nome que está exercendo uma função classificadora, os nomes desse grau podem ser incorporados por subida.

5.1.5. Revisão da literatura sobre os classificadores em Mundurukú

A análise apresentada aqui contrasta com as propostas já feitas anteriormente sobre a língua, que (i) identificam uma classe separada de classificadores e (ii) não diferenciam exemplos como *puy bu* 'cobra' de *ako ba* 'banana', ou ainda *puy bu* 'cobra' de *Biboy bu* 'dedo do Biboy', (iii) tratando-os, inclusive, como composição¹² (cf. Crofts 1971, 1973, 1985; Gonçalves 1987 e Picanço 2003).

Segundo Gonçalves (1987:21), "são classificadoras todas as raízes que designam partes do organismo animal ou vegetal e algumas que designam elementos da natureza e elementos culturais". A partir dessa visão, a autora afirma que "existem cerca de cem raízes classificadoras" (1987:22), enquanto Crofts (1973: 86) havia estimado que existem cerca de cinquenta. O critério usado por elas para fazer tais afirmações é a participação de um nome em processos de concordância. Este é um critério puramente sintático e parcialmente explorado por elas, uma vez que não diferenciam os dois tipos de

¹² Crofts (1985:11), por exemplo, trata casos como 'semente de mamão' (*asaoda*) e 'osso de veado' ("*dapsemtao*") como sendo uma só palavra, um equívoco, pois são claramente duas palavras em um sintagma nominal: *asao da* e *dapsem tao*.

incorporação que existem na língua, a incorporação por repetição (equivalente ao que chamam de "concordância") e a incorporação por subida (não identificada por aquelas autoras), sendo esta última restrita a nomes em função classificadora, segundo a análise por nós proposta.

Em Picanço (2003: 4), encontra-se um resumo dos principais pontos dos quais minha análise diverge:

Nouns designating plants are obligatorily classified (Crofts 1971), in that the whole-part relation seems to contextualize as classification of the generic-specific type; for instance, *ako* is non-referential, generic; it designates the concept BANANA and not 'banana tree' (cf. *ako-ip* 'banana tree'). It has been assumed (Crofts 1971, 1973, 1985; Gonçalves 1987) that such constructions are realized by compounding the two nouns (eg., *ako-ba* 'banana fruit', *ako-dup* 'banana leaf', *ako-dot* 'a bunch of bananas'), a position I adopt here for concreteness. [grifos meus]

Em primeiro lugar, não é verdadeiro que nomes designando plantas sejam obrigatoriamente classificados. Há vários exemplos de nomes de plantas sem os supostos classificadores, seja em narrativas livres, seja em dados elicitados.¹³ Abaixo, por exemplo, são citados um dado colhido em texto (12a) e outro elicitado (12b):

- (12a) **musuk** ①-'ip o'=tuju-wat ip io'e — **musuk, ako, kag)a**
 mandioca R1-pau 3S=R2.CAUS2-ir.PRF eles diz.que mandioca banana cana
 'Levaram maniva, banana e cana.'
 (lit. 'Dizem que levaram muda de mandioca – de mandioca, de banana, de cana')

- (12b) **me)me)** **jarãy** o'=jo-'o
 bode laranjeira 3S=R2-comer.PRF
 'O bode comeu a laranjeira.' (um pé pequenino)

Do exemplo (12a), destacamos o uso de *ako* 'bananeira' e *musuk* 'mandioca'¹⁴,

¹³ Por exemplo, em seu estudo sobre a agricultura dos índios mundurukú, Friel (1959) cita vários exemplos de nomes de plantas sem classificador.

¹⁴ Em Mense (1947), encontramos, por exemplo, "maçõc-tí" (*musuk ti*) 'Ribeirão da Mandioca', um uso absoluto do nome 'mandioca'.

ambas se referindo à planta como um todo e não a uma parte específica. Quando se quer destacar uma parte, faz-se uso dos termos inalienáveis, como *-'ip* 'pau de', também presente em (12a). Em (12b), não resta dúvida de que o animal comeu a planta de laranja (*jarã*) e não uma parte apenas: *jarã dup* 'folha da laranjeira', por exemplo.

Apesar de Crofts (1985) também afirmar que os vegetais são sempre especificados para parte (classificados), encontramos em seu trabalho (1985:249) exemplos em que os vegetais aparecem sem especificação de parte:¹⁵

- (12c) **ao-yu** **coko daidada-m** – **bõrõ, xiriri, murusu, ãxi), poyda**
mulher-PL urucu plantar-IPRF algodão ingá caju pimenta cará
'Mulheres plantam urucu, algodão, ingá, caju, pimenta e cará.'

Os dados como os seguintes são encontrados facilmente em textos, tanto publicados (Borum 1977, 1978, 1979) quanto registrados em meu trabalho de campo:

1. *xa* 'pé de pequiá'
 - a. *xa* *diot* *pe* 'embaixo do pequiá'
 - pequiá baixo em

2. *ede'o* 'pé de pariri'
 - a. *ede'o dip* *kay* 'no paririzal';
 - pariri mato por
 - b. *ede'o diot* *kay* 'por baixo do pariri'
 - pariri baixo por

3. *musuk* 'pé de mandioca'
4. *cojoda* 'tucumãzeiro'

¹⁵ A segmentação e a análise são de minha responsabilidade.

a. *cojoda e-bekit* 'ele é filho de tucumãzeiro'
tucumãzeiro ALIEN-criança

5. *ako* 'bananeira'
6. *ako'it'it* 'filhos da bananeira' (mudas para plantio)
7. *akopakpak* 'bananeira vermelha'
8. *kobisug) tiot pe* 'embaixo do pajurá'

Uma vez que existe ocorrência independente de nomes de plantas como *ako* 'bananeira', torna-se inapropriada a análise que os toma como não-referenciais, genéricos; ao contrário, nomes assim são referenciais e designam o todo.

Também como consequência desses dois fatos, a palavra *-'ip* – em *ako 'ip* 'pé/caule da bananeira', *mãka 'ip* 'pé/caule de mangueira' – não significa necessariamente 'árvore de', mas 'caule de' nessas circunstâncias. Usado em função classificadora, significará 'em forma de pau/bastão'. É esse significado derivado que está presente em *rapi 'ip* 'lápiz' e *kaneta 'ip* 'caneta'.

Não é verdade que, nos casos já citados, estejamos diante de composição, pois se está diante de uma relação sintática de tipo *dependente-núcleo*, a não ser no grupo de nomes de partes do corpo que foram identificados na seção 5.1.1, na tabela 5.3.

Crofts (1985) ainda trata os nomes em função classificadora como partículas, não se encontrando em seus trabalhos as características dessa classe nem sua definição. Em dados momentos, essa mesma autora (1985:88) trata o classificador como mais uma sílaba da palavra. Esses dois tratamentos também são descartados aqui.

Picanço (2003:21) procura estabelecer ainda uma distinção entre construções classificatórias e construções inalienáveis (*inalienable and classificatory constructions*):

Body parts and attributes form the *classifier* class of inalienable nouns in Mundurukú, and can participate in both inalienable and classificatory constructions; if the dependent is non-referential, i.e. generic, the noun is contextualized as a classifier. Compare the examples in (38).

(38) (a) Inalienable possession	(b) Classification
ayacat a- <i>dap</i> 'woman's hair'	bio <i>dap</i> 'tapir's hair'
woman head-hair	tapir hair

Não há evidências de caráter classificatório em construções do tipo *bio dap* 'pêlo da anta' ou 'pêlo de anta', uma vez que não há uma forma específica para expressar um uso não-referencial ou genérico (*pêlo de anta*) de um nome em confronto com um uso referencial ou específico (*pêlo da anta*). Dessa forma, como já explicado anteriormente, na construção que expressa a noção semântica de "parte-todo", que é o caso de *bio dap*, não há uma função classificadora, não havendo, portanto, diferença morfológica, sintática e semântica entre "pêlo de/da anta" e "pêlo de/da cabeça de/da mulher".

Para Picanço (2003:21), as partes do corpo formam a classe de classificadores, uma subclasse dos nomes inalienáveis. Ainda segundo ela, um termo dessa classe pode participar de posse inalienável (exemplo (38a) na sua citação) ou de classificação (exemplo (38b)). Consideramos aqui que os nomes de partes em geral, e não apenas os de partes do corpo, podem ser usados em função classificatória, mas apenas quando não estão expressando a relação "parte-todo" (cf. seção 5.1.3).

5.1.6. Os nomes em função classificadora e os empréstimos

Vários nomes em Mundurukú não se combinam com um NFC. Apesar dessa não-sistematicidade, há uma certa afinidade entre os NFC e uma classe de nomes em particular, a dos empréstimos, que são, regularmente, acompanhados de um NFC: *beyo* 'a 'beiju'¹⁶, *boraxa* 'a 'bolacha', *barão* 'a 'balão', *basia* 'a 'bacia', *muketero* 'a 'mosquiteiro', *kajarão* 'a 'caldeirão', *igreja* 'a 'igreja', *mãgera* 'uk 'mangueira (para água)', *rapi* 'ip 'lápiz', e outros.

O fato de empréstimos receberem um tratamento diferenciado em uma língua não é um fato novo nas línguas do mundo, sendo, possivelmente, uma forma de marcar o diferente, o estrangeiro. Essa possível marcação diferenciada de empréstimos em Mundurukú é identificada em outra parte de sua gramática: todos os empréstimos são tratados como nomes alienavelmente possuíveis (cf. seção 3.1.2).¹⁷

Assim, os empréstimos parecem gozar de um tratamento diferenciado, tanto em relação à tendência de se combinar com um NFC, quanto em relação à sua inclusão em uma classe específica de nomes, a dos alienáveis.¹⁸

Nas próximas seções, fazemos uma discussão sobre a possível presença de classificadores em Kuruáya (seção 5.1.7), sobre os classificadores presentes em outra língua do tronco Tupí, o Káro (seção 5.1.8), e apresentamos as reflexões já feitas sobre sistemas de classificação nominal em línguas amazônicas, confrontando com elas a situação do Mundurukú até aqui apresentada (seção 5.1.9).

5.1.7. Classificadores em Kuruáya: uma hipótese

¹⁶ Em Mense (1947), a palavra encontrada para "beiju" é *xi)n*, termo sem classificador.

¹⁷ Crofts (1985:292) também sugere algo nessa direção quando discute alguns termos de parentesco: "O prefixo de posse indica que este termo é emprestado do português, mas isso não é certo".

¹⁸ Nomes recentemente formados na língua para designar objetos de outra cultura também têm tendência a apresentar uma formação com NFC: *y-a'o-bubu-'ap* 'a 'gravador' [R2-voz-pegar-NMZ-R1-coisa.redonda] [lit. coisa redonda que pega a voz de alguém].

A língua Kuruáya pertence à família Mundurukú: "Curuaya resembles Mundurucú as closely as Yuruna does Shipaya. In some cases it preserves primitive Tupí forms better than Mundurucú." (Nimuendajú, 1963:215, *apud* Costa, 1998:6).

Com base no vocabulário da língua Kuruáya incluído em Costa (1998),¹⁹ buscamos mostrar indícios da presença de classificadores nessa língua, comparando-a com o Mundurukú. São comparados i) cognatos e não-cognatos que têm morfemas passíveis de ter função de classificador (NFC) em ambas as línguas, ii) cognatos e não-cognatos que têm NFC em Mundurukú, mas não em Kuruáya; iii) cognatos e não-cognatos que não têm NFC em ambas as línguas; e iv) cognatos e não-cognatos que encerram claramente uma construção de natureza genitiva, em que o núcleo tem significado primitivo (nome de parte) e não derivado (classificador). Esses dados foram divididos em 4 tabelas: 5.5, 5.6, 5.7 e 5.8.

A tabela 5.5 (parte I) a seguir permite perceber que nomes tipicamente classificados em Mundurukú, de acordo com o exposto anteriormente neste capítulo, encontram correspondência fiel em Kuruáya. Até mesmo nomes em Kuruáya que não parecem ter origem comum com os do Mundurukú (parte II) também apresentam morfemas que correspondem aos NFC deste último. Na parte III da tabela 5.5, estão termos para os quais não encontramos ainda correspondentes em Mundurukú, mas são citados aqui por supormos a presença de um classificador neles.

Tabela 5.5 – Cognatos e não-cognatos com NFC em Kuruáya e Mundurukú

Kuruáya	Mundurukú
<i>Parte I: cognatos com NFC em ambas as línguas</i>	

¹⁹ Por se tratar de uma dissertação sobre a fonologia da língua Kuruáya, não há exemplos contextualizados dos morfemas que poderiam ser considerados classificadores. Portanto, a comparação entre Kuruáya e Mundurukú restringe-se, neste momento, ao nível das palavras, sobretudo dos possíveis cognatos.

/wita/a/ 'pedra'	wita /a (wita 'a) ²⁰
/tΣo/a/ 'morro'	tΣo /a (co 'a)
/idZib\)/ 'cipó'	iΣi b↔ (ixi bu)
/-anob\)/ 'pescoço'	-a★ob↔ ²¹ (-ag)obu)
/tayb\)/ 'cauda' (mamíferos)	toayb↔ ²² (toaybu)
<i>Parte II: não-cognatos com NFC em ambas as línguas</i>	
/kora/a/ 'machado'	o /a (o 'a)
/wadZiΔaΔa/ 'estrela' ²³	kasop ta (kasop ta)
<i>Parte III: possível presença de nome em função classificadora</i>	
/tiam/a/ 'ilha' ²⁴	
/wiΔaΔa/ 'areia' ²⁵	

A partir dessas correspondências, supomos que, em Kuruáya, /a, b) e Δa estejam desempenhando a mesma função classificadora encontrada em Munduruku, informando sobre a forma do objeto: arredondado, cilíndrico.flexível, e graniforme, respectivamente.

Na tabela 5.6 a seguir, apresentamos um conjunto de itens lexicais do Kuruáya

²⁰ Opto por usar a escrita com símbolos fonéticos neste momento para proporcionar melhor visualização das semelhanças entre as línguas, mas apresento também, entre parênteses, a ortografia, pois é a que estamos utilizando neste trabalho.

²¹ Este item lexical e o seguinte incorporam-se, em Mundurukú, por inteiro (cf. seção 6.2.1).

²² Segundo Aryon Rodrigues (c.p.), a forma proto-Tupí de *toayb↔* 'cauda' é *-oay. Esse fato mostra que o morfema *-b↔* é mesmo o nome em função classificadora, que significa 'comprido e flexível'.

²³ Compare-se o Kuruáya *wadZi* 'lua' e línguas Tupí-Guaraní *yas* 'estrela', sendo *yas* 'lua'.

²⁴ Supomos que a palavra para 'ilha' em Kuruáya tenha a segmentação morfológica *ti-am-/a* 'água-privativo-arredondado', tendo em vista que existem, em Mundurukú, as formas cognatas *ti*, *am*, */a*, que significam, respectivamente, 'água', 'privativo' e 'arredondado'. Assim, o termo Kuruáya significaria literalmente 'a redondeza sem água'. Em comunicação pessoal, Aryon Rodrigues me disse que, em Tupinambá, língua da família Tupí-Guaraní, que também pertence ao Tronco Tupí, do qual faz parte o Mundurukú, a palavra para 'ilha' é *pa'u*, literalmente 'água-intervalo'. Esse fato permite pensar que a estratégia para formar a palavra é bem semelhante em ambas as línguas e também apontaria para a existência de um morfema com função classificadora em Kuruáya: */a* 'arredondado'

²⁵ Tendo em vista que a palavra para 'pedra' em Kuruáya é */wita/a/*, é possível que a palavra para 'areia', */wiΔaΔa/*, signifique, literalmente, 'grão de pedra', uma vez que *-Δa* é 'grão, semente'.

que, mesmo cognatos (parte I) ou não-cognatos (parte II) do Mundurukú, não apresentam morfemas passíveis de desempenhar função classificadora, embora o Mundurukú os apresente.

Tabela 5.6 – Cognatos e não-cognatos com NFC apenas em Mundurukú

Kuruáya	Mundurukú
<i>Parte I: cognatos com NFC apenas em Mundurukú</i>	
/p)y/ 'cobra' /ΔoN/ 'pulga' /porio/ 'carrapato' /ayam/ 'tipiti' /kam/ 'seio, peito'	p↔y b↔ (puy bu) ²⁶ nõN /a (nog) 'a' 'bicho-de-pé' poro da (poro da) wayõm p↔ (wayõm pu) k↔)m /a (ku)m 'a' (há também <i>ku)m ta</i> 'mamilo', lit. 'grão do peito')
<i>Parte II: não-cognatos com NFC apenas em Mundurukú</i>	
/abarari/ 'arraia' /arie/ 'lagarta' /isie/ 'pacu' /kananam/ 'tracajá' /kidZap/ 'casa' /kin/ 'beiju' /koΣama/ 'panela de barro' /poraΔa/ 'remo' /tΣãytΣãy/ 'panela'	iwãp t↔p (iwãp tup) Σek p↔ (xek pu) pako d↔p (pako dup) sarakay /a (sarakay 'a) ↔k /a (uk 'a) ΣidZap (xijap 'tapiri') beyo /a (beyo 'a) Σin (xin) (palavra antiga) iti)N /a (iti)g 'a) koykoy d↔p (koykoy dup) (para remar) koroy d↔p (koroy dup) (para mexer farinha) kadZarãw /a (kajarão 'a)

A primeira parte da tabela 5.6 traz palavras do Kuruáya sem os NFC que ocorrem nas palavras cognatas do Mundurukú. Os itens da parte II, embora não sejam cognatos, também não se combinam com possíveis NFC em Kuruáya, mesmo encontrando-se, em Mundurukú, a presença de NFC. Isso quer dizer que o Kuruáya, caso apresente morfemas classificadores, como sugere a tabela 5.5, terá um sistema de classificação bem menos extenso que o Mundurukú.

²⁶ Entre parênteses, ortografia vigente.

Uma comparação entre as tabelas 5.5 e 5.6, especificamente entre as primeiras partes de cada uma, as que apresentam os cognatos, permite hipotetizar ainda que o sistema de classificadores do Mundurukú e do Kuruáya surgiu antes da separação das línguas, uma vez que está presente em ambas, mas parece ter se reduzido em Kuruáya. Ou, ainda, podemos pensar que, quando as duas línguas se separaram, o sistema de classificação ainda estava firmando-se, tendo continuado seu desenvolvimento em Mundurukú e estancado em Kuruáya.

A tabela 5.7 a seguir está dividida em 2 partes. A primeira traz evidentes cognatos em Kuruáya e Mundurukú. A segunda traz elementos não-cognatos. O relevante em ambas é a ausência de um morfema passível de ser um NFC em Kuruáya, mesmo tratando-se de vegetais.²⁷

Tabela 5.7 – Nomes de vegetais e ausência de morfema passível de função classificadora em Kuruáya

Kuruáya		Mundurukú
<i>Parte I</i>		
/mara/	'milho'	m↔ra (da) (mura)
/maro/	'algodão'	bōrō (da) (bōrō)
/mas\k/	'mandioca'	m↔s↔k (ta) (musuk)

²⁷ Como a fonte dos dados do Kuruáya é um vocabulário, sem exemplos frasais, não é evidente que o item do Kuruáya diga respeito ao todo ou a uma sua parte. Mesmo assim, supomos que diz respeito ao todo e não à parte. Dois dados permitem pensar assim: 1) *mas\k* 'mandioca' (a planta) ou *mas\kta* 'mandioca' (o tubérculo) e 2) *mara* 'milho' e *maraΔa* 'grão de milho'. O primeiro dado foi fornecido em comunicação pessoal por Costa, que afirmou ser *mas\kta* o termo preferido para 'mandioca' (o tubérculo). Já os dados em 2 (das tabelas 5.7 e 5.8, respectivamente) mostram claramente uma palavra para 'milho' (a planta), *mara*, e outra para 'grão de milho', *maraΔa*.

/weΔã/	'castanha'	wen↔(i) (wenu)
/tΣoko/	'urucu'	tΣoko (/a) (coko)
/away/	'cará'	away (da) (away)
/waraki/	'melancia'	bãrãΣi (/a) (bãrãxi)
<i>Parte II</i>		
/akãy/	'pimenta'	ãΣi (/a) (ãxi)
/mare/	'mamão'	asão (/a) (asão)
/pawã/	'banana'	ako (ba) (ako)
/kami)kami/	'maracujá'	m↔rekoy (/a) (murekoy)
/kosi/	'coco'	koko (/a) (koko)

Como dito antes, em Kuruáya não há presença de morfema passível de função classificadora. Em Mundurukú, esse morfema existe, mas não é tomado aqui como um classificador, uma vez que a existência do nome do vegetal é atestada sem a presença dele. O que está entre parênteses imediatamente ao lado do nome em Mundurukú é a designação da parte do vegetal e não o vegetal em si, que pode ocorrer sem ele (cf. seção 5.1.5). O fato de existirem em Kuruáya cognatos desses mesmos nomes, sem a ocorrência de um morfema passível de ser um classificador, reforça essa análise.

A tabela 5.8 traz exemplos de uso não-derivado, logo não-classificatório de nomes em Kuruáya e Mundurukú. Os dados de Costa (1998), como já dito, não apresentam tratamento morfológico, mas se pode prever a existência de dois ou mais morfemas para os casos em análise, como em Mundurukú, uma vez que parte deles é encontrada no próprio vocabulário de Costa (1998). São nomes de partes sem função classificadora em Mundurukú e, supomos, também em Kuruáya.

Tabela 5.8 – Uso não-classificatório de nomes de partes

Kuruáya	Mundurukú
/maraΔa/ 'grão de milho' [<marã + Δa 'milho+grão'] ²⁸	m↔ra da (mura da) ²⁹

²⁸ A análise entre colchetes é minha interpretação.

²⁹ Entre parênteses, ortografia vigente.

/moriΔom/ 'farinha' [<mori+Δom 'mori+pó/massa]	Σi)n tōm (xi)n tōm 'massa de farinha' (xi)n é palavra antiga; hoje se usa o'i)
/weΔãipti/ 'flor de castanha' [<weΔã+ip+ti 'castanh(eir)a + árvore + flor']	wen↔)) dit (wenu) dit)
/weΔãiΣep/ 'óleo de castanha' [<weΔã+i+Σep 'castanheira+castanha+óleo']	wen↔)i) Σep (wenu)y xep)
/ΔaΣaip/ 'lenha de fogo' [<ΔaΣa + ip 'fogo+pau']	daΣa /ip (daxa 'ip)
/marob\ / 'linha de algodão' [<maro+b\ 'algodão+linha']	bōrō b↔ (bōrō bu)
/eΔ)p/ 'cigarro' [folha de fumo] [<e+Δ)p 'fumo+folha']	e d↔p (e dup) 'folha de fumo'
/tiramati/ 'café' [água de café] [<tirama+ti 'café+água']	kape di (kape di)
/y\kpiΔap/ 'cauda' (aves) [pena do ânus] [<y+\k+pi + Δap 'R2-barriga-entrada-pena']	y-\k-pi-ta (yukpita) 'ânus' [<R2-barriga-interior-olho 'olho do interior da barriga]
/etΣō/ip/ 'mão de pilão' [pau de pilão] [<etΣō+ /ip 'pilão+pau']	e) /ip (e) 'ip)

As tabelas permitem entrever indícios da existência de um sistema de classificação nominal em Kuruáya. Passamos, agora, a outra língua Tupí, o Káro, cujo estudo sobre os classificadores (Gabas Jr. 1999) será aqui brevemente apresentado. Essa discussão visa destacar o funcionamento de um sistema de classificação nominal em mais uma língua Tupí, para buscarmos mais evidências das características do sistema do Mundurukú por meio da comparação.

5.1.8. Uma comparação entre a classificação nominal em Káro e em Mundurukú

Segundo Gabas Jr. (1999), o Káro (família Ramaráma, tronco Tupí) tem classificadores, que ocorrem com nomes em sintagmas nominais. É um conjunto pequeno

de 11 classificadores, dos quais 7 dizem respeito a forma, 2 a arranjo (*arrangement*), 1 a gênero. O 11º tem, segundo o autor, um significado ainda desconhecido. Abaixo, reproduzimos parte da tabela e dos exemplos citados por Gabas Jr. (1999:209-213). Procuramos mostrar as categorias identificadas pelo autor e os respectivos exemplos:

Tabela 5.9 – Extrato de classificadores em Káro

	classifier	category	meaning (approximate)	morph. Gloss
1.	<i>pap</i>	shape	cylindrical, big	CL.CYLB
4.	<i>pe/</i>	shape	flat	CL.FLAT
6.	<i>/a/</i>	shape	round	CL.RD
8.	<i>kap</i>	arrangement	bunch, same source	CL.BSS
10.	<i>Na</i>	gender	feminine	CL.FEM

(Gabas Jr., 1999: 209)

Tabela 5.10 – Exemplos de classificadores relacionados a forma em Káro

<i>pap</i>	<i>pe/</i>	<i>/a/</i>
makara pap 'heron'	cibekon pe/ 'vulture'	op /a/ 'papaya'
ma/pe pap 'basket'	k)r\wep pe/ 'butterfly'	ka /a/ 'house'

(Gabas Jr., 1999: 210-211)

Tabela 5.11 – Exemplos de classificadores relacionados a arranjo e gênero em Káro

<i>kap</i>	<i>Na</i>
iya kap 'gravel'	corap Na 'girlfriend'
yã y kap 'tooth'	cey Na 'wife'

(Gabas Jr., 1999: 212-213)

Segundo Gabas Jr. (1999), de um ponto de vista estritamente formal, os classificadores em Káro pertencem à "classe de partículas", embora seja possível reconhecer-se uma origem nominal ou pronominal em alguns deles. O autor cita o caso de */a/* (forma redonda), que também é um nome livre, cujo significado é 'fruta', e *Na* (gênero feminino), que é também o pronome de terceira pessoa singular feminino.

Nem todos os nomes em Káro são classificáveis e não há um classificador geral curinga. Conforme afirma Gabas Jr. (1999: 215), "generally speaking, classifiers in Káro

are not obligatory. Their occurrence is always associated with a (very) specific characteristic of the referent with which they occur".

Os classificadores em Káro ocorrem exclusivamente dentro de sintagmas nominais, em três tipos básicos de construções: "a) with a head noun [N+CL]; b) in genitives [N+N+CL]; and c) in compounds [N+CL+N]. (Gabas Jr., 1999: 215)

Quando um adjetivo ocorre em qualquer dessas construções, o classificador ocorre obrigatoriamente depois do adjetivo, em concordância (Gabas Jr., 1999: 224). Abaixo, ilustramos esse fato com um exemplo de tipo N+CL, em que, após o adjetivo *cú* 'big', repetiu-se o classificador *bap* 'CL.CYLB', que acompanha o nome:

<i>wayo</i>	<i>bap</i>	<i>cú</i>	<i>bap</i>
<i>wayo</i>	<i>pap</i>	<i>cú</i>	<i>pap</i>
alligator	CL.CYLB	big	CL.CYLB
'big alligator'			

(Gabas Jr., 1999: 224)

Na tabela a seguir, destacamos as principais semelhanças e diferenças entre os sistemas de classificação nominal do Káro e do Mundurukú:

Tabela 5.12 – Semelhanças e diferenças dos classificadores entre Káro e Mundurukú

	Classificadores em Káro	Classificadores em Mundurukú
Semelhanças	1. a maioria indica a forma do objeto 2. classificam nomes 3. nem todos os nomes são	1. todos indicam a forma; 2. idem 3. idem

	classificáveis 4. não existe um classificador geral curinga 5. de um ponto de vista geral, não são obrigatórios	4. idem 5. idem
Diferenças	1. são partículas e formam uma classe com função de classificadores 2. origem lexical obscura, exceto dois dos 11 descritos por Gabas Jr. 3. ocorrem exclusivamente em sintagmas nominais 4. não ocorrem sozinhos, fora de um sintagma nominal 5. não são núcleo do SN 6. concordam em adjetivos	1. são nomes inalienáveis e não formam uma classe à parte 2. origem lexical clara: são nomes de parte 3. ocorrem em sintagmas nominais e verbais 4. podem constituir sozinhos um sintagma nominal (cf. seção 6.8) 5. são núcleo do SN 6. são modificados por pronomes (indefinidos, numerais, demonstrativos) e se incorporam em verbos.

Das semelhanças entre Káro e Mundurukú, destacamos o fato de a forma ser o significado principal dos classificadores em ambas as línguas. A inexistência de um uso generalizado e sistemático (nem todos os nomes são classificados) em ambas é também um outro fator bastante relevante, sobretudo para a caracterização dos sistemas de classificação amazônicos, que discutiremos na seção 5.1.9.

Já as diferenças marcantes entre as línguas em análise deve-se, sobretudo, ao fato de o sistema de classificação do Mundurukú possivelmente ser recente. Por isso, sua natureza (origem lexical) não é opaca, e os classificadores mantêm suas qualidades nominais fortemente presentes: têm morfologia plena e idêntica ao dos demais nomes inalienáveis (flexão relacional, por exemplo); são sintaticamente ativos (núcleo de sintagma, incorporantes, participantes de retomada anafórica) (cf. capítulo 6). Na verdade,

a única diferença sintática entre um nome inalienável em função classificadora e um nome inalienável sem função classificadora é a impossibilidade de incorporação por subida daquele, conforme se discutiu na seção 5.1.2.1.

Na próxima seção, fazemos uma apresentação das principais perspectivas tipológicas sobre os sistemas de classificação nominal em línguas africanas e amazônicas, a fim de averiguar em que medida o Mundurukú aproxima-se ou afasta-se delas.

5.1.9. Tipologia dos sistemas de classificação nominal e o caso do Mundurukú

Segundo Rodrigues (2000b:20), há 52 famílias lingüísticas na Amazônia. Acrescenta ele:

O número de línguas em cada família varia de uma a cerca de 40. Ao todo a quantidade de línguas amazônicas faladas atualmente é de cerca de 240. Esse número é apenas aproximado devido a alguns fatores variáveis: os limites da Amazônia segundo diferentes critérios, a distinção entre línguas e dialetos, as notícias sobre línguas recém-descobertas e, em casos extremos, as informações sobre se uma língua ainda tem falantes vivos.

Tanto Rodrigues quanto outros estudiosos das línguas amazônicas ressaltam a sua diversidade lingüística, destacando a desproporcionalidade entre o número de línguas e o número de troncos/famílias.

Diante de tamanha diversidade, Grinevald & Seifart (2004) destacam alguns desafios tipológicos em relação às línguas amazônicas também já ressaltados por outros autores: o estudo da ordem de palavras, o da ergatividade e, claro, o estudo dos sistemas de classificação nominal, em especial os presentes nas línguas da parte oeste da Amazônia. Visto que esses sistemas são encontrados em muitas línguas não relacionadas geneticamente, para os autores as possibilidades de reconstrução de proto-sistemas são muito limitadas; daí a hipótese de difusão areal e não de origem comum, que não será debatida aqui.

O que nos interessa neste momento é a análise dos sistemas de classificação

nominal da Amazônia frente aos da África, presente em Grinevald & Seifart (2004), realizada sob um prisma tipológico. Segundo eles, não há motivos para se considerar os sistemas amazônicos como exóticos:

The feeling was that the claimed exoticism of Amazonian systems (as, for instance, in Payne 1987, Derbyshire & Payne 1990, Aikhenvald 1994, and Aikhenvald & Green 1998) was no more than the reflection of their being the ones most recently encountered and the ones having to fit within already established typological patterns. (Grinevald & Seifart, 2004: 243-244)

Em lugar de considerar atípicos os sistemas de classificação nominal da Amazônia, os autores propõem que eles sejam tratados como sistemas emergentes, integrados a uma tipologia de classificação nominal em que ocupariam um lado oposto ao ocupado pelos sistemas níger-congo, em um contínuo de gramaticalização.

Uma das razões que levaram ao estudo comparativo entre línguas amazônicas e línguas níger-congo foi a natureza "concordante" de seus sistemas de classificação nominal, traço compartilhado por uns e outros. Um objetivo importante dessa comparação é tentar expandir a compreensão a respeito dos ciclos de vida do fenômeno da classificação nominal nas línguas do mundo.

Em relação aos estudos já realizados sobre os sistemas de classificação nominal, Grinevald & Seifart (2004) distinguem duas fases. Na primeira fase, situam os estudos de Allan (1977), que usou uma tipologia "all-inclusive" – não diferenciando sistemas de classificadores de sistemas de classes de nome – e os estudos de Payne (1990) e Derbyshire & Payne (1990), os quais acrescentam ao trabalho de Allan o sistema de classificadores de incorporação no verbo, baseando-se em Mithun (1986). Derbyshire & Payne (1990:243) afirmam que "the chief characteristic of most of the Amazonian classification systems [...] is that they cannot be labeled discretely as any one type, but are a mixture of two or all three types".

Na segunda fase, Grinevald & Seifart (2004) situam os trabalhos de Craig (1986), Grinevald (2000), Aikhenvald (1994), Aikhenvald & Green (1998). Nessa fase, identificou-se o caso da co-existência de até 5 tipos distintos de sistemas nominais em uma

mesma língua. Uma aparente profusão de morfemas classificadores em uma variedade de locais morfossintáticos diferentes e com funções diferentes torna o seu estudo difícil.

Por fim, destacamos a tipologia proposta por Grinevald (2000) *apud* Grinevald & Seifart (2004: 61):

Systems of nominal classification:
 < ... lexical lexico-grammatical..... grammatical ... >
 class-terms CLASSIFIERS noun classes & gender

 measure terms

No extremo à esquerda rotulado de "lexical", os autores identificam dois tipos de sistema – "class terms" e "measure terms", que não constituem sistemas morfossintáticos, embora produzam um efeito classificatório: (i) "class terms" – inglês: *blueberry, strawberry, boysenberry*; (ii) "measure terms" – inglês: *a pound of butter, a pound of sugar, a pound of oranges, etc.*

No outro extremo, rotulado de "grammaticalized", fala-se em sistemas de classe de nome e sistemas de gênero, caracterizados, por definição, como sistemas de concordância, os quais são diferenciados dos sistemas de classificadores: "The standard examples of such systems are the noun class systems of the Bantu type (...) and gender systems like those of European languages" (Grinevald & Seifart, 2004: 61).

No nível intermediário, considerado "lexico-grammatical", encontram-se os classificadores (*classifiers*). Incluem-se aí diferentes subtipos de classificadores, identificados a partir de onde ocorrem: classificadores genitivos (construções possessivas), numerais (sintagmas numerais ou até mesmo demonstrativos e/ou adjetivos), classificadores de nomes e classificadores de verbos; todos, com exceção do último, ocorrem dentro de sintagmas nominais. Aikhenvald (2000) sugere a existência de classificadores locativos.

Ainda segundo Grinevald & Seifart (2004:263), diferentes subtipos de classificadores exibem diferentes tipos de distinção semântica; classificadores numerais, por exemplo, sistematicamente referem-se a aspectos físicos como forma em contraste com a semântica funcional exclusiva dos classificadores genitivos (vestuário, comida, transporte, etc.), e a semântica genérica dos classificadores de nome (homens, mulheres, animais, plantas).³⁰

Para os autores, os classificadores são menos gramaticalizados que os sistemas de classes de nomes. As línguas amazônicas estariam entre os sistemas classificadores e os sistemas de concordância (ou classes de nomes): muitas delas teriam, enfim, sistemas de classes de nome, porém com um grau bem menor de gramaticalização que os sistemas das línguas níger-congo, embora haja mais semelhanças entre elas que o revelado na literatura. Para demonstrar isso, usaram o caso do Miranha, língua da família Witoto, falada na Amazônia colombiana³¹. As principais características do sistema de classificação nominal do Miranha são seu caráter concordante, derivacional, individualizante e anafórico.

Abaixo, apresentamos apenas as conclusões desse estudo comparativo entre sistemas nominais africanos e amazônicos, para se mostrar, a seguir, como o Mundurukú comporta-se frente a essa perspectiva tipológica:

- i. o sistema de classificação nominal do Miranha é do tipo "noun classes" (classes de nomes), mas há também, entre as demais línguas amazônicas, sistemas de gênero ou sistemas de classificadores, tais como numerais e genitivos, embora sejam minoria;
- ii. os amazônicos são sistemas de classes de nome, mas em um estágio bem inicial de gramaticalização em comparação com as línguas níger-congo;

³⁰ Embora o Mundurukú apresente classificadores de nomes, o significado deles diz respeito à forma.

³¹ "Miraña is an endangered language spoken in the Colombian Amazon region near the Brazilian border; it has about 100 speakers left, none of them children, for a population of about 400 Miraña. Along with its dialectal variant Bora (cf. Thiesen & Weber forthcoming), Miraña belongs to the Witotoan language family (Aschmann 1993)." (Grinevald & Seifart, 2004: 265)

- iii. foi apontada a seguinte **semelhança** entre os sistemas africanos e amazônicos: possibilidade de os marcadores de classificação nominal estarem simultaneamente no nome, nos seus modificadores e nos verbos, dos quais seriam um argumento;
- iv. foram apontadas as seguintes **divergências**: nos sistemas africanos, (i) a presença de marcadores de classe nas construções nas quais eles aparecem obedece a restrições morfossintáticas e é obrigatória, e (ii) não há pistas da sua origem lexical;
- v. a concordância é a principal característica dos sistemas amazônicos;
- vi. os sistemas nominais amazônicos são pouco gramaticalizados em virtude de seu alto grau de motivação semântica e de sua clara origem lexical, além de sua natureza discursiva e sua função anafórica;
- vii. portanto, para Grinevald & Seifart, há diferenças de grau e não de essência entre as línguas amazônicas e as línguas africanas no tocante aos sistemas de classificação nominais.

Já o sistema de classificação nominal do Mundurukú apresentado neste capítulo participaria das seguintes características apontadas para os demais sistemas amazônicos:

- a) é um sistema de classes de nomes em um estágio emergente e pouco gramaticalizado, uma vez que: (i) os nomes que funcionam como classificadores (NFC) têm origem lexical e significados claros; (ii) o processo de classificação é transparente; (iii) os NFC compõem, na maioria dos casos, sintagmas nominais; e (iv) desempenham função anafórica;

b) os marcadores de classificação nominal estão, simultaneamente, presentes no nome, nos verbos (incorporados quando o classificador se encontra em um argumento absoluto), e nos sintagmas nominais com pronomes quantificadores (numerais e indefinidos) e pronomes demonstrativos, sendo seu núcleo.

Com relação ao que se aponta em b), os NFC em Mundurukú não estariam em processo de concordância. A sua presença nos verbos é aqui compreendida como fenômeno de incorporação nominal (cf. capítulo 6).³² Já a ocorrência com os pronomes citados é analisada como um tipo de retomada anafórica (cf. seção 6.8), em que os NFC constituem sintagmas independentes com os modificadores que se referem a dado nome classificado.

Embora tenha optado aqui por designar tipologicamente o sistema de classificação mundurukú como sendo de "classes de nomes", há motivos para considerá-lo também como sistema de classificadores. Abaixo, apresentamos uma lista de critérios proposta por Dixon (1986, *apud* Grinevald 2002):

NOUN CLASSES	CLASSIFIERS
a. classify all nouns b. in a small number of classes c. closed system d. fused with other grammatical categories (number, case...)	<i>don't classify all nouns</i> <i>in large(r) number</i> <i>open system</i> <i>not fused</i>

³² Enquanto no Miranha a indexação de classificadores nos verbos ocorre em linha nominativa, no Mundurukú ocorre em linha absoluta. Para Mithun (1986:379-397), esse fenômeno evidência um sistema classificador verbo-incorporativo: morfemas que são itens lexicais incorporáveis à estrutura do sintagma verbal, os quais assinalam anaforicamente alguma característica proeminente da entidade já referida em um sintagma nominal associado, sujeito ou objeto direto do mesmo verbo, num sistema de referência cruzada.

<i>e. can be marked on N</i>	not marked on N itself
<i>f. in concord/agreement pattern</i>	not part of concord systems
<i>g. N assigned to one class</i>	can be to assigned to several classes
<i>h. no speaker variation</i>	possible speaker variation
<i>i. no register variation</i>	possible formal vs informal use

Os nomes em função classificadora do Mundurukú (NFC) têm tanto as características *a, c, d* dos **classificadores** quanto as características *e, g, h, i* das **classes nominais**.³³

Ressaltamos, finalmente, que os nomes que desempenham função classificadora em Mundurukú são **núcleos** dos sintagmas nominais, fato não observado nos estudos tipológicos já realizados sobre sistemas de classificação nominal aqui apresentados.

5.1.10. Considerações finais sobre os nomes em função classificadora (NFC)

Embora seja um fato raro, nomes que se combinam com um NFC são encontrados também sem ele. Isso nos leva a duvidar da total obrigatoriedade do seu uso. Nos textos, encontramos, por exemplo, *wita* 'pedra' (por *wita 'a*), *poro* 'carrapato' (por *poro da*), *kio*, *kadoku*, *parasuy* 'flauta' (por *kio 'uk*, *kadoku 'uk*, *parasuy 'uk*). Nem mesmo nos mitos que contam a história das flautas ocorre a forma com NFC. Um outro caso de NFC atestado em elicitções, mas inexistente em textos, é o do 'morcego': em lugar de *moreo dup*, encontramos regularmente *moreo*, até mesmo para um tipo de morcego mítico, o *moreopakpak* 'morcego vermelho'. A palavra para 'cobra grande' *puyxiri bu*, encontrada em registros da década de 1950, é somente aceita como *puyxiri* atualmente. Talvez um estudo mais sistemático de dados textuais ou não-textuais registrados por pesquisadores que observaram os Mundurukú nas décadas de 1930 (Mense e Strömer),

³³ Em comunicação pessoal, Colette Grinevald assim diferenciou *noun classes (classes nominales)* de *classifiers (classificateurs)*: "les classes nominales se manifestent d'une part sur les noms eux mêmes et souvent ont un rôle derivationnel et en même temps on les voit dans des systemes d'accord sur les formes possessives, sur les quantificateurs, sur les verbes... Les classificateurs n'apparaissent pas sur les racines nominales et ne se trouvent en general que dans une sorte de construction (possessive ou quantitative ou sur le verbe principalement)".

1940-50 (Murphy e Friel) contribua para uma melhor compreensão do comportamento dos nomes em função classificadora ao longo do tempo.³⁴

³⁴ Ao final desta tese, no apêndice A, apresentamos uma lista de exemplos tanto do uso de nomes em função classificadora quanto do seu uso sem essa função.

CAPÍTULO 6 – Incorporação nominal e anáfora

A incorporação de nomes inalienáveis é bastante regular em Mundurukú. Há dois tipos: a incorporação por repetição (seção 6.1) e a incorporação por subida (seção 6.2). A primeira atinge um número maior de nomes, enquanto a segunda apresenta certas restrições, como não se aplicar a nomes em função classificadora (NFC). Um outro tópico aqui abordado é o fenômeno da retomada anafórica de sintagmas nominais que incluem nomes inalienáveis (6.8), processo também muito sistemático.

6.1. Incorporação por repetição

Consideramos que um nome está incorporado ao núcleo de um predicado verbal quando passa a formar com o verbo uma unidade, um composto:

(1a) **ag)okatkat e=⊖-tayxi ⊖-dabi o'=tabi-'o**
 homem 2=R1-esposa R1-vagina 3S=R2.vagina-comer.PRF
 'Um homem transou com a tua esposa.'

(1b) **ag)okatkat e=⊖-tayxi o'=tabi-'o**
 homem 2=R1-esposa 3S=R2.vagina-comer.PRF
 'Um homem transou com a tua esposa.'

(1c) **ayacat e=tabi-'o**
 mulher 2S=R2.vagina-comer.IMPER
 'Transe com a mulher!'

Nas orações acima, temos exemplos de incorporação. Em todas elas, o predicado verbal é uma unidade formada pelo marcador clítico de sujeito (MCS), seguido do morfema relacional de não-contigüidade (R2), do nome incorporado (NI) e do verbo (V) no aspecto perfectivo (PRF) (1a-b) ou no modo imperativo (IMPER) (1c):

MCS=R2-NI-V.PRF/IMPER

Em linhas gerais, a incorporação de nomes ocorre quando um verbo processual está no aspecto perfectivo ou no modo imperativo, situações em que o marcador clítico de sujeito é obrigatório. Em se tratando de verbos estativos, os quais não apresentam marcador clítico na 3ª pessoa, mas somente relacional de não-contigüidade, ocorre também a incorporação:

(1d) **o=Ⓞ-ba i-ba-dip**

1=R1-braço R2-braço-ser.bonito

'Meu braço é bonito.' (Diz-se de um braço musculoso, por exemplo.)

Nesta seção, discutimos a incorporação por repetição. Diferentemente do que acontece com (1b) e com (1c), em que o nome incorporado ocorre apenas no sintagma verbal, os exemplos (1a) e (1d) mostram um nome incorporado que continua presente também no sintagma nominal. Essa manutenção do nome em seu sintagma de origem, apesar de incorporado (repetido) no verbo, é bastante freqüente.

Os nomes que participam de incorporação, via de regra, são inalienáveis,¹ estejam em função classificadora² (seção 6.1.2) ou não (seção 6.1.1).

6.1.1. Incorporação por repetição de nomes sem função classificadora

Nesta seção, apresentamos a incorporação por repetição de nomes de parte que não estão desempenhando função classificadora.

Consideramos nomes de parte os termos inalienáveis que se referem a partes do corpo animal, partes do corpo vegetal, partes da natureza e partes de objetos em geral.

a) Incorporação por repetição de nomes de parte do corpo humano ou animal

Tanto os nomes de partes do corpo de um ser humano (2a-c), quanto as de um animal (3a-d) incorporam-se por repetição, conforme mostram os exemplos a seguir:

¹ Sobre os nomes inalienáveis, conferir seção 3.1.2.

² No capítulo 5, apresentamos os nomes em função classificadora (NFC).

(2a) **acã e=⊕-bu bit e=su-bu-do-jot, Peresoat, o'=e io'e**
 só 2=R1-mão contraste 2s=R2-mão-CAUS2-vir.IMPER Peresoat 3S=dizer diz.que
 'Dá só a tua mão (pra eu comer), Peresoat, disse (a onça) – dizem.'

(2b) **y-a'a acã o'=y-a-duju-pa'um Ig)uybubõnbõn io'e**
 R2-cabeça só 3S=R2-cabeça-CAUS2-desaparecer.PRF Ig)uybubõnbõn diz.que
 'Só a cabeça Ig)uybubõnbõn levou embora, dizem.'

(2c) **kopsu)-yu) o=⊕-doy o'=toy-mu-konõmkonõm**
 piun-PL 1=R1-sangue 3S=R2.sangue-CAUS1-chupar.PRF
 'Os piuns chuparam meu sangue.'

Exemplos como esses são regularmente encontrados em narrativas e facilmente elicitados. A seguir, exemplos em que os nomes de parte incorporados por repetição dizem respeito ao corpo animal:

(3a) **ag)upacopaco ⊕-i o=su-i-yoy o=⊕-xat ⊕-i-m**
 gafanhoto R1-pé 1S=R2-pé-assar.PRF 1=R1-comida R1-pé-TRANSL
 'Assei pés de gafanhoto como minha comida.'
 (lit. 'Assei pés de gafanhoto como meu pé-comida.')

(3b) **Zenildo bio-pak ⊕-akanasu) o'=y-akanasu)-mu-pik**
 Zenildo anta-vermelho R1-chifre 3S=R2-chifre-CAUS1-estar.queimado.PRF
 'Zenildo queimou o chifre da vaca.'

(3c) **sapokay ⊕-dap o=tap-tobuxik**
 galinha R1-pena 1S=R2-pena-achar.PRF
 'Achei uma pena de galinha.'

(3d) **bio-pak O-ε)n o=su-ε)n-'o γ)asv)**
 anta-vermelho R1-carne 1S=R2-carne-comer.PRF hoje
 'Eu comi carne de vaca hoje.'

b) Incorporação por repetição de nomes de parte do corpo vegetal

Os vegetais também apresentam seus corpos divididos em partes: *dup* 'folha', *-ip* 'caule', *dot* 'cacho', *dit* 'flor', *da* 'semente', *-a* 'esferóide (fruta com formato arredondado)', *-ba* 'cilindro rígido (fruta com formato de braço)', etc. Todos esses nomes de parte incorporam-se por repetição:

(4a) **wenu** $\textcircled{\text{D}}$ -**dup** **je**= $\textcircled{\text{D}}$ -**ku**)**m-'a** $\textcircled{\text{D}}$ -**eju** **o'**=**tup-muy-mõg**) **io'e**
 castanheira R1-folha 3CORF=R1-peito-NFC R1-com 3S=R2-folha-CAUS1-aderir diz.que
 'Colocou as folhas de castanheira no peito dele, dizem.'

(4b) **õn ako** $\textcircled{\text{D}}$ -**'ip** **o**=**y-op-co**³
 eu bananeira R1-pau 1S=R2-pau-ver.PRF
 'Eu vi o caule da bananeira.'

(4c) **ako** $\textcircled{\text{D}}$ -**dit** **o'**=**tit-'at**
 bananeira R1-flor 3S=R2-flor-cair.PRF
 'A flor da bananeira caiu.'

(4d) **õn jarã**y $\textcircled{\text{D}}$ -**'a** **o**=**y-a-'o**
 eu laranjeira R1-esferóide 1S=R2-esferóide-comer.PRF
 'Eu comi a laranja.'
 (lit. 'Eu comi o esferóide da laranjeira.')

(4e) **bekicat ako** $\textcircled{\text{D}}$ -**ba** **o'**=**su-ba-'o**
 menino bananeira R1-cilindro.rígido 3S=R2-cilindro.rígido-comer.PRF
 'O menino comeu a banana.'
 (lit. O menino comeu o cilindro.rígido da bananeira.)

Há determinadas partes do corpo vegetal que são rotuladas como o corpo humano/animal. É o que se vê em (4d) e (4e), em que os termos para 'cabeça' (*-a*) e para 'braço' (*-ba*) foram usados metaforicamente como 'laranja' e 'banana'. Não se consideram tais usos como classificatórios, uma vez que continuam sendo apenas nomes de partes e se incorporam por subida, propriedades semântica e morfossintática não presentes em nomes

³ A forma incorporada de *'ip* 'pau' é *op*. Quando incorporados, nomes que têm oclusiva glotal ficam sem ela.

que estejam desempenhando função classificatória, de acordo com o que foi apresentado no capítulo 5.

c) Incorporação por repetição de nomes de partes da natureza

São considerados nomes de partes da natureza palavras como *di* 'água, líquido, lago, ribeirão', *dit* 'mato, plantação', *daypa* 'coivara, acha', *-ka* 'maloca, lugar, cidade', etc. Conforme mostram os exemplos (5a-c), esses nomes também se incorporam por repetição.

(5a) **Diego kape ①-di o'=ti-kõn**

Diego café R1-líquido 3S=R2-líquido-ingerir.PRF

'Diego bebeu café.' (lit. 'Diego ingeriu líquido, líquido de café')

(5b) **w=①-e-ka-dai ①-dip ako ①-dip o'=tip-'ap**

1=R1-ALIEN-lugar-planta R1-plantação bananeira R1-plantação 3S=R2-plantação-morrer.muitos

'Minha plantação de bananeiras morreu.'

(lit. 'Minha plantação, plantação de bananeiras, morreu.')

(5c) **kuyje ka'umg) ag)o-ka o'=su-ka-dop ijop ①-e-ipi ①-be io'e ip**

u

antigamente não ?-maloca 3S=R2-maloca-existir esta R1-ALIEN-terra R1-em diz.que eles

'Antigamente, não tinha maloca nesta região – dizem.'

d) Incorporação por repetição de nomes de parte ou de constituinte de utensílios

Os nomes de parte ou constituintes de objetos também participam da incorporação por repetição. É o caso, por exemplo, de *-pu/-bu* 'corda, linha, fio' (6a); e *nõm* 'pó, massa' (6b):

(6a) **j(e)=①-e-daruk ①-pu o'=su-bu-'uk**

3CORF=R1-ALIEN-arco R1-corda 3S=R2-corda-tirar.PRF

'Tirou a corda do próprio arco.'

- (6b) **ayacat nobano** Ⓢ-**nõm** o'=**tõm-'u)m** ag0)okatkat Ⓢ-**pe**
mulher espingarda R1-pó 3S=R2.pó-dar.PRF homem R1-para
'A mulher deu pólvora para o homem.'

6.1.1.1. Incorporação por repetição de dois nomes de parte

A incorporação por repetição pode atingir dois nomes combinados em um mesmo sintagma nominal, exercendo um deles a função de núcleo principal, e o outro a de núcleo secundário:

- (7a) **ayacat** Ⓢ-'**a** Ⓢ-**dap** o'=**y-a-dap-'at**
mulher R1-cabeça R1-pêlo 3S=R2-cabeça-pêlo-cair.PRF
'O cabelo da mulher caiu.' (lit. 'O pêlo da cabeça da mulher caiu.')

- (7b) **ixe wenu)** Ⓢ-**i)** Ⓢ-**nõm** o'=**su-i)-nõm-'o'o.**
aquele castanheira R1-castanha R1-massa 3S=R2-castanha-massa-comer.PRF
'Aquele (o pai) comeu a massa de castanha.'
(lit. 'Comeu a massa da castanha da castanheira.')

No exemplo (7a), o sintagma [[[ayacat] Ⓢ-'a] Ⓢ-dap] 'o cabelo da cabeça da mulher' apresenta dois núcleos, um principal, *dap* 'pêlo', e outro secundário, '*a* 'cabeça'. O mesmo ocorre em (7b), em que o sintagma [[[wenu)] Ⓢ-i)] Ⓢ-nõm] 'massa de castanha da castanheira' é formado pelo núcleo principal *nõm* 'massa' e pelo núcleo secundário *-i)* 'castanha'. Ambos são incorporados por repetição.

Embora seja incomum, encontramos exemplos em que só o núcleo principal foi incorporado por repetição:

- (8a) **ayacat** Ⓢ-'**a** Ⓢ-**dap** o'=**tap-'at**
mulher R1-cabeça R1-pêlo 3S=R2.pêlo-cair.PRF
'O cabelo da mulher caiu.'

(8b) **ayacat** Ⓞ-'a Ⓞ-dap **ta(p)-peren**
mulher R1-cabeça R1-pêlo R2-pêlo-ser.comprido
'O cabelo da mulher é comprido.'

(8c) **ceg**Ⓞeba Ⓞ-dap Ⓞ-abi o'=**y-abi-mu-dig**Ⓞ
asa R1-pena R1-ponta 3S=R2-ponta-CAUS1-fumaça.PRF
'A ponta da asa foi defumada.'
(lit. 'A ponta da pena da asa foi defumada.')

O exemplo (8a) é uma variante do exemplo (7a). Já (8b) traz a incorporação do núcleo principal com verbo estativo, e o exemplo (8c) com verbo processual. Logo, não parece ser o tipo verbal o fator determinante para se incorporar apenas o núcleo principal e não os dois núcleos, como mostrado em (7a-b). Pode-se pensar em variação livre ou em um tipo de focalização, fatos que ainda não averiguamos.

6.1.2. Incorporação por repetição de nomes com função classificadora

A incorporação por repetição atinge também os nomes de parte quando estão exercendo função classificadora (NFC). Nomes de animais (9a-b), de vegetais (9c), de elementos da natureza (9d-e) e de utensílios (9f-g) podem conter um NFC, que se incorpora por repetição também:

(9a) **xek** Ⓞ-pu o'=**su-bu-mõg)mõg** **wita** Ⓞ-'a Ⓞ-be
lagarta R1-NFC 3S=R2-NFC-colocar.PRF pedra R1-NFC R1-em
'Fez um desenho de lagarta na pedra.'

(9b) **õn warepupu** Ⓞ-dup o=**tup-co**
eu borboleta R1-NFC 1S=R2.NFC-ver.PRF
'Eu vi uma borboleta.'

Em (9a), apresentamos a incorporação por repetição do nome em função classificadora (NFC) *-bu/-pu* 'cilíndrico e flexível', o qual pertence à classe morfológica I, a que recebe relacional de não-contigüidade (R2) *i-* e seus alomorfes. Pertencente à classe II,

que apresenta relacional de não-contigüidade (R2) *t-*, o NFC *dup* 'foliforme' (9b) também se incorpora por repetição.

A seguir, o exemplo (9c) traz também o NFC *-bu/-pu* 'cilíndrico e flexível', mas combinado com um nome de vegetal e também incorporado no verbo por repetição:

- (9c) **ixi** ①-**bu** o'=su-**bu**-**'uk**
 cipó R1-NFC 3S=R2-NFC-tirar.PRF
 'Tirou cipó.'

(9d) e (9e) trazem o NFC *-a* 'arredondado' incorporado por repetição com um verbo transitivo e intransitivo, respectivamente.

- (9d) **boce=ku co** ①-**'a** o'=y-**a**-**mu-wexat**
 lá=? morro R1-NFC 3S=R2-NFC-CAUS1-transformar-se.PRF
 'Para lá ele virou (a terra) em morros.'

- (9e) **y-a-bog)** **uk** ①-**'a** o'=y-**a**-**dop**
 R2-NFC-ser.grande casa R1-NFC 3S=R2-NFC-existir.PRF
 'As casas eram grandes.'

Já os exemplos (9f) e (9g) trazem o NFC *-a* 'arredondado' e o NFC *-pu* 'cilíndrico e flexível', agora combinados com nomes de utensílios. Aqui também ocorre incorporação por repetição:

- (9f) **kajerão** ①-**'a** **epe=y-a-wuy** **ibima bekicat** o'=y-**a**-**mu-okot**
 panela R1-NFC 23S=R2-NFC-limpar.PRF quando criança 3S=R2-NFC-CAUS1-estar.sujo.PRF
 'Quando vocês limpavam as panelas, as crianças sujaram.'

- (9g) **wayõm** ①-**pu** **e=su-bu-bu!** **io'e**
 tipiti R1-NFC 2S=R2-NFC-pegar.IMPER disse
 'Vá buscar o tipiti! disse.'

Ao contrário de nomes que **não** estão exercendo função classificadora, a incorporação por repetição de um NFC é mais obrigatória (cf. seção 6.4). Já a incorporação por subida não ocorre com os NFC, conforme se mostrará na seção 6.2. Antes, porém, apresentamos a seguir o tipo de argumento envolvido em qualquer processo de incorporação.

6.1.3. Argumentos envolvidos na incorporação

Apenas os argumentos absolutivos participam da incorporação em Mundurukú:

(10a) argumento único de verbo intransitivo processual:

conferir exemplos (4c), (5b-c), (7a), (8a), (9e) e a seção 6.1.4.1.

(10b) sujeito de verbo intransitivo estativo:

conferir exemplos (1d), (8b) e a seção 6.1.4.1.

(10c) objeto direto de verbos transitivos:

conferir exemplos (1a-c), (2a-c), (3a-d), (4a-b), (4d-e), (5a), (6a-b), (7b), (8c), (9a-d), (9f-g) e a seção 6.1.4.2.

Além dos sujeitos de verbos transitivos, que não participam da incorporação, ficam fora desse processo os circunstantes. (10d) mostra que, por exemplo, circunstantes marcados pelo caso instrumentivo *-m* não participam da incorporação:

(10d) ag)okatkak puy ☉-bu-m i-taybit

homem cobra R1-NFC- INSTR R2-saber

'O homem sabe da cobra'

Igualmente não participam de incorporação circunstantes cujo núcleo é uma posposição. É o que exemplifica (10e), em que não temos incorporação em oposição à (10f), em que ela se dá, justamente por tratar-se de um objeto direto e não de um circunstante:

(10e) **xiri o'=jo-'o wenu** $\textcircled{\text{R1}}$ $\textcircled{\text{R1-i}}$ $\textcircled{\text{R1-nôm}}$ $\textcircled{\text{R1-eju}}$
 nambu 3S=R2-comer.PRF castanheira R1-castanha R1-massa R1-com
 '(alguém) comeu o nambu com a massa de castanha.'

(10f) **ixe wenu)** $\textcircled{\text{R1-i}}$ $\textcircled{\text{R1-nôm}}$ **o'=su)-i)-nôm-'o**
 aquele castanheira R1-castanha R1-massa 3S=R2-castanha-massa-comer.PRF
 'Aquele (o pai) comeu a massa de castanha.'

A seguir, fazemos uma breve apresentação do comportamento de cada classe e subclasse verbal em contextos de incorporação.

6.1.4. Classes verbais e a incorporação

Todas as classes e subclasses verbais envolvem-se com incorporação nominal.⁴ Na seção 6.1.4.1, abordamos os verbos intransitivos; na seção 6.1.4.2, os verbos transitivos; e, na seção 6.1.4.3, os verbos auxiliares.

6.1.4.1. Verbos intransitivos e a incorporação

Os verbos intransitivos são divididos em duas subclasses: processuais e estativos, conforme descrito na seção 2.2.2.

Entre os verbos processuais, há os simples e os derivados. A incorporação só ocorre com os verbos intransitivos processuais **simples** no aspecto perfectivo ou modo imperativo, contexto em que há marcação clítica de pessoa no predicado verbal, que assim se configura: marcador clítico de sujeito (**MCS**), relacional de não-contigüidade (**R2**), nome incorporado (**NI**) e base:

MCS=R2-NI-BASE

⁴ As classes e subclasses verbais foram apresentadas na seção 2.2.2.

- (11) **ako** **Ⓢ-dup** **o'=tup-'at**
 bananeira R1-folha 3S=R2-folha-cair.PRF
 'A folha da bananeira caiu.'

A seguir, apresentamos exemplos de incorporação com verbos intransitivos processuais derivados. São eles os verbos na voz média, que inclui a média simples (*je-*), a reflexiva/recíproca (*je-we-*) e a passiva (*je-verbo-at*).

Os exemplos (12a) e (12b) trazem verbos na voz média simples, formados a partir da junção do morfema *je-* (12a) ou de seu alomorfe *e-* (12b) a uma base:

- (12a) **w=Ⓢ-e-kobe** **o'=je-jayjay** **wita** **Ⓢ-'a** **Ⓢ-kay**
 1=R1-ALIEN-canoa 3S=MED-chocar.se.PRF pedra R1-NFC R1-CONTRA
 'Minha canoa se chocou contra uma pedra.'

- (12b) **wita** **Ⓢ-'a** **o'=je-a-e-penpen** **co** **Ⓢ-'a** **Ⓢ-jeje-wi**
 pedra R1-NFC 3S=CORF-NFC-MED-rolar.PRF morro R1-NFC R1-sobre-de
 'Uma pedra rolou do alto do morro.'

O nome incorporado a esse tipo de predicado (12b) ocorre antes do morfema de voz média (*-e*), e o morfema de correferencialidade *je-* prefixa-se a esse nome incorporado:

MCS=CORF-NI-MED-BASE

Em (13), encontra-se um exemplo de incorporação com verbo na voz reflexiva. Nesse caso, o nome incorporado ocorre após o morfema de reflexividade, imediatamente antes da base:

MCS=MED-RFX-NI-BASE⁵

⁵ Não há diferença morfológica entre um predicado reflexivo e um predicado de recíproco.

- (13) **moreo** ①-**dup** o'=je-we-**dup-kore**
 morcego R1-NFC 3S=MED-RFX-NFC-coçar.PRF
 'O morcego se coçou.'

(14) traz um exemplo de voz passiva em que ocorre incorporação. O nome incorporado encontra-se entre o morfema indicador de voz média (*je-*) e a base verbal, que está sufixada por *-at* 'morfema causativo de verbo transitivo':

MCS=MED-NI-BASE-CAUS3

- (14) **puy** ①-**bu** o'=je-**bu-aoka-at** **ag**①**okatk** ①-**pe**
 cobra R1-NFC 3S=MED-NFC-matar-CAUS3.PRF homem R1-por
 'A cobra foi morta pelo homem.'

Com verbos estativos, ocorre incorporação mesmo não existindo para esses verbos um marcador clítico na 3ª pessoa, uma vez que existe apenas o relacional de não-contigüidade da classe I (*i-*) ou da classe II (*t-*), de acordo com a classe do nome incorporado:

R2-NI-BASE

Em (15a), temos um exemplo com nome incorporado da classe I (R2 = *i-*); em (15b), um nome incorporado da classe II (R2=*t-*)

- (15a) o=①-**ba** **i-ba-dip**
 1=R1-braço R2-braço-ser.bonito
 'Meu braço é bonito.'
- (15b) **kape** ①-**di** **ti-daxip**
 café R1-líquido R2.líquido-estar.quente
 'O café está quente.'

6.1.4.2 Verbos transitivos e a incorporação

Todos os verbos transitivos, sejam simples (16a) ou derivados (16b), apresentam a mesma estrutura de incorporação nominal: marcador clítico de sujeito (MCS), relacional de não-contigüidade (R2), nome incorporado (NI) e base:

MCS=R2-NI-BASE

(16a) **bekicat boraxa** Ⓞ-'**a** **o'=y-a-'o**

menino bolacha R1-NFC 3S=R2-NFC-comer.PRF

'O menino comeu a bolacha.'

(16b) **bekicat boraxa** Ⓞ-'**a** **o'=y-a-muy-'at**

menino bolacha R1-NFC 3S=R2-NFC-CAUS1-cair.PRF

'O menino derrubou a bolacha.'

O exemplo (16a) traz o verbo transitivo simples *'o* 'comer', e o exemplo (16b) traz o verbo transitivo causativo *muy'at* 'fazer cair, derrubar'. Ambos incorporam o nome inalienável *-a* 'arredondado', que neste contexto exerce uma função classificadora.

A seguir, mostramos que um verbo transitivo derivado de um nome também pode incorporar. Conforme se discutiu no capítulo 2 (seção 2.2.2.2.3), o verbalizador *da/-ta* junta-se a um nome e o transforma em verbo. Assim, o nome *dup* 'folha' torna-se um verbo em (17a) *tup-ta* 'enfolhar', contexto em que está reduplicado, como acontece com outros verbos da língua:

(17a) **soat** Ⓞ-**tag**Ⓞ **o'=tup-ta.ta**

todo R1-por 3S=R2-folha-VRBZ.REDPL.PRF

'Colocaram folhas por toda parte nele.'

A oração (17b) a seguir é, no texto de onde foi retirada, continuação da (17a) e traz o nome inalienável *-ba* 'braço' incorporado ao verbo denominal:

- (17b) **i-ba** **⊙-dag**) **o'=su-ba-dup-ta.ta**
 R2-braço R1-por 3S=R2-braço-folha-VRBZ.REDPL.PRF
 'Enfolharam ele por todo o braço.'

-ba 'braço', ao contrário de *-a* 'arredondado' em (16a-b), **não** está exercendo função classificadora, mas, como aquele, também foi incorporado. Logo, os processos de incorporação não ocorrem apenas com nomes em função classificadora.

6.1.4.3. Verbos auxiliares e a incorporação

Também os verbos auxiliares participam de processos de incorporação, embora sejam incomuns exemplos desse tipo. Sendo os auxiliares um grupo de verbos originalmente intransitivos processuais, têm eles o mesmo comportamento desse grupo: marcador clítico de sujeito (MCS), relacional de não-contigüidade (R2), nome incorporado (NI) e base:

MCS=R2-NI-BASE

- (18a) **kape** **⊙-di** **ti-daxip** **o'=ti-nuy**
 café R1-líquido R2.água-estar.quente 3S=R2.água-AUX
 'O café estava quente.'

- (18b) **y-a-bog**) **uk** **⊙-'a** **o'=y-a-dop**
 R2-NFC-grande casa R1-NFC 3S=R2-NFC-AUX
 'As casas eram grandes.'

A seguir, a tabela 6.1 resume as estruturas de predicados de verbos intransitivos, transitivos e auxiliares apresentados aqui, quando com incorporação nominal:

Tabela 6.1 – Predicados verbais e incorporação

<i>Tipo de predicado verbal</i>	<i>Estrutura com nome incorporado (NI)</i>
intransitivo processual simples	MCS=R2- <u>NI</u> -BASE
intransitivo processual derivado – médio	MCS=CORF- <u>NI</u> -MED-BASE
intransitivo processual derivado – reflexivo	MCS=MED-RFX- <u>NI</u> -BASE
intransitivo processual derivado – passivo	MCS=MED- <u>NI</u> -BASE-CAUS3
intransitivo estativo	R2- <u>NI</u> -BASE
transitivo simples ou derivado	MCS=R2- <u>NI</u> -BASE
auxiliar	MCS=R2- <u>NI</u> -BASE

Como a tabela e os exemplos permitem perceber, o nome incorporado (NI) sempre antecede a base. Nos processuais simples, estativos, transitivos e auxiliares, o NI vem precedido imediatamente pelo relacional de não-contigüidade (R2), ausente apenas nas formas médias, reflexivas e passivas.

Na próxima seção, procuramos mostrar que, além da incorporação por repetição, existe também a incorporação por subida.

6.2. Incorporação por subida

Em geral, ocorre incorporação por repetição em Mundurukú, mas pode ocorrer um outro tipo de incorporação, o qual implica um rearranjo sintático dos participantes. Observemos os dois primeiros exemplos deste capítulo abaixo renumerados:

- (19a) **ag)okatkāt** **[[e=⊙-tayxi]** **⊙-dabi]** **[o'=tabi-'o]**
 homem 2=R1-esposa R1-vagina 3S=R2.vagina-comer.PRF
 'Um homem transou com a tua esposa.'
 (lit. 'Um homem comeu-vagina a vagina da tua esposa.')

- (19b) **ag)okatkāt** **[e=⊙-tayxi]** **[o'=tabi-'o]**
 homem 2=R1-esposa 3S=R2.vagina-comer.PRF
 'Um homem transou com a tua esposa.'
 (lit. 'Um homem comeu-vagina a tua mulher.')

Na seção 6.1, procuramos mostrar o processo de incorporação presente em (19a), denominado de incorporação por repetição. Neste momento, desejamos mostrar o que se passa em (19b), contexto em que há incorporação de um nome inalienável, como em (19a), mas esse nome não está mais presente no sintagma nominal de origem. Inicialmente, analisamos esse fato como um caso de incorporação em que o possuidor (*tayxi*) subiu para a posição de objeto direto. À incorporação que tem como resultado a subida de um possuidor para a posição argumental de sujeito de intransitivo ou de objeto direto, damos o nome de incorporação por subida.

Como a incorporação por repetição, a incorporação por subida atinge também os nomes inalienáveis, exceto quando esses nomes estão em função classificadora (NFC). São apresentados a seguir os diversos contextos em que identificamos uma incorporação com mudança de função sintática dos participantes.

Os nomes de parte, todos inalienáveis, são os principais envolvidos na incorporação por subida.

a) Incorporação por subida: nomes de partes do corpo humano e animal

Há dois tipos de incorporação por subida envolvendo partes do corpo humano e animal: a de uma raiz apenas e a de compostos. Na seção 6.2.1, tratamos desta última.

Qualquer parte do corpo humano ou animal pode ser incorporada. A seguir, uma seqüência de exemplos, em que a palavra *-a* 'cabeça' foi incorporada:

- (20a) **je=**⊖**-'it** **o'=y-a-mu-pe**
 3CORF=R1-filho 3S=R2-cabeça-CAUS1-bater.PRF
 'Bateu a criança na cabeça.' (tradução do informante)
 (lit. 'Bateu em seu próprio filho, na cabeça dele.')

- (20b) **wida ag**⊕**okatkat o'=y-a-'a**
 onça homem 3S=R2-cabeça-morder.PRF
 'A onça mordeu o homem na cabeça.'

- (20c) **bekitkit soat y-a-pakpek sura-m**
 criança todas R2-cabeça-ser.vermelho urucum-INSTR
 'As crianças, todas, estavam com as cabeças encarnadas com urucum.'

Nos exemplos acima, o possuidor de 'cabeça' passou à função de objeto direto em (20a) e (20b), e argumento único em (20c).

Abaixo, apresentamos uma seqüência de exemplos com diversas partes do corpo incorporadas, tendo também o possuidor passado a ocupar uma função argumental. Em (20d), a palavra *-ta* 'olho' foi incorporada, passando o possuidor *wida* 'onça' a ocupar a posição de argumento único:

- (20d) **ime)n-eju be=ku wida i-ta-xiriruuuk – aypapa-'u)m.'u)m 'e.'e-m**
 assim.com aquele=? onça R2-olho-brilhar velhos-finado.REDPL dizer.DUR-IPRF
 'É por isso que os olhos daquela onça brilham – diziam os velhos antigos.'

Em (20e), a palavra *-i* 'pé' incorpora-se, passando o possuidor, *bekicat* 'criança', a ocupar a função de objeto direto:

- (20e) **bekicat wuydao o'=su-i-mu-tik**
 criança espinho 3S=R2-pé-CAUS1-furar.PRF
 'O espinho furou o pé da criança.'

E, em (20f), também o possuidor do pêlo, *-tayxi* 'esposa', passou a ocupar a posição de objeto direto:

- (20f) **g)ebuje i-tayxi o'=tap-'uk ip**
 então R2-esposa 3S=R2-pêlo-tirar.PRF eles
 'Então, pelaram a mulher dele.'
 (lit. 'Então, arrancaram os pêlos da mulher')

Também são considerados partes do ser humano o canto (*-bibodo*), a voz (*-a'o*), o sorriso (*-bideway*), incorporados em (20g), (20h) e (20i):

- (20g) **Pedoro i-bibodo-dip**
 Pedro R2-canto-ser.bonito
 'Pedro canta bonito.'

- (20h) **i-jajaja-a(t)-yu o'=y-a'ô-dobuxik io'e**
 R2-defecar-NMZ1-PL 3S=R2-voz-procurar.PRF diz.que
 'Os que estavam defecando ouviram.'
 (lit. 'Dizem que os que estavam defecando procuraram a voz.')

- (20i) **bekicat kuy i-bideway-dip oeku**
 criança já R2-sorriso-ser.bonito AUX
 'O sorriso da criança era bonito' (lit. 'A criança sorria bonito.')

A opção de não-incorporar (cf. seção 6.4 abaixo) produz seqüências como (20j), em que a palavra *-bibodo* 'canto' não está incorporada. Nesse caso, está formando um sintagma nominal com o seu possuidor (confrontar com (20g) acima):

(20j) [[Pedoro] ①-bibodo] i-dip

Pedro R1-canto R2-ser.bonito

'O canto de Pedro é bonito.'

Antes de passar à discussão sobre incorporação por subida com nomes de partes de vegetais, mostramos a seguir alguns exemplos em que o nome de parte incorporado refere-se a um animal, embora quase todos os nomes sejam comuns a animais e a seres humanos. Em (20l), o contador de história narra que foi surpreendido por uma onça enquanto dormia em um mosquitoeiro e, para se livrar dela, socou-lhe a cara (*topa*), nome incorporado:

(20l) **tã! pe①n paxi ocexx io'e o=top(a)-aoka te=ka!" io'e.****a'ao①o①!!!**INTJ como INT fazer, tomar.decisão diz.que 1S=R2.cara-bater essa=? diz.que

'Oh! meu Deus. O que que eu faço agora? Bem, disse, eu vou bater na cara dela.'

O exemplo (20m) a seguir traz a incorporação da palavra *tap* 'pêlo', referindo-se à caça e não a uma pessoa, como visto em (20f):

(20m) **o'=tap-soy puybit**3S=R2-pêlo-pelar.PRF caça

'Pelou toda a caça.'

b) Incorporação por subida: nomes de partes do corpo vegetal

Os nomes de partes do corpo vegetal também participam da incorporação por subida:

(21a) **ako o'=tup-'at**bananeira 3S=R2-folha-cair.PRF

'A folha da bananeira caiu.'

(21b) **ako i-ba-kuku**

bananeira R2-cilindro.rígido-ser.gostoso

'A banana é muito gostosa.'

- (21c) **õn jarãy o=y-a-'o**
 eu laranjeira 1S=R2-esferóide-comer.PRF
 'Eu comi a laranja'

(21a) traz a incorporação com verbo intransitivo processual, passando o possuidor à função de argumento único. O exemplo (21b) traz o mesmo fenômeno, mas com um verbo intransitivo estativo. Já o exemplo (21c) mostra um possuidor passando à função de objeto direto.

Se estivessem em função classificadora, os nomes de parte citados aqui não seriam incorporados por subida:

- (21d') **warepupu ①-dup o=tup-coco**
 borboleta R1-NFC 1S=R2.NFC-ver.PRF
 'Eu vi uma borboleta.'

mas não

- (21d'') ***warepupu o=tup-coco**
 borboleta 1S=R2.NFC-ver.PRF
 'Eu vi uma borbolea.'

- (21e') **uk ①-'a o=y-a-jojo**
 casa R1-NFC 1S=R2-NFC-ver.PRF
 'Eu vi uma casa.'

mas não

- (21e'') ***uk o=y-a-jojo**
 casa 1S=R2-NFC-ver.PRF
 'Eu vi uma casa.'

Essa é uma importante diferença entre um nome inalienável em função classificadora (NFC) e esse mesmo nome sem que esteja desempenhando tal função (cf. capítulo 5).

c) Incorporação por subida: nomes de partes da natureza

Os termos ligados à natureza, como água (*ti*), fumaça (*dig*), buraco (*ku*), também podem ser incorporados, havendo a subida do possuidor para uma função argumental:

(22a) **j(e)=ti-e-kobe** **o'=ti-'uk**

3CORF=R1-ALIEN-canoa 3S=R2.água-tirar.PRF

'Tirou a água de uma canoa.'

(22b) **o'=su-kuy-mu-dig**

3S=R2-buraco-CAUS1-fumaça

'Soltou fumaça no buraco' (lit. 'Esfumçou o buraco.')

(22c) **epe=tig-'o**

23S=R2.fumaça-comer.IMPER

'Fumem!' (lit. 'Comam fumaça'.)

O exemplo (22a) traz a palavra *ti* 'água' incorporada no verbo intransitivo, tendo passado o seu possuidor (*jekobe* 'canoa dele') à função de argumento único. Já nos exemplos (22b-c) também temos incorporação, mas o possuidor não está explícito (na seção 6.3, fazemos uma discussão de casos como esse). Apesar de não explicitadas aqui, as formas não incorporadas são facilmente encontradas na língua (cf. seção 6.1) e passíveis de reconstrução: *kobe di* 'água da canoa', *ipi ku* 'buraco da terra', *e dig* 'fumaça de tabaco'.

d) Incorporação por subida: termos de parentesco

Ocorre incorporação por subida também com termos de parentesco, principalmente os inalienáveis.⁶ Em (23a), o termo *-xi* 'mãe' não está incorporado, ocorrendo como núcleo do objeto direto. Já em (23b), houve a sua incorporação no predicado verbal, tendo passado o possuidor à função de núcleo do objeto direto.

⁶ Na seção 6.6, apresentamos a possibilidade de incorporação de termos alienáveis, entre eles o termo de parentesco *bay* 'pai'.

- (23a) **õn** [[ayacat] ①-xi] **o=jo-jojo**
 eu mulher R1-mãe 1S=R2-ver.PRF
 'Eu vi a mãe da mulher.'

- (23b) **õn ayacat o=su-xi-jojo**
 eu mulher 1S=R2-mãe-ver.PRF
 'Eu vi a mãe da mulher.'

A incorporação também pode atingir termos de parentesco em função de argumento único:

- (24a) [[ayacat] ①-'it] **o'=kap**
 mulher R1-filho 3S=nascer.PRF
 'O filho da mulher nasceu.'

- (24b) **ayacat o'=su-it-kap**
 mulher 3S=R2-filho-nascer.PRF
 'A mulher pariu.'

Em vários contextos, conforme se aponta na seção 6.3, ocorre incorporação sem a presença explícita do possuidor:

- (25a) **o'=su-it-kap**
 3S=R2-filha-nascer.PRF
 'Nasceu a filha.'

- (25b) **pariwat o'=su-itop-aoka**
 inimigo 3S=R2-marido-matar.PRF
 'Um inimigo matou o marido dela.'

A oração (25a) é a seqüência de uma história em que já foi citada a mãe da criança. Logo, foi dispensada a sua explicitação. O mesmo se dá em (25b), em que o nome da esposa, cujo marido (termo incorporado) foi morto, já foi dado anteriormente.

Além de ocorrer com verbos transitivos (cf. 23b e 25b) e intransitivos processuais (cf. 24b e 25a), a incorporação de termos de parentesco ocorre também com verbos intransitivos estativos:

(26) **Wakoburun i-kitpit-putet io'e – Wako'orebu ☉-kitpit**

Wakoburun R2-irmã-ter.nome diz.que Wako'orebu R1-irmã

'Wakoburun foi o nome da irmã dele – a irmã de Wako'orebu.'

Nesse exemplo, o termo *-kitpit* 'irmã' foi incorporado ao verbo estativo *-putet* 'ter nome'. Na seqüência do mesmo exemplo, tem-se o termo *-kitpit* em um sintagma nominal.

Picanço (2003:14) afirma que termos de parentesco não se incorporam em hipótese alguma e assim exemplifica e justifica tal fato:

(21)

(a) ãn ayacat xi o-jo-jo.jo
1sg woman mother 1su-3ob-see.RED.PST
'I saw the woman's mother.'

(b) *ãn ayacat o-su-xi-jo.jo
1sg woman 1su-3-mother-see.RED.PST

Absence of kinterm incorporation may be due to the fact that incorporated objects are nonindividuated, unmarked for definiteness (Mithun 1984), and kinterms usually refer to particular individuals.

Apresentamos, nesta seção, fatos contrários a essa visão: atestamos a incorporação de termos de parentesco em Mundurukú, tanto em textos quanto em dados elicitados. Além disso, vários termos identificados ao longo deste capítulo como participantes de incorporação referem-se a elementos individualizados e definidos, não sendo este um fator que restrinja a incorporação.

6.2.1. Incorporação por subida: dois ou mais nomes

Ocorre também a incorporação por subida de dois ou mais nomes (sobre a incorporação por repetição desse tipo, cf. seção 6.1.1.1). Ela se dá com partes do corpo humano ou animal, corpo vegetal e elementos da natureza.

Com relação aos nomes de partes do corpo humano ou animal, verificamos a existência de compostos. Nesses casos, é o composto que se incorpora por inteiro, mesmo que tenha em sua formação um nome em função classificadora (NFC).⁷ A seguir, o exemplo (27a) traz o termo *-ukpi* 'nádegas' incorporado. Aqui também o possuidor (*bio* 'anta') passa à função de objeto direto:

- (27a) **g)ebuje o=y-uk-pi-wuy** **bio**
 então 1S=R2-barriga-entrada-flechar.PRF anta
 'Então, eu flechei a anta bem no traseiro dela.'

No exemplo a seguir, o termo *-ku)m'a* 'tórax' é, claramente, a união de *-ku)m* 'peito' mais *-a* 'arredondado', um nome em função classificadora (NFC); também nesse caso é o todo que se incorpora e não apenas o NFC:

- (27b) **Biboy i-kum-'a-kεrε)**
 Biboy R2-peito-NFC-estar.estragado
 'Biboy tinha o peito estragado.' (lit. 'Biboy era estragado no peito')

No exemplo (27c) a seguir, é o composto *toay-bu* 'rabo' que se incorpora, subindo à posição de objeto direto o seu possuidor, *oro'oro* 'guariba'. Também aqui está presente um NFC, *-bu* 'cilíndrico e flexível':

- (27c) **oro'oro o'=toay-bu-mu-wekap** **io'e**
 guariba 3S=R2-rabo-NFC-CAUS1-soltar-se.PRF diz.que
 'Desatou o rabo do guariba.'

⁷ Uma lista de nomes compostos de partes do corpo encontra-se na tabela 5.3.

Há incorporação por subida também de um combinado de raízes que não formam um composto entre si. É o caso, por exemplo, de *a dap* 'cabelo da cabeça' em (27d), *ta dot* 'cacho de graniformes' em (27e), e *daxa dig* 'fumaça de fogo' em (27f)

(27d) **c(e)-e-bay i-cokcok cicã i-dip cicã ①-buye bekicat y-a-dap-pek**
 R2-ALIEN-pai R2-ser.alegre muito R2-ser.bonito muito R1-porque criança R2-cabeça-pêlo-ser.amarelo
 'O pai dele se admirava (da sua beleza), pois era o garoto muito bonito e com os cabelos loiros.'

(27e) **cojoda ①-da e=ta-'uk. O'=ta-dot-takat**
 tucumanzeiro R1-graniforme 2S=R2.graniforme-tirar.IMPER 3S=R2.graniforme-cacho-quebrar.PRF
 'Tire tucumã. Quebrou o cacho de tucumã.'

(27f) **ipi ①-teg) kaxi ①-bima o'=taxa-dig)-curug)**
 terra R1-perto sol R1-quando 3S=R2.fogo-fumaça-aparecer.PRF
 'Quando o sol estava bem baixo, a fumaça do fogo apareceu.'

É muito freqüente a incorporação sem que esteja explícito o argumento sujeito ou objeto direto, tema a ser desenvolvido na próxima seção.

6.3. Incorporação sem argumento absolutivo explicitado

Nas seções 6.1 e 6.2, exploramos a incorporação por repetição e a incorporação por subida respectivamente. Nesta seção, mostraremos que também é comum ocorrer uma incorporação sem que o argumento absolutivo, o qual participa da incorporação, esteja presente na oração em que ela se dá. No exemplo (28a), o termo *wako* 'jacu' é citado na primeira oração. Na seqüência, ocorre a incorporação do termo *-ag)obu* 'pescoço', uma parte do corpo composta por duas raízes, sendo uma delas o NFC *-bu* 'cilíndrico e flexível'. Na última oração, o termo *wako*, o possuidor, não é explicitado:

(28a) **wako o'=jo-wu)y io'e. o'=y-ag)o-bu-mu-kirik**
 jacu 3S=R2-flechar.PRF diz.que 3S=R2-pescoço-NFC-CAUS1-amarrar.PRF
 'Flechou um jacu. Amarrou o pescoço dele.' (lit. 'Amarrou-o pelo pescoço.')

Em outros casos, o possuidor, por não ser específico, também não é explicitado. É o que se percebe no exemplo (28b), em que *tap-'abi* 'ponta da pena' não se refere a um possuidor em particular, mas a vários:

- (28b) **e=**tap-**'abi-mu-kirik,** **io'e c(e)-e-bay**
 2S=R2.pena-ponta-CAUS1-amarrar.IMPER disse R2-ALIEN-pai
 'Amarre as pontas das penas, disse o pai dele.'

Uma seqüência de orações pode apresentar o mesmo nome incorporado, sem que se explicito o argumento do qual ele procede. É o caso de *-op* 'pau', forma incorporada de *-'ip*:

- (28c) **o'=y-op-u.** **o'=y-op-mu-dim.** **pereh.** **o'=y-op-mu-wexat.** **pereh.**
 3S=R2-pau-cortar 3S=R2-pau-CAUS1-ser.bonito IDF.acabar 3S=R2-pau-CAUS1-transformar.se IDF.acabar
 'Cortou o pau. Talhou o pau. Pronto. Transformou o pau (em boneca). Pronto.'

Com outras partes do corpo vegetal, ocorre o mesmo fenômeno. No exemplo (28d), o possuidor está explícito, e o nome inalienável incorpora-se por repetição; em (28e), devido à incorporação, o possuidor passa a ser o objeto direto; e, em (28f), não se explicita o objeto direto, sendo a incorporação do nome inalienável a única forma de indicar a que se refere o predicado verbal:

- (28d) **bekicat** **[[ako]** **⊙-ba]** **o'=su-ba-'o**
 criança bananeira R1-cilindro.rígido 3S=R2-cilindro.rígido-comer.PRF
 'A criança comeu banana.'

- (28e) **bekicat** **[ako]** **o'=su-ba-'o**
 criança bananeira 3S=R2-cilindro.rígido-comer.PRF
 'A criança comeu banana.'

- (28f) **bekicat** **o'=su-ba-'o**
 criança 3S=R2-cilindro.rígido-comer.PRF
 'A criança comeu banana.'

Com dados do tipo (28f), o valor do item incorporado depende das informações já dadas anteriormente pelo contexto lingüístico ou extralingüístico, uma vez que há várias frutas que são qualificadas de *-ba* 'fruta.cilindro.rígido', parecidas com o 'braço'. Há outros casos em que o nome incorporado não precisa ser interpretado. É o caso de *daxibada* 'saco escrotal'⁸ em (28g), nome usado apenas com relação ao órgão sexual masculino:

- (28g) **ti** **⊖-bi** **⊖-tog)-wi** **ajokjok** **⊖-pima** **o'=je-we-daxibada-ixikxikxik**
 R2.água R1-interior R1-sob-de banhar.se R1-quando 3S=MED-REC-escroto-segurar
 'Quando estavam se banhando, seguravam no saco escrotal uns dos outros (e se afogavam.)'

Também nesse exemplo, os possuidores não são explicitados, mas a narrativa já os havia revelado anteriormente.

6.4. A opcionalidade da incorporação de nomes sem função classificadora

Tenho inúmeros registros de ausência de incorporação, mesmo em contextos em que ela comumente ocorre, sobretudo quando se trata de nomes que **não** estão exercendo função classificadora.

A incorporação por repetição em (29a) é comum e regular. A presente em (29b), incorporação por subida, também é freqüente. Mas, conforme se nota, o exemplo (29c) não apresenta incorporação alguma. Questionado sobre o contexto em que se pode usar (29c), o informante respondeu: "Estamos caçando, ouvimos um barulho forte, todo mundo vira e diz "*ako dup o'at*".

- (29a) **ako** **⊖-dup** **o'=tup-'at**
 bananeira R1-folha 3S=R2.folha-cair.PRF
 'A folha da bananeira caiu.'

- (29b) **ako** **o'=tup-'at**
 bananeira 3S=R2.folha-cair.PRF
 'A folha da bananeira caiu.'

⁸ É possível que *daxibada* 'escroto' seja formado por composição, significando o *da* final 'grão'.

- (29c) **ako** **dup** **o'=(')at**
 bananeira R1-folha 3S=cair.PRF

'A folha da bananeira caiu.'

Esse tipo de dado, em que há ausência de incorporação, encontramos tanto em dados elicitados quanto em dados retirados de textos livres. Palavras como *-ip* 'pau' (29d), *-en* 'carne' (29e) e *-xep* 'banha' (29f) são comumente incorporadas por repetição ou por subida, mas nos exemplos abaixo, embora exerçam uma função absoluta, não foram incorporadas:

- (29d) **musuk** ⊕-'**ip** **o'=tuju-wat** **ip**
 mandioca R1-pau 3S=R2.CAUS2-levar.PRF eles
 'Levaram maniva.'

- (29e) **poy** **o'=ju-'uk** **i-e**⊕**n** **j(e)=⊕-e-pag)ako** ⊕-**be** **am**
 jabuti 3S=R2-tirar R2-carne 3CORF=R1-ALIEN-panacu R1-em FIN
 'O jaboti tirou a carne para o panacu dele.'

- (29f) **kajuk** **i-xep** **o'=γ)u-can**
 frio R2-banha 3S=R2.CAUS1-ser.duro
 'O frio endureceu a banha.'

Essa opcionalidade ocorre sobretudo com **nomes sem função classificadora**, inclusive quando o sintagma nominal é formado por dois núcleos:

- (29g) **ayacat** ⊕-**a** ⊕-**dap** **o'='at**
 mulher R1-cabeça R1-pêlo 3S=cair.PRF
 'O cabelo da mulher caiu' (lit. 'O pêlo da cabeça da mulher caiu.')

Verificamos essa opcionalidade de incorporação mesmo em seqüências de orações relacionadas. No exemplo (29h) abaixo, houve incorporação por repetição da palavra *-a* 'cabeça' na primeira oração (*o'=y-a-duju-pa'um*), mas na setença seguinte ela não se fez presente (*o'=tuju-pa'um*):

- (29h) **y-a'a** **acã** **o'=y-a-duju-pa'um** **Ig)uybubõnbõn** **io'e.** **O'=taju-pa'um** **ip** **io'e**
 R2-cabeça só 3S=R2-cabeça-CAUS2- Ig)uybubõnbõn diz.que 3S=R2-CAUS2- eles diz.que
 desaparecer.PRF desaparecer.PRF
 'Ig)uybubõnbõn carregou só a cabeça. Carregaram.'

A ausência de incorporação também se verifica na seqüência de orações em (29i). Na primeira oração, ocorreu a incorporação da palavra *-ba* 'braço' (*o'=su-ba-'uk*). Já na segunda oração, em que aparece o mesmo verbo fazendo referência ao mesmo nome, não houve a incorporação (*o'=ju-'uk*):

- (29i) **g)ebuje** **o'=su-ba-'uk** **ip** **io'e.** **O'=ju-'uk** **ip.**
 daí 3S=R2-braço-tirar.PRF eles diz.que 3S=R2-tirar-PRF eles
 'Daí arrancaram um braço dele. E o outro braço.'

De todos os nomes inalienáveis analisados, os termos de parentesco são os que se incorporam com menos freqüência, sendo mais comum exemplos como (29j), embora, como demonstrado acima (cf. seção 6.2, item "d"), não seja impossível a sua incorporação:

- (29j) **õn ayacat** **⊕-xi** **o=jo-jojo**
 eu mulher R1-mãe 1S=R2-ver.PRF
 'Fui eu que vi a mãe da mulher.'

Já os nomes inalienáveis em função classificadora (NFC) só se incorporam por repetição (29k), não se incorporam por subida em hipótese alguma (29l), e raramente deixam de se incorporar por repetição (29m):

- (29k) **ag)okatkat puy** **⊕-bu** **o'=su-bu-aoka**
 homem cobra R1-NFC 3S=R2-NFC-matar.PRF
 'O homem matou a cobra.'

- (29l) ***ag)okatkat puy** **o'=su-bu-aoka**
 homem cobra 3S=R2-NFC-matar.PRF

'O homem matou a cobra.'

- (29m) **ag)okatkak puy** $\text{\textcircled{a}}$ -**bu** **o'=y-aoka**
 homem cobra R1-NFC 3S=R2-matar.PRF
 'O homem matou a cobra.'

A menor frequência de exemplos como (29m), em que há um argumento absoluto com núcleo inalienável que não se incorpora, talvez se deva à função da incorporação: identificar no verbo qual é o paciente da ação que se pratica. Essas e outras funções da incorporação serão discutidas na próxima seção.

6.5. Funções da incorporação

Como visto até aqui, a incorporação é um fenômeno bastante frequente. Após o estudo das várias formas que ela assume, vamos falar das funções que ela desempenha, a saber:

- i. identificar o argumento absoluto e evitar ambigüidade;
- ii. tornar mais específico o significado do verbo;
- iii. promover um rearranjo sintático e mudar o foco da informação.

6.5.1. Função da incorporação: identificar o argumento absoluto e evitar ambigüidade

Os argumentos em Mundurukú não são marcados morfologicamente para caso, e a ordem de palavras é variável. O predicado verbal, em muitos casos, é o bastante para a transmissão de informações, desde que o contexto lingüístico ou extralingüístico revele quais são os participantes representados pelos marcadores clíticos de sujeito, prefixos relacionais e nomes incorporados ao verbo. Uma vez que a incorporação se dá em uma linha absoluta, ela se torna responsável pela promoção de uma hierarquia entre argumentos potencialmente equivalentes. Nos exemplos abaixo, estão em cena o 'homem' (*ag)okatkak*) e a 'cobra' (*puy bu*). Tanto o homem pode matar a cobra (30a) quanto a cobra pode matar o homem (30b):

- (30a) **ag**okatkak **puy** **bu** **o'=y-aoka**
 homem cobra R1-NFC 3S=R2-matar.PRF
 'O homem matou a cobra.'

- (30b) **puy** **bu** **ag**okatkak **o'=y-aoka**
 cobra R1-NFC homem 3S=R2-matar.PRF
 'A cobra matou o homem.'

Nesses casos, seria a ordem típica de palavras (SOV) a responsável pelas interpretações, mas não é (30a) uma oração corrente, embora possível. A oração usada preferencial e correntemente para expressar a idéia presente aí é (30c), em que ocorre a incorporação por repetição de um nome inalienável, nesse caso também em função classificadora (NFC). O resultado é a indiscutível identificação do argumento absoluto, único a participar da incorporação:

- (30c) **ag**okatkak **puy** **bu** **o'=su-bu-aoka**
 homem cobra R1-NFC 3S=R2-NFC-matar.PRF
 'O homem matou a cobra.'

Tendo em vista que a incorporação identifica o argumento absoluto e a ordem de palavras é maleável, os argumentos podem aparecer em qualquer posição. Esse fato gera um tipo de focalização, que citamos na seção 4.5.

- (30d) **puy** **bu** **ag**okatkak **o'=su-bu-aoka**
 cobra R1-NFC homem 3S=R2-NFC-matar.PRF
 'Foi uma cobra que o homem matou.'

A incorporação é um mecanismo que pode ser usado também para evitar ambigüidade. No exemplo abaixo, tanto *kobe* 'canoa' quanto *yok* 'tronco' poderiam ter-se partido (*weka*), mas a incorporação deixa claro que foi o segundo (*o'=je-yok-e-weka*) que se partiu:

- (30e) **Biboy** **kobe** **yok** **pe** **o'=g)u-cakcak.** **ig)ebuje** **o'=je-yok-e-weka**
 Biboy canoa tronco R1-em 3S=R2.CAUS1-bater então 3S=CORF-tronco-MED-partir.PRF

O mesmo pode ser percebido abaixo, em que (30l) traz *wida 'it* 'o filhote da onça' como sujeito e informação principal, enquanto (30m), devido à incorporação, aponta *wida 'onça* como novo sujeito e informação principal:

(30l) [[**wida**] ⊕-'it] [o'=kap]

[[onça] R1-filho] [3S=nascer.PRF]

'O filhote da onça nasceu.'

(32m) [**wida**] [o'=su-it-kap]

onça [3S=R2-filho-nascer.PRF]

'A onça pariu.'

Em outros casos, a incorporação pode fazer o foco recair sobre o próprio predicado verbal. Os exemplos a seguir não trazem o argumento explícito. Isso leva o ouvinte a se concentrar no elemento incorporado e no próprio predicado. É o que se percebe em (30n) e (30o), em que importam apenas o 'canto' (*-bibodo*) e a 'música' (*a'õ*), ambos incorporados:

(30n) **i-bibodo-dip** **cicã** **ip** **i-'e'em** **o=⊕-xi-'um**

R2-canto-ser.bonito muito eles R2-dizer 1P=R1-mãe-finado

'Os cânticos deles estavam muito bonitos, dizia a finada minha mãe.'

(30o) **i-a'õ-dip** **cicã** **io'e**

R2-voz-ser.bonito muito diz.que

'Era muito bonita a música.'

6.6. Incorporação de nomes alienáveis: mudança gramatical em curso?

Em nossos dados, encontramos ainda casos de incorporação em que o nome envolvido não era inalienável, mas **alienável**. Nomes como *bay* 'pai' e *wa'e* 'cuia' estão entre eles.¹⁰ Em (31a), mostra-se o nome *bay* 'pai' não incorporado. Por seu turno, (31b) o traz incorporado no verbo:

(31a) **õn** [[ayacat] ①-e-bay] **o=jo-jojo**
 eu mulher R1-ALIEN-pai 1S=R2-ver.PRF
 'Fui eu que vi o pai da mulher.'

(31b) **õn ayacat o=su-bay-jojo**
 eu mulher 1S=R2-pai-ver.PRF
 'Fui eu que vi da mulher o pai.'

Ainda com o nome *bay* é possível também a incorporação por repetição, mas com o relacional de nomes alienáveis (*ce*):

(31c) **õn ayacat ①-e-bay o=ce-bay-jojo**
 eu mulher R1-ALIEN-pai 1S=R2-pai-ver.PRF
 'Fui eu que vi da mulher o pai.'

Com o termo *wa'e* 'cuia', outro termo alienável, ocorre incorporação também. A sua forma incorporada é *ae*, conforme mostra o exemplo (31d):

(31d) **w=①-e-wa'e o'=je-ae-e-bay)**
 1=R1-ALIEN-cuia 3S=CORF-cuia-MED-estar.quebrado.PRF
 'A minha cuia se quebrou.'

O exemplo (31e) mostra que tal incorporação também não é obrigatória, embora seja muito comum essa palavra incorporar-se:

¹⁰ Embora *bay* 'pai' seja um termo de parentesco, ocorre com *e-* (alienador) e é possível empréstimo do Português (*pai*) ou da língua Geral Amazônica (*páya*).

- (31e) **w=⊙-e-wa'e o'=je-bag)**
 1=R1-ALIEN-cuia 3S=MED-estar.quebrado
 'A minha cuia se quebrou.'

Dessa incorporação de nomes alienáveis temos ainda poucos exemplos e consideramos ainda aberto discussão sobre se seria este um desenvolvimento incipiente.

6.7. Incorporação atípica?

O padrão de incorporação mostrado até aqui envolve basicamente duas estruturas de predicado (cf. seção 6.1.3.), uma com marcador clítico de sujeito (MCS), seguido de um relacional de não-contigüidade (R2), do nome incorporado (NI) e de um verbo processual no aspecto perfectivo (PRF) ou no modo imperativo (IMPER): **MCS=R2-NI-VERBO.PROCESSUAL-PRF/IMPER**; e outra envolvendo um relacional de não-contigüidade, seguido do nome incorporado e de um verbo estativo: **R2=NI-VERBO.ESTATIVO**.

Com os verbos processuais, a incorporação ocorre regularmente no aspecto perfectivo (32a-b) ou no modo imperativo (32c), contexto em que são usados os marcadores clíticos de sujeito:

- (32a) **ag)okatkat e=⊙-tayxi ⊙-dabi o'=tabi-'o**
 homem 2=R1-esposa R1-vagina 3S=R2.vagina-comer.PRF
 'Um homem transou com a tua esposa.'

- (32b) **ag)okatkat e=⊙-tayxi o'=tabi-'o**
 homem 2=R1-esposa 3S=R2.vagina-comer.PRF
 'Um homem transou com a tua esposa.'

- (32c) **ayacat e=tabi-'o**
 mulher 2S=R2.vagina-comer.IMPER
 'Transe com a mulher!'

Quando o verbo está no aspecto imperfectivo, contexto em que **não** são usados os marcadores clíticos de sujeito, não ocorre, regularmente, a incorporação (32d-e):

- (32d) **ag)okatkat e=ᵀ-tayxi ᵀ-dabi ᵀ-'o.'o-m**
 homem 2=R1-esposa R1-vagina R1-comer.DUR-IPRF
 'Um homem está transando com a tua esposa.'

- (32e) **ag)okatkat e=ᵀ-tayxi ᵀ-dabi ᵀ-'o-m**
 homem 2=R1-esposa R1-vagina R1-comer-IPRF
 'Um homem vai transar com a tua esposa.'

Nesses dois exemplos de verbo no imperfectivo, o termo inalienável não foi incorporado ao verbo, não constituindo com ele um composto. É, sim, o seu objeto direto:

[[[e=ᵀ-tayxi] ᵀ-dabi] ᵀ-'o-m]
 2=R1-esposa R1-vagina R1-comer-IPRF

Mas um conjunto de dados com verbos no aspecto imperfectivo merece destaque e reflexão, uma vez que observamos incorporação com eles. Esses dados foram divididos em três tipos, que serão apresentados a seguir.

6.7.1. Incorporação atípica: tipo I

Como dito anteriormente, esperamos que haja a seguinte incorporação:

- (33a) **kōg)kōg) ᵀ-'a o'=y-a-muyde ip**
 tipo.de.flauta R1-NFC 3S=R2-NFC-tocar.PRF eles
 'Tocaram a flauta *kōgkōg 'a*.'

Mas encontramos, no mesmo texto, a seguinte oração:

- (33b) **bōrōbu ᵀ-'a y-a-mug)e ip aypa.pa-yu)**
 tipo.de.taboca R1-NFC R2-NFC-fazer eles velho.REDPL-PL
 'Os velhos fazem taboca *bōrōbu'a*.'

Nesse exemplo, não ocorre marcador clítico de sujeito, por se tratar de aspecto imperfectivo. Aí não é comum a incorporação por repetição, como mostra o exemplo (33c) abaixo:

- (33c) **uk** ①-'a ①-mug)e ip
 casa R1-NFC R1-fazer eles
 'Eles fazem casa.'

Logo, (33b) traz um caso atípico de incorporação por repetição, uma vez que tal repetição não se verifica regularmente quando não ocorre marcador clítico de sujeito. Além disso, a ocorrência do marcador de não-contigüidade *y-* (R2) em (33b) traz uma outra dúvida: *bõrõbu 'a* estaria sintaticamente vinculado à oração? Se não, ele seria um tópico: *bõrõ bu 'a, os velhos a fazem*, o que explicaria a incorporação, uma vez que *bõrõbu 'a* não faria parte da oração.

Com nomes da classe IIa, em que o relacional de não-contigüidade é *t-* (R2) também se encontrou exemplo desse tipo:

- (33d) **ayacã-yu** bõrõ ①-da ta-'ug).'ug) ime)ncuy
 mulher-PL algodoeiro R1-semente R2-semente-tirar.DUR.IPRF com.certeza
 'Com certeza, as mulheres estão tirando as sementes de algodão.'

A repetição de *da* 'semente' (em sua forma não-contígua *ta*) não era esperada. Dada a ausência de um marcador clítico de sujeito, o que normalmente acontece no aspecto imperfectivo é a contigüidade do objeto direto com o verbo (*bõrõ da ug)ug*), sem repetição do nome inalienável que é núcleo do objeto direto, como no exemplo abaixo:

- (33e) **kabi-og** o=ce-xeyxey ayacã-yu [[[bõrõ] ①-da ①-'ug).'ug)]
 céu-escuro 1S=MED-sonhar mulher-PL algodoeiro R1-semente R1-tirar.DUR.IPRF
 'Nessa noite, eu sonhei com as mulheres separando algodão.'

Como se percebe, em relação a esse tipo de incorporação, há ainda muitas dúvidas.

6.7.2. Incorporação atípica: tipo II

Encontramos ainda os seguintes exemplos de incorporação atípica:

- (34a) **puy** Ⓢ-**bu** **pu-kop.kom** **um** Ⓢ-**wi**. **Jay**.
 cobra R1-NFC NFC-descer.DUR.IPRF no.alto R1-de IDF.chegar
 'A cobra estava descendo de cima. Chegou.'

- (34b) **itabee** **i-jojo-m**. **puy** Ⓢ-**bu** **pu-kom** **io'e**.
 IDF.espiar R2-olhar-IPRF cobra R1-NFC NFC-descer.IPRF diz.que
 'Estava espiando. A cobra ia descer.'

Esses dados foram encontrados em narrativas livres.¹¹ Trazem também um padrão de incorporação diferente do que foi visto até aqui. Como já foi dito, com verbo no aspecto imperfectivo, não ocorre regularmente incorporação por repetição:

- (34c) **puy** Ⓢ-**bu** **kop.kom**
 cobra R1-NFC descer.DUR.IPRF
 'A cobra está descendo.'

- (34d) **i-bu** Ⓢ-**aoka-m**
 R2-NFC¹² R1-matar-IPRF
 'Vai matar a cobra.'

Ao compararmos (34a-b) com (34c-d), percebemos que os primeiros, além de apresentarem o que parece ser uma incorporação, não apresentam o relacional de não-contigüidade *i-*, típico da classe I: *pu* X *i-bu*. Mas ocorre aí ensurdecimento da consoante *b*. Isso lembra a forma de marcação relacional que ocorre na classe IIb:

- (34e) **Biboy** **d-op**

¹¹ Em alguns dados elicitados avulsamente, também verificamos o mesmo fenômeno.

¹² *-bu* retoma, anaforicamente, *puy bu* 'cobra'.

Biboy R1-flecha
'Flecha do Biboy'

(34f) **t-op**

R2-flecha
'Flecha de alguém'

Então, é de supor que nos exemplos (34a-b) esteja ocorrendo uma nova forma de marcação de contigüidade com nomes da classe I: no lugar de \textcircled{D} - (R1) e *i-* (R2), \textcircled{D} -*bu* e *i-bu*, está ocorrendo *b-u* (R1) e *p-u* (R2), como em *d-op* (R1) e *t-op* (R2), em que a consoante sonora marca contigüidade, e a surda, não-contigüidade. Nesse caso, algumas perguntas, já feitas anteriormente, ainda ficariam sem resposta definitiva:

- a. Em *puy bu pu-kom* 'a cobra vai descer', estamos diante de incorporação de fato?
- b. *Puy bu* está, sintaticamente, vinculado à oração? Se sim, o que justificaria uma marcação de não-contigüidade (*pu*), se tomarmos *puy bu* como sujeito da oração?

6.7.3. Incorporação atípica: tipo III

Com verbos estativos no aspecto imperfectivo, foi observado um outro caso atípico de incorporação por repetição de um nome inalienável. Nestes casos, é atípica a ausência do morfema relacional de não-contigüidade (*i-*), como em (35b-c). O exemplo (35a) é a forma típica:

(35a) **ako** \textcircled{D} -**ba** *i-ba-op*¹³ **je'e** **ija kaxi** \textcircled{D} -**be**

¹³ No lugar do relacional *i-*, típico desse contexto, foram encontrados também exemplos em que foi usado o relacional *su-*:

ako \textcircled{D} -**ba su-ba-op tot pe** 'A banana vai amadurecer no cacho.'

Os nomes inalienáveis, além de se combinarem com os verbos, de acordo com os processos de incorporação descritos acima, podem ser usados anaforicamente, retomando o sintagma nominal que originalmente integram. Esse uso anafórico pode ocorrer apenas com o nome inalienável sozinho em um sintagma ou sendo modificado por outras categorias nominais, como pronomes quantificadores (indefinidos e numerais), pronomes demonstrativos ou mesmo nominalizações ou nomes genéricos.

Um sintagma nominal como *puy bu* 'cobra', que tem como núcleo o nome inalienável *-bu*, pode ser retomado anaforicamente por ele:

- (36) **õn puy ①-bu ①-jojo-m xepxep ①-pu. õn i-bu ①-aoka-m**
 eu cobra R1-NFC R1-ver-IPRF dois R1-NFC eu R2-NFC R1-matar-IPRF
 'Estou vendo duas cobras. Vou matá-las.'

O sintagma nominal $[[xepxep] \textcircled{D}\text{-pu}] = [[\text{dois}] \text{R1-NFC}]$ assume nessa oração o valor de 'duas cobras'. O núcleo desse sintagma é o NFC *-pu* 'cilíndrico e flexível', que nesse contexto se refere a *puy bu* 'cobra'. Isso quer dizer que, uma vez conhecido o constituinte nominal de origem de um nome inalienável, seja ele um NFC ou não, ele será retomado anaforicamente em outros sintagmas nominais que se refiram a esse constituinte.

Como afirmamos acima, o nome inalienável pode constituir ele mesmo e sozinho um sintagma nominal. No caso de (36), na segunda oração, no lugar de se repetir *puy bu*, bastou usar apenas *i-bu*: $[[i\text{-bu}] \textcircled{D}\text{-aoka-m}] = [[\text{R2-NFC}] \text{R1-matar-IPRF}]$, em que *-bu* significa, nesse contexto, *puy bu* 'cobra'. É sobre esse uso de um nome inalienável como representante de um sintagma nominal que versa esta seção. Em um primeiro momento, exploramos o uso desse nome sem determinante (6.8.1) e, em um segundo momento, a sua combinação com outras categorias nominais que o determinam (6.8.2).

6.8.1. Retomada anafórica de um SN por um nome inalienável sem determinante

Até a seção 6.7, foram apresentados os processos de incorporação nominal. Mostramos que, regularmente, o aspecto perfectivo (37a-b) e o imperativo (37c) são os dois contextos lingüísticos propícios à incorporação, dada a presença dos marcadores clíticos de sujeito:

- (37a) **warepupu** $\text{\textcircled{D}}$ -dup **o'**=**tup**-**'at**
 borboleta R1-NFC 3S=R2.NFC-cair.PRF
 'A borboleta caiu.'
- (37b) **õn warepupu** $\text{\textcircled{D}}$ -dup **o**=**tup**-**co**
 eu borboleta R1-NFC 1S=R2.NFC-ver.PRF
 'Eu vi a borboleta.'
- (37c) **warepupu** $\text{\textcircled{D}}$ -dup **e**=**tup**-**aoka**
 borboleta R1-NFC 2S=R2.NFC-matar.IMPER
 'Mate a borboleta.'

Em se tratando de aspecto imperfectivo, não existe incorporação, mas uma relação de sujeito e verbo (38a) ou objeto direto e verbo (38b):

- (38a) [**warepupu** $\text{\textcircled{D}}$ -dup] [**'at**.'an]
 borboleta R1-NFC cair.DUR.IPRF
 'A borboleta está caindo.'
- (38b) **õn** [[[warepupu] $\text{\textcircled{D}}$ -dup] $\text{\textcircled{D}}$ -co.co-m]
 eu borboleta R1-NFC R1-ver.DUR-IPRF
 'Eu estou vendo a borboleta.'

Como nomes inalienáveis podem ser usados como representantes de um sintagma nominal, é comum exemplos em que aparecem sozinhos, desde que o contexto lingüístico ou extralingüístico já tenha deixado claro a que SN estão se referindo:

- (38c) [**tup**] [**'at**.'an]
 R2.NFC cair.DUR.IPRF

'A borboleta está caindo.'

- (38d) **õn** **[[tup]** **⊖-co.co-m]**
 eu R2.NFC R1-ver.DUR-IPRF
 'Eu estou vendo a borboleta.'

Tanto em (38c) quanto em (38d), o nome inalienável *tup* 'foliforme', um nome em função classificadora (NFC), assume o significado de *warepupu dup* 'borboleta', ocupando, respectivamente, a função de argumento único e de objeto direto.

O mesmo se dá quando este nome inalienável estiver sendo usado **sem** função classificadora, como no exemplo (38e) abaixo:

- (38e) **[[ako]** **⊖-dup]** **o'=tup-'at.** **[[tup]** **⊖-co.co-m]**
 bananeira R1-folha 3S=R2.folha-cair.PRF R2.folha R1-ver.DUR-IPRF
 'As folhas da bananeira caíram. Estão vendo as folhas da bananeira.'

Na primeira oração, ocorreu a incorporação por repetição de *dup* 'folha', enquanto na segunda houve, por meio do uso anafórico de *tup* apenas, uma retomada do sintagma nominal *ako dup*.

6.8.2. Retomada anafórica de um SN por um nome inalienável determinado

Além de serem usados sem determinantes, como mostramos acima, os nomes inalienáveis são usados, regularmente, com determinantes nominais como pronomes quantificadores (numerais e indefinidos) e demonstrativos, e nominalizações e outros nomes, que dizem respeito ao sintagma nominal em que se encontra originalmente o nome inalienável, núcleo desses sintagmas.

a) Retomada anafórica de um SN por um nome inalienável determinado por um pronome quantificador

Como apresentamos na seção 4.1.2, os pronomes quantificadores encontram-se em duas subclasses: numerais e indefinidos. Os membros de ambas as subclasses podem ocorrer como determinantes de um nome inalienável que esteja retomando anaforicamente um sintagma nominal:

- (39a) **jay. cojoda** Ⓞ-**da** Ⓞ-'**uk.'ug)** – **Pug)** Ⓞ-**ta**¹⁴ **ma**
 IDF.chegar tucumã R1-carçoço R1-tirar.DUR.IPRF um R1-carçoço mesmo
 'Chegaram. Estavam tirando carçoço de tucumã. Só um carçoço mesmo.'

Em (39a), inicialmente foi introduzido o SN *cojoda da* 'carçoço de tucumã', em que se encontra o nome inalienável *da* 'carçoço'. A seguir, ressaltou-se que apenas 'um carçoço' foi retirado: *pug)ta*. Nesse momento, só o nome *ta* foi suficiente para retomar todo o SN *cojoda da*.

Quando o nome inalienável desempenha função classificadora, o mesmo se dá. Abaixo, o exemplo (39b) traz o NFC '*a* arredondado' combinado com um numeral: *pug)a*. Fala-se aí de uma casa *uk 'a*, termo já citado anteriormente na narrativa e retomado apenas pelo NFC '*a*':

- (39b) **pug)** Ⓞ-'**a** Ⓞ-**be ma ade jijã wuyjuyu)**
 um R1-NFC R1-em mesmo muitos muito gente
 'Em uma casa, morava muita gente.'

Com um pronome quantificador indefinido, ocorre o mesmo:

- (40a) **uk** Ⓞ-'**a:** **ade** Ⓞ-'**a** **jijã gu, kuyje bit uk** Ⓞ-'**a** **o'=y-a-dop**
 casa R1-NFC muitas R1-NFC muitas NEG antigamente mas casa R1-NFC 3S=R2-NFC-existir
 'A casa: Antigamente, não existiam muitas casas.'

- (40b) **ade** Ⓞ-**da** **jijã oce=ta-mu-karaw amendoi)** Ⓞ-**da**
 muitos R1-grão muito 13S=R2.grão-CAUS1-estar.torrado.PRF amendoim R1-grão

¹⁴ Após consoante, /d/ ou /n/ tornam-se /t/.

'Nós torraram muitos amendoins.'

(lit. 'Nós torraram muitos grãos, grãos de amendoim.')

Em (40a), o indefinido *ade* 'muitos' é o determinante de '*a* arredondado', e o SN formado por eles retoma anaforicamente o SN *uk' a*. Já (40b) traz um exemplo de catafóra, fato muito comum: *ade da* antecipa a idéia de que se enuncia algo a respeito de grãos e, na seqüência, o que poderíamos considerar à primeira vista como uma espécie de *after-thought*, aparece o tipo de grão a que se faz menção: *amendoi) da*.

b) Retomada anafórica de um SN por um nome inalienável determinado por um pronome demonstrativo

Os demonstrativos funcionam exatamente como os quantificadores: uma vez introduzido pelo contexto lingüístico ou extralingüístico um SN constituído por um nome inalienável, regularmente este SN será retomado anaforicamente por um outro SN constituído de um demonstrativo como determinante e do nome inalienável como núcleo:

(41a) **sapokay** **Ⓞ-dap** **ija** **Ⓞ-dap** **tap-rut**
 galinha R1-pena esta R1-pena R2.pena-ser.branco

'As penas desta galinha são brancas.'

(lit. 'As penas da galinha, penas desta, são penas brancas')

Em (41a), ocorre a retomada do SN *sapokay dap* em um outro sintagma nominal, tendo como determinante um demonstrativo e como núcleo o nome inalienável presente no SN de origem. Aqui também ocorreu a incorporação por repetição no núcleo do predicado verbal, conforme exposto na seção 6.1. A seguir, procuramos resumir os padrões de ocorrência de retomada anafórica ou catafórica de um demonstrativo + nome inalienável em uma dada oração:

- a) [[nome X] + nome inalienável Y] + [[demonstrativo] + nome inalienável Y] ¹⁵
- b) [[demonstrativo] + nome inalienável Y] + [[nome X] + nome inalienável Y]

¹⁵ Como afirmado em relação aos numerais, também os demonstrativos estão em relação apositiva com o nome a que eles se referem.

- c) [[nome X] + nome inalienável Y] + outros + [[demonstrativo] + nome inalienável Y]
 d) [[demonstrativo] + nome inalienável Y]

Exemplos do tipo a), em que um *demonstrativo* + *nome inalienável Y* vem após o SN *nome* + *nome inalienável Y*, são os mais encontrados. Em (41b), temos *ag)oka ijop ka* 'maloca, essa maloca'; e em (41c) *igreja 'a ig)o 'a 'a* igreja, aquela igreja':

- (41b) **ka'u)mg)u ag)o-ka ijop ☉-ka io'e**
 NEG ?-maloca esta R1-maloca diz.que
 'Não tinha essa maloca no tempo antigo.'
 (lit. 'Não havia maloca, esta maloca, dizem')

- (41c) **igreja ☉-'a ig)Oo ☉-'a**
 igreja R1-NFC aquela R1-NFC
 'Aquele igreja'
 (lit. 'Redondeza-igreja, aquela-redondeza')

A ordem b) [*demonstrativo* + *nome inalienável Y*] + [*nome X* + *nome inalienável Y*] também se encontra na língua:

- (41d) **iy)o ☉-'a it)γ) ☉-'a o'=y-a-'at**
 aquela R1-NFC panela R1-NFC 3S=R2-NFC-cair.PRF
 'Aquele panela caiu.'
 (lit. 'Aquele redondeza, a redondeza panela, caiu.')

Há inúmeros exemplos em que ocorre a situação prevista em c): [[*nome X*] + *nome inalienável Y*] + *outros* + [[*demonstrativo*] + *nome inalienável Y*]. Nesse caso, ocorre o primeiro SN com o nome inalienável Y, seguido de algum outro material lingüístico e, só depois, o SN que retoma anaforicamente o primeiro:

- (41e) **ag)o-ka o'=su-ka-mu-bog) ip ibo ☉-ka io'e**
 ?-maloca 3S=R2-maloca-CAUS1-ser.grande eles aquela R1-maloca diz.que
 'A maloca ficou muito grande, aquela maloca, dizem.'
 (lit. 'A maloca, eles a fizeram grande, aquela maloca')

Muito regular é a ocorrência do SN *demonstrativo + nome inalienável* sozinho, sem que o SN *nome + nome inalienável* motivador esteja na mesma oração (padrão "d"). O exemplo (41f) traz um nome inalienável sem função classificadora. Já o exemplo (41g) traz um nome inalienável com função classificadora (NFC). Não há diferença entre eles:

(41f) **o'=ju ip ixe ①-dup tobatban io'e**
 3S=ir.PRF eles aquela R1-folha R1-procurar.IPRF diz.que
 'Diz que foram procurar aquelas folhas.'

(41g) **ite ①-'uk tak y-uk ①-muyde.de-m ip y-uk ①-kug)**
 esse R1-NFC também R2-NFC R1-tocar.DUR-IPRF eles R2-NFC R1-com
 'Tocam essas flautas, segurando-as.'
 (lit. 'Essas flautas também as tocam eles, com elas.')

Em (41g), o nome inalienável *'uk* está compondo um SN determinado por um demonstrativo (*ite 'uk*), e este SN está fazendo referência anafórica a um outro SN já citado, em que ocorreu *'uk* pela primeira vez. Além disso, *'uk* ocorre como objeto direto do verbo (*y-uk muydedem* 'tocam flautas') e objeto da posposição (*y-uk kug*) 'com as flautas' = 'segurando as flautas'), seguindo o padrão exposto em 6.8.1 (cf. exemplos 38b e 38d).

Por fim, há alguns registros em que o demonstrativo, apesar de estar se referindo a um SN formado por um nome inalienável, não se combina com esse nome inalienável. Isso pode significar que há algum grau de opcionalidade, que ainda não determinamos. Em (41h), por exemplo, o demonstrativo *ig)o* não está combinado com *'a*, apesar de estar fazendo referência ao SN *Borere 'a* 'morro Borere':

(41h) **ig)o y-a-mu-we)n Borere ①-'a kaxi-'it-kap-ap ①-'a io'e**
aquele R2-morro-CAUS1-falar Borere R1-morro sol-filho-passar-NMZ2 R1-morro diz.que
 'Contou sobre aquele morro *Borere'a* — o morro do nascimento do filho do sol.'

Nesse exemplo, não se tem *ig) 'a*, como esperado, mas ocorre a retomada de *Borere 'a* na nominalização (*kaxi'itkapap 'a*), tema que trataremos a seguir.

c) Retomada anafórica de um SN por um nome inalienável determinado por nominalização

As principais nominalizações em Mundurukú se dão com os sufixos *-at* 'agente' (NMZ1) e *-ap* 'paciente' (NMZ2). Ambas são exemplificadas aqui em contextos de retomada anafórica de um nome inalienável. Damos tanto exemplos de nominalizações deverbais quanto de outros tipos.

Um SN formado por um verbo nominalizado (determinante) e por um nome inalienável (núcleo) retomará anaforicamente um outro SN em que se encontra esse mesmo nome inalienável. Por ser originalmente um verbo, a forma nominalizada combina-se com o nome inalienável tanto como verbo quanto como nome.

No exemplo (42a) abaixo, o verbo *dip* 'ser bonito' incorpora inicialmente o nome inalienável (nesse caso também um NFC) *'a* 'arredondado', formando *-a-dip* 'arredondado-ser bonito'. Em um segundo momento, após ser nominalizado por *-at*, o agora nome *-a-dip-at* combina-se outra vez com o NFC *'a*, tendo como resultado o SN $[-a-dip-at] \textcircled{1}-'a]$, mesmo resultado encontrado com os pronomes acima descritos e com os nomes de que falaremos mais à frente.

(42a) **uk** $\textcircled{1}-'a$ **[[y-a-dip-at]** $\textcircled{1}-'a]$ **Biboy d-uk** $\textcircled{1}-'a$
 casa R1-NFC R2-NFC-ser.bonito-NMZ1 R1-NFC Biboy R1-casa R1-NFC
 'Aquele casa é do Biboy.'

(lit.: 'A redondeza casa, a redondeza que é redondeza bonita, é a redondeza casa do Biboy')

No exemplo a seguir, exploramos a retomada de um SN, cujo núcleo, um nome inalienável, não está exercendo função classificadora. O nome em questão é *tanõ* 'tala', usado como objeto direto em *tanõ 'ug* 'tirar tala', e retomado no SN $[[cokomõ] \textcircled{1}-nanõ]$

'tala de tucumã' (42b''), que funciona como aposto, e novamente retomado em um outro aposto que é justamente uma nominalização:

[[*tanõ-ki(t)-at*] \textcircled{D} -*tanõ*] 'a tala que é tala verde'

(42b') **g)ebuje oceju cu.cu-m ku-buk \textcircled{D} -tay) tanõ- \textcircled{D} -'uy)**
 então nós(13) ir.DUR-IPRF roça-abandonada R1-por R2.tala-R1-tirar.IPRF
 'Então, nós vamos para a capoeira tirar tala,

(42b'') **cokomõ \textcircled{D} -nanõ [[*tanõ-ki(t)-at*] \textcircled{D} -tanõ]**
 tucumã R1-tala R2.tala-ser.verde-NMZ1 R1.tala
 'tala de tucumã, a tala que é tala verde.'

A seguir, reproduzimos exemplos de retomada anafórica com um verbo nominalizado com *-ap*. O exemplo (42c) traz *wuy-ap ti* 'água de lavar', que retoma *idibi* 'água':

(42c) **idibi dak wita \textcircled{D} -'a \textcircled{D} - omuy [[*i-wuy-ap*] \textcircled{D} -ti], i- awa-**
be 'e'em 'u \textcircled{D} m
 água também pedra R1- R1- existir R2-lavar- R1- R2- avó-finado
 NFC em NMZ2 água dizer
 'Há água na pedra — água de lavar, diziam as finadas avós.'

(42d) e (42e) trazem o mesmo tipo de nominalização, mas o primeiro retoma o SN *Borere* \textcircled{D} -a 'monte Borere'; por isso, *kaxi- \textcircled{D} -it-kap-ap \textcircled{D} -a* 'o monte do nascimento do filho do sol'; enquanto o segundo retoma *ig)õ di* 'naquele rio'; por isso, *kaxi- \textcircled{D} -it-kap-ap ti* 'o rio do nascimento do filho do sol':

(42d) **Borere \textcircled{D} -a omuy [[*kaxi- \textcircled{D} -it-kap-ap*] \textcircled{D} -a]**
 Borere R1-monte existir sol-R1-filho-nascer-NMZ2 R1-monte
 'Existe o monte Borere — o monte onde o filho do sol nasceu.'

(42e) **ajok.jog) ig)õ \textcircled{D} -di \textcircled{D} -be [[[*kaxi- \textcircled{D} -it-kap-ap*] \textcircled{D} -ti] \textcircled{D} -be]**
 banhar-se.DUR.IPRF aquele R1-rio R1-em sol-R1-filho-nascer-NMZ2 R1-rio R1-em

'Banham-se naquele rio, no rio onde nasceu o filho do sol.'

Esse último exemplo nos mostra também que a marca de caso também é retomada no SN. Uma vez que *igjo di be* refere-se a *kaxi'itkapap ti be*, a posposição é retomada também.

A seguir, apresentamos exemplos em que não é um verbo o item nominalizado.

O exemplo (42f) traz o nome inalienável *-ka* 'maloca' retomado duas vezes como núcleo de sintagmas nominais cujos determinantes são uma conjunção (*bima*) e um advérbio (*kuyje*) nominalizados.¹⁶ Na primeira retomada, o sintagma *bima-at ka* 'maloca das antigas' constitui com *ibo ka* 'aquela maloca' um predicado nominal; na seqüência, tem-se uma nova retomada em um SN apositivo: *kuyje-at ka* 'maloca de antigamente'.

- (42f) **ibo** **⊙-ka** **acã kuy** **[[bima-at] ⊙-ka],** **[[kuyje-at] ⊙-ka]**
 aquela R1-maloca só já antes-NMZ1 R1-maloca antigamente-NMZ1 R1-maloca
 'Só aquela maloca era antiga, antes de todas
 (lit. 'Só aquela maloca era maloca de antes, uma maloca de antigamente,

A seguir, um exemplo em que o advérbio *koap* 'primeiramente' é nominalizado e forma com o nome inalienável *ti* 'tinta' um SN que retomada anaforicamente o *ti* presente na primeira oração:

- (42g) **epe=ti-wuy** – **io'e** – **[[koap-a(t)] ⊙-ti]** – **i'e'em**
 23S=R2.tinta-lavar.IMPER diz.que primeiramente-NMZ1 R1-tinta diz.que
 'Lavem a tinta – dizem – a tinta primeira – dizem.'

Por fim, uma nominalização retoma também a marca de caso ou posposição (cf. 42e também), do nome a que ela está se referindo. Em (42h), temos a retomada de *agjo-ka-m* 'da aldeia' em *o'eku iat ka-m* 'da aldeia da estada dela', em que a marca de caso exigida pelo verbo *etaybit* 'saber de', o sufixo *-m*, acompanha o nome inalienável retomado como núcleo do sintagma: *ka-m*.

¹⁶ Sobre advérbios e conjunções, conferir seção 4.2 e 4.4, respectivamente.

IDF.chegar tucumã R1-carço R1-tirar.DUR.IPRF -- um R1-carço mesmo
'Chegaram. Tiraram só um carço de tucumã.'

- (43a") — **te=ku** **[[e=⊖-xa(t)] ⊖-ta]**, **daje**
 essa=? 2=R1-comida R2-carço porco
 '— Está aí tua comida, porco!
 (lit. esse aí é teu carço-comida, porco)

Uma vez que um SN formado por um nome (determinante) e por um nome inalienável (núcleo) esteja sendo descrito como 'pequeno' (*'it'it*) ou 'grande' (*xixi*), haverá uma retomada anafórica desse SN por meio da combinação do seu nome inalienável com o determinante descritivo. No exemplo (44a), *(iti)g* 'a pote' é um exemplo de um nome (*(iti)g*) combinado com um nome inalienável ('a); o nome descritivo 'pequeno' também se combinará com ele: *'it'it* 'a:

- (44a) **iti**⊖**g**⊖ ⊖-'a **[['it'it]** ⊖-'a ⊖-**be** **ma**
 pote R1-NFC pequeno R1-NFC R1-em mesmo
 'Um pouco de massa de castanha. Coloque num pote pequeno.'
 (lit. 'na redondeza pequena, redondeza pote')

No exemplo (44b), *kaixão* 'a 'caixa' é retomada como *xixi* 'a 'a grande':¹⁷

- (44b) **y-aypapan** ⊖-**puje** **ip top pa'ore o'e kaixão** ⊖-'a **[[xixi]** ⊖-'a ⊖-**be**
 R2-ser.crescido R1-depois eles lugar ser.possível AUX caixa R1-NFC grande R1-NFC R1-em
 'Quando cresceram, não havia lugar no caixão.'

Nos dois exemplos, o NFC 'a 'arredondado' forma um sintagma nominal com os nomes que acompanha: **[[*(iti)g*]]** ⊖-'a e **[[*kaixão*]]** ⊖-'a. O mesmo se dá com os descritivos relativos a esses nomes: **[[*'it'it*]]** ⊖-'a e **[[*xixi*]]** ⊖-'a. Entre si, esses sintagmas estão em relação de aposição.

Identificamos, ainda, a retomada de um SN contendo um nome inalienável por um outro SN cujo determinante é também um nome inalienável. Os exemplos (45a) e (45b)

¹⁷ É possível que *'it'it* seja uma forma reduplicada de *-it* 'filho' e *xixi* uma forma reduplica de *-xi* 'mãe'.

mostram esse fato. Em uma narrativa sobre um índio que encontrou um filhote de cobra e o pegou para si, para criá-lo como filho, foi usada a construção *i-pot pu*, em que *-pu* indica, anaforicamente, tratar-se de uma cobra (*puy bu*), e *-pot* significa 'filho', um nome inalienável. A intenção dessa combinação é informar que se tratava de uma 'cobra-filho'.

(45a) ***i-pot*** ***Ⓢ-pu*** ***bit*** ***deim*** ***o'=su-bu-kop***

R2-filho R1-NFC contraste rio.abaxo 3S=R2-NFC-descer.PRF

'Mas o seu cobra-filho tinha se mudado para o rio abaixo.'

Em um outro texto, relata-se que uma mulher mantinha relações sexuais com uma cobra. Por isso, o termo para 'marido', *-top*, outro nome inalienável, combinou-se com a palavra que retoma 'cobra', *-pu*, um NFC: *ito(p)pu* 'cobra-marido'.

(45b) ***kuy i-to(p)*** ***Ⓢ-pu*** ***i-kipit*** ***o'=su-bu-aoka*** ***io'e***.

já R2-marido R1-NFC R2-irmão 3S=R2-NFC-matar.PRF diz.que

'O irmão já matou o seu cobra-marido – dizem.'

A participação de nomes com função classificadora em processos anafóricos não é uma exclusividade do Mundurukú, mas uma característica típica de línguas que possuem sistemas de classificação nominal:

One of the major functions of noun classifiers is to serve as anaphoric pronouns for the referent nouns, as illustrated in the Jakalteek example below.

(10) Jakalteek (Craig 1986:264)

(a) *xil naj xuwan no/ lab/a*
see.PAST CL.man John CL.animal snake
'(man) John saw the (animal) snake.'

(b) *xil naj no/*
see.PAST CL.man CL.animal
'He saw it (animal)'

(c) *caj te/ tahnaj ixpix*
red CL.plant ripe tomato
'The ripe (plant) tomato is red'

(d) *caj te/*
red CL.plant
'it (plant) is red'

(Grinevald 2004:1021)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A finalidade do presente estudo foi apresentar aspectos relevantes da morfologia e da sintaxe da língua Mundurukú. Os dados apresentados e as análises propostas buscaram fornecer, principalmente, bases para futuras pesquisas de ordem tipológica, histórico-comparativa, pedagógica e teórica. Dos temas abordados, destaco os seguintes pontos:

1. os marcadores de pessoa são pronomes clíticos e não prefixos ou palavras independentes;
2. a flexão relacional ocorre com nomes, verbos e posposições, constituindo um importante fator de identificação dessas classes frente às demais;
3. os nomes constituem uma classe de palavras aberta, estando subdivididos em inalienáveis e alienáveis;
4. as posposições são palavras flexionais e constituem, do ponto de vista sintático, adjuntos e não argumentos;
5. pronomes, advérbios, palavras interrogativas e partículas distinguem-se de nomes, verbos e posposições no tocante à ausência de marcação de pessoa e flexão relacional;
6. o sistema de classificação nominal do Mundurukú é menos extenso do que se supunha, apresentando a língua nomes que podem funcionar como classificadores, os quais pertencem à classe de nomes de partes;
7. a incorporação nominal e a retomada anafórica também atingem esses nomes de partes, sendo dois fatos lingüísticos amplamente recorrentes na língua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAM, Lucien. *Matériaux pour servir à l'établissement d'une grammaire comparée des dialectes de la famille Tupi*. Paris: J. Maisonneuve, Libraire-Éditeur, 1896.
- AIKHENVALD, A. Y. *Classifiers: A Typology of Noun Categorization Devices*. Oxford, 2000a.
- _____. "Unusual classifiers in Tariana". In: SENFT, G. (ed.). *Systems of Nominal Classification*. CUP, 2000b.
- AKSU-KOÇ, A. A. & SLOBIN, D. I. "A psychological account of the development and use of evidentials in Turkish." In: CHAFE, W. & NICHOLS, J. *Evidentiality: the Coding of Epistemology in Language*. Norwood, 1986.
- ALLAN, K. "Classifiers". In: *Language*. 53:284-310, 1977.
- ANDERSON, L. B. "Evidentials, paths of change, and mental maps: typologically regular asymmetries". In: CHAFE, W. & NICHOLS, J. *Evidentiality: the Coding of Epistemology in Language*. Norwood, 1986.
- ANGOTTI, M. L. *A Causativização em Mundurukú: aspectos morfo-sintáticos*. Dissertação de Mestrado, UnB, 1998.
- AYROSA, P. "Nomes dos membros do corpo humano e outros designativos na língua brasílica". In: *Etnografia e Língua Tupi-Guarani*. USP, 1950.
- BAKER, M. C. *Incorporation: a theory of grammatical function changing*. Chicago: University of Chicago Press, 1998.
- BATES, D. "Internal reduplication and Salish prosodic morphology". In: BIRCH, B. M., HUNT, K. & SAMIAN, V. (eds). *Western Conference on Linguistics*. Vol. 3. California, 1990.
- BENVENISTE, E. *Problèmes de linguistique générale*. Paris: Gallimard, 1966.
- BISOL, L. (org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.
- BLAKE, B. J. "On ergativity and the notion of subject. Some Australian Cases." In: *Lingua*. 39:281-300, 1976.
- _____. *Case*. Cambridge: CUP, 1994
- BLEVINS, J. P. "Passives and impersonals." In: *Journal of Linguistics*, vol. 39, 2003.
- BRAUN, I. & M. CROFTS. "Mundurukú Phonology". *Anthropological Linguistics*. 7:23-39, 1965.
- BRESNAN, J. & MOSHI, L. "Object asymmetries in Comparative bantu syntax". *Linguistic Inquiry*. 21.2 147-185, 1990.
- BURUM, M.(org.) *Aypapayu'u)m'u)m ekawe)n: História dos Antigos, Mundurukú-Português*. Vol. 1, Brasília, 1977. Vol. 2, Brasília, 1978. Vol. 3, Brasília, 1979.
- BYBEE, J. & FLEISCHMAN, S. (eds.). *Modality in Grammar and Discourse*. Amsterdam/Philadelphia: JBPC, 1995.
- CABRAL, A. S. A. C. "Prefixos relacionais no Asuriní do Tocantins." In: *Moara*. 8:7-24, 1997.
- _____. "Flexão relacional na família Tupí-Guaraní". In ABRALIN: Boletim da Associação Brasileira de Linguística. – v. 1, (1979) - . - Fortaleza: Imprensa Universitária, 2001.
- _____. "Grammatical Changes in Tupian Languages". Paper presented at the Annual Meeting of the Society for the Study of the Indigenous Languages of the Americas (SILLA), Atlanta, GA, 2003.

- CABRAL, A. S. A. C. & RODRIGUES, A. D. "Pronomes e marcas pessoais em línguas do tronco Tupí." In: Cabral, A. S. A. C., & A. D. Rodrigues (orgs.), *Línguas indígenas brasileiras: fonologia, gramática e história*. Belém: EDUFPA, pp. 234-242, 2002.
- _____. "Sobre o desenvolvimento de padrões absolutivos em famílias orientais do tronco Tupí". Comunicação apresentada no encontro do grupo Ergatividade na Amazônia, Brasília, 2003.
- _____. "O desenvolvimento do gerúndio e do subjuntivo em Tupí-Guaraní." In: Rodrigues, Aryon D. e Cabral, Ana Suely A. C. (org.) *Novos estudos sobre línguas indígenas*. Brasília, EdUnB, 2005.
- CAMARGO, E. "Valeurs médiatives en Caxinaua". In: GUENTCHÉVA, Z. (ed.). *L'énonciation médiatisée*. Louvain-Paris: Éditions Peeters, 1996.
- CHAFE, W. & NICHOLS, J. *Evidentiality: the Coding of Epistemology in Language*. Norwood, 1986.
- CHENG, L. L. S. *On the Typology of Wh-Questions*. Tese de Doutorado, MIT, 1991.
- CHILDS, G. T. "African ideophones". In: HINTON, L., NICHOLS, J. & OHALA, J. J. (eds.). *Sound symbolism*. CUP, 1994.
- COMRIE, B. "Causatives and universal grammar." *Transactions of the Philological Society*. pp. 2-31, 1974.
- _____. "The Syntax of Causative Constructions: cross-language similarities and divergences." In: *Syntax and Semantics*. Vol. 6. Los Angeles, 1976.
- _____. "In defense of spontaneous demotion: The impersonal passive." In Cole & Sadock, J.M. (eds) *Syntax & Semantics 8: Grammatical Relations*. Academic Press. 47-68, 1977.
- _____. *Language Universals and Linguistic Typology (Syntax and Morphology)*. Chicago: UCP, 1981.
- _____. "Passive and voice". In: SHIBATANI, M. (ed.). *Passive and voice*. Amsterdam: JBPC, 1988.
- _____. *Causative Constructions. Language Universals and Linguistic Typology*. Chicago: UCP, 1989.
- _____. "Evidentials: semantics and history". In: Johanson, L. & Utas, B. *Evidentials (Turkic, Iranian and Neighboring Languages)*. Berlin-New York: Mouton de Gruyter, 2000.
- CORBETT, G. G. *Gender*. CUP, 1991.
- _____. "Review of *Nominal classification in Aboriginal Australia*. Mark Harvey and Nicholas Reid. Amsterdam: JBPC, 1997.
- COOK, E. & GERDTS, D. B. *Syntax and Semantics*. Vol. 16, 1984.
- COSTA, R. N. V. *Fonologia da língua Kuruaya*. Dissertação de Mestrado, UFPA, 1998.
- CRAIG, C. (org.). *Noun Classes and Categorization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1986.
- CREISSELS, D. "Les systèmes de classes nominales des langues Niger-Congo: prototype et variations." In: *Linx*. 45, 2001.
- _____. *Cours de Syntaxe (licence) 2ème partie*. Lyon: Université Lumière (Lyon 2), année universitaire 2001-2002.
- _____. *Cours de Syntaxe (maîtrise)*. Lyon: Université Lumière (Lyon 2), année universitaire 2001-2002.
- _____. « Ergativité / accusativité et l'hétérogénéité des constructions intransitives ». Apresentado no INALCO em 10/06/2004.
- _____. *Syntaxe générale: une introduction typologique*. 2005.

- CREVELS, M. "Classifier systems in Itonama." *Colloque DDL-ISH*. Lyon, november 30, 2001.
- CROFT, William. *Typology and universals*. Cambridge: CUP, 1993.
- CROFTS, M. "Repeated Morphs in Mundurukú" In: *Estudos sobre Línguas e Culturas Indígenas*. Brasília: SIL, 1971.
- _____. *Gramática Mundurukú*. Brasília: SIL, 1973.
- _____. "Ideófonos na narração Mundurukú". In: DOOLEY, R. A. *Estudos sobre Línguas Tupí do Brasil*. Brasília: SIL, 1984.
- _____. *Aspectos da Língua Mundurukú*. Brasília: SIL, 1985.
- CRYSTAL, D. *A Dictionary of Linguistics and Phonetics*. Blackwell Publishers, 5ed, 2003.
- CUSIC, D. *Verbal plurality and aspect*. Tese de Doutorado, Stanford University, 1981.
- DELANCEY, S. "Mirativity: The grammatical marking of unexpected information". *Linguistic Typology* 1:33-52, 1997.
- _____. *Lectures on Functional Syntax*. University of Oregon, 2000.
- _____. "Deixis, topicality, and the inverse." *DeLancey's Linguistics Home Page*.
- DENY, J. P. "What are Noun Classifiers Good for?" In: Papers from the 12th Regional Meeting of Chicago Linguistic Society, 122-132, 1976.
- DERBYSHIRE, D.C. & PAYNE, D. L. "Noun Classification Systems of Amazonian Languages." In: D.L. Payne (org.) *Amazonian Languages*. Austin: University of Texas Press, pp. 242-271, 1990.
- DIXON, R. M. W. "Noun Classes and Noun Classification in Typological Perspective". In: CRAIG, C. (org.). *Noun Classes and Categorization*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins, pp. 105-112, 1986.
- _____. *Ergativity*. Cambridge: CUP, 1994.
- _____. "A typology of causatives: form, syntax and meaning". In: DIXON, R. M. W. & AIKHENVALD, A. Y. (eds.). *Changing Valency – Case studies in transitivity*. CUP, 2000.
- DIXON, R. M. W. & AIKHENVALD, A. Y. (eds.). *The Amazonian Languages*. CUP, 1999.
- _____. (eds.). *Changing Valency – Case studies in transitivity*. CUP, 2000.
- DONABEDIAN, A. "Mode d'expression de l'accompli et aspectualité en arménien occidental". In: *Actances* 9. Paris, 1998.
- DRYER, M. S. (1986) "Primary Objects, Secondary Objects, and Antidative" *Language* 62.4, pp. 808-845, 1986.
- EVANS, N. "The syntax and semantics of body part incorporation in Mayali". In: CHAPPELL, H. & MCGREGOR, W. (ed.). *The Grammar of Inalienability*. Berlin-New York: Mouton de Gruyter, 1996.
- EVERETT, D & SEKI, L. "Reduplication and CV skeleta in Kamaiurá". In: *Linguistic Inquiry* 16 (2), 326-330, 1986.
- FALTZ, L. "On indirect objects in universal syntax". *PCLS* 14, p. 76-88, 1978.
- FOLEY, W. "Classifiers". In: *Anthropological Linguistics*. 1997.
- FOX, B. A. & HOPPER, P. J. (eds.). *Voice Form and Function*. Amsterdam/Philadelphia: JBPC, 1994.
- FRIKEL, P. "A agricultura dos índios Mundurukú". In: *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, nova série, Antropologia 4, Belém, 1959.
- GABAS Jr., N. *A grammar of Karo, Tupí (Brazil)*. Tese de Doutorado, University of California, 1999.

- GANOZZI, M-L. *Les Voix dans les Langues Tupi-Guarani*. Mémoire de D.E.A. de Sciences du Langage, Université Lyon 2, 2001.
- GIMENO, F. R. (ed). *Estudios de Lingüística Amerindia*. Universitat de València, 1991.
- GIVÓN, T. "Evidentiality and epistemic space". In: *Studies in Language*. 6.1:23-49, 1982.
- _____. "The pragmatics of de-transitive voice: Functional and typological aspects of inversion". In: GIVÓN, T. *Voice and Inversion*. Amsterdam/Philadelphia: JBPC, 1994.
- _____.(ed.) *Voice and Inversion*. Amsterdam/Philadelphia: JBPC, 1994.
- _____. *Functionalism and Grammar*. Amsterdam and Philadelphia: JBPC, 1995.
- _____. *Syntax: a Functional-Typological Introduction*. Vol. I e II. Amsterdam and Philadelphia: JBPC, 2001.
- GOMES, D. M. *Predicados Verbais da Língua Mundurukú e Modelos Lexicográficos*. Dissertação de Mestrado, UnB, 2000.
- _____. "Identificando a flexão relacional em Mundurukú". In *ABRALIN: Boletim da Associação Brasileira de Lingüística*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2001.
- _____. "Paralelismos morfossintáticos entre Mundurukú e Tupi-Guaraní." In Cabral, A. S. A. C., & A. D. Rodrigues (orgs.), *Línguas indígenas brasileiras: fonologia, gramática e história*. Belém: EDUFPA, pp. 234-242, 2002a.
- _____. "A natureza clítica dos marcadores de pessoa em Mundurukú." *Revista Planalto: Lingüística* 1:55-73. Brasília, 2002b.
- _____. "Cisão na classe de intransitivos em Mundurukú." II Encontro Nacional do Grupo de Estudos da Linguagem do Centro-Oeste, 2003.
- _____. "Passiva em Mundurukú (Tupí): uma interseção entre reflexivas/recíprocas e causativas de transitivo." *REVISTA LIAMES no 5* – Unicamp, SP, 2005.
- _____. "Voz média em Mundurukú: uma análise do morfema *je-*." In: I Encontro Internacional sobre Línguas e Culturas dos Povos Tupí, 2004, Brasília – DF, 2006a (no prelo).
- _____. "A reduplicação verbal em Mundurukú." In: I Encontro Internacional sobre Línguas e Culturas dos Povos Tupí, 2004, Brasília – DF., 2006b (no prelo).
- _____. "A natureza e amplitude dos sistemas de classificadores no tronco Tupí." In: Workshop sobre Lingüística Histórica e Línguas em Contato: Línguas Indígenas do Brasil e de Áreas Adjacentes, 2005, Brasília – DF, 2006c (no prelo).
- GONÇALVES, Cristina H. R. C. *Concordância em Mundurukú*. Campinas: Editora da Unicamp, 1987.
- GREEN, D. "Diferenças entre termos numéricos em algumas línguas indígenas do Brasil". In: *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*. 13(2), 1997.
- GRENAND, F. *La langue wayãpi (Guyane Française). Phonologie et grammaire*. (Langues et civilisations à tradition orale 41.) Paris: SELAF, 1980.
- GREN-EKLUND, G. "Evidentiality and Typology: grammatical functions of particles in Burmese and the early stages of Indo-European Languages". In: JOHANSON, L. & UTAS, B. *Evidentials (Turkic, Iranian and Neighbouring Languages)*. Berlin-New York: Mouton de Gruyter, 2000.
- GREENBERG, J. H. (ed.) *Universals of Human Language. Word Structure* (vol. 3). California: Stanford University Press, 1978.
- _____. (ed.) *Universals of Human Language. Syntax* (vol. 4). California: Stanford University Press, 1978.
- GRINEVALD, C. "A morpho-syntactic typology of classifiers". In: SENFT, G. (ed.). *Systems of Nominal Classification*. CUP, 2000.

- _____. "Classifiers, Linguistics of". In: SMELSER, N. J. & BALTES, P. B. *International Encyclopedia of the Social Behavioral Sciences*. Oxford, 2001.
- _____. "Making sense of nominal classification systems." In: WISCHER, I. & DIEWALD, G. (eds.). *New Reflections on Grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: JBPC, 2002.
- _____. "Langues et Cultures – Les Ameriques." DEUG1: Sciences du Langage, 2002-2003.
- _____. "Classifiers", in *Morphology: a Handbook on inflection and Word Formation*, Vol 2, Article 97, Lehmann, C., Booij, G., J. Mugdan, J. (eds), Berlin, Walter de Gruyter, 2004.
- GRINEVALD, C. & SEIFART, F. "Noun classes in African and Amazonian languages: towards a comparison." *Linguistic Typology* 8, pp. 243-285, 2004.
- GUENTCHEVA, Z. *Temps et Aspect: l'exemple du Bulgare contemporain*. Paris: Éditions du CNRS, pp. 13-50, 1990.
- _____. (ed.). *L'énonciation médiatisée*. Louvain-Paris: Éditions Peeters, 1996.
- _____. "Introduction". In: GUENTCHEVA, Z. (ed.). *L'énonciation médiatisée*. Louvain-Paris: Éditions Peeters, 1996.
- _____. "La notion de médiation dans la diversité des langues". (inédito).
- GUIRARDELLO-DAMIAN, R. "Classes verbais e mudanças de valência em Trumai". *Encontro Ergatividade na Amazônia*, 2003.
- GUZMAN, V. P. de. "Morphological evidence for primacy of patient as subject in Tagalog". In: *Austronesian Linguistics*. 2:87-96, 1992.
- HAEGEMAN, L. *Introduction to Government & Binding Theory*. Blackwell, 1991, 1994.
- HALE, K. "Endangered languages". In: *Language*. 68-1:1-42, 1992.
- Handbook of the International Phonetic Association*. CUP, 2002.
- HALPERN, A. L. 1998. "Clitics". In: SPENCER, A. & ZWICKY, A. *The Handbook of Morphology*. USA: Blackwell Publishers Ltd. p. 101-119, 1998.
- HARRISON, C. H. "Verb prominence, verb initialness, ergativity and typological disharmony in Guajajara". In: WETZELS, L. *Estudos Fonológicos das Línguas Indígenas Brasileiras*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.
- HARTT, C. F. "Os Mundurucús". In: *Contribuições para a Etnologia do Vale do Amazonas*. Arquivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro, Vol. VI, pp. 1-174, Rio de Janeiro, 1884.
- HARVEY, M. & REID, N. (ed). *Nominal Classification in Aboriginal Australia*. Amsterdam: JBPC, 1997.
- HASAN, R. & FRIES, P. H. *On Subject and Theme (A Discourse Functional Perspective)*. Amsterdam/Philadelphia: JBPC, 1995.
- HEATH, J. "Dyrbal ergativity: counter-rejoinder to Dixon". In: *Linguistics*. 18: 505-521, 1980.
- HEINE, B.; CLAUDI, U. & HÜNNEMEYER. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago Press, 1991.
- HINTON, L., NICHOLS, J. & OHALA, J. J. (eds.). *Sound symbolism*. CUP, 1994.
- HOPPER, P. J. (ed.). *Tense-Aspect: Between Semantics and Pragmatics*. Amsterdam: Amsterdam/Philadelphia: JBPC, 1992.
- HOPPER, P. J. & THOMPSON, S. A. "Transitivity in Grammar and Discourse." In: *Language*. 56.251-99, 1980.
- HOPPER, P. J. & TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. CUP, 1993.
- HORTON, D. "The Mundurucu". In: *Handbook of South American Indians*. Vol. 3, Washington, 1948.

- JACOBSEN, W. H. Jr. "The heterogeneity of evidentials in Makah". In: CHAFE, W. & NICHOLS, J. *Evidentiality: the Coding of Epistemology in Language*. Norwood, 1986.
- JANIS, W. "Morphology and the use of space in ASL verb agreement". In: BRENGELMAN, F. H., SAMIIAN, V. & WILKINS, W. (eds). *Western Conference on Linguistics*. Vol. 2. California, 1989.
- JELINEK, E. "Ergative 'splits' and argument type". In: *MIT Working Papers in Linguistics*. 18, 15-42, 1993.
- JENSEN, C. "Object-prefix incorporation in proto Tupí-Guaraní verbs". In: *Language Sciences*. 9: 45-55, 1987.
- _____. *O desenvolvimento histórico da língua Wayampi*. Campinas: Editora da Unicamp, 1989.
- _____. "Cross-referencing changes in some Tupí-Guaraní languages." In: *Amazonian Linguistics, Studies in Lowland South American Languages*, D. Payne, 117-158. Austin: University of Texas Press, 1990.
- JESPERSEN, O. *The philosophy of grammar*. London: Allen & Unwin, 1924.
- JOHANSON, L. & UTAS, B. *Evidentials (Turkic, Iranian and Neighbouring Languages)*. Bérlin-New York: Mouton de Gruyter, 2000.
- LEITE, Y. "A incorporação nominal em Tapirapé (Tupí-Guaraní)". Texto apresentado no X Congresso Internacional de la Asociación de Lengüística y Filología de América Latina, em Vera Cruz, México, abril de 1993.
- LÓPEZ, J. A. C. "Los evidenciales en las lenguas andinas y amazónicas". In: PÉREZ, J. C. (ed.). *Estudios de Lengua y Cultura Amerindias I*. Valencia: Universidad de Valencia, 1994.
- KAKUMASU, J. "Urubu-Kaapor." In *Handbook of Amazonian languages*. D.C. Derbyshire and G. K. Pullum, Vol. I, 326-402. Berlin: Mouton de Gruyter, 1984.
- KAGER, R. *Optimality Theory*. CUP, 1999.
- KATAMBA, F. *Morphology*. Macmillan Press, 1993.
- KAYNE, R. S. *Parameters and Universals*. Oxford University Press, 2000.
- KEENAN, E. "Towards a universal definition of 'subject of' ". In LI, C. *Subject and topic*. Academic Press, 1976.
- _____. "Relative clauses." In: Shopen, T. (org.). *Language typology and syntactic description*. Cambridge: CUP, 1987.
- KEMMER, S. "Middle voice, transitivity and the elaboration of events". In Fox & Hopper (org.). *Voice Form and Function*. Amsterdam/Philadelphia: JBPC, 1994.
- KIBRIK, A. E. "Maintenance of reference in sentence and discourse" Typological models in reconstruction LEHMANN, W. P. & JAKUSZ-HEWITT, H.-J. (eds.) *Language Typology, Current issues in linguistic theory*, John Benjamins, Amsterdam, 57-84, 1988.
- KINDELL, G. E. *Guia de Análise Fonológica*. Brasília: SIL, 3ed, 1997.
- KLAVANS, J. "The Independence of Syntax and Phonology in Cliticization". *Language*, 61, p. 95-120, 1985.
- KLEIBER, Georges. *La Semántica de los prototipos - Categoría y sentido léxico*. Madrid: Visor Libros, 1995.
- KLIMOV, G. A. "On the character of languages of active typology". *Linguistics*. Paris: Mouton, 1974.
- KOSINTSEVA, N. "Perfect forms as a means of expressing evidentiality in Modern Eastern Armenian". In: JOHANSON, L. & UTAS, B. *Evidentials (Turkic, Iranian and Neighboring Languages)*. Berlin-New York: Mouton de Gruyter, 2000.

- KRUSE, Albert. "Metades Munduruku". In: *Primitive Man*. Vol VII, n. 4, 1934.
- LANDABURU, J. "La modalisation du savoir en langue Andoke de l'Amazonie colombienne". (inédito).
- LAZARD, G. "Pour une typologie des relations grammaticales du verb et des actants". In: *Lacito – documents*. Paris, 1978.
- _____. "Le géorgien: actance duale («**active**») ou ergative? Typologie des verbes anti-impersonnels." *Sprachtypologie und Universalienforschung* 48:275-293, 1995.
- _____. "Le médiatif en Persan". In: GUENTCHÉVA, Z. (ed.). *L'énonciation médiatisée*. Louvain-Paris: Éditions Peeters, 1996.
- _____. "Mirativity, evidentiality, mediativity, or other?". In: *Linguistic Typology*. 3:91-109, 1999.
- _____. "Le médiatif: considérations théoriques et application à l'iranien". In: JOHANSON, L. & UTAS, B. *Evidentials (Turkic, Iranian and Neighboring Languages)*. Berlin-New York: Mouton de Gruyter, 2000.
- LEITE, Y. "A incorporação nominal em Tapirapé (Tupí-Guarani)". Texto apresentado no X Congresso Internacional de la Asociación de Lengüística y Filología de América Latina, em Vera Cruz, México, abril de 1993.
- LEVINSON, S. C. *Pragmatics*. CUP, 1983.
- LÓPEZ, J. A. C. "Los evidenciales en las lenguas andinas y amazonicas". In: PÉREZ, J. C. (ed.). *Estudios de Lengua y Cultura Amerindias I*. Valencia: Universidad de Valencia, 1994.
- LOPES, A. "La perception gramatical del mundo en dos lenguas amazonicas". In: GIMENO, F. R. (ed.). *Estudios de Lingüística Amerindia*. Universitat de València, 1991.
- LUCY, J. A. *Grammatical Categories and Cognition*. CUP, 1992.
- _____. *Language Diversity and Thought. A Reformulation of the Linguistic Relativity Hypothesis*. CUP, pp. 1-126, 1992.
- LYONS, J. *Semantics* (V. 1 e 2). CUP, 1977.
- _____. *Sémantique Linguistique*. Paris: Librairie Larousse, pp. 324-467, 1980.
- MCCAULEY, J. D. "What is tone language". In: FROMKIN, V. A. (ed.). *Tone – A Linguistic Survey*. Academic Press, 1978.
- MEILLET, A. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris : Champion, 1948.
- MEL'CUK, I. "Toward a logical analysis of the notion 'ergative construction'". In: *Studies in Language*. 16-1: 91-138, 1992.
- MENÉNDEZ, M. "Uma contribuição para a etno-história da área Tapajós-Madeira". In: *Revista do Museu Paulista*. N. 5., 28:289-388, 1982.
- MENSE, H. "Língua Mundurucú: Vocabulários Especiais". In: *Arquivos do Museu Paranaense*. 6: 107-148, 1947.
- MIOTO, C. et ali. *Manual de sintaxe*. Florianópolis: Insular, 1999.
- MITHUN, M. "The Evolution of Noun Incorporation." In: *Language*. 60:847-94, 1984.
- _____. "The convergence of noun classification systems". In: CRAIG, C. (org.). *Noun Classes and Categorization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, pp. 379-397, 1986.
- _____. "Active/Agentive Case marking and its motivations". *Language* 67:510-546, 1991.
- _____. "The role of motivation in the emergence of grammatical categories : the grammaticalization of subjects". In: TRAUOGOTT, E. & HEINE, B. (eds.), Amsterdam: JBPC, pp. 160-184, 1991.

- _____. "Multiple reflections of inalienability". In: CHAPPELL, H. & MCGREGOR, W. (ed.). *The Grammar of Inalienability*. Berlin-New York: Mouton de Gruyter, 1996.
- _____. *The Languages of Native North America*. CUP, pp. 24-27; 36-47, 1999.
- MITHUN, M. & CHAFE, W. "What are S, A, and O?". In: *Studies in Language*. 23:3, 569-596, 1999.
- MORAVCSIK, E. A. "On the case marking of objects". *Universals of human language*, 04, GREENBERG, J. (ed.), Stanford U. Press, pp 249-289, 1978.
- MURPHY, R. *Mundurukú Religion*. Berkeley and Los Angeles: University of California Publications in American Archaeology and Ethnology 49, 1958.
- MURPHY, R. & MURPHY, Y. *As condições atuais dos Mundurukú*. Publicação n. 8 do Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará, 1954.
- _____. *Women of the Forest*. Columbia University Press, 1985.
- NUNES, Patrícia V. *Princípio icônico e tratamento lexicográfico. Aplicação aos nomes da língua Mundurukú*. Dissertação de Mestrado, UnB, 2000.
- PALMER, F. R. *Mood and Modality*. CUP, pp. 1-95, 1986.
- PAYNE, D. L. (ed.). *Amazonian Linguistics*. Austin: University of Texas, 1990.
- _____. "The Tupí-Guaraní inverse". In: FOX, B. A. & HOPPER, P. J. (eds.). *Voice Form and Function*. Amsterdam/Philadelphia: JBPC, 1994.
- PAYNE, T. E. *Describing Morphosyntax: A Guide for Field Linguistics*. CUP, 1997.
- PERLMUTTER, D. & POSTAL, P. "Toward a universal characterization of passivization". BLS 3.394-417. [Revised version in Perlmutter 1983, 3-29].
- PERROT, J. "Tuer l'aspect?". In: *Actances II*. Paris, 2001.
- PICANÇO, G. "Acoustic properties of phonation types in Munduruku". Rede Etnolingüística, 2003.
- _____. "Alienability and argument structure". Rede Etnolingüística, 2003.
- _____. *Mundurukú: phonetics, phonology, synchrony, diachrony*. Tese de Doutorado, The University of British Columbia, 2005.
- POTTIER, B. "Les langues indiennes d'Amérique". 1987.
- _____. *Représentations Mentales et Categoricalisations Linguistiques*. Louvain-Paris: Éditions Peeters, 2000.
- PUENTE, F. B. *Los Sistemas de Numeración Indoamericanos*. Universidad Nacional Autónoma de México, 1998.
- PULLUM, G. K. & ZWICKY, A. M. "The Syntax-Phonology Interface". In NEWMAYER, F. (ed.) *Linguistics: The Cambridge Survey*. Vol. I: *Linguistic Theory: Foundations*. Cambridge: CUP, 1988.
- PYE, C. "The acquisition of ergative languages". In: *Linguistics*. 28: 1291-1330, 1990.
- QUEIXALÓS, F. "Incorporação nominal em Sikuani". In: *Moara* 4:115-149, 1996.
- _____. *Nom, verbe et prédicat en sikuani (Colombie)*. Paris : Peeters, 1998.
- _____. *Syntaxe sikuani (Colombie)*. Paris : Peeters, 2000.
- _____. "The notion of transfer in Sikuani causatives." In: SHIBATANI, M. *The Grammar of Causation and Interpersonal Manipulation*. Amsterdam/Philadelphia: JBPC, 2002.
- _____. "Posse em katukina e valência dos nomes". In: Rodrigues, A. R. & Cabral, A. S. A. C. *Novos estudos sobre línguas indígenas*. Brasília: EDUnB, 2005.
- RAMIREZ, H. "Order of determination, ergativity and classifier genesis: tucanoan versus yanomaman". 49th International Congress of Americanists, Quito, 1997.
- RAMOS, A. R. F. *Entre a cruz e a riscadeira: catequese e empresa extrativista entre os Mundurukú (1910-1957)*. Dissertação de Mestrado, UFG, 2000.

- RAPOSO, E. P. *Teoria da Gramática: A Faculdade da Linguagem*. Lisboa: Editorial Caminho, 1992.
- ROBERTS, I. *Comparative Syntax*. Arnold, 1997.
- RODRIGUES, Aryon D. "A categoria de voz em Tupi." In: *Logos*. 6:50-53. Curitiba, 1947.
- _____. "A composição em Tupí". *Logos*. Curitiba. 14:63-70, 1951
- _____. "Análise morfológica de um texto Tupí". *Logos*. Curitiba. 15:56-77, 1952.
- _____. "Morfologia do verbo Tupi". In: *Letras*. 1:121-52. Curitiba, 1953.
- _____. "Classification of Tupí-Guaraní". *International Journal of American Linguistics*, 24:231-234. Baltimore, 1958.
- _____. "Os estudos de lingüística indígena no Brasil". In: *Revista de Antropologia*. São Paulo, 11: 9-21, 1963.
- _____. "A classificação do tronco lingüístico Tupí. *Revista de Antropologia*, 12:99-104. São Paulo, 1964.
- _____. "Tupi-Guarani e Mundurukú: evidências lexicais e fonológicas de parentesco genético." In: *Estudos Lingüísticos*. (Anais de Seminários do GEL) 3:194-209. Araraquara: UNESP, 1980.
- _____. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola, 1986.
- _____. "You and I = Neither You nor I: The Personal System of Tupinambá." In: D.L. Payne (org.) *Amazonian Languages*. Austin: University of Texas Press, pp. 393-406, 1990a.
- _____. "A case of grammatical affinity among Tupí, Karíb, and Macro-Jê." MS, UnB, 1990b.
- _____. "The Grammatical Structure of Classical Tupí". Notas de curso dado na Universidade de Leiden, Holanda, 1994.
- _____. "Argumento e Predicado em Tupinambá". In: *Boletim da Associação Brasileira de Lingüística*. 19:57-70, 1996.
- _____. "Macro-Jê". In: Dixon, R. M. W. & Aikhenvald, A. Y. (orgs). *The Amazonian Languages*. Cambridge: CUP, 1999.
- _____. "Tupí". In: Dixon, R. M. W. & Aikhenvald, A. Y. (orgs). *The Amazonian Languages*. Cambridge: CUP, 1999.
- _____. "Hipótese sobre as migrações dos três subconjuntos meridionais da família Tupí-Guaraní". *Atas do II Congresso Nacional da ABRALIN*. CD-ROM. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 2000a.
- _____. "Panorama das línguas indígenas da Amazônia". In: Queixalós, F. & Renault-Lescure (org.). *As línguas amazônicas hoje*. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2000b.
- _____. "Sobre a Natureza do Caso Argumentativo". In: Francisco Queixalós (org.). *Des noms et des verbes en tupi-guarani: état de la question*. Munique, p. 103-114, 2001.
- _____. "Flexão relacional no tronco lingüístico Macro-Jê". In: *ABRALIN: Boletim da Associação Brasileira de Lingüística*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2001.
- RODRIGUES, A. D.; CABRAL, A. & COSTA, "Notas sobre a ergatividade em Xikrín". *Liames*. 3:19-27, 2003.
- RODRIGUES, A. D. & DIETRICH, W. "On the Linguistic relationship Between Mawé and Tupí-Guaraní, *Diachronica* XIV. 2:265-304. Amsterdam, 1997.

- RODRIGUES, Daniele M. Grannier. "Evidências do Guarani Antigo para uma Hierarquia das Categorias Lexicais. In: *Boletim da Associação Brasileira de Linguística*. 20:55-59, 1997.
- ROSE, F. *Morphosyntaxe de l'Emerillon*. Tese de Doutorado, Université Lumière Lyon 2, 2003.
- _____. "Reduplication in Tupí-Guaraní languages: going into opposite directions". 2004 (inédito)
- SADLER, L. & SPENCER, A. "Morphology and argument structure." In: A. Spencer and A. M. Zwicky, (eds). *Handbook of Morphology*. Blackwell: pp. 206-236, 1998.
- SALDANYA, M. P. "Algunes Consideracions al voltant de la incorporació nominal en les llengües de la família Tupí-Guaraní". In: PÉREZ, J. C. (ed.). *Estudios de Lengua y Cultura Amerindias I*. Valencia: Universidad de Valencia, 1994.
- SCHADEN, E. *A Mitologia Heróica de Tribos Indígenas do Brasil*. "A cosmogonia mundurukú como expressão e síntese duma cultura tribal". MEC.
- SCHUCHARD, B. *Ñane ñë. Gramática guaraní para castellanohablantes*. Santa Cruz de la Sierra, 1979.
- SEKI, L. *Gramática do Kamaiurá*. Campinas: Editora da Unicamp, 2000.
- SENFT, G. "What do we really know about nominal classification systems?". In: SENFT, G. (ed.). *Systems of Nominal Classification*. CUP, 2000.
- SENFT, G. (ed.). *Systems of Nominal Classification*. CUP, 2000.
- SHANNON, T. F. "Perfect auxiliary variation as a function of aktionsart and transitivity". In: EMONDS, J., MISTRY, P.J., SAMIAN, V. & THORNBURG, L. (eds). *Western Conference on Linguistics*. Vol. 1. California, 1988.
- SHIBATANI, M. "Passives and related constructions: a prototype analysis." In: *Language*, vol. 61, n. 4, 1985.
- _____. *The Grammar of Causation and Interpersonal Manipulation*. Amsterdam/Philadelphia: JBPC, 2002.
- SHIBATANI, M. & BYNON, T. *Approaches to Language Typology*. Oxford University Press, 1995.
- SHIBATANI, M. & PARDESHI, P. "The causative continuum". In: SHIBATANI, M. *The Grammar of Causation and Interpersonal Manipulation*. Amsterdam/Philadelphia: JBPC, 2002.
- SHOPEN, T. (org.). *Language Typology and Syntactic Description*. Vol. 3. Cambridge: CUP, 1986.
- SILVERSTEIN, M. "Case marking and the nature of language". In: *Australian Journal of Linguistics*. 1: 227-47, 1981.
- SPENCER, A. & ZWICKY, A. M. (eds.). *The Handbook of Morphology*. Blackwell, 1998.
- STASSEN, L. *Intransitive Predication*. Oxford: Clarendon Press, 1997.
- STEWART, J. H. *Handbook of South American Indians*. Vol. 3. New York: Cooper Square Publishers, pp. 220-224, 1963.
- STORTO, L. R. "Mood, tense, aspect and evidentiality in Karitiana (Tupi stock)". Paris, April 26, 2001.
- _____. "Case, agreement and tense in Karitiana (Tupi stock)." Paris, April 30, 2001.
- _____. "Duas classes de verbos intransitivos em Karitiana (família Arikém, tronco Tupí)". In: F. Queixalos & O. Lescure (eds.). *Des Noms et Des Verbes en Tupi-Guarani*. Lincom-Europa. 2002a.
- STRÖMER, C. *Die Sprache der Mundurukú*. Viena, 1932.

- TAYLOR, G. "Les particules modales en Quechua". In: GUENTCHÉVA, Z. (ed.). *L'énonciation médiatisée*. Louvain-Paris: Éditions Peeters, 1996.
- THOMPSON, C. "Passives and inverse constructions". In: GIVÓN, T. *Voice and Inversion*. Amsterdam/Philadelphia: JBPC, 1994.
- THOMPSON, S. A. & HOPPER, P. J. "Transitivity, clause structure, and argument structure: evidence from conversation". In: BYBEE, J. & HOPPER, P. (eds.). *Frequency and the Emergence of Linguistic Structure*. Amsterdam/Philadelphia: JBPC, 2001.
- TRAUGOTT, E. C. & DASHER, R. B. (eds.). *Regularity in Semantic Change*. CUP, 2002.
- TRAUGOTT, E. C. & HEINE, B. (eds.). *Approaches to Grammaticalization I: focus on theoretical and methodological issues*. Amsterdam/Philadelphia: J. B. Publishing Company, 1991.
- VAN VALIN, R. D. "Review article – Pragmatics, ergativity and grammatical relations". In: *Journal of Pragmatics*. 7: 63-88, 1983.
- VANDELOISE, C.(dir.). *Langues et cognition*. Paris: Hermes-science, Lavoisier, 2003.
- VEERMAN-LEICHSENRING, A. "Body part terms occurring in Popolocan verbs". In: *ZPSK*. Berlin, 45, 6, 562-569, 1992.
- VELÁZQUEZ-CASTILLO, M. "Noun incorporation and object placement in discourse. The case of Guaraní. In: Downing, P. & Noonan, M. (eds.). *Word Order in Discourse*. Amsterdam/Philadelphia: Amsterdam/Philadelphia: JBPC, pp. 555-579, 1994.
- _____. "Noun incorporation in Guaraní: a functional analysis." In: *Linguistics*. 33: 673-709, 1995.
- _____. "Guaraní causative constructions." *Typological Studies in Language*. 48:507-553, 2002.
- VERHAAR, J. W. M. "Ergativity, accusativity, and hierarchy". *Sophia linguistica*, 1, Tokyo, 1983.
- WELMERS, W. E. *African Language Structures*. University of California Press, pp. 459-474, 1973.
- WETZELS, L. *Estudos Fonológicos das Línguas Indígenas Brasileiras*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.
- _____. "Estudos fonológicos das línguas indígenas brasileiras". In: WETZELS, L. *Estudos Fonológicos das Línguas Indígenas Brasileiras*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.
- WHALEY, L. J. *Introduction to Typology: The Unity and Diversity of Language*. London-New Delhi: Sage, 1997.
- WILLET, T. "A Cross-linguistic Survey of the Grammaticalization for Evidentiality". *Language*. 12, 51-97, 1988.
- ZWICKY, A. "On Clitics". Bloomington: IULC, 1977.
- _____. "Clitics and Particles". *Language*. Vol. 61, 2, 1985.

APÊNDICE

Nomes de partes em função classificadora (NFC) e nomes de partes sem essa função

a) -'a	'cabeça' = 'arredondado, esferóide'
Parte 1: Nomes em função classificadora (NFC)	
<i>akai 'a</i>	'sapinho do campo' (segundo o informante, é vermelhinho e comestível)
<i>arin 'a</i>	'pica-pau' (segundo Mense (1947), <i>weissköpfiger Specht</i>)
<i>aru)m 'a</i>	'tucunaré' (outro termo seria <i>potip</i>)
<i>axa'at 'a</i>	'pedra' (jutuacica: resina de jatobá)
<i>axiwa 'a</i>	'caratinga' (peixe)
<i>barão 'a</i>	'balão'
<i>basia 'a</i>	'bacia'
<i>bererem 'a</i>	'uma caba' (segundo Mense (1947), <i>grosse Wespenart</i>); (segundo o informante, parece abelha)
<i>beyo 'a</i>	'beiju'
<i>bora 'a</i>	'bola'
<i>boraxa 'a</i>	'bolacha'
<i>buk 'a</i>	'um passarinho'
<i>co 'a</i>	'morro' (genérico)
<i>daorak 'a</i>	'peixe acari' (segundo o informante, chama-se 'a porque tem a cabeça grande)
<i>igreja 'a</i>	'igreja'
<i>iti)g) 'a</i>	'panela de barro grande'
<i>kajarão 'a</i>	'caldeirão'
<i>kapido ka 'a</i>	'morro da terra fértil' (segmenta-se <i>kapido-ka-'a</i> 'vento-lugar-morro')
<i>karapa 'a</i>	'garrafa'
<i>kaxi wu)y 'a</i>	'passarinho' (lit. 'flechar-sol')

<i>kopi 'a</i>	'cupim'
<i>kug)kug) 'a</i>	'patinho d'água' (segundo Mense (1947), <i>Wasserentchen</i>)
<i>mara 'a</i>	'mala'
<i>mu)n 'a</i>	'lata de lixo'
<i>muba'at xi duk 'a</i>	'Casa da mãe da chuva' (segmenta-se <i>muba'at-xi-d-uk-'a</i> 'chuva-mãe-R2-casa-NFC)
<i>muketero 'a</i>	'mosquiteiro'
<i>nog) 'a</i>	'bicho-de-pé'
<i>o 'a</i>	'machado'
<i>pag)ero 'a</i>	'paneiro'
<i>pão 'a</i>	'pão'
<i>radio 'a</i>	'rádio'
<i>sarakay 'a</i>	'tracajá'
<i>uk 'a</i>	'casa'
<i>wa'i 'a</i>	'balde'
<i>warai 'a</i>	'balaio'
<i>watão'a</i>	'bem-te-vi'
<i>wita 'a</i>	'pedra'
<i>wita dop 'a</i>	'laje'
<i>xe) 'a</i>	'gavião de anta' (segundo o informante, é o barulho dele)
<i>yakiri'a 'a</i>	'capacete'
<i>yoba 'a</i>	'balaio maior'
Parte 2: NFC em composição	
<i>-a'ōpi 'a</i>	'ombro'
<i>-ku)m 'a</i>	'tórax'
<i>-u)g) 'a</i>	'joelho'
<i>-ukpi 'a</i>	'nádega superior'
Parte 3: Nomes de partes combinados com termo genérico	
<i>tarekrek 'a'a</i>	'redondezas frutas/coisas' (<i>tarekrek</i> 'mercadorias' possivelmente, do português <i>tareco</i>)

<i>tumu)n 'a'a</i>	'redondezas frutas/coisas' (<i>tumu)n 'coisa, bicho desconhecido, xingamento')</i>
<i>-xat 'a</i>	'redondeza comida'
<i>Parte 4: Nomes de partes de vegetais</i>	
<i>akay 'a</i>	'taperebá'
<i>arasa 'a</i>	'araçá'
<i>asão 'a</i>	'mamão'
<i>ãxi) 'a</i>	'pimenta'
<i>bārãxi) 'a</i>	'melancia'
<i>coko 'a</i>	'urucu'
<i>edeo 'a</i>	'frutão'
<i>gudup 'a</i>	'buriti (fruta)'
<i>ipara 'a</i>	'abacaxi'
<i>iwajo 'a</i>	'patauá'
<i>jarãy 'a</i>	'laranja'
<i>kobisã 'a</i>	'pajurá'
<i>koko 'a</i>	'coco'
<i>koruburu 'a</i>	'cabaçarana'
<i>mãka 'a</i>	'manga'
<i>muyao 'a</i>	'goiaba'
<i>murekoy 'a</i>	'maracujá'
<i>tambaki ãxi 'a</i>	'pimenta de tabaqui'
<i>wapurum 'a</i>	'assaí'
<i>waremap 'a</i>	'jenipapo'
<i>wenu) 'a</i>	'ouriço de castanha'
<i>yoba 'a</i>	'jaboticaba'
<i>Parte 5: Nomes de morros, montes, serras e de outros lugares</i>	
<i>Borere 'a</i>	'Monte Borere'
<i>edeo dip 'a</i>	'morro do mato do Frutão [ede'o-dip-'a]
<i>idi 'a</i>	'cabeceiras das grotas'
<i>kapido ka 'a</i>	'morro da terra fértil'

<i>oako rut 'a</i>	'morro do kujubim' (ave galiforme, com penugem branca) (lit. morro do jacu branco)
<i>pokoda dip 'a</i>	'Serra de Espinhos' (lit. 'Serra do espinhal')
<i>Surabudodo 'a</i>	'Serra Surabudodo'
<i>wenu) dip 'a</i>	'morro do castanhal'

b) -ba 'braço(s)' = 'cilíndrico e rígido'	
Parte 1: Nomes em função classificadora (NFC)	
<i>kamuxa ba</i>	'camisa de mangas compridas'
Parte 2: NFC em composição	
Parte 3: Nomes de partes combinados com termos genéricos	
<i>tumu)n papa</i>	'cilíndricos e rígidos coisas/frutas'
Parte 4: Nomes de partes de vegetais	
<i>ako ba</i>	'banana'
<i>akopakpak pa</i>	'banana vermelha'
<i>ako'u)n'u)n pa</i>	'banana ouro'
<i>baratō ba</i>	'ingá-açu'
<i>dari ba</i>	'jatobá'
<i>etōm ba</i>	'fruta que parece a mão da onça'; chupam-se os gomos.
<i>karo ba</i>	'cupuaçu'
<i>karoxi)n pa</i>	'cacau bravo'
<i>pixão ba</i>	'vagem do feijão'
<i>xiriri ba</i>	'ingá'
<i>waje ba</i>	'cacau'
Parte 5: Outros nomes de partes	
<i>kadera ba</i>	'apoio da cadeira universitária'
<i>moto ba</i>	'leme do motor'

c) -bu 'dedo, mão' = 'cilíndrico e flexível'	
Parte 1: Nomes em função classificadora (NFC)	
<i>akora bu</i>	'sarapó' (peixe que parece o dedo)
<i>ãg)pu</i>	'cipó titica'
<i>aru)ru)t pu</i>	'lagarta-de-fogo'
<i>bio e) puy bu</i>	'cobra do caminho de anta'
<i>darore bu</i>	'jacundá-cobra'
<i>daseg)pu</i>	'minhoca'
<i>daydoã bu</i>	'sarapó grande' (tem o nariz como o do tatu)
<i>g)abiopop pu</i>	'sarapó preto (tem as ventas brancas)'
<i>ipi cerere bu</i>	'cobra que vai por baixo do chão'
<i>ixi bu</i>	'cipó'
<i>kohda bu</i>	'corda'
<i>koropsarõ bu</i>	'arco-íris'
<i>kõykõyda e-puy bu</i>	'cobra do kõykõyda'
<i>kun pu</i>	'cauxi (a coisa retirada dos enfermos pelos pajés no processo de cura)'
<i>moreko bu</i>	'cobra preto-encarnada'
<i>mu)seregu)n pu</i>	'poraquê, enguia'
<i>muredoy bu</i>	'coruja' (aparece também sem <i>bu</i> ; <i>murekodoybu</i> 'personagem mítico'; <i>kokok</i> 'coruja'; <i>murekosusu</i>]
<i>musure-gun pu</i>	'puraquê' (peixe de corpo alongado e cilíndrico; enguia-elétrica)
<i>oropo'a bu</i>	'pato'
<i>parawa puy bu</i>	'cobra de arara'
<i>pudoydoy bu</i>	'sarapó (cobra redonda)' (cobra como o sangue – <i>doy</i> 'sangue')
<i>puy bu</i>	'cobra'
<i>puybikbik pu</i>	'cobra do campo'
<i>puybutõ bu</i>	'surucucu' (cobra venenosa) (Mense (1947) apresenta " <i>puy tum bu</i> ")
<i>puyewekewek pu</i>	'cobra que incha o pescoço'
<i>puy-iuk-pi-op pu</i>	'cobra da ponta do rabo amarela'

<i>puypakpak pu</i>	'cobra vermelha'
<i>puysurug)rug) pu</i>	'cascavel'
<i>puytôm bu</i>	'surucucu'
<i>puyxere)m pu</i>	'cobra papagaio'
<i>puyxirem pu</i>	'cobra verde'
<i>sug)puneiat pu</i>	'cobrinha'
<i>wânta'o bu</i>	'matintaperera' (ave que não se come, porque chama criança brava do mato)
<i>warara e-puy bu</i>	'cobra do sapo'
<i>wasu) bu</i>	'jandi, mandi (peixe liso e comprido)
<i>wayôm pu</i>	'tipiti'
<i>xek pu</i>	'lagarta, lagarta grande'
<i>xirik pu</i>	'lagarta pequena (um tipo de lagarta)'
<i>yakasun'a bu</i>	'micuim' (larva)
Nomes de cobras sem -bu:	
<i>puyxiri</i>	'cobra grande, sucuri' (Em Mense (1947) <i>puyxiri bu</i>)
<i>puyxiri-a-pak</i>	'cobra grande de cabeça encarnada'
<i>puyxiri-away</i>	'cobra grande do mato, 'gibóia'
<i>darù)g)rù)g)</i>	'sucuri' (nome antigo)'
Parte 2: NFC em composição	
<i>-ag)obu</i>	'pescoço'
<i>ceku)ru)ru)kpu</i>	'veia'
<i>toaybu</i>	'rabo, cauda'
<i>tu)npu</i>	'intestino'
<i>tu)nsabu</i>	'curva da perna' (atrás do joelho)
<i>-ukpu</i>	'cintura'
Parte 3: Nomes de partes combinados com termos genéricos	
Parte 4: Nomes de partes de vegetais	

<i>bõrõ bu</i>	'linha de algodão'
Parte 5: Outros nomes de partes	
<i>daruk pu</i>	'corda do arco'
<i>-ukpu-mu)n pu</i>	'corda da cintura' (cordão dos frades)
<i>u)ru) bu</i>	'corda da rede'

d) da/ta 'grão, semente' = 'graniforme'	
Parte 1: Nomes em função classificadora (NFC)	
<i>bõbõx ta</i>	'bombom, balinha'
<i>cõg)pu da</i>	'miçanga'
<i>karu da</i>	'beija-flor'
<i>kasop ta</i>	'estrela'
<i>kiri da</i>	'espécie de verruga'
<i>kororo)g ta</i>	'cigarra'
<i>paxada da</i>	'beija-flor'
<i>poro da</i>	'carrapato'
<i>sãn ta</i>	'beija-flor' [barulho dele]
<i>ta bararak ta</i>	'salta-caminho, tico-tico-do-mato' (o informante atribui o valor de "pequenininho" ao "ta")
<i>warecao da</i>	'pulga'
<i>wareta da</i>	'caramujo'
<i>wixa ukpu g)un ta</i>	'beija-flor semelhante à bunda de saúva'
Parte 2: NFC em composição	
<i>-a'õxabida</i>	'coração'
<i>-akpida</i>	'cangote' (-akpi 'nuca'; -akpi-dao 'espinhaço superior)
<i>-basu)nu)da</i>	'cotovelo'
<i>-ku)mta</i>	'mamilo' (lit. 'grão do peito)
<i>tada</i>	'estômago'

<i>taxibada</i>	'saco escrotal'
<i>-u)g)ada</i>	'rótula' (lit. 'grão do joelho')
Parte 3: Nomes de partes combinados com termos genéricos	
<i>xata (xat ta)</i>	'granular comida'
Parte 4: Nomes de partes de vegetais	
<i>amendoi) da</i>	'grão de amendoim'
<i>aroi da</i>	'grão de arroz'
<i>away da</i>	'cará'
<i>bãg)bãg) ta</i>	'fruta-pacu' (segundo o informante, é uma fruta que espora e o peixe come; parece semente)
<i>bõrõ da</i>	'caroço de algodão'
<i>cojoda da</i>	'caroço de tucumã'
<i>karo da</i>	'semente de cupuaçu'
<i>makaxi da</i>	'macaxeira'
<i>mura da</i>	'grão de milho'
<i>musu da</i>	'manicuera' (tipo de mandioca brava)
<i>musuk ta</i>	'mandioca' (brava, só para farinha)
<i>poy da</i>	'semente de 'cauaçu'
Parte 5: Outros nomes de partes	
<i>nõbanõ'u)n'u)n ta</i>	'bala, projétil' (lit. 'grão de espingarda pequena, ou seja, bala de revólver')
	'volta de contas' (lit. 'sementes enroladas no pescoço')
<i>-ag)obu-mu)n ta</i>	'pulseira' (lit. 'sementes enroladas no pulso')
<i>põg)bi-mu)n ta</i>	
<i>posug) ta</i>	'comprimido' (lit. 'grão remédio')

e) *dot/tot* 'cacho' = 'objetos que possuem agrupamentos semelhantes a um

cacho'	
Parte 1: Nomes em função classificadora (NFC)	
<i>ibi dot</i>	'enfiada de peixes'
<i>ka'õn tot</i>	'vassoura'
<i>mura dot</i>	'escova para lavar roupa'
Parte 2: NFC em composição	
Parte 3: Nomes de partes combinados com termos genéricos	
Parte 4: Nomes de partes de vegetais	
<i>ako dot</i>	'cacho de bananeira'
<i>aroi dot</i>	'cacho de arroz'
<i>cokomõ dot</i>	'cacho de tucumã'
<i>g)udup tot</i>	'cacho de buritizeiro'
<i>iwajo dot</i>	'cacho de patauá'
<i>waretay dot</i>	'cacho de inajá'
Parte 5: Outros nomes de partes	

f) dup/tup 'folha' = 'foliforme'	
Parte 1: Nomes em função classificadora (NFC)	
<i>cakapa dup</i>	'pacu'
<i>dabobo dup</i>	'narinari, arraia-grande'
<i>erurug) tup</i>	'peixe-chato'
<i>iri-iri dup</i>	'arraia tigrada'
<i>iwãp tup</i>	'arraia'
<i>-kap-ap tup</i>	'registro, certidão de nascimento' (segmenta-se 'nascer-NMZ-folha')
<i>kawe)n tup</i>	'livro de histórias'
<i>koruy dup</i>	'remo' (para mexer farinha, usado pelas mulheres)

<i>koykoy dup</i>	'remo'
<i>mureo dup</i>	'morcego' (há vários registros de <i>moreo</i> apenas)
<i>pako dup</i>	'pacu'
<i>pirãy dup</i>	'piranha (peixe)'
<i>suwe dup</i>	'pacu-açu'
<i>tapera dup</i>	'papel, cartilha'
<i>warepupu dup</i>	'borboleta'
<i>were dup</i>	'cogumelo'
<i>wew-at tup</i>	'lei' (lit. 'folha do que é respeitado')
Parte 2: NFC em composição	
Parte 3: Nomes de partes combinados com termos genéricos	
<i>tumu)n</i>	'foliformes coisa'
<i>tuptup</i>	
Parte 4: Nomes de partes de vegetais	
<i>ako dup</i>	'folha de/da bananeira'
<i>cojoda dup</i>	'folha de/do tucumã'
<i>waretay dup</i>	'folha de/do inajá'
<i>bõrõ dup</i>	'folha de/do algodoeiro'
...	...
Parte 5: Outros nomes de partes	
<i>uk 'a dup</i>	'palha de telhado, telha'
<p>Em Mense (1947), há vários nomes de fungo marcados com <i>dup/tup</i>. Não consegui traduzi-los nem mesmo com a ajuda de informantes.</p>	

g) -'ip (-op é a forma incorporada) 'pau' = 'em formato de pau, bastão'	
Parte 1: Nomes em função classificadora (NFC)	
kaneta 'ip	'caneta'
rapi 'ip	'lápiz'
Parte 2: NFC em composição	
Parte 3: Nomes de partes combinados com termos genéricos	
Parte 4: Nomes de partes de vegetais	
musuk 'ip	'maniva' (tolete do caule, cortado para plantio)
Parte 5: Outros nomes de partes	
ixima'ip	'pau da noite' (mítico)
pig)a 'ip	'caniço' (pau de anzol)
-xijap 'ip	'pau do tapiri'
xek pu 'ip	'pau de lagartas' (um tipo de pau)
uksa 'ip	'pau do "quartel" ' (isto é, da 'casa dos homens')

h) -'uk 'barriga' = 'oco'	
Parte 1: Nomes em função classificadora (NFC)	
bom 'uk	'flauta' (tipo)
kadoku 'uk	'flauta' (tipo)
kio 'uk	'flauta' (tipo)
kiosun 'uk	'flauta' (tipo)
mãg)era 'uk	'mangueira'
parasuy 'uk	'flauta' (tipo)
Parte 2: NFC em composição	
Parte 3: Nomes de partes combinados com termos genéricos	
-bubut 'uk	'flauta' (lit. 'o oco-pertence') (-bubut 'pertence')

Parte 4: Nomes de partes de vegetais	
Parte 5: Outros nomes de partes	

Os nomes a seguir não têm uso classificatório segundo nossa análise, embora sejam tratados como classificadores por Crofts (1973, 1985), Gonçalves (1987) e Picanço (2003). Para nós, não passam de nomes de parte sem função classificatória:

a) **-xee:** 'pele, couro, casca'

1. *dapsem xee* 'pele de veado'
2. *dajekco xee* 'pele de caititu'
3. *wida xee* 'pele de onça'
4. *-eta xee* 'pele do olho'
5. *tao xee* 'pele da perna'

b) **dap/tap:** 'pêlo, cabelo, pena, pluma'

1. *-a dap* 'cabelo da cabeça'
2. *tabi dap* 'pêlo do ventre'
3. *puca dap'u)m* 'caça sem pêlo'
4. *puybi(t) tap* 'pêlo de caça'
5. *karo dap* 'pena de arara'
6. *wasu) dap* 'pena de pássaro'
7. *tumu)n tap* 'pêlo de coisa'

7.1. *tumu)n taptap-'in-yu* 'algumas penas' (coisa-penas-partitivo-plural)

c) **dao/tao:** 'osso, perna'

1. *-a dao* 'crânio' (osso da cabeça)
2. *-akpi dao* 'espinhaço superior (*-akpi* 'nuca)
3. *-ukpu dao* 'espinhaço inferior'
4. *ixe'um pa dao* 'osso do braço do morto' (segmenta-se *ixe-* 'um-
pa 'aquele-finado-braço')

d) **-e)n**: 'carne'

1. *bio e)n* 'carne de anta'
2. *biopak e)n* 'carne de gado'
3. *dapsem e)n* 'carne de veado'
4. *daje e)n* 'carne de porco'
5. *tumu)n e)ne)n* 'qualquer carne'

e) **dit/tit**: 'flor'

1. *ako dit* 'flor de bananeira'
2. *jarã y dit* 'flor de laranjeira'
3. *musuk tit* 'flor de mandioca'
4. *tumu)n titit* 'flores de qualquer tipo'

f) **-i**: 'castanha'

1. *wenu) i)* 'castanha' (lit. 'castanheira castanha')

g) **-ka**: 'maloca, cidade, lugar'

1. *wawdadibi ka* 'maloca de Wawdadibi'
2. *hog)o-dip-ka-buk* 'Mangabal' (aldeamento antigo) (lit.
'mangabeira-aglomerado-aldeia-
abandonada')
3. *Belém ka* 'cidade de Belém'

h) **nõm/tõm**: 'massa, pó'

1. *xek tõm* 'massa de milho'

- | | |
|----------------------|---------------------|
| 2. <i>xi)n tōm</i> | 'massa de farinha' |
| 3. <i>musuk tōm</i> | 'massa de mandioca' |
| 4. <i>soko nōm</i> | 'pó de suco' |
| 5. <i>-xa(t) tōm</i> | 'massa comida' |

i) **dig**: 'fumaça'

1. *daxa dig* 'fumaça de fogo'
2. *e dig* 'fumaça de cigarro'
3. *kabi dig* 'fumaça do céu' (nevoeiro)

j) **daypa/taypa**: 'coivara, lenha'

1. *daxa daypa* 'lenha de fogo'

k) **dip/tip**: 'mato, aglomerado'

1. *ako dip* 'bananal' (lit. 'aglomerado de bananeiras')
2. *ede'o dip* 'mato de, conjunto de pariri (frutão)'
3. *gudup tip* 'buritizal'
4. *waje dip* 'cacaua'
5. *wenu) dip* 'castanha'

l) **di/ti**: 'água, líquido'

1. *musu di* 'mingau de manicuera'
2. *daxa di* 'querosene'
3. *axi)-'a di* 'água de pimenta'
4. *wexik ti* 'tinta de tatuagem' (lit. 'água de batata')
5. *koranã di* 'guaraná' (refrigerante)
6. *kape di* 'café' (bebida)
7. *soko di* 'suco' (bebida)
8. *wiõ di* 'vinho'
9. *ti-õm-at* 'soropositivo' (lit. 'o que entrou o líquido')
10. *Waretaydipdaap ti* 'igarapé Waretaydipdaapti'

Em Mense (1947), encontra-se o vocabulário hidrográfico mostrado a seguir. Não se considera aqui que o nome *di/ti* 'água' esteja em função classificadora. Ele significa 'lago, ribeirão, ribeiro, lagoa, igarapé, ou rio'. Imediatamente ao lado do registro de Mense, uso o registro ortográfico atual entre parênteses. Para os verbetes que não tinham tradução, procurei estabelecer uma com a ajuda do cacique Biboy Kaba, um octogenário detentor de vasto conhecimento da história do seu povo.

- | | |
|--|--|
| 1. <i>Apat-a-at-ti</i> | 'Lago da cabeça do jacaré' |
| 2. <i>Ai-nan-a-rí (ay-nu)n-a di</i> | 'Ribeirão de bosta de preguiça' |
| 3. <i>Ai-rara-rí (ay-dada di)</i> | 'Ribeirão da paca cozida' (relatou-me o cacique Biboy que um kayapó estava cozinhando paca nesse lugar, e aí chegou um Mundurukú e o matou.) |
| 4. <i>Ai-rap-rap-at-ti (aydapdapat ti)</i> | 'Ribeirão da preguiça cabeluda' |
| 5. <i>A-uei-ap-ti (a-wuy-ap ti)</i> | 'Ribeirão onde se lava a cabeça' |
| 6. <i>Apat-a-at-ti</i> | 'Ribeirão da cabeça do jacaré' |
| 7. <i>Caru-böbö-á-rí (karo-bubu-a di)</i> | 'Ribeirão do morro onde se busca arara' |
| 8. <i>Ducua-rip-a-rí (doko-a-dip-a di)</i> | 'Ribeirão do Morro do Mato de Tracuí' |
| 9. <i>Hiri-rachip-chip-tí (idi-daxip-xip ti)</i> | 'Ribeirão da Água Quente' |
| 10. <i>Maçöc-tí (musuk ti)</i> | 'Ribeirão da Mandioca' |
| 11. <i>Murap-tí</i> | 'Ribeirão do milho (Hoje, seria <i>mura di</i> , uma vez que o <i>p</i> caiu.) |
| 12. <i>Chä-rec-tí (xe duk ti)</i> | 'Lago da Casa da Cigana' |
| 13. <i>Kärä-rec-tí (kere duk ti)</i> | 'Ribeirão da Casa do Maracaná' |
| 14. <i>Paraua-rec-tí (parawa duk ti)</i> | 'Rio da Casa da Arara Azul'. (Segundo Biboy, deságua do Tapajós.) |

m) **bi/pi**: 'boca, entrada, interior'

- | | |
|----------------------|--|
| 1. <i>-ku)mpi</i> | 'peito de homem' |
| 2. <i>-kõ-bi-e</i> : | 'goela' (lit. 'caminho do interior da língua') |

3. *-i-bi-kot* 'sola do pé' (lit. 'curva do interior do pé')
4. *-kag)obi* 'tornozelo'
5. *-u)g)-bi* 'coxa' (*-u)g)* 'a 'joelho'; *u)g)* 'a da 'rótula')
6. *-bõg)bi* 'munheca'
7. *-ba-bi-kot* 'curva do braço' (cf. *-i-bi-kot* 'sola do pé' acima)
8. *-ta-e)-bi* 'sobrancelha'
9. *tabi* 'vagina' (lit. 'entrada da semente')
10. *toe)bi* 'nádega inferior'
11. *-akpi* 'nuca'

n) *tanõ/nanõ*: 'tala, guia, olho de palmeira'

1. *g)udup tano* 'guia de buriti'
2. *cokomõ nanõ* 'olho de tucumã'